

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico
Estágio Profissional I II e III

Relatório de Estágio Profissional

Ana Margarida Gomes Ribeiro

agosto 2013



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) MARIA PAULA IGENS FERRAZ COLARES PEREIRA DOS REIS

tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a) licenciado(a) ANA MARGARIDA GOMES RIBEIRO

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) EM EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E ENSINO DO 1º CICLO DO ENSINO BÁSICO

considero que se trata de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito à Comissão de Mestrado do Conselho Técnico-Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respetivo Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 31 de JULHO de 2013


Paula Colares Pereira dos Reis

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo Ensino Básico
Estágio Profissional I II e III

Relatório de Estágio Profissional

Ana Margarida Gomes Ribeiro

Relatório apresentado para a obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Professora
Doutora Paula Colares Pereira

agosto 2013

Agradecimentos

Ao longo do curso, muitas foram as pessoas que ajudaram e acompanharam este meu sonho. Venho, portanto, agradecer-lhes por terem contribuído para tal.

Primeiramente, ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, pela oportunidade que me deu para concretizar e terminar este meu sonho.

À Professora Doutora Paula Colares Pereira, por estar disponível a ajudar-me sempre que precisei.

Às educadoras e professoras dos Jardins-Escolas, por me terem dado a oportunidade de aprender coisas novas e por todas as críticas que me ajudaram a melhorar profissionalmente.

A todo o corpo docente e não docente da Escola Superior de Educação João de Deus, pelo apoio e por me terem proporcionado novas experiências e me terem ensinado e ajudado a ser a pessoa que sou hoje profissionalmente.

A todas as bibliotecárias, que me ajudaram sempre que precisei, na pesquisa de livros.

Quero agradecer também à minha família, que sempre me acompanhou e me apoiou e esteve comigo em todos os momentos, principalmente à minha mãe, à minha irmã e namorado, que perderam muitas noites a ajudar-me a preparar material e sempre me motivaram nos momentos mais difíceis.

À minha amiga e colega Vanessa Cardoso, por todo o apoio, companheirismo, ajuda, pela amizade que criámos e pela pessoa extraordinária que é para mim, assim como todas as experiências que partilhámos ao longo do curso.

E, por fim, a todas as crianças, por me terem dado momentos de prazer, divertidos, por ter aprendido com elas, pela oportunidade de aprenderem comigo, por todas as brincadeiras e todos os momentos agradáveis passados junto delas.

Índice Geral

Índice de Quadros	xi
Índice de Figuras	xiii
Introdução	Erro! Marcador não definido.
1. Identificação do local de estágio	1
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	2
3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional	2
4. Identificação do grupo de Estágio	3
5. Metodologia utilizada	3
6. Pertinência do Estágio Profissional	4
7. Cronograma	5
Capítulo 1 – Relatos Diários	7
Descrição do capítulo	9
1.ª Secção – Grupo de 5 anos	9
1.1. Caracterização do grupo	9
1.2. Caracterização do espaço	9
1.3. Horário do grupo	10
1.4. Rotinas	11
1.5. Relatos Diários	13
2.ª Secção – Grupo dos 3 anos	36
2.1. Caracterização do grupo	36
2.2. Caracterização do espaço	36
2.3. Horário do grupo	37
2.4. Rotinas	38
2.5. Relatos Diários	40
3.ª Secção – Grupo dos 4 anos	59
3.1. Caracterização do grupo	59
3.2. Caracterização do espaço	59
3.3. Horário do grupo	60

3.4. Rotinas	61
3.5. Relatos Diários	62
4. ^a Secção – Turma do 1.º ano	82
4.1. Caracterização da turma	82
4.2. Caracterização do espaço	82
4.3. Horário de turma.....	83
4.4. Rotinas	83
4.5. Relatos Diários	84
5. ^a Secção – Turma do 2.º ano	88
5.1. Caracterização da turma	88
5.2. Caracterização do espaço	88
5.3. Horário de turma.....	89
5.4. Rotinas	89
5.5. Relatos Diários	90
6. ^a Secção – Turma do 1.º ano	105
6.1. Caracterização da turma	105
6.2. Caracterização do espaço	106
6.3. Horário de turma.....	106
6.4. Rotinas	107
6.5. Relatos Diários	108
7. ^a Secção – Turma do 3.º ano	131
7.1. Caracterização da turma	131
7.2. Caracterização do espaço	131
7.3. Horário de turma.....	132
7.4. Rotinas	133
7.5. Relatos Diários	133
8. ^a Secção – Turma do 4.º ano	153
8.1. Caracterização da turma	153
8.2. Caracterização do espaço	153

8.3. Horário de Turma	154
8.4. Rotinas	155
8.5. Relatos Diários	155
Capítulo 2 – Planificações	177
2.1. Fundamentação teórica	179
2.1.1. O que é o currículo?	179
2.1.2. Para que serve o currículo?	180
2.1.3. O que é a planificação?	180
2.1.4. Como e para que se planifica?	181
2.1.5. Desenho das planificações do Modelo T de Aprendizagem.....	182
2.2. Planificações.....	186
2.2.1. Planificação na área do Conhecimento do Mundo, na sala dos 3 anos.....	186
Inferências e Fundamentação Teórica	187
2.2.2. Planificação no Domínio da Matemática, na sala dos 4 anos.	188
Inferências e Fundamentação Teórica	189
2.2.3. Planificação na área de Português, do 1.º ano.	190
Inferências e Fundamentação Teórica	191
2.2.4. Planificação da área de Matemática, no 1.º ano.	192
Inferências e Fundamentação Teórica	193
Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação.....	195
3.1. Fundamentação teórica	197
3.1.1. O que é avaliar?	197
3.1.2. Para que serve a avaliação?	198
3.1.3. Quais são os tipos de avaliação?	198
3.1.4. Quais as funções e finalidades da avaliação?	200
3.1.5. Escalas de avaliação.	201
3.2. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática	202
3.2.1. Contextualização	202

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios.....	202
3.2.3. Grelha de avaliação.....	204
3.2.4. Descrição da grelha.....	205
3.2.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	205
3.3. Avaliação de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	206
3.3.1. Contextualização	206
3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações.....	206
3.3.3. Grelha de avaliação.....	208
3.3.4. Descrição da grelha.....	209
3.3.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	209
3.4. Avaliação da atividade na área da Matemática	210
3.4.1. Contextualização	210
3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações.....	210
3.4.3. Grelha de avaliação.....	212
3.4.4. Descrição da grelha.....	213
3.4.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	213
3.5. Avaliação de atividade na área de História de Portugal	214
3.5.1. Contextualização	214
3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações.....	214
3.5.3. Grelha de avaliação.....	216
3.5.4. Descrição da grelha.....	217
3.5.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular	217
Reflexão Final.....	219
1. Considerações Finais	221
2. Limitações	223
3. Novas pesquisas	224
Referências Bibliográficas.....	225
Referências eletrónicas.....	237

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma	2
Quadro 2 – Horário do bibe azul – 5 anos	11
Quadro 3 – Horário do bibe amarelo – 3 anos	38
Quadro 4 – Horário do bibe encarnado – 4 anos	61
Quadro 5 – Horário do 1.º ano	83
Quadro 6 – Horário do 2.º ano	89
Quadro 7 – Horário do 1.º ano	107
Quadro 8 – Horário do 3.ºano	132
Quadro 9 – Horário do 4.º ano	154
Quadro 10 – Planificação baseada no modelo T de aprendizagem	183
Quadro 11 – Capacidades e destrezas	184
Quadro 12 – Valores e atitudes	185
Quadro 13 - Planificação da área de Conhecimento do Mundo	186
Quadro 14 – Planificação do Domínio de Matemática	188
Quadro 15 – Planificação da área de Português	190
Quadro 16 – Planificação da área de Matemática	192
Quadro 17 – Escala de Likert	201
Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos no Domínio de Matemática	203
Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática	204
Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos para a atividade Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	207
Quadro 21 – Grelha de avaliação referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.	208

Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática.	211
Quadro 23 – Grelha de avaliação referente à área de Matemática	212
Quadro 24 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de História de Portugal	215
Quadro 25 – Grelha de avaliação referente à área de História de Portugal	216

Índice de Figuras

Figura 1 - Recreio do Jardim-Escola 1	1
Figura 2 - Sala do bibe azul (5 anos)	10
Figura 3 – Cartilha Maternal	21
Figura 4 – Casa	31
Figura 5 - Sala do bibe amarelo - 3 anos	37
Figura 6- Jogo do loto	52
Figura 7 - Sala do bibe encarnado - 4 anos	60
Figura 8 - Sr. Despenteado	63
Figura 9 – Pinguim	71
Figura 10 - A que sabe a lua?	76
Figura 11 - Sala do 2.º ano	88
Figura 12 - Sala do 1.º ano	106
Figura 13 - Peixe (5.º Dom de Fröebel)	121
Figura 14 - Sala do 3.º ano	132
Figura 15 - Grutas de Stº António	148
Figura 16 - Sala do 4.º ano	154
Figura 17 - Peça de teatro dos alunos do 4.º ano	161
Figura 18 – Gráfico alusivo aos resultados da atividade de Matemática	205
Figura 19 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	210
Figura 20 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade da área de Matemática.	214
Figura 21 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade da área de História de Portugal.	218

Introdução

A elaboração do presente Relatório de Estágio Profissional insere-se no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III é um pré-requisito para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Nele apresento o resultado das observações que efetuei nos diferentes níveis de ensino durante o período de estágio que decorreu entre os dias 27 de setembro de 2011 a 27 de janeiro de 2013, em que tive a oportunidade de estagiar num Jardim Escola (JE) João de Deus, em Lisboa.

1. Identificação do local de estágio

O J.E. tem a valência em Educação Pré-Escolar e em 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo duas diretoras na direção pedagógica, uma de Pré-Escolar e outra de 1.º Ciclo. Este J.E. pertence à Associação João de Deus, que gere 41 centros educativos, espalhados pelo país, sendo 34 jardins-escolas, 5 centros infantis e duas ludotecas.

O J.E. tem uma arquitetura moderna e segue o estilo de todos os outros. É uma vivenda de grandes dimensões. O edifício possui doze salas de aula, um salão, um ginásio, uma sala de informática, uma sala de professores e outra de estagiárias, um gabinete de direção, uma secretaria, um refeitório, uma cozinha, quatro zonas de casa de banho para crianças e uma de adultos, dois espaços exteriores e um coreto (figura1).

As crianças que frequentam o J.E. têm idades compreendidas entre os 3 e os 10 anos e estão distribuídas por salas, conforme as idades, existindo duas salas para cada nível de ensino.



Figura 1 - Recreio do Jardim-Escola

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

O relatório de estágio tem a seguinte estrutura: a Introdução; o Capítulo 1 – Relatos diários; o Capítulo 2 – Planificações; o Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação; a Reflexão Final; as referências bibliográficas e os anexos.

A Introdução contém a identificação do local de estágio, a descrição da estrutura do relatório de estágio profissional, a importância da elaboração do relatório de estágio profissional, a identificação do grupo de estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio profissional, e, por último, os cronogramas.

O Capítulo 1 corresponde aos relatos diários das observações realizadas com as crianças, correspondente a 3 turmas do jardim-de-infância, 4 turmas do 1.º ciclo, e uma turma do 1.º ano no estágio intensivo. Os momentos de estágio, em cada sala, estão divididos por secções e, em cada uma, está a caracterização da turma e do espaço, rotinas, horário e, por fim, os relatos diários do estágio.

No Capítulo 2 apresentamos as 4 planificações correspondentes a aulas lecionadas por mim, com as respetivas fundamentações teóricas e inferências.

No Capítulo 3 encontramos os Dispositivos de Avaliação, onde desenvolvemos a importância e a essência da avaliação, a avaliação realizada às respetivas áreas curriculares, sendo elas, o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e domínio de Iniciação à Matemática, no jardim-de-infância e no 1.º ciclo, Estudo do Meio e Matemática. Para cada dispositivo de avaliação apresentamos a contextualização, a descrição de parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, apresentação dos resultados em gráfico circular e análise do mesmo e as respetivas inferências e fundamentação teórica.

Por fim, apresentamos a Reflexão Final onde serão delineados os objetivos alcançados com o trabalho, as considerações finais, as limitações e novas pesquisas.

De seguida, seguem-se as indispensáveis referências bibliográficas e eletrónicas bem como os anexos que considerámos ser pertinentes.

3. Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

Para a sua realização, houve a necessidade de dedicar tempo, conciliar a parte teórica do mestrado e organizar-me, por forma a poder realizar leituras, pesquisas, que me permitissem poder usufruir de mais conhecimentos, saber selecionar, e justificar alguns procedimentos, metodologias que me ajudassem a crescer profissionalmente, quer no momento presente quer num futuro próximo. Ao realizar este trabalho de pesquisa, tive o cuidado de verificar se os textos eram científicos, a

sua atualidade e pertinência, a diversificar autores e obras, de forma a poder fundamentar, da melhor forma possível, o mesmo.

Acrescentamos também que pensamos, no futuro, poder utilizá-lo como suporte e referência e assim desenvolver a atividade profissional da melhor forma, refletindo sobre as experiências vividas, positiva e negativamente.

4. Identificação do grupo de Estágio

O meu grupo de estágio é composto por mais dois elementos. Por vezes, houve necessidade de estagiar com outras colegas da antiga licenciatura e com alunas da Licenciatura de Ensino Básico.

O grupo de estágio é muito importante, pois este reflete-se no ambiente de estágio, porque estamos sempre em interação, cooperação, ou seja, ajudamo-nos mutuamente. No nosso caso, o grupo manteve sempre uma boa relação ao longo dos vários momentos de estágio.

5. Metodologia utilizada

Para a realização do relatório de estágio profissional, os principais instrumentos utilizados foram a observação e a análise documental.

A observação é muito importante pois, assim, podemos aprender, por forma a agir melhor no futuro como docente. De acordo com Ketele (citado por Damas e Ketele, 1985):

«observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informações», reforçando ainda que “quanto mais este objectivo é claro e explícito, mais este acto de selecção se encontrará facilitado, mais circunscrito se tornará o objecto sobre o qual a atenção é dirigida ». (p.11)

Para as autoras atrás referidas, quando realizamos uma observação, efetuamos uma: “descrição, a análise de situação, a conceptualização, a mobilização, o juízo crítico, o cálculo, a medida, o diagnóstico, a avaliação, a tomada de decisão,...processos ao serviço dos quais se pode pôr a observação”. (p.12)

A observação do estágio foi direta e participante. Uma observação direta, de acordo com Deshaies (1997, p.296), é “quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas”. É participante tal, como dizem Carmo & Ferreira (2008, p.121), porque “ como

o desempenho desses papéis o fez de algum modo participar na vida da população observada, dá-se a esta técnica o nome de observação participante”.

Estrela (1994) refere que:

o observador intervém no trabalho que o aluno está a realizar, ajudando-o ocasionalmente ou limitando-se a pedir-lhe alguns esclarecimentos acerca do que ele está a fazer – modos, razões, fins imediatos (o “como”, o “porquê”, o “para quê”). Visa-se, assim, o esclarecimento de pistas levantadas por observação directa (ou por outros processos) e o levantamento de novas pistas explicativas. (p.34)

Pelo facto de podermos estagiar nos vários J.E., conseguimos observar várias realidades e metodologias, que nos ajudam a crescer profissionalmente, de forma a agirmos melhor no futuro.

No que respeita à análise documental, como um instrumento utilizado, esta corresponde aos documentos a que acedi, tais como, caracterizações das turmas, horários e o Projeto Curricular de Turma e Escola. Outros documentos a que tivemos acesso foram: dossiers dos alunos, onde estão guardados todos os trabalhos realizados ao longo do ano, que são propostos pelos docentes e estagiários de todas as unidades curriculares. O facto de termos acesso a estas informações é muito importante, uma vez que ficamos a ter algum conhecimento sobre as turmas em questão. Tal como referem Quivy & Campenhoudt (1998, p.226): “A escolha dos termos utilizados pelo locutor, a sua frequência e o seu modo de disposição, a construção do «discurso» e o seu desenvolvimento são fontes de informações a partir das quais o investigador tenta construir um conhecimento.”

Este relatório foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association).

6. Pertinência do Estágio Profissional

A realização do estágio profissional é uma mais-valia para a minha futura atividade profissional, porque ganho experiência através das observações, das atividades lecionadas, da preparação de aulas e de as colocar em prática, da troca de ideias e conhecimentos. O estágio realizou-se às segundas, terças e sextas-feiras, quatro horas em cada manhã.

Podemos afirmar que o mesmo é pertinente, porque nos permite passar por diversas situações, momentos e experiências únicas, que nos leva a colocar em prática toda a metodologia e conhecimentos aprendidos, refletir sobre os mesmos, contribuindo para o nosso crescimento pessoal e profissional.

É através do estágio profissional que crescem as nossas maiores dúvidas e é neste que aprendemos a resolvê-las, vivenciando os problemas, pois cada um é diferente do outro e, por vezes, não se encontram as soluções na teoria, mas sim na e com a prática.

7. Cronograma

No cronograma que se segue (Quadro 1) consta o total de horas empreendidas na elaboração do relatório, assim como as aulas observadas, as minhas aulas programadas e surpresa e reuniões de acompanhamento orientadas.

Este foi preenchido por cores, cada cor corresponde à cor do bibe em que estagiei. Iniciei o meu estágio no bibe azul (5 anos), de seguir no bibe amarelo (3anos), posteriormente no bibe encarnado (4 anos), depois no bibe verde (7 anos), seguidamente no bibe castanho (6 anos), após este estive no bibe azul claro (8 anos) e por fim no bibe azul-escuro (9 anos). A cor-de-laranja, está representada a semana intensiva numa escola pública com o 1.ºano, a cinzento, as compensações que realizei e a roxo, o tempo que foi dedicado para a realização do relatório de estágio.

Quadro1 – Cronograma

Meses	Setembro 2011					Outubro 2011					Novembro 2011					Dezembro 2011					Janeiro 2012					Fevereiro 2012					Março 2012					Abril 2012				
Semanas/atividades	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Observação de aulas																																								
Aulas programadas																																								
Aulas surpresa																																								
Pesquisa Bibliográfica																																								
Elaboração do Relatório de Estágio																																								
Reuniões de acompanhamento																																								

Meses	Maio 2012					Junho 2012					Setembro 2012					Outubro 2012					Novembro 2012					Dezembro 2012					Janeiro 2013					Fevereiro 2013				
Semanas/atividades	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5					
Observação de aulas																																								
Aulas programadas																																								
Aulas surpresa																																								
Pesquisa Bibliográfica																																								
Elaboração do Relatório de Estágio																																								
Reuniões de acompanhamento																																								

Capítulo 1 – Relatos Diários

Descrição do capítulo

Neste capítulo estão apresentadas todas as observações dos momentos de estágio ao longo do mestrado, as inferências e respetiva fundamentação científica das temáticas que considerámos mais pertinente aprofundar.

Este capítulo está dividido em 8 secções, que corresponde aos momentos de estágio realizados em cada sala. Em cada secção encontraremos a caracterização da turma, do espaço, as rotinas, o horário e os relatos diários, devidamente justificados com acuidade científica. Ao longo dos relatos poderão ainda surgir fotografias ou esquemas que ilustram as atividades realizadas.

1.ª Secção – Grupo de 5 anos

A 1.ª Secção corresponde à sala dos 5 anos, conhecida como bibe azul nas instituições pertencentes à Associação João de Deus. Estagiei nesta sala entre o dia 27 de setembro e o dia 4 de novembro de 2011.

1.1. Caracterização do grupo

O grupo do bibe azul é composto por 29 crianças, sendo 14 raparigas e 15 rapazes. Todas as crianças têm cinco anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.2. Caracterização do espaço

A sala do bibe azul é bastante luminosa devido ao número de janelas que dão acesso à parte exterior da sala, o recreio. A sala é ampla, o que nos facilita a circulação, as mesas estão organizadas em filas, cada mesa tem espaço para dois alunos. Num canto da sala está uma secretária, que tem em cima a Cartilha Maternal. Existem duas portas na sala de aula, uma dá acesso ao salão e a outra para acesso ao recreio (como já referimos atrás).

Estão pendurados na parede, dois quadros de ardósia e ainda existem dois placards de cortiça para afixar os trabalhos; estes também são afixados com molas em cordas presas no teto.

Existem ainda 3 armários, um onde se encontram os dossiês, as capas, e algum material, outro, que é de gavetas para os alunos, pois é nelas que está guardado o material deles e, por fim, o último armário, onde a educadora guarda as folhas e, outros materiais para dinamizar as suas aulas. Junto deste está a secretária da educadora, que tem em cima o computador (figura 2).



Figura 2 - Sala do bibe azul (5 anos)

1.3. Horário do grupo

No quadro 2 encontra-se o horário do bibe azul – 5 anos.

Quadro2 – Horário do bibe azul – 5 anos

Horas:	2. ^a feira	3. ^a feira	4. ^a feira	5. ^a feira	6. ^a feira
9:00-10:30	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita Ed. Movimento (10h-10h30m)	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita
10:30-10:45	Recreio + Wc				
10:45-11:50	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita	Iniciação à Leitura e Escrita	Iniciação à Matemática Material Escrita
12:00-13:00	Almoço				
13:00-14:00	Recreio orientado e livre				
14:00-15:00	Inglês	Escrita e letras	Jogos Matemáticos Conhecimento do mundo	Conhecimento do Mundo Dinamização do tema	Experiências Histórias - jogos
15:00-16:30	Escrita e letras	Ditados Gráficos Desenho Série Dobragens Entrelaçamentos	Dinamização do tema Cidadania Área de Projeto	Computadores 15hh30m- 16h30	Ed. Movimento 15hh30m-16h
16:30	Lanche e saída				

1.4. Rotinas

As rotinas fazem parte do dia-a-dia das crianças na escola. Segundo Zabalza (1998, p.169) “A rotina baseia-se na repetição de actividades e ritmos de organização espaço-temporal da sala e desempenha importantes funções na configuração do contexto educativo”, estas são decididas pelas educadoras/professoras, pois são adaptadas conforme o grupo/turma que estiverem a lecionar.

Acolhimento

O acolhimento do bibe azul é feito até às 9h da manhã e é realizado no salão, onde se encontram todas as crianças do jardim-de-infância. Após a hora indicada, os alunos vão à casa de banho e os pais passam a entregar os seus filhos diretamente na sala de aula.

Este momento do dia é o mais complicado para a criança, pois terá de deixar os seus pais. Cordeiro (2010) afirma que

para que este momento seja mais aliviado, mesmo nas crianças que já estão habituadas ao meio, é fundamental que o ambiente seja calmo, tranquilo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola.(p. 371)

Como tal, a educadora recebe sempre os seus alunos, cumprimentando-os com um beijinho e uma festinha; com este ato carinhoso, a criança não tem tanta dificuldade em deixar o momento de separação dos seus pais.

Higiene

O bibe azul inicia o seu dia às 9h, indo à casa de banho. Cordeiro (2010) refere que este “momento é deveras importante.” E defende ainda que

variando muito de criança para criança (e de idade para idade), há um elo comum: o desenvolvimento da autonomia (é uma grande vitória conseguir abrir uma torneira e usar o sabonete sozinho entre outros). Sente-se o gosto de ser crescido e a responsabilidade de tomar conta do seu corpo. (p. 373)

As crianças vão à casa de banho, para além do início do dia, antes do recreio, pois nesta altura as crianças comem a bolacha ou a peça de fruta. Quando vão a casa de banho fazer as suas necessidades, de seguida lavam as mãos, e por fim vão antes do almoço.

Recreio

Nestes 30 minutos do dia as crianças são livre de se expressar e libertar; é um momento de relaxe e descontração, socializam umas com as outras, sempre vigiadas pelas docentes.

Segundo Cordeiro (2010, p. 377) “o recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num

contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos.”

Este é o momento pelo qual as crianças mais anseiam e mais gostam, pois estão no seu mundo e têm as suas brincadeiras.

Refeição

Esta rotina do dia é também importante, pois tal como refere Cordeiro (2010)

O almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia, (...) passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo com que variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição. (p. 373)

Para além de desenvolver todos os pontos acima referidos pelo autor, na escola os alunos têm que comer o que a cozinheira faz para toda a escola. Cordeiro (2010, p. 373) salienta ainda “ há também um controlo das exigências pessoais, aprendendo a aceitar o menu do dia sem reclamar, como é por vezes hábito em casa.” de qualquer forma, existem exceções, pois se a criança estiver doente ou se for alérgica a algum ingrediente, existe sempre uma dieta e, nesse dia, a refeição da criança é diferente dos colegas, caso contrário todos os alimentos colocados no prato são para comer; se a criança não gostar, terá de comer só bocadinho.

1.5. Relatos Diários

27 de setembro de 2011, terça-feira

Às 9h, os estagiários estiveram reunidos no ginásio da escola com a diretora, onde foram informados dos momentos de estágio a realizar e os seus respetivos bibes, informações disponibilizadas pela equipa e Supervisão Pedagógica. Quando a reunião terminou, cada grupo de estágio foi para as respetivas salas.

Quando entrei na sala de aula, as crianças estavam a trabalhar nos cadernos de escrita, umas estavam no lugar com os respetivos cadernos e outras estavam no quadro. Os alunos, antes de passarem para os cadernos a letra que estão a aprender a escrever, vão ao quadro e, com a ajuda de um adulto, aprendem a desenhar a letra e treinam algumas vezes. De seguida, vão para o

lugar e numa folha escrevem a letra num dos lados, a lápis, e no outro a caneta, e só depois passam para o caderno.

Ao mesmo tempo, a educadora está a dar a lição da Cartilha Maternal a um grupo de alunos. Por norma, a educadora chama um grupo de três crianças, estas são escolhidas conforme a lição em que estão, pois cada uma delas tem o seu ritmo e não estão todas na mesma lição. A aula terminou e a educadora formou um comboio e levou-as à casa de banho, e de seguida foram para o recreio.

Depois do recreio, a educadora dividiu a turma em 5 grupos e distribuiu por cada grupo uma caixa do material Cuisenaire. Ao iniciar a aula as crianças tiveram de identificar o material, os valores e cores das peças que o compõem. Os rapazes construíram a escada por ordem crescente, e as meninas por ordem decrescente. Depois do exercício realizado, a educadora pediu a um menino e uma menina para lerem as suas escadas. Fez duas leituras, degrau a degrau, e saltando um degrau; nesta última leitura, conforme os alunos iam dizendo os valores, a educadora ia escrevendo no quadro, separando em dois grupos, o dos números pares e os números ímpares e trabalhou este tema com os alunos utilizando várias estratégias. Quando terminou a aula, arrumaram o material.

Inferências e fundamentação teórica

A forma como a educadora nos recebeu foi muito importante para o estabelecimento inicial da relação com esta e com os alunos.

É muito bom, na minha opinião, que cada criança tenha o seu espaço de trabalho, a sua mesa e o seu material, o que as torna responsáveis pelas suas coisas.

O método de aprendizagem da Cartilha Maternal de João de Deus baseia-se na aprendizagem das letras e, de seguida, na sua caligrafia bicuda.

As crianças aprendem a ler neste estabelecimento a partir dos 5 anos e a Cartilha Maternal começa a fazer parte da rotina das crianças. Esta é uma obra pedagógica escrita pelo poeta e pedagogo João de Deus, no ano de 1876.

Ruivo (2009) refere que

João de Deus toma como elemento estruturante fundamental a palavra. O seu Método de Leitura, estava baseado na análise da língua feita através de um processo sério e graduado a partir do raciocínio lógico e numa atitude construtivista de descoberta de valores e regras que levam à leitura consciente e significativa. (p.80)

Para além da aprendizagem das letras, de uma forma específica, também se ensina a Matemática de forma lúdica, utilizando vários materiais; nesta aula utilizou-se o material Cuisenaire.

Segundo Alonso & Roldão (2005, p.106), “os materiais manipulativos motivam muito os alunos, servem de base à abstracção e permitem realizar experiências muito ricas. Os alunos aprendem de uma forma mais alegre, mais bem disposta, mais dinâmica”.

Este material em questão é importante, tal como refere Alsina (citada por Caldeira 2009b, p.240), porque “é um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas, são um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental...para introduzir e praticar operações aritméticas”.

Foi muito engraçado observar a facilidade com que as crianças manipulavam o material e, ainda, o interesse manifestado na descoberta dos conceitos trabalhados.

30 de setembro de 2011, sexta-feira

Às 9h 30m foram distribuídos pelas crianças os cadernos de Matemática para que aprendessem e treinassem os algoritmos e, após esse treino, realizaram as propostas de trabalho que estavam dentro dos cadernos. Antes de passarem para os cadernos, as crianças vão ao quadro aprender, identificar e treinar e só depois é que podem ir para o lugar treinar nas folhas e passar para o caderno. Ao mesmo tempo, a educadora ia chamando um grupo de alunos à lição da Cartilha Maternal.

De seguida, a educadora foi buscar o material Calculadores Multibásicos e distribuiu-o pelo grupo, iniciando a aula com o reconhecimento do material e as regras para a sua utilização.

A educadora iniciou a aula com o jogo das torres e, para descobrirem a que torre iam jogar, a educadora pediu-lhes para colocarem, na placa e no furo mais à direita, 2 peças amarelas, 1 peça verde e 1 peça encarnada. Como já não iam colocar mais peças, a educadora perguntou-lhes qual o valor da torre maior, estabelecendo que iam realizar o jogo da torre do 2, informou de seguida que uma regra que este jogo tem, é que não pode haver torres com duas ou mais peças; caso isso aconteça, trocamos essas peças por uma do furo a seguir.

Como já estava tudo definido, em conjunto, realizaram o jogo da seguinte forma: o primeiro furo tinha 2 peças, mas como não podem ter 2 peças trocaram

por uma do furo a seguir, que é a verde; o furo verde ficou agora com 2 peças, e trocaram por uma do furo a seguir, a peça encarnada e, posteriormente, as duas encarnadas por uma azul e como não há mais peças para trocar, o jogo termina. A educadora pediu a um aluno para ler a placa, referindo que os furos que não têm peças também se leem.

De seguida, ditou outras torres, voltaram a definir qual o valor da torre a ter em consideração. Desta vez, os alunos resolveram o exercício sozinhos. Quando todos terminaram, a educadora pediu a um aluno para ler a placa para todos verem se estava correto. Quando este terminou a leitura, limparam a placa e arrumaram o material.

A seguir ao recreio, foram distribuídos os cadernos de escrita, realizando-se o procedimento já descrito no primeiro dia. Enquanto trabalhavam nos lugares, a educadora chamava um grupo de alunos para a lição da Cartilha Maternal. A minha colega de estágio e eu ajudávamos as crianças, quer as que estavam nos lugares, quer as que iam ao quadro trabalhar a caligrafia.

Inferências e fundamentação teórica

Neste segundo dia senti-me mais integrada e mostrei-me sempre disponível para ajudar e colaborar em tudo o que a educadora solicitava.

Gostei também de ver a aula com o material Calculadores Multibásicos. Não foi a primeira vez que vi este material a ser dado mas, quando vi as crianças, já o conheciam bem; nesta turma foi a 2.^a vez que estavam a trabalhar e a jogar o jogo das torres. Segundo Caldeira (2009b, p. 191), o jogo apresentado permite “o desenvolvimento do raciocínio matemático e do cálculo mental”. E, mais uma vez, verifiquei a facilidade com que aprendem e aplicam os conceitos trabalhados.

3 de outubro de 2011, segunda-feira

Mais um dia de estágio que se iniciou à semelhança dos anteriores, as rotinas foram mantidas.

Depois do recreio foi distribuído por cada aluno uma calculadora Papi, sendo a primeira vez que os alunos trabalharam com este material. A educadora deu a conhecer o nome do material, a forma como este é colocado, o valor de cada quadrado e referiu ainda que cada marca que colocamos no quadro tem o mesmo valor deste.

Para que as crianças não se esqueçam do valor dos quadrados, a educadora perguntou qual o quadrado que tinha mais valor e o que tinha menos valor. Um dos alunos respondeu que o quadrado com menor valor é o rosa que vale 4 unidades. Para que o aluno entendesse que não era aquele o quadrado de menor valor, a educadora perguntou se 1 unidade é maior ou menor que 4 unidades e o aluno respondeu maior, a educadora foi buscar algarismos móveis em que o valor correspondia ao dos quadrados da calculadora Papi e pediu ao aluno para colocar por ordem crescente. Perguntou-lhe então qual era o algarismo com menor valor e o aluno continuou a dizer que era o 4; então, com o material Cuisenaire, foi colocando as peças junto aos algarismos, questionando qual era a peça em que a peça branca cabe menos vezes. Com esta ajuda, o aluno já entendeu e respondeu que a peça com menor valor era a branca em ambos os materiais utilizados.

De seguida, a educadora pediu-lhes para colocarem uma peça no quadrado que vale 8 unidades, verificou se todos tinham feito bem e pediu para limparem a placa. Realizou outro exercício a seguir e pediu-lhes para representarem 2 unidades na calculadora. Na realização do exercício, alguns alunos colocaram 2 peças no quadrado rosa, que vale 2 unidades, e outros colocaram 2 peças no quadrado branco, que vale 1 unidade. A educadora explicou que as peças ganham o valor do quadrado onde são colocadas. Referiu que os alunos que colocaram 2 peças no quadrado rosa não representaram as 2 unidades, porque $2 \text{ unidades} + 2 \text{ unidades} = 4 \text{ unidades}$ e que para representarem as 2 unidades, só podem colocar 1 peça no quadrado rosa. Referiu ainda que os alunos, que colocaram 2 peças no quadrado branco, fizeram-no corretamente porque $1 \text{ unidade} + 1 \text{ unidade} = 2 \text{ unidades}$.

Para finalizar a aula, a educadora pediu-lhes para representarem 3 unidades na placa. Houve crianças que conseguiram e outras que erraram. Quando todas já tinham realizado o exercício, foi feita a correção e dadas as várias hipóteses, sendo estas: 1 peça no quadrado rosa e 1 peça no quadrado branco, porque $2 \text{ unidades} + 1 \text{ unidade} = 3 \text{ unidades}$, ou 3 peças no quadrado branco ($1 \text{ unidade} + 1 \text{ unidade} + 1 \text{ unidade} = 3 \text{ unidades}$). Após este exercício, limparam a placa e arrumaram o material.

Foram distribuídos os cadernos de Matemática e foi-lhes solicitado que identificassem e escrevessem os algarismos.

Inferências e fundamentação teórica

Foi muito importante, para mim, observar a aula realizada no Domínio da Matemática, pois é sempre interessante observar material manipulativo novo e a metodologia que a educadora utilizou, para ajudar as crianças a entenderem os conceitos que pretendia trabalhar. Esta tenta sempre aproveitar o que eles já sabem e recorre a outros materiais que as crianças conhecem, para tornar mais fácil a aprendizagem.

Não posso deixar de referir que a educadora estabelece com as crianças uma boa relação, sendo calma e meiga com elas.

Foi muito positivo ver a iniciação ao material, pois nunca tinha visto este material e, tal como refere Caldeira (2009b) ele serve

para orientar a aprendizagem das operações é necessário considerar, reconhecer, o significado das operações e diferentes situações concretas; reconhecer os algoritmos mais usuais e eficientes das operações; compreender tantas propriedades das operações como as suas relações; com este material a criança:

- a) aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema;
- b) realiza a compreensão dos números e da numeração;
- c) reconhece a compreensão do sentido do número e das operações;
- d) efectua o cálculo com números realizando operações;
- e) desenvolve o cálculo;
- f) resolve situações problemáticas. (p. 347)

A educadora trabalhou todos os pontos referidos pela autora, apesar desta aula ter sido uma aula de experimentação e de descoberta do material, onde os alunos ficam a perceber como o podem usar.

Nesta escola, as crianças começam a iniciação à escrita no Pré-Escolar e de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE) (Ministério da Educação – ME, 2009):

A aquisição e aprendizagem da linguagem oral tem tido até agora uma importância fundamental na educação pré-escolar, pensando-se que a leitura e a escrita só deveriam ter lugar no 1.º ciclo do ensino básico. É actualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar. (p.65)

Desta forma, faz todo o sentido que as crianças, para além de aprenderem a ler pelo método João de Deus, também aprendem a escrever as letras que vão aprendendo na Cartilha Maternal, onde o tipo de letra se designa por bicuda.

4 de outubro de 2011, terça-feira

Às 9 horas da manhã, foram distribuídos os cadernos de Matemática e os alunos estiveram a aprender e a treinar os algarismos.

Estive no quadro e ia chamando um aluno de cada vez, para verificar se conheciam os algarismos, se tinham apercebido o conceito de número e se sabiam a ordem que eles ocupam.

Depois, os cadernos foram arrumados e foram distribuídos o 3.^o e o 4.^o Dom de Fröebel. A educadora começou a aula explorando o material (forma, número, faces, vértices e arestas), trabalhou a noção de dúzia e meia dezena utilizando o material. Contou a história de uma borboleta e, através desta, foi promovendo o cálculo mental, com as pintas das asas. A borboleta tinha 2 pintas do lado direito e outras 2 pintas do lado esquerdo, ao todo quantas pintas tinha a borboleta? Mas de repente surgiram outras 2 pintas, uma de cada lado, quantas pintas tem agora a borboleta? E ainda apareceu outra pinta na asa esquerda. Quantas pintas a menos tem a asa direita? Cansada de andar a voar, a borboleta foi para casa e foi sentar-se na sala de jantar (realizaram a construção). A borboleta tem 2 filhos, um macho e uma fêmea e, depois do jantar estar pronto, a borboleta abanou 2 vezes as antenas. Quando a borboleta abana as antenas, significa que está a chamar os seus filhos; como eles não ouviram a mãe borboleta a chamar, esta abanou outras 2 vezes as antenas, mas eles continuaram sem a ouvir, então com mais força ela abanou ainda mais 2 vezes as suas antenas. Quantas vezes a borboleta abanou as antenas?

A educadora foi colocando várias questões sobre a construção. Por exemplo: quantas cadeiras estão à volta da mesa? A filha da borboleta sentou-se numa cadeira. Quantas cadeiras ficaram vazias? Entretanto o filho e a borboleta também se sentaram. Quantas cadeiras estão ocupadas? E vazias? Depois do jantar, a borboleta estava tão cansada que foi para o quarto para se deitar na sua cama (realizar a construção) (figura 3).

Quando a construção estava concretizada, os alunos arrumaram o material.

A seguir ao recreio, os alunos estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e a ler a lição da Cartilha Maternal.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de estar no quadro a verificar quais as crianças que sabiam a ordem dos números e se sabiam identificar e associar o número ao algarismo.

Nesta manhã, o que eu quero realçar é a aula de Iniciação à Matemática, com o material 3.º e 4.º Dom de Fröebel. Caldeira (2009b) refere que

Os objectivos e o interesse pedagógicos do 3.º e 4.º Dons juntos são um acumulado dos objectivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida, vejamos:

- maior diversidade nas actividades;
- diferentes construções;
- cálculo mental;
- situações problemáticas mais complexas;
- maior equilíbrio;
- desenvolvimento de criatividade. (p.285)

Nestas aulas as crianças já utilizaram os 2 Dons juntos, mas inicialmente trabalham só com o 3.º Dom e, depois, só com o 4.º Dom.

7 de outubro de 2011, sexta-feira

Como todas as manhãs, foram distribuídos os cadernos de escrita aos alunos e foi dada a lição do dia da Cartilha Maternal (figura 3). Neste dia dei a revisão da lição do «j» e dei a lição do «t» a um grupo de 3 alunos.

Depois do recreio, a educadora distribuiu o material Geoplano pelos alunos. Iniciou a aula perguntando aos alunos qual era a figura geométrica do material e dando a tarefa, de seguida, de traçar uma mediana na vertical.

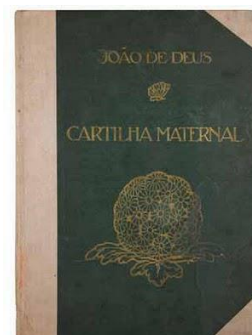


Figura 3 – Cartilha Maternal

Através da orientação espacial, a educadora pediu para os alunos, no canto superior esquerdo, realizarem um triângulo e um retângulo, mas este terá de ficar com o triângulo por dentro. Realizou exercícios de cálculo mental, como por exemplo quantas figuras geométricas estão no canto superior esquerdo? Se juntarmos mais 2, com quantas ficamos? E para ficarmos com 6, quantas nos faltam? E com 6 figuras geométricas, quantos pares podemos formar?

Continuando os exercícios, pediu para realizarem, no lado superior direito, um quadrado com 3 espaços de lado; quando já estava realizado, pediu para traçar neste, uma diagonal.

Para terminar a aula, a educadora perguntou aos alunos quantas figuras geométricas tinha o Geoplano, ouviu as respostas dos alunos e corrigiu, mostrando o número de figuras geométricas, sendo estas 8. Arrumaram o material e estiveram a trabalhar nos cadernos de Matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Tenho que destacar, neste dia, a aula de treino que dei de Cartilha Maternal. Foi a primeira vez que estive à frente da Cartilha Maternal com um grupo de crianças, até à data tinha apenas assistido às aulas dadas pela educadora.

Foi importante para mim, pois tive a perceção das dificuldades que poderiam surgir na aula programada. A supervisão das educadoras/professoras é muito importante porque nos ajuda a melhorar em vários aspetos. Tal como referem Alarcão e Tavares (1987, p. 18) é “o processo em que um professor, em princípio mais experiente e informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional.”, desta forma as educadoras/professoras ajudam-nos, dando conselhos de como devemos realizar uma atividade de forma a que as crianças mais facilmente nos entendam.

A aula com o Geoplano também foi muito interessante, pois com este material a educadora tornou mais apelativos os temas que abordou e as crianças já dominavam o material. Caldeira (2009b, p.409) refere que este material “é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” diz ainda que “é importante que o professor desenvolva as suas aulas com lógica e sequência tendo em consideração os programas, a idade dos alunos e o seu ritmo de trabalho. Os cinco anos são a idade ideal para se começar a trabalhar com este material”. A educadora, para além de ter trabalhado as figuras geométricas, teve o cuidado de desenvolver a sua aula de uma forma sequencial e lógica, como nos refere a autora já referida.

10 de outubro de 2011, segunda-feira

Esta manhã de aulas começou de maneira diferente, a educadora começou o dia a contar a história que se intitula “O Urso Amarelo”. Quando terminou de contar história, fez uma revisão e dinamização da Cartilha Maternal, colocando algumas palavras no quadro, tais como viajava, viveu, viva. Com estas palavras a educadora, com perguntas dirigidas, perguntou algumas informações das palavras, como por exemplo, quantas vogais tem esta palavra? Quais são?, e regras da Cartilha Maternal, ajudando-as a ler os cartões. Para além da estimulação à leitura que realizou, também estimulou à escrita da letra bicuda, pedindo a uma criança para escrever uma das palavras. As palavras escolhidas não estavam inseridas na história, mas a educadora, através de uma pequena conversa, relacionou-as com a mesma.

Depois do recreio, foi distribuído o material Tangram, e a educadora iniciou a aula com a identificação do material, número e forma de peças por que é constituído. Realizou exercícios com cálculo, como por exemplo, temos 7 peças, se juntarmos mais 3 com quantas peças ficamos?; E se retirarmos 2?. De seguida promoveu a orientação espacial trabalhando os seguintes conceitos, tendo como base a mesa, cantos superiores e inferiores direito e esquerdo, centro, por baixo, entre. Depois de todas as orientações a educadora realizou o exercício ao contrário, perguntou onde estava a peça com a forma de um quadrado e os alunos tinham de responder utilizando os mesmos conceitos.

Por fim, realizaram a construção do espelho (quadrado) e passaram com lápis para um papel, depois fizeram o contorno a caneta e por fim pintaram. Enquanto realizaram esta proposta, a educadora continuou com as lições da Cartilha Maternal e os alunos que terminavam a proposta, iam trabalhando nos cadernos de Matemática até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi muito interessante para mim, pois houve uma novidade. Pela primeira vez, vi uma revisão de Cartilha Maternal dada de uma forma dinâmica e diferente, as crianças são estimuladas de uma forma diferente da rotina para a leitura, o que faz com que fiquem entusiasmadas e com vontade de mostrar que sabem, tanto ler como escrever. A educadora fez a leitura de um livro. Apesar deste não ser literário mas sim recreativo, sou da opinião que as crianças deverão de ser estimuladas para a leitura, e uma boa leitura é a literária. Aguiar e Silva (citado por Magalhães, 2009) descrevem a literatura infantil como

O mundo possível dos textos da literatura infantil tem como características fundamentais as marcas semânticas de excepcionalidade, do enigma, do insólito, e do sortilégio e configura-se muito frequentemente como um *mundo contrafactual*, onde estão derogadas todas as leis, regras e convenções do mundo empírico e da vida humana, salvo no respeitante à superioridade intrínseca do bem sobre o mal, do amor sobre o ódio e da justiça sobre a injustiça. (id.: 12-13) (p.125)

Na aula de Matemática, a educadora teve como objetivo trabalhar a orientação espacial nas crianças. Este material, segundo Caldeira (2009b) desenvolve as seguintes capacidades e destrezas, concentração, estimula a curiosidade contribuindo para a perseverança, desenvolve a capacidade em transformar, percepção espacial, o sentido de comparação, a noção de área, relacionar área e perímetro, desenvolve a escrita e desenvolve a linguagem e a criatividade.

Alguns alunos apresentam dificuldade em relação à lateralização e orientação espacial, por isso a educadora trabalha várias vezes com as crianças, usando diversos materiais e estratégias.

11 de outubro de 2011, terça-feira

Logo pela manhã, e como é habitual, foram distribuídos pelos alunos os cadernos de matemática, depois de os alunos trabalharem nos cadernos, a educadora pediu para fazerem um comboio à porta da sala.

A aula de Matemática foi realizada no recreio da escola, a educadora colocou 3 arcos separados pelo chão, a que chamou de linha fronteira, porque divide o conjunto que tem elementos daquele que não tem, e depois, dentro de um deles, colocou as peças do material utilizado, perguntado às crianças como este se chama sendo identificando como Blocos Lógicos.

Com este material, a educadora deu a teoria de conjuntos. O arco, que tinha todas as peças, é chamado de conjunto universal, num dos outros arcos a educadora pediu para colocarem as peças com a forma triangular, então esse conjunto chamamos de conjunto dos triângulos; a educadora pediu para uma criança contar o número de triângulos que aquele conjunto tinha, sendo 18. Identificou este conjunto da seguinte maneira, $\# \Delta = 18$. De seguida pediu a uma aluna para colocar no noutro conjunto os paralelogramos, mas como no material não existe esta figura, a educadora referiu que quando o conjunto não tem elementos é denominado de conjunto vazio.

De seguida, a educadora trabalhou as características do material identificando-as, sendo elas a cor, a forma e a espessura. Trabalhou a dúzia perguntando se em cada um destes conjuntos existia 1 dúzia de elementos.

Referiu ainda que a dois conjuntos, com o mesmo número de elementos, chamamos de conjuntos equivalentes.

Para terminar a aula realizou um jogo, que consistia na escolha de um determinado número de peças e as crianças tinham de observar quais eram as peças a posição que elas ocupavam. Depois, as crianças fechavam os olhos e a educadora alterava a ordem destas e um dos alunos tinha que identificar qual a(s) peça(s) trocada(s).

Depois do recreio estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e a ler a lição com a educadora.

Inferências e fundamentação teórica

Achei interessante a educadora mudar o espaço físico da aula para o recreio; as crianças estiveram atentas e interessadas na aula. Com o auxílio do material Blocos Lógicos, a educadora trabalhou a teoria de conjuntos. Caldeira (2009b) refere que os objetivos que se atingem ao trabalhar este conceito são as contagens, o cálculo mental, a teoria de conjuntos (engloba todos os conceitos que a educadora trabalhou na aula), os diagramas de Venn, a reunião de conjuntos e a comparação de cardinais. Desenvolve também várias capacidades e destrezas, sendo elas, a coordenação motora, o raciocínio lógico, a atenção, a concentração, a intercepção, a noção de pertença e noção de subconjunto.

O facto de a educadora ter realizado um jogo no fim da aula foi interessante, pois acalmou e chamou a atenção, despertou o interesse das crianças, que já estavam desatentas.

14 de outubro de 2011, sexta-feira

Depois da entrada na sala de aula, metade do grupo foi com o professor de Cerâmica. Nesta aula, o professor esteve a dizer regras para a utilização do material e, depois, as crianças estiveram a trabalhar o barro como se fosse plasticina, realizando o que eles quisessem. Algumas crianças fizeram flores, cachorros quentes, carros, caracóis, pizzas e cobras; antes de voltarem para a sala para trocar o grupo, foram à casa de banho lavar as mãos.

Quando regressaram à sala, foram distribuídos os cadernos de escrita, onde estiveram a trabalhar, os outros iam à leitura da lição com a educadora.

A minha colega e eu pedimos para dar uma aula de treino e foi-nos dado como tema a Simetria, através de um espelho e com metade de uma figura, que era uma casa que tinha só linhas retas; mostrámos às crianças que no espelho estava refletida a outra parte da imagem; com a outra imagem já completa e dividida pelo eixo de simetria, demos a definição de simetria e eixo de simetria. Para os ajudar a entender, referimos que o nosso corpo é simétrico dando exemplos.

Para consolidar a aula dada, foi distribuído por cada aluno uma folha com quadrículas de 1 cm e já com metade de uma imagem, que era também uma casa com uma árvore, as crianças, a partir do eixo de simetria, tinham de desenhar a figura do lado direito de forma a ficar igual; por fim ilustraram.

Inferências e fundamentação teórica

É importante que as crianças tenham atividades extracurriculares para desenvolverem outro tipo de destrezas, capacidades e habilidades. A Cerâmica é uma dessas aulas, onde as crianças desenvolvem a criatividade, a motricidade fina entre outras. Segundo Díez-Hochleitner, Garcia, Sanchidrián (1997) a modelagem

é a introdução da reprodução do relevo físico, corpóreo, do volume dos objectos e seres, assim como da variedade de forma derivadas da sua deslocação e combinação no espaço, a diferença das actividades plásticas de desenho e pintura, que utilizam apenas o espaço plano, a bidimensionalidade. (p.1253)

Na aula sobre simetria a minha colega e eu conseguimos atingir os objetivos pedidos. Ao preparar a aula, tivemos o cuidado que esta ficasse simples e perceptível. Ball (citado por Serrazina, 2002) refere que

para que os futuros professores possam ouvir os alunos, selecionar boas actividades e ajudar os alunos a aprender, não chega um extenso e profundo conhecimento matemático. A primeira coisa que os futuros professores têm que adquirir é uma boa compreensão do modo como as crianças pensam. (p.29)

Desta forma, todas as atividades e aulas que preparámos tiveram sempre o cuidado de ir ao encontro da faixa etária.

17 de outubro de 2011, segunda-feira

Esta manhã, foi a manhã de aulas de uma das minhas colegas de estágio. Esta iniciou-a fazendo dinamização da Cartilha Maternal. Contou uma história de umas meninas, que viajaram em balões de ar quentes de diferentes continentes, para Portugal. As meninas ficaram amigas e partilharam, entre si, elementos típicos das suas regiões. Sendo estes a vaca, a foca e o jasmin.

Colocou a imagem e a legenda, das palavras acima referidas, no quadro e realizou a leitura, escrita e identificação de letras nestas. De seguida deu a lição do “j”, enquanto estava a dar a lição distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho.

Depois passou para a área da Matemática em que o tema era a noção de par e o ímpar. Explicou esta aula com bonecos, recorrendo a uma história em que estes foram a um baile e a menina não podia dançar sozinha, então foi buscar um par, e assim sucessivamente, utilizando algarismos móveis. Para finalizar a aula, fez um jogo, no qual dividiu a turma por equipas, sendo cada fila uma equipa. Utilizando um dado, pedia a uma criança da equipa para o lançar ao ar, as crianças teriam de dizer

se o número que lhes calhou era par ou ímpar; depois de ter realizado o jogo com todos os alunos, dificultou um pouco dizendo: “ao número que desse no dado teriam de juntar 1 valor e dizer novamente se era par ou ímpar”.

As crianças foram para a sala depois do recreio, em cima da mesa já estava todo o material exposto (placa de esferovite, arame, plasticina, paus de espetada). O tema era a construção da casa. Começou por explicar que os alicerces da casa são constituídos pela sapata e nesta colocamos o cimento, na base da casa são colocados os ferros, sendo estes, 4 em cada canto. Entre os ferros, e na horizontal, são colocadas as vigas de madeira. Ao longo desta explicação, as crianças trabalhavam em pares com o material já distribuído, a base da casa era em esferovite e este já tinha a sapata, o cimento era a plasticina, arame para representar os ferros, e paus de espetada que simbolizavam as vigas.

Para terminar a sua aula, distribuiu pelos alunos uma folha que tinha a imagem de um construtor a construir uma parede, passando cimento e a colocar tijolos, a atividade das crianças era contornar a imagem que se via mal e colorir a mesma.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas que damos no Mestrado têm a duração de uma manhã inteira, em que temos de dar as três áreas, Área de Expressão e Comunicação (Domínio da Língua Portuguesa e abordagem à Escrita), Domínio da Matemática e Conhecimento do Mundo. Estas aulas servem para podermos aprender a planificar, vermos em que aspetos temos que melhorar ou não, quais as dificuldades que temos, as dúvidas que nos podem surgir, como gerir o tempo, quais as estratégias que adaptámos, correta ou incorretamente, às crianças e à turma em questão, entre outras coisas.

A formação profissional dos educadores/professores, segundo Alarcão e Tavares (1987, p.22) devem “ter uma componente teórica e uma componente prática.”, acrescentam ainda que a componente prática. Segundo Dewey, citado por estas autoras, esta é distinta em dois objetivos sendo eles

a) concretizar a componente teórica, torná-la mais viva, mais real; b) permitir que os professores desenvolvam as «ferramentas» (os conhecimentos, as capacidades, as técnicas, as atitudes, os valores, enfim, tudo o que faz de alguém um verdadeiro profissional) necessárias à execução da sua profissão. (p.22)

Acho que é muito importante, e bastante enriquecedor para o nosso futuro, pois temos uma maior preparação para estar em frente de uma turma a dar aulas.

Gostei, no geral, da aula colega, na minha opinião os aspetos que ela teria de melhorar nesta aula, seriam a postura com os alunos e algumas estratégias, assim como a ligação de uma aula para a outra.

A aula que mais gostei foi a de Matemática, pois a minha colega estava mais descontraída e mais animada, motivando os alunos para a mesma. O jogo que realizou foi, na minha opinião, o melhor momento da sua aula. A aula de Conhecimento do Mundo estava muito gira, com um ótimo material, mas infelizmente a minha colega não soube aproveitar, com medo que as crianças o estragassem, não deixou estas aproveitarem o material e teve algumas dificuldades para explicar o que pretendia que fosse feito.

18 de outubro de 2011, terça-feira

Como é habitual, as crianças estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e a lerem a lição com a educadora na Cartilha Maternal.

A educadora pediu a uma estagiária para dar uma aula surpresa de dinamização de Cartilha Maternal. As palavras escolhidas foram fatia, fivela, afiava, viajava e atava. Através destas palavras, a colega contou uma história do dia-a-dia de uma menina. Ao longo da história trabalhou a leitura de palavras, identificação de letras e sílabas e finalizou a história com uma lengalenga.

Depois do recreio foi distribuído pelos alunos o material 3.º e 4.º Dom de Fröebel. As construções realizadas foram: a sala de jantar, quarto e ponte baixa. Ao longo da aula a educadora realizou exercícios de cálculo mental.

No fim da aula cada aluno arrumou o material na sua caixa e foram colocar no armário.

Inferências e fundamentação teórica

Neste relato quero destacar a aula da colega. Gostei muito, era uma aula surpresa, portanto ela não sabia que a ia dar e que temas abordar com as palavras que lhe deram. Fez uma história com sentido, intercalando-as, realizando portanto uma boa dinamização da Cartilha Maternal, referindo os pontos essenciais e trabalhando o mais importante.

Os materiais que a educadora utilizou na aula de Matemática foram o 3º e 4º Dom de Fröebel; como já foi referido, este material é um dos principais materiais para trabalhar o cálculo mental.

É muito importante desenvolver o cálculo mental nas crianças, criar uma elasticidade mental em relação às operações, desenvolvendo a capacidade de raciocínio, pois este é indispensável para o seu quotidiano, tanto no presente como no futuro, tal como afirma Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999)

o conhecimento dos números e das operações constitui um saber indispensável ao dia a dia dos alunos. Os números estão presentes em múltiplos campos da sociedade actual e são usados não apenas para fazer cálculos ou para representar medidas, mas, também, para localização, para ordenação e para identificação. (p. 46)

Quando as educadoras trabalham o cálculo mental, estão também, implicitamente, a trabalhar o sentido do número. Este, segundo Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999)

não é algo que se aprenda de uma vez por todas numa fase do percurso escolar dos alunos mas sim uma competência genérica que se desenvolve ao longo de todo o ensino obrigatório e não obrigatório e mesmo ao longo de toda a vida. (p. 46)

Existem várias definições para este conceito. Vale, Palhares, Cabrita e Borralho (citado por Caldeira 2009b, p. 62) referem que esta competência compreende “um sentido intuitivo para os números e variadas interpretações, bem como estimar com diferentes níveis de precisão o resultado de cálculos; engloba também a capacidade para detectar erros aritméticos, e a percepção para a utilização dos números em várias situações.”

Ao longo da minha estadia no bibe azul, vi várias vezes a educadora trabalhar estes dois conceitos tão importantes.

21 de outubro de 2011, sexta-feira

O dia iniciou-se com a área do Domínio de Matemática. Os cadernos foram distribuídos e as crianças estiveram a trabalhar nestes assim, como no quadro; alguns realizaram as propostas de trabalho que estavam na capa.

Foi distribuído pelas crianças o material Tangram, a educadora perguntou o nome e o número de peças do material. Através de uma história, pediu às crianças para realizarem a construção do espelho. Em continuação da história referiu que o

espelho mostrou vários animais num bosque, realizando assim vários exercícios de cálculo mental.

Realizaram a construção do gato e como foi a primeira vez que fizeram a construção, a educadora fez, passo a passo, ajudando os alunos. Fez ainda outro exercício de cálculo mental e por fim arrumaram o material.

Depois do recreio os alunos estiveram a trabalhar nos cadernos de escrita e a ler a lição da Cartilha Maternal.

Inferências e fundamentação teórica

É muito importante cada criança ter o seu caderno para cada área, pois é nestes que elas treinam as letras e os algarismos, que são símbolos úteis para o resto das suas vidas. A escrita é o instrumento mais utilizado pelas crianças em sala de aula. Ajuriaguerra (1988, p. 9) afirma que “a escrita é uma forma de expressão da linguagem que implica uma comunicação simbólica com a ajuda de sinais criados pelo homem, sinais variáveis de acordo com as civilizações”; o mesmo autor afirma ainda que esta “só é possível a partir de um certo nível de organização da motricidade, de uma coordenação refinada dos movimentos, de uma atividade possível destes em todas as direções do espaço” (p.10).

Nesta idade, as crianças ainda estão aprender a fazer as letras e os números, que se encontram na fase pré-caligráfica. Segundo Ajuriaguerra (1988, p. 33) nesta fase “a criança é ainda incapaz, a despeito dos seus esforços, de respeitar as exigências que fazem pesar sobre ela as normas caligráficas” tais como os traços retos são interrompidos, arqueados, tremidos; as curvas são deformadas, mal fechadas, ou seja, a linha não chega a ser reta, pois a maior parte das vezes esta fica ondulada, sobe demais ou desce exageradamente; a inclinação e a dimensão das letras e algarismos são mal controlados e desproporcionais; as ligações entre as letras são difíceis ou desajeitadas, entre outros.

A educadora deste bibe tem que ajudar as crianças a aperfeiçoar todas estas dificuldades na escrita, para tal, usa vários materiais de treino, o quadro de ardósia, a folha de papel onde repetem as vezes necessárias e, por fim, o caderno.

24 de outubro de 2011, segunda-feira

A manhã de aulas começou com os cadernos de escrita, de seguida a educadora pediu-nos para darmos uma aula surpresa. Fiz uma dinamização da Cartilha Maternal, li uma história e utilizei algumas palavras que a educadora me emprestou, relacionei com a história, com estas palavras trabalhei a leitura das mesmas, identificação de letras e sílabas, construção de frases e a escrita destas palavras.

De seguida, foi a vez de outra colega, que deu aula surpresa, em que realizou um jogo. Para este, cantou uma música com mímica, depois dividiu o grupo em 3 grupos e elegeu uma criança para realizarem, em mímica, a palavra que ela lhes dizia; o grupo que acertasse no que o colega estava a representar recebia, 1 ponto, terminou o jogo com a mesma canção com que iniciou.

Por fim, e depois do recreio das crianças, foi outra estagiária que deu aula, em que o tema era orientação espacial; utilizando situações problemáticas, realizou um desenho no quadro que servia de paisagem e, com as imagens que a educadora lhe forneceu, pediu às crianças para colocarem as imagens no sítio onde ela ia pedindo, utilizando uma história.

Inferência e fundamentação teórica

As aulas surpresa, como já foi referido, são aulas/atividades, em que a educadora ou as professoras da Equipa de Supervisão nos propõem a dar sem estarmos à espera, só sabemos o tema 5 minutos antes de a iniciarmos.

Estas aulas servem para ver como reagimos perante uma turma, que postura adotamos, que estratégias utilizamos para dar o tema, retirarmos dúvidas que as crianças possam ter durante a aula, capacidade de improviso, entre outras.

Estas aulas são reproduções, muitas vezes, do que assistimos da educadora na sala de aula, mas dadas à maneira do estagiário. Schön (citado por Jacinto, 2003, p.54) utiliza a seguinte citação “a imitação aqui não é entendida como “cega e mecânica”, mas como um “processo selectivo de construção”.

Após a aula, a educadora reúne-se com o grupo referindo os aspetos positivos e os aspetos a melhorar. A autora Jacinto (2003, p.41) afirma que “o orientador adopta um estilo activo, directo, informando o estagiário acerca do que fez correcta e incorrectamente e prescrevendo-lhe o que fazer e não fazer”, o objetivo das aulas é a modelagem dos nossos comportamentos, de forma a melhorar a nossa forma de ensino.

No geral, as aulas não decorreram bem, pois não conseguimos concretizar e o que a educadora pediu.

25 de outubro de 2011, terça-feira

Hoje foi o dia da minha manhã de aulas programadas. Iniciei a aula com a canção de bons dias. A primeira área que dei foi dinamização da Cartilha Maternal, em que li uma história; desta retirei algumas palavras e pedi às crianças para as lerem, realizei identificação de letras e sílabas, assim como a escrita no quadro das mesmas. Passei para a Cartilha Maternal, em que dei a lição do “p” com um grupo de alunos, enquanto os restantes estavam no lugar a realizar uma proposta de trabalho que lhes entreguei.

A seguir ao recreio, iniciei a área do Conhecimento do Mundo. O tema foi as divisões da casa. Tinha uma casa de madeira com as respetivas mobílias e os alunos tiveram de identificar a que divisão pertencia a mobília e colocar no lugar correto, decorando assim as várias divisões da casa (figura 4).

Para terminar a minha manhã de aulas, dei, no Domínio da Matemática, teoria de conjuntos, onde abordei os conceitos: linha fronteira, simbologia, representação de conjuntos, cálculo mental e contagem.



Figura 4 - Casa

Inferências e fundamentação teórica

Esta foi a minha primeira manhã de aulas. Penso que o meu grande aspeto negativo foi a gestão do tempo, pois não consegui terminar tudo o que queria.

Fui dinâmica e tive a preocupação de que todas as crianças participassem na minha aula e de criar sempre um ambiente tranquilo e estimulante. Zabalza (1998) refere que, em relação ao desempenho da tarefa educativa, ou seja, a aula, uma das atribuições fundamentais é criar um ambiente adequado, pois criando ambientes ricos e estimulantes estamos a trabalhar o desenvolvimento global de todas as crianças. Em todas as aulas tentei sempre criar um momento de surpresa e de participação de forma a manter as crianças comigo até ao fim da manhã.

No Conhecimento do Mundo dei as divisões da casa, especificamente a casa de banho e o quarto. É importante que as crianças conheçam os nomes das divisões que existem nas casas, e que tipo de função e objetos estão nestas, pois são estes que a definem. Os temas escolhidos para a manhã de aulas estavam todos interligados entre si.

28 de outubro de 2011, sexta-feira

Neste dia de estágio uma das colegas de estágio deu as suas aulas. Começou por ler uma história e fez leitura de palavras, identificação de sílabas e letras e pediu aos alunos para formarem uma frase através das palavras já lidas. De seguida passou para a lição de Cartilha Maternal, deu a letra “l” e fez a revisão da letra “p”; enquanto estava a dar a lição a um grupo de crianças, as restantes ficaram a realizar uma proposta de trabalho.

Quando acabou de dar a lição, passou para a área de Conhecimento do Mundo. Através do *Powerpoint*, mostrou aos alunos casas típicas de Portugal, especificamente do Norte, Alentejo, Sul e ilhas (Madeira), explicando as diferenças entre elas e o motivo da sua estrutura, situando as mesmas no mapa.

Depois do recreio, deu a área do Domínio da Matemática, usando uns prédios com uma janelas que abriam e fechavam. Quando as crianças abriam as janelas, apareciam em cada uma um determinado número de meninos; a estagiária pedia para abrir e fechar as janelas e indicarem o número de crianças que estavam à janela, usou também flores para abordar o tema cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas que damos podem ser dinamizadas de várias formas, com materiais manipulativos que as crianças possam tocar, ou através do uso das tecnologias, tal como a minha colega fez. Ela recorreu ao uso do *Powerpoint* para expor um tema, com a seleção correta de imagens apelativas, e com animações assim a aula torna-se interessante e entusiasmador para as crianças. O autor Miranda (citado por Botelho, 2009, p. 74) afirma que “quando estas tecnologias são usadas para fins educativos, nomeadamente para apoiar e melhorar a aprendizagem dos alunos e desenvolver ambientes de aprendizagem, podemos considerar as TIC como um subdomínio da Tecnologia Educativa.”. Cada vez mais são usadas várias tecnologias para expor um tema ao grupo, não deixando, ainda, de usar os quadros de ardósia e o giz.

31 de outubro de 2011, segunda-feira

Hoje foi um dia diferente, pois como amanhã será feriado, muitas crianças não vieram à escola. Como tal, e uma vez que também só está um educadora por bibe, as turmas do bibe azul ficaram juntas numa só sala, as crianças foram distribuídas em grupos e foi-lhes dado jogos, tais como, legos, puzzles, jogos de tabuleiro, jogos de encaixe.

Perto das 11h as crianças foram para o recreio e brincaram até à hora do almoço.

Ao longo da manhã, enquanto as crianças brincavam, as minhas colegas e eu estivemos a realizar material, para as educadoras usarem nas suas aulas.

Inferências e fundamentação teórica

Nestes dias as crianças socializam mais umas com as outras, têm mais tempo para brincar e para conversar.

O uso dos jogos é uma forma de manter as crianças ocupadas, elas adoram estes dias porque são diferentes do habitual, podem conversar e, enquanto estão em grupo, estão a brincar com as peças dos jogos, fazendo construções. Cordeiro (2010, p. 341) diz que nesta idade as crianças têm “o desejo de jogos colectivos, de aprendizagem cognitiva e de grande coordenação entre movimentos grossos e finos. A criança entusiasma-se com a sua própria capacidade e êxito, e expande a criatividade e imaginação”.

A palavra brincar suscita-me divertimento, bem-estar, satisfação, um outro mundo “o faz de conta”, uma forma de expressão, sorrisos, e é estas e outras sensações que eu vejo nas crianças quando elas brincam sozinhas ou em conjunto.

Cordeiro (2010) afirma, em relação às crianças que

brincar é assim a sua principal função e será através da brincadeira espontânea ou do jogo mais estruturado, só ou com os outros meninos, que aprenderá a utilizar uma linguagem e comunicação cada vez mais simbólicas, organizadas e amplas. É o brincar que também lhe facilitará a aquisição de conhecimentos, o equilíbrio de tensões e a catarse de emoções e sentimentos difíceis. (p. 329)

Como vemos, brincar é muito importante porque desenvolve várias capacidades, destrezas, habilidades, comportamentos, valores e atitudes nas crianças; desta forma, todos os dias na escola, ou na sala de aula, com a educadora na realização de jogos, ou no recreio, estas brincam um pouco.

4 de novembro de 2011, sexta-feira

Para iniciar a manhã foram distribuídos pelos alunos os cadernos de escrita, onde estiveram a fazer o que é de rotina, tal como a ler a lição.

O professor de cerâmica foi buscar metade do grupo para a sua aula antes do recreio, e depois do recreio levou a outra metade.

A metade, que já tinha tido Cerâmica, ficou na sala com a educadora a trabalhar nos cadernos de matemática.

Quando o professor de Cerâmica trouxe os restantes alunos, a educadora, com algarismos móveis e com peças do Cuisenaire em cartolina, colocou várias questões sobre a cor e o valor das peças.

Ao longo das perguntas, a educadora pediu às crianças para colocarem os algarismos por ordem crescente com a respetiva peça do Cuisenaire, realizando uma escada.

Por fim, perguntou quais eram os números ímpares e os números pares, dividindo os mesmos em 2 grupos.

Antes de irem para o almoço, foi distribuída uma proposta de trabalho. Esta era quadriculada e estava dividida na horizontal, na parte de cima os alunos tinham de desenhar as peças do Cuisenaire que correspondem aos números pares e na parte de baixo tinham de desenhar as peças correspondentes aos números ímpares. A unidade que utilizaram foi 1 quadrado que valia 1 valor.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura da lição, diariamente, é muito importante, pois é partir destas pequenas lições que as crianças saberão ler. Segundo Ruivo (2009, p.54) “saber ler é pois uma aquisição que, não sendo tão natural como a fala, é tão importante como ela para o bem-estar do indivíduo”, a mesma autora diz que o papel das educadoras é “preparar e motivar as crianças, criando na aula contextos e interações estimulantes com a palavra impressa (leitura de poesias, histórias, etiquetas, cartões, avisos, listas de nomes, livros, etc.) e proporcionar situações partilhadas em que as crianças interajam com os materiais” (p. 56, 57).

Nesta idade as crianças leem em voz alta para ouvirem o que estão a dizer e para serem ajudadas, caso tenham dificuldade com alguma letra ou com alguma palavra num todo. Tal como refere Antão (1997)

este tipo de leitura pode ser utilizado como um processo de *diagnóstico*, analisando os erros e utilizando-os como fonte de estudo destinado a aumentar a eficiência da leitura, nomeadamente depois dos estádios iniciais da aprendizagem da relação entre a escrita e os sons de uma língua. (p.46)

No J.E. esta leitura é feita em grupo de 3 crianças, quer nas dinamizações, quer quando as crianças estão a treinar a escrita.

A letra, usada nesta idade, é a letra bicuda, que da mesma forma que a Cartilha Maternal, também foi João de Deus que a colocou em prática. Ruivo (2009) refere, as preocupações de João de Deus em relação à letra bicuda,

pode parecer que há desvantagem no seu traço bicudo, embora se assemelhe à chamada letra inglesa. A verdade é que só houve a preocupação de facilitar a maneira de compor, ou decompor, cada letra em traços distintos (...) outro aspecto nos cumpre ainda aclarar: é a preferência dada à escrita inclinada e não à escrita direita (...) atenda-se que a melhor solução do assunto depende sobretudo da posição do alunos e colocação do papel na carteira. (p. 129)

Porquê o uso da letra bicuda? Ruivo (2009), citando o poeta e pedagogo João de Deus, afirma que

o aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada, o que não quer dizer que oportunamente se não arredonde a letra, ponto de partida para outra mais variada e mais perfeita. (p. 129)

Esta letra obriga também a criança a optar por uma postura correta e direita, sem ter que inclinar o corpo, a cabeça ou o braço.

Terminou hoje o primeiro momento de estágio.

2.ª Secção – Grupo dos 3 anos

A 2.ª Secção corresponde à sala dos 3 anos, conhecida como bibe amarelo nestas instituições. Estagiei nesta sala do dia 7 de novembro a 16 de dezembro de 2011.

2.1. Caracterização do grupo

A turma do bibe amarelo do J.E. é composta por 27 crianças, 14 rapazes e 13 raparigas. Todas estas crianças completarão 3 anos de idade.

Este grupo está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

2.2. Caracterização do espaço

A sala do bibe amarelo é bastante ampla, luminosa e acolhedora. Contém duas portas, uma de acesso ao salão e outra, ao recreio da escola.

Tem, do lado direito da sala, um tapete onde as crianças se sentam em roda para ouvir a contar uma história, algumas aulas de Conhecimento do Mundo ou Matemática, conversas entre os alunos e a professora, para comerem a bolacha em dias chuvosos. Junto deste existe um móvel com gavetas para guardar o material dos alunos e um outro móvel, onde se encontram as capas com os trabalhos arquivados, e os livros da sala também se encontram junto ao tapete.

Ao centro da sala estão as mesas e as cadeiras onde os alunos se sentam para realizar os trabalhos e para assistirem as aulas.

Do lado esquerdo, estão as camas para a sesta das crianças e a mesa da educadora. Existe também o cantinho da brincadeira.

Espalhados pela sala ainda, existem placards para afixar os trabalhos, um quadro de ardósia móvel (figura 5).

Esta sala está dividida em duas partes, sendo a outra parte, a sala do outro bibe amarelo.



Figura 5 - Sala do bibe amarelo - 3 anos

2.3. Horário do grupo

No quadro 3 apresento o horário das crianças desta sala.

Quadro 3 – Horário do bibe amarelo – 3 anos

Horas	2.ªfeira	3.ªfeira	4.ªfeira	5.ªfeira	6.ªfeira
9:00-9:30	Partilha de saberes	Acolhimento/ Canções de roda		Partilha de saberes	Acolhimento/Canções de roda
9:30-10:00	Área de Projeto: Estimulação à Leitura			Música 9:30-10:00	Área de Projeto: estimulação à leitura
10:00-10:30	Ed. do Moviment o	Conheci mento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Iniciação à matemática
10:30-11:00	Partilha de saberes	Proposta de trabalho			Ed. do Movimento
11:00-11:30	Recreio				
11:30-12:00	Higiene/Preparação para o almoço				
12:00-12:30	Almoço				
12:30-14:30	Recreio (livre e orientado)/Hora da sesta				
14:30-15:00	Higiene/Preparação da sala				
15:00-16:00	Atividades de arte plástica; desenvolvimento da motricidade fina; jogos orientados; estimulação à leitura; aulas de descoberta				
16:00-16:20	Higiene				
16:20-17:00	Lanche/Saída				

Nota: De três em três semanas o bibe amarelo tem Cerâmica das 10 h às 12 h.

2.4. Rotinas

Acolhimento

O acolhimento do bibe amarelo é feito no salão até às 9h 30m. A partir dessa hora, os pais/familiares entregam as crianças diretamente na sala pela porta de acesso ao recreio. Às segundas-feiras a rotina difere, as crianças são entregues diretamente na sala, pela mesma porta referida anteriormente, este dia é diferente, porque uma vez que as crianças fazem a sesta todas as sextas-feiras, os lençóis são levados para casa para os pais lavarem no fim de semana e entregues no início da semana. Desta forma, é mais prático a entrega diretamente na sala de aula.

Esta é a idade em que a separação dos pais é mais dolorosa. Tal como afirma Brazelton & Sparrow (2008, p.83) “a separação de manhã é sempre um problema quando as crianças vão para o infantário pela primeira vez. Muitas crianças não aguentam. Elas gemem e choram todos os dias”.

Desta forma, o acolhimento feito pelas educadoras é muito importante para as crianças se sentirem integradas e confortáveis na escola, por isso Brazelton & Sparrow (2008, p.83) referem que “ a maior parte das crianças parecem se recompor. Elas aceitam a oferta de conforto por parte das educadoras”, assim como o relacionamento com os pares, como afirmam os mesmos autores “ eventualmente, criam relações com outras crianças para preencher a perda dos pais. As crianças aprendem, de facto, capacidades sociais e aprendem a apreciar os seus pares, ao adaptarem-se desta forma”.

A educadora recebe as crianças dando um beijinho e um abraço, sempre que a criança fica a chorar ela procura acalmá-la, acarinhando-a, pegando ao colo e fala com ela calmamente, de forma a que ela perceba que os pais já voltam.

Higiene

Após o acolhimento, as crianças são levadas à casa de banho, a grande maioria não precisa de ajuda. No caso das calças terem um botão mais difícil de desaperçar, as crianças são ajudadas. Com esta idade, ainda há crianças que vem de fralda de casa mas, no regulamento do jardim-escola, no bibe amarelo as crianças, salvo algum caso especial, já terão de ter largado a fralda.

Esta rotina repete-se ao longo do dia, antes ou a seguir ao recreio, assim como antes e depois do almoço.

Recreio

O recreio do bibe amarelo é a meio da manhã, juntamente com todas as crianças do pré-escolar. É nesta altura que as crianças comem a bolacha ou a fruta de lanche da manhã.

Refeição

Com três anos, as crianças usam babete para proteger o bibe da comida. Cordeiro (2010, p. 77) afirma “como já devem comer predominantemente sozinhos e ainda não tem coordenação suficiente, podem entornar parte do conteúdo da colher ou

do garfo”, daí o uso do babete. De qualquer forma, existe à mesma na mesa um guardanapo de papel para cada criança.

Por norma, as crianças comem sozinhas; quando alguma tem mais dificuldade em comer ou esteja a demorar muito tempo, é ajudada por um adulto. Almoçam ao mesmo tempo que as restantes crianças do Pré-Escolar.

Sesta

Logo depois do almoço e de irem à casa de banho, as crianças são levadas para a sala onde já estão os estiradores com os lençóis que pertencem a cada criança e que são trazidos de casa. Há crianças que ainda usam chucha. Segundo Cordeiro (2010, p. 197) “chuchar funciona como um factor securizante, porque os batimentos rítmicos relembram o coração da mãe e a rotina sem quebras, devolvendo por isso a segurança a uma criança” e fralda de pano para dormir.

O mesmo autor afirma que devemos “proporcionar ambientes onde a sesta possa ser feita (luz velada, uma caminha, silêncio)”(p.197).

Nesta turma havia um grupo de 5 crianças que já não dormia a sesta, ficando no recreio com as outras crianças do Pré-Escolar.

2.5. Relatos Diários

7 de novembro de 2011 - segunda-feira

Neste dia de estágio, as orientadoras estiveram no jardim-escola, para verem as estagiárias a darem as aulas-surpresa. Eu era para dar aula, mas como estava doente e não tinha voz, a minha colega, ofereceu-se para dar a aula por mim.

Como era o primeiro dia no bibe amarelo e não conhecíamos o grupo, voltámos ao bibe azul para ela dar a aula. Foi-lhe dado um livro para ler e dinamizar a história; enquanto a contava, pediu a participação dos alunos, para que estes comentassem o que viam e ouviam. Quando terminou de a contar, distribuiu pelos alunos um pedaço de plasticina e deu como tarefa a concretização das vogais; quando estas estivessem feitas, teriam de realizar um desenho de uma parte da história. Enquanto a turma realizava esta tarefa, a estagiária foi com um grupo de alunos para a Cartilha Maternal e fez a revisão da lição do [o=u (ou)], pediu aos alunos para fazerem frases e por fim deu a lição do (ei).

De seguida fomos assistir à aula de outra estagiária, no bibe encarnado, em que esta leu uma história, fez interdisciplinaridade, contando os animais das imagens,

pediu às crianças para dizerem “piu, piu, piu” quando ela também o dizia, cantou uma canção com as crianças no fim, e dialogou com elas sobre a história.

Depois do recreio, fomos à reunião para darmos a nossa opinião e ouvirmos a opinião das educadoras e das professoras da Equipa de Supervisão sobre as aulas assistidas.

Quando a reunião terminou, fomos ter com o bibe amarelo ao refeitório e estivemos a ajudar a dar o almoço. Depois do almoço levámos as crianças à casa de banho, e depois foram fazer a sesta, tendo que as ajudar a tirar os sapatos e o bibe.

Inferências e fundamentação teórica

Neste relato quero realçar o facto da minha colega ter dado a aula por mim, pois foi um ato que admirei e que agradeço. Gostei da sua aula-surpresa, apesar de estar nervosa e de ter cometido algumas falhas, como não explorar o livro gigante de onde leu a história e o facto de não ter conseguido aplicar uma regra.

As reuniões são muito importantes, pois é neste momento que recebemos as críticas das orientadoras e das educadoras, em relação à aula dada, e é através dessas críticas que nos tornamos bons profissionais, pois estas destinam-se a melhorarmos todos os aspetos menos positivos. Jacinto (2003) refere, na fase de desmontagem da aula assistida, o orientador recorrerá ao uso educacional da retroacção, este é um instrumento central na aprendizagem. O autor cita ainda Harris que refere que “esta pode ser entendida pelo orientador com um “elemento de controlo da prática para a conformidade ou para a mudança.” (p. 41)

Desta forma, Mayer (citado por Jacinto, 2003, p. 41) diz que o uso educacional da retroacção “fornece informação sobre a adequação do comportamento do estagiário, nomeadamente, no que diz respeito à organização da sala de aula e informa acerca da sua correcção em termos de aquisição o de competências específicas, definidas à priori, de acordo com o programa de formação.”

A reunião é feita em grupo com todas as estagiárias e cada orientadora e educadora criticam a aula da estagiária, assim como a mesma e os colegas que assistiram à aula.

8 de novembro de 2011 – terça-feira

Às 9h juntamo-nos às crianças que se encontram no salão na roda, onde cantamos para dar os bons-dias.

Perto das 9h 30m, as crianças vão à casa de banho e de seguida para a sala de aula.

Quando entrámos na sala, as crianças sentaram-se nos seus lugares. A educadora distribuiu por cada mesa uma caixa de Blocos Lógicos. Trabalhou o nome do material, abordou o tipo de material de que é feita a caixa, o tipo de transparência que tem e, de seguida, trabalhou as características das peças: cor, tamanho, espessura e forma.

Introduziu a peça em que a sua face tem a forma de um círculo, de seguida distribuiu pelas crianças uma proposta de trabalho, onde as crianças tinham de pintar de encarnado os círculos. Às crianças, que a terminavam, era-lhes dado pedaços de papel de seda para elas fazerem bolinhas.

Enquanto isto, a educadora pediu-me para ver quais as crianças que conseguiam e as que não conseguiam rasgar uma folha, as que o faziam com ajuda e aquelas que o realizavam mas com dificuldades, ao mesmo tempo a educadora esteve a realizar a avaliação de contagem, utilizando umas peças de madeira para a realização do exercício.

Quando tudo estava terminado, as crianças foram para o recreio. Quando este terminou, as crianças foram à casa de banho e, de seguida, almoçar; por fim foi a hora da sesta.

Inferências e fundamentação teórica

Pela primeira vez vi o material Blocos Lógicos serem trabalhados com os mais pequeninos. Achei interessante a forma como a educadora abordou o tema, começando pela noção de opaco e transparente, o material de que a caixa é feita, pois fez interdisciplinaridade, que acho muito importante.

Este material tem 4 características que são trabalhadas, sendo elas, a forma, a cor, o tamanho e a espessura. Caldeira (2009b) refere, em relação a este material,

que a classificação mais fácil para a criança é a forma, talvez por ser o tacto (a mão) mais do que a vista, o órgão de percepção, por excelência da criança. A seguir o atributo mais perceptível é a cor. Os dois restantes atributos, tamanho e espessura, só se identificam abstraindo-se da cor e da forma, e dificilmente são referidos espontaneamente, pela criança, tendo que ser, normalmente, estimulados para o fazerem. (p.365)

As características são trabalhadas uma a uma, de forma a que as crianças, tomem conhecimento de todas, percebendo e fixando, tal como a educadora fez nesta aula, ao introduzir a peça em que a face é um círculo.

15 de novembro de 2012 – terça-feira

Hoje, depois da rotina habitual da manhã, as crianças vestiram os casacos, pois tiveram uma visita de estudo, fomos ao teatro ver a peça de teatro “Canela, ovos e verdade”.

Quando chegámos à escola, as crianças foram almoçar e fazer a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

Acho muito importante que as crianças tenham visitas de estudo, pois é uma forma de as educar culturalmente. Almeida (1998, p.51) define visita de estudo como a “deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos.”

O comportamento das crianças neste dia altera-se, pois ficam entusiasmadas e excitadas por irem para fora da escola. Segundo Baillet, Clavel e Maglione (citados por Almeida, 1998, p. 55) “ as manifestações entusiastas contemplam ainda outras dimensões, nomeadamente os aspectos da relação professor-aluno, e partem do princípio que “a mudança de espaço tem influência na comunicação.””

Van-Praet citado pelo mesmo autor defende que “ por muito breve que seja a visita, a sua mensagem didáctica é necessariamente diferente da de um professor que se movimenta no espaço relativamente fechado da sua aula, tendo esta nova mensagem consequências nas atitudes dos alunos”.

Como podemos confirmar, a ida ao teatro é uma outra forma de expressão, a educadora sozinha não consegue compor uma peça de teatro e realizá-la na sala de aula com a mesma dimensão da peça assistida, realizará outras estratégias como por exemplo, contar uma história.

Para várias destas crianças foi a primeira vez que foram a um teatro. Gostei bastante de ir e aprendi muito sobre a forma como organizar uma visita de estudo.

18 de novembro de 2012 – sexta-feira

Hoje é dia de educação do movimento e, como tal, depois da rotina de manhã, tivemos de preparar o grupo para a aula, chamámos um a um, tirámos o bibe e os sapatos, colocámos tudo no cabide e calçámos as sapatilhas há algumas crianças a

quem temos de vestir as calças, pois nem sempre vêm equipados de casa, são levados à casa de banho; enquanto não chegava a hora da aula de Educação do Movimento, o grupo esteve a treinar a peça de teatro que vão representar na festa de Natal, a peça é “O Rato do Campo e o Rato da Cidade”.

Enquanto estão nos ensaios, duas colegas de estágio e eu ficámos a fazer preparativos para a festa de Natal que se aproxima. Quando terminámos, e como ainda decorriam os ensaios, as outras estagiárias e eu estivemos a fazer a avaliação dos opostos (doce ou salgado; quente ou frio; insonso ou amargo). Foi-lhes dado a provar ou a tocar e tinham de identificar qual a sensação que lhes transmitia. O registo que realizávamos compreendia três critérios: conhece, não conhece, reconhece com a ajuda da educadora.

De seguida foram para aula de Educação do Movimento, quando voltaram, voltámos a vesti-los, a educadora sentou-os no tapete e contou uma história que uma criança tinha trazido de casa. Quando a acabou, levámos o grupo à casa de banho e depois para o refeitório para almoçar; depois do almoço foram dormir a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de Educação do Movimento é muito importante em todas as idades, cada uma com o seu nível de dificuldade, hoje em dia há cada vez mais sedentarismo no ser humano. Segundo Serrano (1990, p. 91), os objetivos gerais destas aulas definem-se pelo princípio de dar à criança a possibilidade de uma formação global que sirva de base sólida ao seu desenvolvimento, centrada em três princípios básicos de formação, sendo estes as vertentes cognitivas, afetivas e psicomotora.

Para além das três vertentes acima referidas, o autor refere ainda um aspeto que acho muito importante; nestas aulas as crianças aprendem a ganhar e a perder, a resistir ao sucesso e insucesso, a entreajudarem-se, a contrariar, a viver em sociedade, a respeitar os outros e exigem que também sejam respeitadas.

As grelhas de avaliação são realizadas pela educadora da sala de aula e servem para registar qual o nível em que a criança se encontra num determinado tema, podendo assim adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009)

a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das

aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é o suporte do planeamento. (p.27)

Com estas avaliações, a educadora pode comparar os resultados e verificar se houve regressão ou desenvolvimento na atividade avaliada.

21 de novembro de 2011 – segunda-feira

Às segundas-feiras, os alunos são entregues diretamente na sala para os pais darem a saca com os lençóis, e como é dia de Educação do Movimento, preparámos os alunos assim que chegam, quando estavam todos prontos levámo-los à casa de banho, quando regressaram, sentaram-se nos seus lugares.

A educadora colocou em cada mesa uma caixa do material Blocos Lógicos. Primeiramente abordou com os alunos as características das peças, por fim realizou um ditado gráfico, neste desenho havia um sol, uma árvore, e um carro; ao realizar este exercício a educadora apercebeu-se que não havia peças suficientes para todos os alunos, desta forma pediu-lhes para realizarem apenas o carro. Depois da concretização deste exercício, os alunos arrumaram o material e levámo-los para a aula da Educação pelo Movimento.

Quando a aula terminou, voltámos à sala para lhes vestir os bibes e calçar-lhes os sapatos, logo de seguida foram à casa de banho, colocámos os babetes e foram almoçar e quando terminaram, foram fazer a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora, nesta aula, realizou um ditado gráfico com os alunos, usando o material manipulativo Blocos Lógicos; foi muito interessante observar a interdisciplinaridade entre o Domínio de Matemática e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Segundo Caldeira (2009a)

as actividades de “imitar” a escrita em folhas, blocos, aprender a escrever o nome, proporcionam experiências que ajudam na percepção das normas escritas e estimulam o desejo da escrita, daí a importância dos ditados gráficos. O desenho pode representar um objecto, palavra, ou uma história e é também uma forma de escrita. (p.139)

Ao realizar o ditado gráfico, a educadora estava a trabalhar as formas geométricas e a orientação espacial, pois teria de dar a indicação onde colocariam as peças.

22 de novembro de 2011 – terça-feira

Depois da rotina habitual, as crianças foram levadas para a sala de aula, pois as estagiárias do 2.º ano iam dar uma aula em que o tema era o vestuário.

Na primeira aula, a estagiária tinha um desenho de uma menina de cuecas, à qual deu o nome de Alice, tinha vários tipos de roupa, sendo estas para alturas do ano em que está mais frio (calças, camisola comprida, botas, cachecol, luvas, gorro e gabardine) e outras para alturas do ano que faça mais calor (saia, t-shirt, sabrinhas). A aula foi iniciada com a explicação do tema, referindo para que serve a roupa e depois pediu aos alunos para vestirem a Alice com roupa para o tempo quente.

A outra estagiária realizou um jogo, no qual tinha diversas imagens com vários tipos de vestuário, cada tipo de vestuário estava repetido 4 vezes. Para realizar o jogo, a estagiária dividiu a grupo, distinguindo-os com um colar com cores diferentes.

Para concretizar o jogo, ia um elemento de cada grupo ao pé das imagens e tinham de descobrir, através de pistas que a estagiária dava, qual era a imagem que tinha o vestuário adequado. Por exemplo, o menino que está pronto para dormir.

Quando as estagiárias terminaram a aula, as educadoras juntaram os dois grupos para o ensaio da peça de teatro da festa de Natal; enquanto decorriam os ensaios, as minhas colegas e eu estivemos a terminar as grelhas de avaliação dos opostos que tínhamos começado na sexta-feira.

Quando o ensaio terminou, a educadora sentou as crianças no tapete em roda, para comer a bolacha. Como já estava quase na hora de almoço, as educadoras levaram-nos para o salão para verem um bocadinho de televisão.

Perto do meio-dia repetiu-se a rotina habitual.

Inferências e fundamentação teórica

A aula que as minhas colegas deram foi muito interessante e apesar de ser a primeira aula e estarem um pouco nervosas, tiveram uma boa prestação.

É importante que as crianças percebam que temos de adequar a roupa à temperatura climatérica, pois se assim não fosse o nosso corpo sentiria frio ou calor, poderíamos ficar doentes, entre outras coisas. Nesta aula as estagiárias não referiram as estações do ano, o que foi muito positivo, pois a situação climatérica varia de país para país.

Todos os anos o J.E. organiza uma festa de Natal para os familiares dos alunos, a sua preparação demora algum tempo, pois implica cenários, acessórios, fatos, ensaios e organização da peça que vão apresentar.

Ao realizar e a ensaiar a peça de teatro, a educadora está a desenvolver um dos domínios da expressão, sendo esta a dramática. De acordo com Carvajal, García e Vallejo (1997) este tipo de expressão

têm a ver com a utilização do corpo, com os seus gestos, atitudes e movimentos com intencionalidade comunicativa e representativa. (...) as crianças jogam principalmente representando determinadas atitudes e estados de alma, através da sua acção e movimento, etc. (...) trata-se de um campo aberto à imaginação, à criatividade e à espontaneidade de cada um. (p.1435)

Na peça de teatro, as crianças interiorizam a personagem que lhes é dada e algumas conseguem decorar pequenas falas.

25 de novembro de 2011 – sexta-feira

Depois da rotina habitual da sexta-feira, a educadora sentou as crianças no tapete em roda, e ao pé dela tinha uma caixa de madeira. Perguntou aos alunos em relação ao material, se esta era opaco ou transparente. Houve crianças que mostraram dificuldade em perceber o significado de opaco e transparente. Para ajudar os alunos, a educadora mostrou uma caixa transparente para poderem comparar e ver as diferenças. Depois abanou a caixa e perguntou-lhes se estava vazia, sendo a resposta não. De seguida, abriu a caixa e perguntou qual era o nome do material, tendo como resposta o 1º Dom de Fröebel. Para trabalhar este material, a educadora tirou da caixa as bolas pela ordem das cores e, conforme ia tirando as bolas, realizou exercícios de noção espaço-temporal, pedindo-lhes para colocarem as bolas à frente, atrás, ao lado da caixa, em cima e em baixo da mesa e, por fim, entre duas crianças.

A educadora tinha noutra caixa outras bolas, mas com um tamanho maior; tirou novamente da caixa, bola a bola, pela ordem de cores e conforme ia tirando as bolas, apelou à memória dos alunos, pois estes tinham de ir buscar a bola pequena da mesma cor da bola grande, e colocar na caixa de madeira. Sempre que tirava outra bola, juntava as que já não estavam na caixa, formando no final uma lagartinha. Quando já estavam todas as bolas recolhidas e a lagarta formada, uma colega minha realizou o jogo do Quim Visual.

Depois da realização do jogo, como as crianças já estavam sentadas há algum tempo e estavam agitadas, a educadora colocou um pouco de música, para elas dançarem, pularem e libertarem energias. No fim da música, voltaram a sentar-se em roda, para comer a bolacha.

Quando já todos comeram a bolacha, levámo-los ao ginásio para irem para a aula de Educação do Movimento. Quando esta terminou, os alunos regressaram à sala, para vestirem os bibes e calçarem os sapatos. Depois de prontos, foram à casa de banho, colocámos os babetes para almoçarem e cumprirem a rotina de todos os dias.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia de estágio, tive a oportunidade de conhecer um novo material, o 1º Dom de Fröebel. Adorei o material em ponto grande, pois é chamativo devido às cores e pelo facto de ser uma lagartinha, as crianças adoram-na e ficam expectantes para a ver inteira. Este material tem como interesse pedagógico o ensino, segundo Caldeira (2009b) da aprendizagem das cores, da estruturação espacial, da lateralização, desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário, jogos de memória, a seriação, o conjunto e a contagem. A sua utilização desenvolve algumas capacidades e destrezas, tais como, distinção de cores, diferenciação de formas, 3 sentidos (tato, visão e audição), a lateralidade, o equilíbrio, a sequenciar, a relacionar, a memória, a orientação espacial e a criatividade.

A educadora nesta aula desenvolveu alguns dos pontos acima referidos.

28 de novembro de 2011 – segunda-feira

Depois de cumprida a rotina de segunda-feira, a educadora pediu-me para dar uma aula surpresa de estimulação à leitura. Como a escola dispõe de fantoches, contei a história do “Capuchinho Vermelho”, dinamizando-a com os mesmos. No decorrer da história cantei, apelei à memória, abordei as cores e os frutos e quando terminei a história, coloquei perguntas sobre a mesma.

De seguida, as crianças foram sentar-se nas cadeiras, e foi dado a cada uma, uma folha com um desenho de uma bola de Natal; a tarefa que tinham de realizar era picotar as linhas que representavam os enfeites da bola.

Após a conclusão do trabalho, os alunos foram levados para o ginásio, para a aula de Educação do Movimento.

Quando esta terminou, e como é habitual, as crianças foram para a sala para vestirem o bibe e calçarem os sapatos; os que não conseguiram terminar o trabalho anterior, foram realizá-lo.

Depois de todos o terem terminado, a educadora colocou música e os alunos estiveram a dançar, entretanto a minha colega e eu realizámos um jogo, sempre que a música estivesse a tocar tínhamos que estar a dançar, quando a música parasse tínhamos que nos transformar em estátuas e quem escolhia a posição éramos nós.

Depois disto realizou-se a rotina habitual do almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula surpresa foi diferente da primeira que dei, pois estou numa sala de crianças mais pequenas e a estratégia tem de ser diferente, contei a história do Capuchinho Vermelho com fantoches. Nesta história, conheço algumas músicas e usei-as, o que fez com que as crianças ficassem mais atentas. O facto de ter usado os fantoches foi muito interessante, foi a primeira vez que usei perante um grupo e gostei imenso da atitude deles, foi muito gratificante vê-los quietos a observar muito atentamente os fantoches, esquecendo que era eu que estava a contar a história, Costa e Baganha (1989, p.59 e 60) dizem, em relação aos fantoches, que para as crianças “aquele que está ali, que embora fale com a minha voz e mexa com os movimentos, é sentido como um Outro que não Eu. Tudo o que diz através de mim, não sou eu que digo, mas sim ele!”.

A dança, segundo Prina e Padovan (1995, p. 9) “ é uma representação de grupo e, como tal, desenvolve neste um sentimento de união e solidariedade, redimensiona as manifestações egocêntricas e encoraja os alunos mais tímidos e introvertidos”, e este só é possível ao som de uma música. Godinho e Brito (2010, p. 94) dizem que o “ carácter expressivo da música é aqui sublimado na relação que estabelece com o próprio corpo humano e, portanto, com os nossos gestos, posturas, movimentos, sentimentos e emoções.”

Quando a educadora fez estes momentos de dança e música com os alunos, eles libertaram energia e excitação e posteriormente, num momento de relaxamento e calma. Segundo a educadora, sempre que os alunos estão excitados e desconcentrados, ela opta por esta técnica para os chamar a atenção para a sua aula.

29 de novembro de 2011 – terça-feira

Hoje, depois da rotina diária da manhã, a minha colega de estágio foi solicitada para dar uma aula surpresa de estimulação à leitura. Esta leu a história “O Cuquedo”.

De seguida falou com as crianças sobre os animais da história e no fim cantou uma canção relacionada com a mesma.

Quando a aula terminou, a educadora levou os alunos para o salão pois, neste dia, a escola recebeu um grupo de artistas circenses, que foram fazer um espetáculo à escola. Quando este terminou, estava perto da hora do almoço, por isso a educadora levou as crianças para o recreio até irem almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A estimulação à leitura é muito importante, pois é desde pequeninos que podemos trabalhar com as crianças, o gosto pela leitura. Segundo OCEPE (ME, 2009, p.70) “é através dos livros, que as crianças descobrem o prazer da leitura e desenvolvem a sensibilidade estética.” Acrescentam ainda que “ as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler.”

Este tipo de espetáculos é sempre entusiasmante para as crianças, pois ficam perplexas com todas as magias e malabarismos realizados pelos artistas; para além destes aspetos, é dado a conhecer às crianças um tipo arte que as enriquece culturalmente.

2 de dezembro de 2011 – sexta-feira

Hoje, as educadoras estavam em *roullement*, e como é costume só está presente uma educadora de cada sala que, neste dia, era a da sala onde estou a estagiar.

Logo de manhã, os alunos estiveram a ensaiar com o professor de música, para a festa de Natal que se aproxima.

Enquanto o professor dava a aula, estivemos (estagiárias e educadora), a cortar bolas de Natal, a mãe e o pai natal, a rena e o duende, para realizarmos as atividades da manhã.

Quando a aula de música terminou, a educadora sentou as crianças nos seus lugares para pintarem as bolas de Natal; enquanto isso, as estagiárias iam-nos chamando para realizarmos os enfeites de Natal (já mencionados em cima), para serem colocados na árvore de Natal da sala.

Depois das atividades realizadas, os alunos foram para o recreio, mas como estava a chover, a educadora levou-os para o salão e foram ver um filme.

À hora de almoço foi realizada a rotina habitual.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças durante o ano letivo têm aulas no domínio das expressões, de acordo com as OCPE (ME, 2009)

O domínio das diferentes formas de expressão implica diversificar as situações e experiências de aprendizagem, de modo a que a criança vá dominando e utilizando o seu corpo e contactando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio na relação com os objectos. (p.57)

Neste relato destacarei o domínio da expressão musical e plástica.

A expressão musical não é dada pela educadora da sala, mas sim por um professor de música. Segundo as OCPE (ME, 2009) esta expressão

assenta num trabalho de exploração de ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspectos que caracterizam os sons: intensidade (fortes e fracos), altura (graves e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros. (p.63)

Afirmam ainda que a expressão musical está relacionada com a educação musical, onde se trabalham, cinco eixos fundamentais: escutar, cantar, dançar, tocar e criar.

A expressão plástica é dada pela educadora da sala, este domínio é muito importante pois, tal como referem as OCEPE (ME, 2009, p.61) “ a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos”.

Com este domínio da expressão as crianças têm novas experiências, pois experimentam vários materiais e técnicas.

5 de dezembro de 2011 – segunda-feira

Como hoje é dia de educação do movimento, vestimos os alunos para a aula que se realiza mais tarde.

Hoje também era um dia especial, pois dei a minha aula programada. Iniciei com o domínio da Matemática, em que fiz um jogo com as crianças, de forma a abordar as cores das bolas do 1º Dom de Fröebel. Tinha um dado com as cores, os alunos lançavam o dado ao ar, e saía uma cor, tinham de tirar do dado a cor que lhes saiu e relacionar com as imagens que estavam no centro da roda. De seguida passei para a área do Conhecimento do Mundo, com o tema dos sentidos, o tato. Para abordar esta temática, em primeiro lugar numa caixa opaca com um buraco, as crianças tinham de retirar de lá objetos, conforme iam tirando, classificávamos quanto à sua textura (liso, rugoso, áspero, macio, duro e mole), de seguida, para consolidar com as texturas aprendidas, realizei um jogo, o loto das texturas, que consistia no loto com várias texturas e, conforme se tirava uma textura do saco, os alunos tinham de marcar essa textura no cartão (figura 6).

Como estava na hora de educação do movimento, os alunos foram para a aula de ginástica. Quando regressaram da aula, dei a aula que me faltava, estimulação à leitura. Conteí uma história sobre as cores, como material de recurso fiz um livro com textura e, desta forma, fiz uma revisão das duas aulas que já tinha dado.

Por fim foram almoçar para irem fazer a sesta.

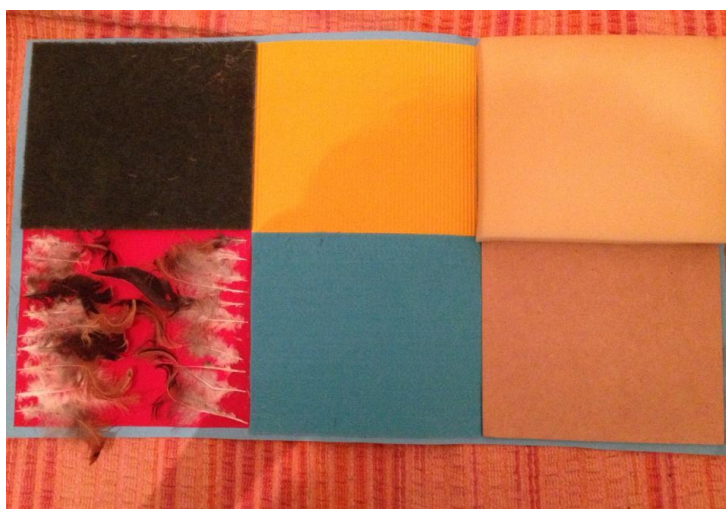


Figura 6- Jogo do loto

Inferências e fundamentação teórica

Neste relato vou destacar a aula de Conhecimento do Mundo, os cinco sentidos. Gostei muito de explorar este tema pois é fundamental para o ser humano, pois precisamos da visão, do olfato, do paladar, da audição e do tato, sendo estes responsáveis pelas diferentes sensações que temos, e as crianças nesta idade estão

a descobri-los gradualmente. Os autores Hohmann, Banet e Weikart (1979) defendem que

as crianças em idade pré-escolar estão a começar a representar as suas experiências – o que pensam e sentem sobre as pessoas, objectos, acontecimentos e posição social - de modos muito diversos. Um dos modos pelos quais as crianças começam a representar é o reconhecimento de que o som, o cheiro, o gosto ou o tactear de um objecto podem «representar» o objecto quando não está presente ou visível, ou quando está apenas parcialmente visível. (p. 220)

Por estes motivos acima referidos, são trabalhados nas crianças os 5 sentidos na escola, para que possamos desenvolvê-los mais e da melhor forma, explorando vários materiais e estimulando a novas sensações agradáveis ou desagradáveis.

6 de dezembro de 2011 – terça-feira

Hoje, uma das colegas deu a sua manhã de aulas, iniciando com o Domínio da Matemática. Tinha um comboio com 4 carruagens, cada uma representava uma das seguintes figuras geométricas: círculo, quadrado, retângulo e triângulo. Além do comboio tinha objetos em que a sua face representava uma destas figuras, os alunos tinham que identificá-las e colocá-las na carruagem correta.

De seguida pediu às crianças para irem para o tapete, uma vez que estas se encontravam sentadas nas cadeiras, e iniciou a sua aula de Estimulação à Leitura; a história que contou abordava as figuras geométricas, realizando assim as personagens da mesma.

Por fim, a aula de Conhecimento do Mundo. Em cima das mesas estavam várias imagens de diversos animais, e como o tema era um dos sentidos, mais especificamente a audição, a colega colocava um som e os alunos tinham de identificar qual era o animal que estavam a ouvir e levantar a imagem que correspondia a este.

Como ainda sobrou tempo antes do almoço, a educadora aproveitou para realizar grelhas de avaliação das figuras geométricas, e fizeram um ensaio da festa de Natal, antes da hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos temas abordados nesta faixa etária são as figuras geométricas, que foi o tema da aula de Domínio da Matemática; em todo o nosso quotidiano e à nossa volta estamos perante objetos que têm presentes as figuras geométricas. De acordo

com o National Council of Teachers Of Mathematics (citado por Mendes e Delgado, 2008)

o ensino e a aprendizagem da Geometria, ao longo dos anos de escolaridade, deve permitir: I. “analisar características e propriedades de formas geométricas bidimensionais e tridimensionais e desenvolver argumentos matemáticos acerca de relações geométricas; II. especificar localizações e descrever relações espaciais recorrendo à geometria de coordenadas e a outros sistemas de representação; III. aplicar transformações e usar simetrias para analisar situações problemáticas; IV. usar a visualização, o raciocínio espacial e a modelação geométrica para resolver problemas. (p.10)

Para que isto seja possível, as educadoras devem começar a trabalhar com as crianças as formas geométricas gradualmente.

9 de dezembro de 2011 – sexta-feira

Hoje, houve novamente *roullement*, e desta vez quem esteve presente foi a educadora do outro grupo do bibe amarelo.

Depois da rotina habitual da manhã, o professor de Cerâmica veio buscar as crianças para dar aula, como havia poucas crianças, o professor levou-as a todas e uma estagiária acompanhou-o. As restantes estiveram a cortar material, que as educadoras iriam precisar.

Quando regressaram à sala, uma das estagiárias foi com o grupo para o tapete e esteve a cantar, a contar histórias, enquanto isso, duas das estagiárias estiveram a fazer com eles umas árvores e a colar massinhas, e as restantes continuaram a cortar material.

De seguida, foi dado às crianças uma bolacha, vestiram os casacos e foram brincar para o recreio até à hora do almoço.

Inferências

Ao longo dos momentos de estágio são muitas as vezes que as educadoras nos pedirem auxílio para a realização de materiais. E é com muito gosto que as ajudava, pois sei que não lhes resta muito tempo para a preparação do mesmo.

Neste momento de estágio onde nos foi solicitada mais ajuda foi para a preparação dos acessórios para a festa de natal.

Acho que é profissionalmente enriquecedor porque ao elaborarmos material estamos a praticar e a ter ideias para no futuro utilizarmos com a nossa turma.

12 de dezembro de 2011 – segunda-feira

Logo pela manhã, depois da rotina já estabelecida, foi realizado o ensaio da festa de Natal.

Quando este terminou, a minha colega de estágio iniciou a sua manhã de aulas programadas com o domínio do Conhecimento do Mundo, e abordou a família; para tal, utilizou dois painéis de esferovite, onde foi aplicada, passo a passo, a família, utilizou 6 círculos em cartolina, sendo 3 rosas e 3 castanhos. Aos poucos e poucos foi acrescentando os olhos, o nariz, a boca, o cabelo e acessórios.

Depois, passou para o domínio de Matemática, em que abordou as orientações espaciais, para trabalhar este tema, pediu a uma criança para ir para o centro da roda e, através de uma música, foi colocando imagens coladas no corpo da criança, por exemplo, a mosca foi colada no peito e representava a frente, a joaninha nas costas e representava atrás e assim sucessivamente.

Por fim deu a aula de Estimulação à Leitura, utilizando uma placa de esferovite, que representava o mar, uma árvore de arame e vários peixes de diversas cores. Mas como não estava a conseguir manter a disciplina, desistiu de contar a sua história. A educadora pôs ordem na turma e solicitou à colega a leitura de uma história de um livro.

Quando terminou a história os alunos foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Uma das temáticas que se aborda com as crianças é a família. Reis (2008, p.37) é da opinião que devemos de “começar a Educação Familiar desde da infância, já que a criança irá chegar à fase adulta e formará, por sua vez, uma nova família”.

A mesma autora (p.43) afirma que “ não existe nenhum povo, por diferente que seja a sua civilização e cultura, sem Família. Desta forma, a Família é considerada a instituição social básica a partir da qual todas as outras se desenvolvem, a mais antiga e com um carácter universal, pois aparece em todas as sociedades, embora as formas de vida familiar variem de sociedade para sociedade”.

Tofler (citado por Abrantes, 2001, p. 29) refere que “há uma ideia do modelo tradicional de família segundo um modelo padrão socialmente aceite na base do casamento, constituído por pai – o ganha pão e a mãe, dona de casa, um certo número de filhos que vivem sob o mesmo tecto – a família nuclear”.

Ao dar a aula a colega teve o cuidado de mostrar exatamente isso às crianças: existe um pai, uma mãe e os seus filhos, não abordou o facto da função de cada elemento na família, pois hoje em dia existem vários tipos de famílias.

13 de dezembro de 2011 – terça-feira

Logo pela manhã, foi realizado o ensaio para a festa de Natal. No fim deste, as educadoras levaram as crianças para a sala e realizaram a avaliação da rasgagem e colagem. Foi dado às crianças uma folha de jornal para rasgarem e colarem dentro de um círculo.

Às crianças que terminavam era-lhes dada uma folha com a figura de um círculo, os alunos picotavam-no e colavam-no numa folha branca.

No fim dos trabalhos foi-lhes dada uma bolacha e foram para o recreio até á hora do almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo do momento de estágio observámos algumas vezes este tipo de atividade solicitada pela educadora, rasgar um papel; neste caso era colado dentro do círculo, que também trabalhava a noção espacial dentro, a picotagem e outras atividades que impliquem o desenvolvimento da motricidade fina.

Barreto (s.d, p.61) refere que “convém que sejam as próprias crianças a executarem as actividades de rasgagem, recorte e colagem, sob a orientação do(a) educador(a). São de extrema importância os movimentos motores que a criança executa ao realizar estas actividades”. O mesmo autor refere ainda que os objetivos destas atividades são desenvolver a criatividade e a destreza de movimentos, adquirir noções espaciais e utilizar diferentes formas de composição dos materiais.

Foi bastante interessante ver a diversidade de dificuldades nas crianças, pois para nós estes gestos são simples. No entanto, houve algumas que não conseguiram ainda cumprir de todo o que lhes foi pedido.

16 de dezembro de 2011 – sexta-feira

Hoje, a manhã foi iniciada com a leitura de uma história. De seguida as crianças foram para os seus lugares e foi-lhes dado pedaços de folhas de alumínio,

para realizarem bolinhas; estas tinham, como finalidade, serem coladas numa árvore de Natal de cartolina, conseqüentemente esta foi colada nos envelopes onde são colocadas as avaliações dos alunos do período.

Quando todos os alunos tinham enfeitado o seu envelope, a educadora deu uma bolacha a cada um e levou-os para o recreio até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A atividade proposta hoje pela educadora, realizar bolinhas, à semelhança das atividades presentes no relato anterior, implicam que a criança tenha movimentos minuciosos, o que não é fácil nesta faixa etária, por isso é que se treina a motricidade fina. Segundo Papalia, Olds e Feldman (2001, p.287) “as competências motoras finas, tal como apertar os cordões dos sapatos, cortar com uma tesoura, desenhar e pintar, envolvem coordenação óculo-manual e de pequenos músculos. Os ganhos nestas competências permitem à criança assumir maior responsabilidade pela sua própria pessoa”.

Após a realização das bolinhas, as crianças teriam de colá-las numa árvore de Natal para enfeitar o envelope da avaliação como já foi referido. Segundo Godinho e Brito (2010, p.78) “as crianças podem fazer todo o tipo de composições com todo o tipo de colagens”, referem ainda que “para além da motricidade fina e destreza manual, esta actividade contribuirá para o desenvolvimento de noções de composição, textura e harmonia.”; cada criança enfeitou a sua árvore de maneira diferente.

13 de fevereiro de 2012 – segunda-feira

Em virtude de ter faltado vim estagiar, pois estou a realizar uma compensação.

Depois das rotinas habituais, fiz um jogo da tartaruga, que consiste numa criança ser a tartaruga e ficar no chão deitada encolhida e, depois da canção, um dos colegas faz com que esta rebole.

Quando já estavam quase todas as crianças, a educadora sentou-as no tapete e conversaram sobre as máscaras de Carnaval, perguntando com cada um se ia mascarar.

Por volta das 10 horas os alunos foram levados para o ginásio para assistir a um concerto dos “Corvos”; quando terminou, a educadora levou as crianças para o recreio até à hora do almoço.

Antes do almoço, foram colocados os babetes às crianças e foram à casa de banho; depois do almoço os alunos fizeram a sesta.

Inferências e fundamentação teórica

As educadoras, com alguma frequência, têm vários diálogos com os alunos sobre vários temas, férias, o fim de semana, carnaval, entre outros. Este hábito é importante para as crianças, pois estabelecem uma melhor relação com a educadora e é o momento em que as crianças mais partilham as suas vivências. De acordo com as OCEPE (ME,2009)

a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. p.66

O concerto que assistimos foi muito interessante e foram tocadas várias músicas infantis, com instrumentos de cordas. Os músicos interagiram várias vezes com as crianças, solicitando que cantassem alguns refrões com gestos.

14 de fevereiro de 2012 – terça-feira

Este foi o último dia no bibe amarelo, mais uma vez estava a realizar uma compensação.

Como faz parte da rotina depois da roda realizada no salão, as crianças foram levadas à casa de banho.

Hoje é um dia festivo, é o dia dos namorados, como tal a educadora sentou as crianças nos lugares à volta das mesas para realizarem um cartão, que ia ser dado aos seus pais, visto terem 3 anos.

Ao mesmo tempo que iam realizando os cartões, a minha colega e eu, que também estava a realizar compensação, estivemos a fazer as capas da área de projeto, os pés das crianças eram o tronco da árvore e as mãos a copa.

Quando terminaram ambos os trabalhos, a educadora deixou-as ir brincar. À hora normal foram almoçar e fazer a rotina habitual.

Inferências e fundamentação teórica

No jardim-escola existe o hábito de celebrar e dar a conhecer às crianças os dias festivos e importantes do calendário, por exemplo o dia dos namorados, o dia da árvore, o dia do pai, da mãe, o carnaval entre outros.

De acordo com Aguera (2008, p.73) “as festas e as celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças”. Nestes dias as educadoras realizam sempre um trabalho que tenha a ver com o tema, caso seja um presente para entregar, esta atividade é realizada uns dias antes, para estar pronta para o dia em concreto.

Gostei muito de estar novamente com as crianças do bibe amarelo e constatar o quanto elas se desenvolveram de dezembro até agora.

3.ª Secção – Grupo dos 4 anos

A 3.ª Secção corresponde à sala dos 4 anos, conhecida como bibe encarnado. Estagiei nesta sala do dia 2 de janeiro a 10 de fevereiro de 2012.

3.1. Caracterização do grupo

A turma do bibe encarnado é composta por 28 crianças, 17 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Todas estas crianças completarão 4 anos de idade até 31 de dezembro.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

3.2. Caracterização do espaço

A sala do bibe encarnado é no salão, juntamente com o outro grupo, mas em lados opostos. O salão é bastante amplo e é a passagem para as outras salas do pré-escolar e do 1º ano, cozinha e casas de banho. Tem muita iluminação solar, pois tem várias janelas.

A sala é composta por 4 mesas, cada uma com 8 lugares, existem placards para exposição dos trabalhos, um armário para arrumar o material, numa das paredes estão os cabides, cada um deles identificado pelo nome, para colocarem as suas coisas, têm o cantinho da leitura e a mesa da educadora. Existe também um quadro móvel de ardósia de um lado e magnético do outro.

Comum a todo o resto do J.E. existe no salão um armário com os materiais manipulativos e uma vitrina com fantoches. Um outro armário, onde a educadora deste bibe guarda as capas dos seus alunos, onde são colocados também instrumentos musicais e outros materiais manipulativos; encontra-se também neste armário uma televisão. Por fim, neste espaço existe o cantinho da brincadeira, com uma cozinha de brincar e vários acessórios, uma cama de bonecas e outros brinquedos.

Na figura 7 apresento várias perspetivas do espaço.



Figura 7 - Sala do bibe encarnado - 4 anos

3.3. Horário do grupo

Conforme se pode ver no quadro 4 as crianças do bibe encarnado realizam várias atividades ao longo da semana.

No entanto, nunca é demais referir que este horário pode ser alterado sempre que a educadora ou a diretora o entender.

Quadro 4 – Horário do bibe encarnado – 4 anos

Horas	2.ªfeira	3.ªfeira	4.ªfeira	5.ªfeira	6.ªfeira
9:00-9:30	Canções de Roda/ Acolhimento				
9:30-10:00	Iniciação à matemática (Dons de Fröebel)	Iniciação à matemática (contagem/ material alternativo)	Iniciação à matemática (Geoplano/ Tangram/ Calculadores Multibásicos)	Iniciação à matemática (Cuisenaire)	Iniciação à matemática (blocos lógicos/ Diagramas/ Conjuntos/ Sequências)
10:00-10:30	Descobrir o que se sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de grupo
10:30-11:00	Recreio	Ed. do Movimento	Recreio	Partilha de Saberes	Recreio
11:00-11:30	Conhecimento do mundo	Recreio	Conhecimento do Mundo	Ed. do Movimento	Conhecimento do Mundo
11:30-12:00	Jogos de roda / Preparação para o almoço				
12:00-12:30	Almoço				
12:30-14:30	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14:30-15:00	Expressão Dramática	Estimulação à leitura	Expressão Plástica (pinturas/digitinta/ carimbos)	Atividades gráficas (ditados/desenho de série)	Descobertas dos pequenos cientistas
15:00-15:30	Área de Projeto	Expressão Plástica (desenho livre/ilustrações)	Jogos de mesa e plasticina/ modelagem		Estimulação à leitura
15:30-16:00	Dobragens/ entrelaçamentos /enfiaamentos/ harmónios	Atividades nos Cantinhos/Jogos de tapete	Música	Jogos tradicionais	Expressão Corporal
16:00-16:25	Lengalengas/destrava-línguas e adivinhas	Expressão Dramática/ Biblioteca	Picotagem/ contorno/ rasgagem/recorte/ colagem	Rimas/Poesia	Reflexão Semanal
16:25-16:45	Lanche				
16:45-17:00	Despedidas				

3.4. Rotinas

Acolhimento

À semelhança dos bibes já referidos, o bibe encarnado é acolhido no salão juntamente com os outros grupos. Após o acolhimento, é feita a roda onde os alunos

dão os bons-dias cantando várias músicas; esta rotina prolonga-se perto de 30 minutos. Segundo João de Deus Ramos citado por Saraiva (2003) as canções têm de ser alegres e movimentadas, o objetivo destas práticas é incentivar a ordem e a atenção, não desprezando o desenvolvimento verbal e a memorização, assim como permite uma boa educação auditiva.

Casa de banho

As crianças vão à casa de banho antes de iniciarem as atividades da manhã, antes ou depois do recreio e antes e depois do almoço.

Recreio

O recreio é a meio da manhã juntamente com o bibe amarelo (3 anos) e azul (4 anos), e é nesta altura que os alunos comem a bolacha ou a fruta do meio da manhã; neste momento, como já foi referido, as crianças são livres de brincarem à sua vontade.

Almoço

O almoço é por volta do meio-dia, no refeitório com os restantes grupos do pré-escolar. As refeições são iguais para todos os grupos, e nesta são servidas a sopa, o conteúdo, sobremesa e água.

3.5. Relatos Diários

6 de janeiro de 2012 – sexta-feira

Às 9h da manhã, as crianças fizeram a roda no salão para cantarem as canções com as educadoras e as estagiárias, de seguida foram à casa de banho e depois foram para a sala trabalharem nas mesas.

A educadora, juntamente com os alunos e ordenadamente, foi ao armário e cada aluno retirou uma caixa do 3.º Dom de Froebel e foram para os seus lugares. Quando estavam todos sentados, a educadora deu início à sua aula. Começou por relembrar o nome das linhas e, para os ajudar, fez o senhor despenteado (figura 8), falou das linhas horizontal, vertical e diagonais. Depois disse às crianças para abrirem

a caixa, realizaram as construções: colunas com base, cruzeiro e 2 cruzeiros. Ao longo da aula, contou-lhes uma história e trabalhou a subtração, em que utilizou estrelas do mar, conchas, búzios, realizando este tipo de exercícios a seguir referidos, «estavam 10 uma tapou os olhos e as outras esconderam-se, quantas se esconderam?»; e trabalhou a adição, fazendo perguntas deste género “dei 5 mergulhos e depois dei outro muito grande, quantos mergulhos dei?”».

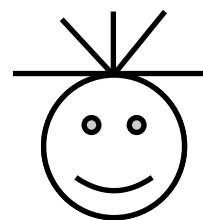


Figura 8 - Sr. Despenteadado

Quando finalizou a sua história, pediu às crianças para arrumarem o material. Mostrou várias conchas, estrelas-do-mar e búzios, em que as crianças estiveram a ouvir o som que o búzio produz. De seguida foram para o recreio. Como hoje é dia de Cerâmica, o recreio foi mais longo, pois enquanto metade do grupo estava na Cerâmica a outra metade estava no recreio e passado meia hora os grupos trocaram de espaço.

Perto das 11h 30m as crianças foram levadas para a sala e a educadora chamou-as, uma a uma, para colocarem a coroa, realizada por eles, do Dia dos Reis.

Quando todos já tinham o chapéu/coróa, as crianças foram à casa de banho para irem almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da estratégia da educadora ao ensinar as linhas horizontal, vertical e diagonal, é uma maneira simples e divertida que as crianças facilmente percebem e não esquecem.

Na aula de domínio da Matemática, a educadora utilizou o material manipulativo 3.º Dom de Froebel, a utilização deste material requer algumas regras como a postura da criança, o abrir, arrumar e fechar a caixa.

De acordo com Caldeira (2009b), ao trabalhar com este material a criança deve de estar com as costas direitas, deve usar as duas mãos em simultâneo, os dedos indicador e polegar em forma de pinça para uma melhor colocação da peça na construção, uma regra importante para o treino da correta utilização da caneta/lápis; as construções devem ser realizadas sempre da esquerda para a direita, tal como acontece na leitura e escrita e, por fim, nenhuma construção se destrói, o lema é “nada se destrói tudo se constrói”.

Em relação às regras do uso das caixas, na abertura devem de entreabrir um pouco a tampa, de seguida viram a caixa por último retira-se o resto da tampa e a caixa. Durante o uso do material as crianças devem de colocar a tampa na diagonal

dentro da caixa e esta será colocada onde a educadora indicar, em cima do tampo da mesa, por exemplo, no canto superior direito da mesa. Quando a aula terminar, as crianças deve de colocar 4 cubos na tampa, e os restantes por cima, enfia-se a caixa de cima para baixo, vira-se e fecha-se com a tampa.

No desenvolvimento da aula, a educadora ia contando uma história e as construções iam surgindo. Caldeira (2009b) afirma que

as construções podem ser exploradas através de uma história ou de uma situação problemática isolada. No entanto, é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

Adorei particularmente o uso das conchas, búzios e estrelas-do-mar para ajudar os alunos a chegar ao cálculo no concreto, e da interligação na história que falava da Sereia que estava no mar. Assim como a exploração que realizou após a aula de Matemática com estes elementos do mar.

9 de janeiro de 2012 – segunda-feira

Depois da rotina habitual de manhã, a educadora sentou as crianças nos respetivos lugares à volta das mesas.

Neste dia receberam a visita de uma estagiária, a pedido da educadora, para dar uma aula com o material Cuisenaire. Esta deu a adição até 5, utilizando 2 peças e com um jogo em que as crianças descobriam na sala, com as pistas dadas pela estagiária, lápis e através destes realizam as adições.

Depois da aula da estagiária, a educadora fez a distribuição dos chefes da semana.

De seguida foram à casa de banho para irem para o recreio.

Quando regressaram do recreio, sentaram-se em roda para falarem do fim de semana. Ao meio-dia foram à casa de banho e depois para o refeitório almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

No J.E. é habitual que as educadoras tenham chefes de sala de aula, que alteram, por norma, de semana para semana. As funções dadas são: chefes das bolachas; da casa de banho; da sala; do material; da limpeza; e outros que achem pertinentes.

As crianças escolhidas tem de se responsabilizar para que tudo esteja em ordem, como por exemplo, o chefe das bolachas é responsável por distribuir pelas colegas, naquela semana, o número de bolachas decidido pela educadora, o chefe da limpeza tem a função de verificar se a sala se encontra limpa, caso não esteja, o grupo ou a criança que sujou terá de limpar o que está sujo.

Segundo as OCEPE (ME, 2009), a educadora na sala de aula terá de estabelecer normas/regras, como por exemplo esperar pela sua vez, e estas terão de ser bem explicitadas e compreendidas pelas crianças. E afirma ainda que “estas normas e outras regras são indispensáveis à vida em comum adquirem maior força e sentido se todo o grupo participar na sua elaboração, bem como na distribuição de tarefas necessárias à vida colectiva.” (p.36)

As tarefas também dão à criança alguma autoestima, assim como uma maior resiliência.

10 de janeiro de 2012 – terça-feira

Hoje a educadora iniciou a aula com o material 4.º Dom de Fröebel, foi a primeira vez que os alunos contactaram com este material. Realizou a construção do banco, seguidamente das cadeiras. Realizou exercícios de memória, como por exemplo, ao longo da história referiu que comeu uma sandes que levou os seguintes ingredientes manteiga, fiambre, queijo, presunto, doce, salchichas, os alunos ajudaram a dizer os ingredientes, quando voltou a repetir os ingredientes pediu a um aluno para a ajudar. Trabalhou também exercícios de cálculo mental, usando a adição, “dei 3 dentadas e depois 5. Quantas dentadas dei?”.

Quando terminou a aula, pediu às crianças para arrumarem o material, assim que estava tudo arrumado foram para o recreio.

Por fim, antes de irem à casa de banho e almoçar, a educadora levou as crianças para o coreto, onde abordou o tema dos seres vivos e seres não vivos, recorrendo ao recreio e às coisas que se encontravam neste. Inicialmente deu a definição de cada conceito, depois pediu exemplos que conseguissem ver no recreio (exemplo: pomba, é um ser vivo. A porta é um ser não vivo.).

Inferências e fundamentação teórica

A aula de domínio da Matemática foi realizada com um novo material manipulativo para as crianças, o 4.º Dom de Fröebel. Para Caldeira (2009b) os objetivos e o interesse pedagógico deste material é o

i. desenvolvimento do vocabulário e linguagem; ii. desenvolvimento da criatividade; iii. Lateralização; iv. Motricidade fina; v. desenvolvimento corporal; vi. noção de equilíbrio; vii. noção de ordem; viii. aquisição de hábitos; ix. iniciação de noções básicas para o desenvolvimento da matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas. (p.267)

A educadora, ao realizar a aula desenvolveu alguns destes pontos.

Achei a aula de Conhecimento do Mundo bastante interessante, pois usando apenas o espaço físico do exterior da escola, a educadora conseguiu transmitir o tema abordado de uma forma eficaz, simples e clara.

13 de janeiro de 2012 – sexta-feira

Como todos os outros dias, o dia de estágio iniciou-se às 9h mantendo as rotinas habituais da sala.

A educadora começou a sua manhã de aulas, com o material manipulativo estruturado, o Geoplano e com este material trabalhou com os alunos as linhas verticais, horizontais, as 4 figuras geométricas: quadrado, retângulo, triângulo e círculo. As crianças não conseguiram realizar o último exercício; a educadora explicou-lhes que não conseguiam fazer esta figura geométrica porque esta não contém linhas retas.

Depois de trabalhar estes conteúdos, trabalhou as sequências, um dos padrões que utilizou foi 5 espaços + 3 espaços. Quando terminou a aula, deixou as crianças brincarem com o material. Estes fizeram desenhos diversos. De seguida arrumaram o material e foram para o recreio.

Antes de irem almoçar, a educadora sentou as crianças em roda e leu uma história “As orelhas de borboleta”; depois de a contar conversou com os alunos sobre o tema da história, que aborda uma menina que é gozada pelos seus colegas.

Inferências e fundamentação teórica

A aula do material manipulativo estruturado Geoplano foi muito interessante pois a educadora levou as crianças à descoberta e à experimentação. Ao realizarem o exercício de representar figuras geométricas, as crianças depararam-se com o problema de realizar um círculo e tentaram de todas as maneiras, até a educadora dar a sua explicação. De acordo com Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p. 87) “este material oferece um apoio na representação mental de figuras geométricas permitindo “fazer” e “desfazer”, com facilidade, figuras e observá-las em várias posições.”.

A educadora escolheu a história para mostrar ao grupo que não devem gozar uns com os outros. Pois havia alguns casos de gozo com os colegas e esta foi uma estratégia encontrada para abordar o assunto e mostrar que não se deve gozar com ninguém.

De acordo com as OCEPE (ME, 2009, p.56) no pré-escolar “as crianças ainda se servem muitas vezes do imaginário para superar lacunas de compreensão do real” por isso é importante que as educadoras proporcionem “situações de distinção entre o real e o imaginário” e forneçam “suportes que permitam desenvolver a imaginação criadora como procura e descoberta de soluções e exploração de diferentes “mundos”.”.

A educadora, ao contar a história, partiu do imaginário para o real, expondo o problema da menina perante o grupo e colocando-os no lugar da personagem, de forma a que expressassem como se sentiam.

16 de janeiro de 2012 – segunda-feira

Hoje foi dia das professoras da Equipa de Supervisão assistirem às aulas das estagiárias. Fui assistir à aula de uma colega no bibe amarelo, em que o tema foi a higiene.

Iniciou-a com a leitura de uma história que abordava o tema escolhido, de seguida com frascos de champô e gel de duche realizou situações adaptadas à idade. Por fim, com uma maquete de uma casa de banho e com dois bonecos, chamou os alunos para realizarem o procedimento de higiene que devemos de ter.

Depois de assistir à aula da colega fomos para a reunião de avaliação e análise das aulas assistidas.

Inferências e fundamentação teórica

A aula da colega foi muito bem conseguida e gostei imenso da postura e desempenho.

O tema escolhido foi muito pertinente, pois abrange a educação para a saúde; segundo Trefor Williams (citado por Andrade, 1995, p.8) a “educação para a saúde na escola inclui «experiências planeadas, tanto formal como informalmente, que contribuem para o desenvolvimento de conhecimentos, atitudes e valores, que ajudam o indivíduo a fazer opções e a tomar decisões adequadas à sua saúde e bem-estar».”

A higiene é um tema que está inserido nesta área, é importante que as crianças conheçam os hábitos, para poderem colocar em prática, pois a higiene previne vários problemas de saúde, como doenças infecciosas. Para além disso, no meu ponto de vista, o bem-estar de saúde é muito importante para a sobrevivência do ser humano.

17 de janeiro de 2012 – terça-feira

A seguir à habitual rotina da turma, a educadora espalhou por cada mesa as peças do material Cuisenaire. Hoje era dia de descobrir uma nova peça, a verde escura.

Iniciou esta aula com a realização de uma flor, em que as crianças nos seus lugares reproduziram. Com esta flor a educadora trabalhou os seguintes conteúdos - adição, subtração e os pares. A flor era constituída por pétalas encarnadas, o caule verde-escuro, a folha verde clara e olho branco. Na flor estava uma peça que ainda não conheciam, e foi a partir da flor que ficaram a conhecer que correspondia a 6 unidades deste material.

Quando a aula terminou, ajudámos a educadora a arrumar o material, pois este tem de ser contado peça a peça, não podendo ser as crianças a realizar esta tarefa; enquanto isto as crianças comeram a bolacha e foram para a aula de educação do movimento.

Perto das 11h 15m a educadora sentou os alunos em meia-lua, para abordar o tema dos sentimentos, recorrendo a um jogo que tinha 4 caixas. Cada caixa representa um sentimento (triste, zangado, contente e assustado), nestas caixas os alunos tinham de colocar uns cartões. Estes cartões têm várias situações descritas através de uma história, as crianças colocaram na caixa correta o sentimento que tinha sido lido.

Antes de irem almoçar, realizaram um último jogo, a educadora lia um dos cartões, e à frente desta estavam umas máscaras que representavam sentimentos; ao ouvirem a história, a criança escolhia a máscara correspondente e colocava; o resto do grupo dizia se estava ou não correto, tal como na colocação dos cartões nas caixas.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso do jogo dos sentimentos que a educadora realizou com as crianças. Existem muitas crianças que têm dificuldade em expressar o que sentem ou explicarem o que sentiram perante uma situação. O jogo realizado abordava vários sentimentos e tinha vários cartões com imagens que mostravam perfeitamente a emoção/sentimento pretendido.

Segundo Guerra (2006)

reconhecer as próprias emoções, senti-las, ser capaz de ir até às suas raízes, é uma forma de viver e de nos sentirmos vivos. Há quem não seja capaz de sentir o seu medo, a sua dor, a sua raiva. Há quem não seja capaz de sentir amor e prazer. (p.43)

Por estes mesmos motivos acho que é muito pertinente a abordagem deste tema com as crianças, para desenvolverem as suas emoções e sentimentos.

20 de janeiro de 2012 – sexta-feira

Hoje era um dia diferente, pois a minha colega, deu a aula programada. A seguir às rotinas habituais, sentou os alunos nos lugares onde já estava distribuída por cada um, uma caixa do material 4.º Dom de Fröebel. Realizou a construção do banco e da escada e alguns exercícios de cálculo mental. Não abordou mais conteúdos, pois demorou muito tempo na realização das construções.

Antes do recreio sentou as crianças nos discos em meia-lua e, através de uma apresentação em *Powerpoint*, mostrou as principais características, assim como uma grande variedade de aves.

Por fim, leu a história “o pinto careca”; depois de a ter lido dividiu as crianças em grupos para desenharem uma parte da história, no fim realizaram um livro com os desenhos do grupo.

Como é habitual, perto das 12h, foram à casa de banho e almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula quero salientar a atividade realizada após a leitura do livro. Foi muito interessante ver a representação das imagens da história realizadas por eles. Segundo Rodrigues (2002, p.14) as “escolas deve permitir que a criança se exprima livremente, de forma a exteriorizar os seus sentimentos, ideias e emoções”.

Nesta fase etária o desenho das crianças é designado por “girino” ou “cabeçudo”, Rodrigues (2002) afirma que nesta idade a criança

ainda não distingue a cabeça do tronco. Muitas crianças, já o conseguem fazer neste grupo pois tal como refere o mesmo autor a evolução gráfica na criança surgem com o conhecimento de “outras formas diferenciadas, como triângulos, quadrados e rectângulos, é que o círculo passa a passar a rotundidade. (p. 27)

Papaila, Olds e Feldman (2001, p.290) referem que “os primeiros desenhos deste estágio sugerem objectos reais ou pessoas; os desenhos posteriores são melhor definidos.”

Os desenhos realizados pelas crianças foram muito bem conseguidos.

23 de janeiro de 2012 – segunda-feira

Hoje dei a minha primeira aula no bibe encarnado.

Iniciei-a aproximadamente às 9h 30m e a primeira área que abordei foi a de Conhecimento do Mundo. As crianças tinham em cima da mesa um puzzle que tiveram de realizar e, a partir daí, descobriram o tema; fiz uma apresentação em *Powerpoint* sobre os pinguins e as suas principais características.

Seguidamente passei para o Domínio da Matemática. Usei como material de apoio os Blocos Lógicos e com estes tinham de realizar sequências; como o tema principal era o pinguim, fiz um mapa em que as crianças tinham de ajudar o pinguim bebé a chegar a mãe, este tinha de ultrapassar alguns obstáculos (sendo estes as sequências de Blocos Lógicos).

Depois do recreio, li uma história aos alunos “Quando a mamã grita”, usei um livro gigante como recurso, que tinha um pinguim de tecido dividido (cabeça, corpo, pernas, braços e cauda) como o livro conta; no fim as crianças ajudaram-me a montar o pinguim e cada um realizou o seu pinguim (figura 9).

Por fim, foram à casa de banho e almoçar.



Figura 9 - Pinguim

Inferências e fundamentação teórica

Na aula que realizei no Domínio da Matemática utilizei dois tipos de materiais, os manipulativos estruturados que, neste caso, foram os Blocos Lógicos e os materiais alternativos com a imagem dos pinguins.

Existem vários tipos de materiais alternativos que as educadoras podem utilizar para a realização das suas aulas, tais como, palhinhas, caricas ou até mesmo pedrinhas, conchas, tal como a educadora realizou anteriormente. De acordo com Caldeira (2009b, p. 317) “na posse destes materiais, é possível fazer um trabalho criativo e ao mesmo tempo educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça.”.

Esta aula que dei não foi bem concretizada, pois demorei muito tempo e não marquei um padrão nas várias sequências, o que levou à confusão das crianças.

24 de janeiro de 2012 – terça-feira

A manhã iniciou-se com as rotinas habituais das crianças. Posteriormente a estas, a educadora pediu-me para dar uma aula surpresa utilizando o material Geoplano como material de apoio. Realizei o percurso de uma minhoca até à árvore e recorrendo a interdisciplinaridade partindo da árvore e do fruto, que era a maçã, perguntei como se chamavam vários tipos de árvores dando o nome do fruto ou dando o nome da árvore, querendo saber o nome do fruto, realizei cálculo mental. Os que

não estavam a ser fáceis, concretizei-os através de desenho, trabalhei a sequência, a noção de pares.

Depois do recreio, a educadora sentou os alunos em roda, acendeu a vela e contou a história de “O ponto”. Quando terminou a leitura e a conversa sobre a mesma, levou os alunos para o coreto e distribuiu, a cada um, uma folha com um ponto. A partir deste ponto as crianças tinham de realizar um desenho. No fim cada um mostrou o seu desenho e explicou-o. Assim que terminou, as crianças foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora, sempre que conta uma história, proporciona um ambiente tranquilo e harmonioso para que as crianças se sintam confortáveis ao ouvirem a história, tais como acender uma vela ou então atira bolinhas de sabão. Estas estratégias apelavam também à imaginação das crianças, pois a educadora tinha como finalidade levar as crianças a um mundo imaginário, o mundo das histórias.

Gostei muito de ouvir a educadora a contar a história, pois usa muitas inflexões de voz, e expressão facial que prende as crianças à história, de acordo com Gomes (1996) a hora do conto tem como objetivo

i. alimentar a necessidade infantil de ouvir histórias, criando assim condições para que ela venha a satisfazer-se, também, com a leitura futura de contos e romances juvenis; ii. Estimular, nas crianças que ainda não sabem ler, o desejo de dominar mecanismos da leitura, de se tornarem, elas também, capazes de decifrar esse código misterioso que se espraia pelas páginas dos livros. (p.37)

Gostei muito da atividade que a educadora realizou a seguir à hora do conto. À semelhança da história, as crianças teriam de realizar um desenho a partir de um ponto. Ao realizar esta atividade a educadora estava a trabalhar, entre muitas outras coisas, a criatividade nos alunos. De acordo com Figueiredo (2004)

a criatividade envolve algumas características e habilidades como: i. sensibilidade para perceber a existência do problema e as suas implicações; ii. capacidade para elaborar com fluência muitas e variadas soluções; iii. originalidade, que, além de ideias próprias, pode significar também a adopção de outras já conhecidas; iv. flexibilidade para perceber a adequação de determinadas ideias, as suas possibilidades de aproveitamento ou a necessidade de as abandonar; v. autonomia para tentar pôr em prática as suas hipóteses, sem receio; vi. pensamento crítico, que permite a análise de situações, ambientes e ideias. É claro que o pré-escolar não possui ainda todas estas características, mas é indispensável que a educação que lhe é oferecida esteja basicamente preocupada em desenvolvê-las. (p. 29)

Para que seja possível a criança adquirir algumas destas características e habilidades acima referidas, seja no presente ou no futuro como adulto, a educadora deverá trabalhar com as crianças, seja através de desenho como neste caso, seja através de uma história, entre outras ideias, a criatividade.

27 de janeiro de 2012 – sexta-feira

Hoje é dia de eu dar novamente a manhã de aulas programadas. Iniciei perto das 9h 30m, depois das crianças irem à casa de banho. Sentei-as em meia-lua e apresentei em *Powerpoint* o tema proposto para a área de Conhecimento do Mundo, sendo este a diferença entre os peixes e os mamíferos aquáticos.

Quando terminei a aula anterior sentei as crianças nos seus lugares nas mesas e em cima destas estava o material Cuisenaire. O meu desafio era dar a conhecer a peça preta. Realizei através de uma história, revi os valores das peças, realizei a escada por ordem crescente e fiz exercícios de cálculo mental. Quando terminei a aula, os alunos foram para o recreio.

Antes do almoço, coloquei as crianças em meia-lua para ler uma história, antes desta entrámos no mundo imaginário, a história que li foi “A Mimi no fundo dos oceanos” e no fim tivemos uma conversa sobre a história.

Inferências e fundamentação teórica

A área de Conhecimento do Mundo é na minha opinião a área mais vasta na nossa profissão, pois tal como o nome indica, é tomar conhecimento do mundo onde vivemos e das coisas que nos rodeiam. De acordo com as OCEPE (ME, 2009)

a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.79)

A partir desta área podemos abordar um pouco de todas as outras, e, quando preparamos as aulas, fazemos com que haja interligação entre elas.

30 de janeiro de 2012 – segunda-feira

Hoje, não estive com a turma com quem estou a estagiar, pois fui assistir a uma aula programada para a equipa de supervisão, o tema de partida para as restantes aulas foram os répteis.

A colega iniciou a aula contando a história da “Lebre e a Tartaruga”, construiu o título com as crianças, através de lacuna de palavras, faltando apenas as vogais, que estas tinham de completar com a sua ajuda.

De seguida, sentou as crianças nos seus lugares e, com o apoio do 3.º Dom de Fröebel, iniciou a sua aula de domínio de Matemática. Realizou as construções da ponte e a mesa de jantar e cadeiras, fez exercícios de cálculo mental, contagem, noção de pares e situações problemáticas, utilizando imagens para ajudar nos cálculos.

Por fim, através de um *Powerpoint*, fez a apresentação dos répteis, expondo as suas características e curiosidades. No fim da apresentação mostrou uma tartaruga, que as crianças tiveram a oportunidade de alimentar.

Quando a aula terminou fomos para a reunião, para analisarmos os aspetos positivos e negativos das aulas dadas.

Inferências e fundamentação teórica

A colega utilizou um conto tradicional para dar a sua aula de domínio da leitura e abordagem à escrita. De acordo com Guerreiro citado por Bastos (1999)

se quiséssemos enunciar por ordem de importância os valores da literatura popular, poderíamos talvez estabelecer a seguinte seriação: estético, pedagógico, linguístico, sociológico, histórico, psicológico e filosófico. Buscam-na para se distrair, pessoas de todas as idades e especialmente a infância e a juventude. E, com o divertimento, vem a moralidade, o ensino da experiência, que nos vão modelando o carácter enriquecendo o saber. (p.61)

Foi o que pude verificar durante esta aula, pois a história teve uma moral e as crianças puderam desfrutar de uma nova experiência: compreender que é errado e o que é correto.

31 de janeiro de 2012 – segunda-feira

Esta manhã a educadora iniciou a aula distribuindo um saco com o material Tangram a cada aluno. Para verificar se todos os alunos tinham as peças todas e se

estas estavam corretas, fez um jogo, dizendo que peça tinham de encontrar no saco e orientava onde a deveriam colocar (do vosso lado direito).

Assim que verificou que todos os sacos estavam corretos, pediu às crianças, para realizarem sozinhos o espelho. Aproveitou para realizar a avaliação dos que o conseguiam concretizar. Passado um tempo, a educadora realizou no quadro o espelho e todos as crianças reproduziram com as suas peças. Quando terminou deixou o grupo brincar 5 minutos com o material. Depois arrumaram-no, comeram a bolacha e foram para a aula de educação do movimento.

Quando regressaram, a educadora sentou as crianças e realizaram vários jogos de roda, tais como, o senhor carteiro, o gato e o rato.

Perto das 11h 30m a educadora reuniu as crianças com dois baldes cheios de animais, falou sobre os animais selvagens e domésticos, dividindo-os em 2 grupos, expondo as características de cada tipo de animal.

À hora habitual foram à casa de banho e depois almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta observação quero destacar a aula do Domínio da Matemática; a educadora utilizou o material manipulável estruturado Tangram. Segundo Damas, Oliveira, Nunes e Silva (2010, p.137) “este material permite realizar uma enorme variedade de actividades que implicam o desenvolvimento do sentido espacial e criativo dos alunos”.

Ao trabalhar com este material a educadora trabalhou a lateralização. De acordo com Papalia *et al* (2001) a lateralidade é a

preferência pelo uso de uma mão sobre a outra, é em geral evidente por volta dos 3 anos. Visto que o hemisfério esquerdo do cérebro, o qual controla o lado direito do corpo, é habitualmente dominante, a maior parte das pessoas favorece o seu lado direito. Em pessoas cujos cérebros são mais simétricos, o hemisfério direito tende a ser dominante, fazendo que sejam canhotas. (p.288)

Ao trabalharem a lateralização, as educadoras não só trabalham o lado predominante da criança como as noções espaciais.

3 de fevereiro de 2012 – sexta-feira

Neste dia dei a minha última aula no bibe encarnado. Esta foi diferente das outras, pois era apenas de 60 minutos, e supervisionada pela educadora responsável pela sala, por uma orientadora de estágio.

O tema para dar em Conhecimento do Mundo foi a tartaruga e todos os outros domínios estavam relacionados com este tema.

Iniciei a aula perto das 9h 30m e comecei com o domínio de Matemática, utilizei Cuisenaire como material de apoio e realizei com as crianças um itinerário, no qual tínhamos de ajudar a tartaruga a chegar ao aquário; para descobrirem as peças que iam colocar, que significavam o número de passos que a tartaruga ia dar, utilizei várias estratégias (com uma pandeireta bati o determinado número de vezes e eles retiravam a peça, utilizei a noção de pares, o cálculo mental...)

Quando a tartaruga já tinha chegado junto do aquário, pedi às crianças para se levantarem e irem sentar-se em meia-lua junto do projetor, para passar à aula seguinte de Conhecimento do Mundo. Através do *Powerpoint*, fiz uma apresentação sobre a tartaruga, mostrando várias e diversas imagens, expondo desta forma as características e curiosidades; no fim mostrei às crianças uma tartaruga com cerca de 20 cm e dei a oportunidade de tocarem e de a alimentarem depois das aulas todas dadas.

Por fim dei o domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde li uma história “A que sabe a lua” e utilizei as personagens do livro, em grande, com um placard de fundo para me auxiliar a contar a história (figura 10).

Como esta história aborda o reflexo, depois de ter terminado o tempo da minha aula, com um balde escuro e com água, falámos sobre o reflexo e cada criança veio ver-se através do reflexo que a água nos mostrava.

Perto das 11h tivemos reunião com as educadoras e professoras para fazermos a avaliação das aulas assistidas.



Figura 10 - A que sabe a lua?

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de dar esta aula, principalmente a do Domínio da Matemática, pois decorreu muito bem, ao contrário das minhas outras aulas dadas neste momento de estágio.

Ao realizar o itinerário, estamos a trabalhar o sentido espacial, segundo Caldeira (2009b, p. 173) “ a compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico”.

De acordo com a autora atrás mencionada

para aprender geometria, “as crianças precisam investigar, experimentar, explorar, usando tanto os objectos do quotidiano como outros materiais físicos específicos. Os exercícios, que solicitam das crianças a visualização, o desenho e a comparação de formas em diferentes posições, desenvolvem o sentido espacial. A descoberta de caminhos, integrados na formação matemática e nas várias áreas de aprendizagem, desenvolve a compreensão.” (p. 173)

Existem várias formas de trabalhar os itinerários, por isso recorri ao material manipulativo estruturado Cuisenaire, usando pistas e orientando a forma como a peça seria colocada. A mesma autora refere ainda que “a educadora pode sugerir tarefas com diferentes graus de dificuldade, com as peças do Cuisenaire: numa podemos propor e dar pistas, noutras a criança terá de descobrir diversos caminhos.”(p.173)

Gostaria de salientar também, neste relato, o momento em que foi abordado o reflexo com as crianças, pois foi um momento muito divertido, e o grupo estava radiante por ver a sua cara na água.

6 de fevereiro de 2012 – segunda-feira

Neste dia de estágio, a minha colega foi surpreendida com uma aula pedida pela educadora, para trabalhar a sequência usando o material Blocos Lógicos. A colega definiu um padrão e explicou que uma sequência é a repetição de vários padrões e deu um exemplo para as crianças concretizarem. De seguida, realizou um exercício dando o padrão, em que as crianças tinham de realizar a sequência; por fim deu a sequência e pediu para indicarem o padrão, quando terminou a aula, os alunos puderam brincar com o material.

Quando este estava arrumado, foram para o recreio.

Antes do almoço, a educadora sentou os alunos em roda e estiveram a conversar sobre o fim de semana, havendo, neste momento, a oportunidade das crianças se exprimirem.

Inferências e fundamentação teórica

Existem várias formas de representar e trabalhar as sequências, seja com Algarismos, material manipulativo estruturado ou não estruturado ou até mesmo com cores, entre outros exemplos. Abrantes *et al* (1999,p.55) referem que “o estudo de padrões e regularidades é central na matemática” acrescentam ainda que “contribuem para desenvolver o raciocínio e estabelecer conexões entre as diversas áreas da matemática”.

Desta forma a minha colega usou um material manipulativo estruturado, os Blocos Lógicos; indicou, primeiro, o padrão pretendido, de forma, a que as crianças continuassem com a sequência e depois fez o contrário permitindo que as crianças descobrissem.

7 de fevereiro de 2012 – terça-feira

Hoje a educadora, a seguir à roda e à casa de banho, sentou os alunos nos lugares e distribuiu por cada um, um copo com palhinhas e um copo com Algarismos para cada criança.

Com este material alternativo trabalhou as operações de adição, a sinalização matemática, o cálculo mental, a orientação espacial e várias sequências, tais como a numérica por ordem crescente.

Quando terminou a aula, arrumaram o material e foram para a aula de Educação do Movimento. Nesta aula, a professora organizou 4 estações, dividiu as crianças em 4 grupos e ficou cada grupo numa estação; quando ela batia palmas, os grupos tinham de mudar de estação.

Antes do almoço, a educadora levou os alunos para a sala do bibe azul que estava desocupada e contou a história com o álbum ilustrado “A galinha e o ovo”; este livro é um álbum e recorreu à ajuda dos alunos para contar esta história.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula do Domínio de Matemática a educadora abordou vários temas. Neste relato vou destacar a sequência; de acordo com OCEPE (citadas por Caldeira, 2009a, p. 342) “o desenvolvimento do raciocínio lógico supõe ainda a oportunidade de encontrar e estabelecer padrões, ou seja, formar sequências que têm regras

subjacentes. Estes padrões podem ser repetitivos,..., ou não repetitivos, como a sequência dos números naturais”.

Quero também realçar nesta aula a leitura do livro, este livro contém apenas imagens, terá de ser interpretado pela educadora e, neste caso, com a ajuda das crianças. Segundo as OCEPE (ME, 2009)

as histórias lidas ou contadas pelo educador, recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler. (p. 70)

A educadora, para conseguir contar a história, colocava várias perguntas às crianças sobre o que eles observavam nas imagens. Toda a história foi realizada a partir do que as crianças descreviam.

10 de fevereiro de 2012 – sexta-feira

Hoje é o último dia de estágio neste bibe e a minha colega vai dar a sua última manhã de aulas.

Iniciou com o Domínio de Matemática, utilizando o material Blocos Lógicos e realizando uma tabela de dupla entrada. Com estes dois suportes, trabalhou as características do material em questão.

De seguida, sentou os alunos em meia-lua e, através de um *Powerpoint*, mostrou imagens onde se conseguiram ver as características dos insetos e conhecer algumas espécies; no fim da aula, mostrou vários insetos, que estão conservados e armazenados em acrílico. Depois levou as crianças para o recreio.

Antes do almoço, e novamente recorrendo a um *Powerpoint*, contou a história “A cigarra e a formiga”, mostrando apenas as imagens. No fim teve uma conversa com as crianças sobre a moral da história.

Inferências e fundamentação teórica

Neste relato, quero realçar a importância dos animais na sala de aula. Quando damos uma aula sobre a classe de um animal, se for possível, levar um animal dessa classe, a aula torna-se mais interessante e entusiasmante para as crianças.

Pois na presença de um animal, apesar da novidade e da excitação da maioria das crianças, vem o interesse e a curiosidade. A curiosidade é uma característica do ser humano que se manifesta desde o nascimento e, de acordo com Figueiredo (2004,

p.30), “o que leva a pessoa a querer saber sempre mais depende, em grande parte, da atitude positiva que o adulto apresenta diante da curiosidade da criança.”

Catita (2007, p.66) refere que “as crianças têm uma relação face ao mundo animal muito diferente da dos adultos. Vêm nos animais uma espécie de mundo próprio semelhante ao dos humanos o que por vezes leva os adultos a considerar tal atitude como uma antropomorfização”.

Por ser um tema que elas adoram, acho importante, sempre que possível, dar a conhecer e proporcionar esta experiência às crianças. Para além destes aspetos, se tivermos um animal verdadeiro na sala de aula, as crianças conseguem visualizar melhor as suas características, assim como tocarem nele, caso queiram, para sentirem a textura do corpo.

16 de fevereiro de 2012 – quinta-feira

Hoje, estive o dia todo a estagiar no bibe encarnado, pois tinha de realizar compensação de dias que faltei.

Como faz parte da rotina, as crianças depois da roda, foram à casa de banho e a educadora sentou-as nos seus lugares. Distribuiu por cada uma o seu caderno de grafismos e disse qual era a folha que tinham de realizar, teriam também de escrever o seu nome.

Quando terminaram este trabalho, a educadora distribuiu pelos alunos a máscara que já tinham começado a pintar mas ainda não tinham terminado; conforme terminavam iam para o cantinho das viagens. Neste cantinho, eles podem ler, brincar, viajar pelo mundo deles. As crianças que tinham trabalhos em atraso, estiveram a terminá-los.

Chegou a hora da educação do movimento, as crianças, 10 minutos antes, foram às sacas, trocar os sapatos e até a roupa, os que não estavam vestidos, comeram a bolacha e depois a educadora levou-os para o ginásio.

Antes do almoço, a educadora levou os alunos para o recreio para brincarem um pouco.

Na parte da tarde, a educadora distribuiu pelos alunos uma folha que tinha um palhaço, a tarefa que estes tinham de fazer era pintar a roupa do palhaço, mas esta era pintada de uma maneira especial. A camisola era às bolinhas, as calças às riscas na horizontal e os sapatos às riscas na vertical; este palhaço era músico, como tal faltava o seu instrumento; com duas tiras de papel, as crianças realizaram um harmónio que foi colado no sítio das mãos.

Inferências e fundamentação teórica

Os cadernos de grafismos servem para a criança treinar a sua capacidade de pegar no lápis e melhorar a motricidade fina, para desenhar os traços pedidos.

De acordo com Caldeira (2009a, p.419) “esta linguagem gráfica pode ir desde o desenho mais completo até à tradução de esquemas simplificados, mas é muito importante que se dêem todos os passos presentes na acção concreta e que posteriormente terão um significado na tradução simbólica”.

Nesta fase escolar as crianças já escrevem também o nome nas suas folhas, não de memória, mas copiando de um bilhete de identidade feito pela educadora. É uma forma engraçada dos nomes de cada criança estar representado em algum sítio; sempre que precisam de escrever o seu nome, vão à sua gaveta buscar o seu bilhete de identidade.

23 de fevereiro de 2012 – quinta-feira

Este foi o meu último dia de estágio no bibe encarnado e mais uma vez por ter faltado realizei a compensação.

Depois da rotina habitual de manhã, a educadora sentou os alunos em meia-lua e estiveram a conversar como tinham sido as férias de Carnaval, se gostaram da festa na escola, que disfarces usaram, entre outros assuntos.

A seguir à conversa com as crianças, dei uma aula de sequências, pois a minha não tinha corrido bem e eu queria experimentar novamente, usei um circo, em que as crianças tinham de enfeitar a tenda deste. O toldo era encarnado e branco e este era o padrão; para as paredes, o padrão foi azul claro, azul claro e azul-escuro, por fim o chão tinha como padrão branco, preto, preto, branco. Como o circo só tem piada se tiver palhacinhos, usei como padrão palhaço, palhaço músico e palhaço malabarista.

Como é quinta-feira e é dia de educação do movimento, a seguir à minha aula as crianças foram preparar-se para essa aula. Comeram as bolachas e a educadora acompanhou-as ao ginásio.

Quando regressaram foram para o recreio e, à hora habitual, foram almoçar.

Na parte da tarde, as crianças estiveram a pintar e desenhar as canecas, que eram a prenda para o Dia do Pai. A educadora esteve a realizar grelhas de avaliação de cálculo mental individualmente, ao mesmo tempo havia estações de jogos, como legos, um fio onde tinham de enfiar contas, uma rede para passar atacadores, onde as

crianças estavam enquanto não chegava a vez delas. Ainda da parte da tarde estive a terminar trabalhos em atraso com alguns alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Sempre que há um dia especial, sendo estes, Dia do Pai, Dia da Mãe entre outros, são as crianças que preparam o presente para oferecer. Neste dia assisti à preparação do presente para o Dia do Pai. A educadora optou pelo desenho livre, cada um desenhava o que queria e o que mais se adequava ao seu pai.

De acordo com Rodrigues (2002, p.40) “o instinto da pintura, associado ao prazer sensorial da cor, cedo se manifesta espontaneamente na criança mais pequena, primeiro de modo confuso e descontrolado, depois mais organizado e atento à distribuição das formas e das cores na superfície do papel.”

As crianças tinham umas canetas próprias para o vidro da caneca e tinham várias cores; o efeito final foi muito engraçado.

4.ª Secção – Turma do 1.º ano

A 4.ª Secção corresponde à sala dos 6 anos, que pertence ao 1.º ano do Ensino Básico, de uma escola pública. Estaguei nesta sala, no Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, do dia 27 de fevereiro a 2 de março de 2012.

4.1. Caracterização da turma

A turma do 1.º ano é composta por 28 crianças, maioritariamente rapazes, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos.

Existem várias crianças da etnia cigana, algumas africanas e outras portuguesas.

4.2. Caracterização do espaço

A sala do primeiro ano é espaçosa, a disposição das mesas e cadeiras estão em U, de forma a que os alunos sentados fiquem de frente ou ligeiramente de lado para o quadro de ardósia ao fundo da sala.

A um dos cantos existia um armário, onde era colocado todo o material dos alunos e do professor, no lado oposto estava a secretária do mesmo.

Assim que entramos na sala do lado esquerdo estão os cabides para os alunos pendurarem as suas coisas. Nesta mesma parede existe ainda outra porta, que dá acesso à sala onde se guardam vários materiais didáticos.

A sala dispõe de muita luminosidade do sol pois tem uma parede com janelas grandes.

4.3. Horário de turma

Apresento de seguida, no quadro 5, o horário desta turma.

Quadro 5 – Horário do 1.º ano

Horas	2.ªfeira	3.ªfeira	4.ªfeira	5.ªfeira	6.ªfeira
9:00-9:45	Português	Português	Estudo do Meio	Português	Português
9:45-10:30	Português	Português	Estudo do Meio	Português	Português
11:00-12:00	Matemática	Matemática	Português	Estudo do Meio	Matemática
12:00-13:00	Almoço				
13:00-15:00	Matemática	Português	Matemática	Matemática	Estudo Acompanhado
15:00-15:30	Intervalo da tarde				
15:30-16:30	Música	Apoio ao Estudo	Atividade Física	Inglês	Oficinas Livres
16:30-17:15	Música	Apoio ao Estudo	Atividade Física	Inglês	Oficinas Livres

4.4. Rotinas

Acolhimento

Os alunos entram às 9h da manhã, assim que a campainha toca, e dirigem-se para a sala de aula com os restantes colegas, ficam à porta à espera que o professor chegue.

Casa de banho

Os alunos vão à casa de banho na hora do recreio, ou seja, às 10h 30m, antes e a seguir ao almoço e antes de entrarem na sala de aula, às 14h.

Recreio

Existem dois momentos de recreio, o da manhã, que é às 10h 30m e que tem a duração de 30 minutos aproximadamente, e a seguir ao almoço até à hora de entrada na parte da tarde para as aulas, que se inicia perto da 13h até às 14h.

Almoço

Os alunos almoçam na cantina juntamente com os restantes alunos da escola, às 12h, a refeição é o habitual em todas as escolas, sopa, conduto, fruta e água.

Lanche

O lanche dos alunos é quando as aulas terminam, às 15h, o professor distribui por cada aluno e estes comem na sala de aula.

4.5. Relatos Diários

27 de fevereiro a 2 de março de 2012

Ao longo desta semana de estágio o professor trabalhou, principalmente, na área de Português, a aprendizagem das letras e a escrita das mesmas, com a letra cursiva treinavam a letra, depois escreviam palavras e no fim frases, o método utilizado é o das 28 palavras. Na área de Matemática trabalhou as adições e subtrações e fez decomposição de números.

Os alunos têm também, duas vezes por semana, natação, numa piscina municipal perto da escola. Havia uma camioneta que os ia buscar e colocar à escola, assistimos ainda a uma demonstração de *Rugby*, para mais tarde formar uma equipa, em que todos os alunos participaram e realizaram os exercícios que o professor de rugby indicava.

Neste estágio, a minha colega e eu pedimos para interagir com os alunos; para isso, de manhã cantávamos sempre com os alunos até o professor iniciar a sua aula, sugerimos também darmos uma aula para experimentar outra realidade diferente da que estávamos habituadas, que foi aceite pelo professor. Num dos dias, o professor sugeriu que eu lesse um livro de Luísa Ducla Soares, pois a autora ia à escola e o

professor tinha que dar a conhecer aos alunos obras da autora. Após a leitura os alunos realizaram um desenho sobre a mesma.

Tivemos ainda um dia a turma por nossa conta, demos uma letra, usando o método que as crianças conhecem, levámos material alternativo, como por exemplo, palhinhas e algarismos móveis, e demos uma aula de Matemática, abordando apenas a adição e subtração e os sinais de maior, menor e igual. E, por fim, uma aula de Estudo do Meio, em que usámos o mesmo material que usei na aula do bibe amarelo, o loto das texturas, e abordámos o tato.

Inferências e fundamentação teórica

Este estágio foi uma experiência muito boa, pois conheci outra realidade diferente. O mais interessante foi verificar os métodos diferentes de leitura. Existem três modelos de leitura, sendo eles os modelos ascendentes, os modelos descendentes e os modelos interativos.

O modelo ascendente, segundo Martins e Niza (citados por Ruivo, 2009,p.89), “parte da percepção das letras (processos psicológicos primários), para a palavra e da palavra para a frase (processos cognitivos de ordem superior). Dizem que nestes modelos o contexto não influencia a leitura”.

O modelo descendente, de acordo com Martins e Niza (citados por Moller, 2009, p.44) “correspondem aos métodos de ensino da leitura conhecidos como Métodos analíticos ou globais”, ou seja, Ruivo (2009, p.91) diz “a leitura é, (...) um jogo de advinhas psico-linguísticas, porque o leitor procura a significação do texto a partir dos seus conhecimentos prévios e da informação disponível (percepção visual), fazendo antecipações que depois confirma” e acrescenta ainda que este modelo parte de “unidades semanticamente significativas, como sejam palavras, frases ou um texto com sentido completo (uma história por exemplo), e só depois passam para o estudo dos seus componentes”.

Por fim o modelo interativo baseia-se nos modelos acima referidos; Martins e Niza citados por Ruivo (2009) defendem que

os modelos interactivos assumem uma posição intermédia e flexível considerando que o acto de ler é produto da utilização de estratégias ascendentes e descendentes, simultâneas e em interação, em função do tipo de texto, de frase ou de palavra com a qual os leitores são confrontados. Consideram ainda a existência de dois sistemas de reconhecimento de palavras, o sistema visual para identificar palavras familiares e o sistema de correspondência grafo-fonológica, para identificar palavras não familiares. (p.93)

O método de João de Deus está inserido no modelo interativo. Lopes (citado por Ruivo, 2009, p.100) afirma que “ a aprendizagem é cumulativa, sendo a princípio lenta, e constrói-se sobre aprendizagens anteriores. Por isso mesmo é necessário ter conhecimentos para desenvolver novos conhecimentos e estes devem ser estimulados desde muito cedo”. Como já foi referido anteriormente, as crianças aprendem uma letra diariamente, em grupos de três, e no dia seguinte fazem a revisão dessa letra.

O método usado nesta escola é o método das 28 palavras de acordo com Moller (2009)

este método consiste em desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita a partir de situações concretas e reais para os alunos. Baseia o seu ensino da leitura em 28 palavras selecionadas do vocabulário infantil apresentadas segundo uma sequência pré-estabelecida e de acordo com determinados graus de dificuldade. Parte da palavra como um todo, sem descer à análise dos seus elementos, durante a aprendizagem das quatro primeiras palavras. Esta fase decorre até que sejam perfeitamente reconhecidas as sílabas que compõem cada uma das palavras tipo. (p.85)

O que posso concluir, comparando os dois métodos, é que as crianças que aprendem com o método de João de Deus conseguem ler mais facilmente.

Ao longo da semana pude observar que o desinteresse, a falta de motivação e a indisciplina era geral na turma, de tal forma que houve 2 alunos que só foram nessa semana uma vez à escola. De acordo com Spitzer (2007) as pessoas, por natureza, são motivadas, e é devido a esta motivação incorporada no cérebro que sobrevivemos como espécie.

A questão é porque é que as pessoas estão muitas vezes desmotivadas? O mesmo autor responde a esta questão dizendo “porque levamos a cabo – na maior parte das vezes, sem saber ou sem querer – campanhas de desmotivação” (p.174); acrescenta ainda que a falta de motivação nas crianças parte essencialmente do professor, se este estiver entusiasmado com o que está a fazer, então o seu entusiasmo é transmitido e as crianças não ficam desmotivadas.

Neste caso, pude observar o que este autor refere; o professor de sala de aula estava desmotivado porque a maior parte dos alunos não realizava as fichas, faltava com frequência, era-lhe difícil manter um trabalho planificado, pois tem de voltar sempre atrás para ajudar as crianças que faltam e essa desmotivação foi passada sem querer para o resto das crianças.

Outro motivo que leva este professor à desmotivação é a indisciplina na sala de aula, os alunos são desobedientes, alguns até ofendem-no, mas o professor, de todas as vezes, optou por uma postura descontraída e tranquila, nunca entrou em despique com a criança, Hall & Hall (2008) afirmam, em relação a estes comportamentos, que

é necessário um elevado nível de maturidade emocional para educar com sucesso crianças que não são obedientes e que apresentam perturbação de oposição. Independentemente do comportamento da criança, o professor deve sempre valorizá-la. A criança deve sempre sentir-se emocional e fisicamente segura na presença do professor. Para se tornar neste tipo de prestador de cuidados, o educador deve ter esperança. Esta decorre da compreensão e da compreensão resulta a empatia. Porém, quando se ensinam crianças com perturbação de oposição e comportamento desafiante, a empatia não surge com facilidade. (p.15)

Gostaria de realçar que, em nenhum momento deste estágio, a minha colega e eu tivemos algum comportamento da parte das crianças desafiante ou indisciplinado, todas nos trataram muito bem, inclusive agarravam-se a nós a pedir carinho.

Onde pude observar que as crianças participavam felizes e satisfeita era na natação e na demonstração de rugby que tiveram, apesar de haver algumas crianças que não participaram nesta atividade.

Lima (1989, p.46) diz que “um dos objetivos das actividades físicas destinadas à juventude terá de ser, sem dúvida, o de promover o desenvolvimento global de capacidades e de personalidade das crianças e dos jovens.”, acrescenta ainda que “as exigências do ensino (...) formativo deverão estabelecer, necessariamente, graus de dificuldade que estimulem a superação de níveis de capacidades já reveladas e que criem condições para a revelação de novas capacidades”; os alunos do 4.º ano desta escola já se encontram num nível mais elevado e na natação foram subindo de nível gradualmente, como indica o autor.

Fiquei feliz por saber que alguns dos alunos que faltam com frequência à escola naquela semana, como estávamos lá na sala, foram todos os dias inclusive compraram material escolar, pela primeira vez desde o início do ano letivo, para poderem trabalhar.

A meu ver as crianças ficaram entusiasmadas com as cantigas de manhã, com a ajuda que lhes dávamos por exemplo na Matemática, usando canetas para realizar os cálculos, em vez de fazerem pelos dedos. E principalmente pela aula que demos, que saiu completamente da rotina deles, tiveram acesso a material com que nunca tinham trabalhado e estavam fascinados.

Foi de facto uma experiência muito marcante e inesquecível!

5.^a Secção – Turma do 2.º ano

A 5.^a Secção corresponde à sala do 2.º ano, conhecida como bibe verde nas instituições pertencentes à Associação João de Deus. Estagiei nesta sala do dia 5 de março a 27 de abril de 2012.

5.1. Caracterização da turma

A turma do bibe verde é composta por 29 crianças, 16 rapazes e 12 raparigas. Todas estas crianças completarão 7 anos de idade.

Este grupo está bem integrado na dinâmica do J.E. e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

5.2. Caracterização do espaço

A sala do bibe verde não é muito espaçosa, tem 29 secretárias e cadeiras, um quadro de ardósia, junto deste está a secretária da professora. Quando entramos na sala do lado direito está um grande armário, onde a professora guarda todo o material, os dossiers dos alunos, os trabalhos, entre outras coisas. Do lado esquerdo encontram-se os cabides identificados pelos nomes de cada aluno, onde são pendurados os casacos e as mochilas. A sala tem ainda 2 grandes placards de cortiça, para a professora afixar os trabalhos dos alunos.

Por fim a sala dispõe de uma grande luminosidade, pois tem várias janelas, que deixam transparecer a luz do sol; perto destas está uma secretária com o computador da professora, conforme se pode ver na figura 11.



Figura 11 - Sala do 2.º ano

5.3. Horário de turma

No quadro 6 apresento o horário de turma onde realizei o próximo momento de estágio.

Quadro 6 – Horário do 2.º ano

Horas	Segunda- feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h – 10h	Português	Matemática	Português	Matemática (materiais)	Português
10h – 11h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h – 11h30	Recreio				
11h30 – 12h	Matemática (materiais)	Português	Matemática	Português	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Português	Educação Física	Música	Estudo do Meio
13h – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Educação Física	Experiências	Expressão Plástica 15h45 – 17h	Inglês 15h30 – 16h30	Estudo acompanhad o
16h10 – 17h	Formação Cívica	Biblioteca: no âmbito de Língua Portuguesa		Área Projeto	Assembleia de Turma
17h	Saída				

5.4. Rotinas

Acolhimento

O acolhimento do bibe verde é feito no ginásio com os restantes alunos do 1.º Ciclo, os alunos encontram-se com duas professoras; durante o tempo que ali se encontram estão a brincar, a fazer jogos, ou outra atividade proposta pelas professoras. Às 9h as professoras de cada sala vão buscar a sua turma e levam-nas para as respetivas salas de aula.

Higiene

Antes de entrarem na sala os alunos vão à casa de banho, assim com antes e depois do recreio e do almoço.

Recreio

O recreio é a meio da manhã das 11h às 11h 30m, juntamente com todas as turmas do 1.º ciclo.

Almoço

O almoço realiza-se à 13h no refeitório, este tal como o recreio é também com os restantes alunos do 1.º Ciclo.

5.5. Relatos Diários

5 de março de 2012 – segunda-feira

As aulas iniciam-se às 9h da manhã como é habitual. Antes de entrar na sala, os alunos vão à casa de banho.

A primeira tarefa que lhes foi proposta foi a leitura de um texto de uma ficha. Após a leitura do mesmo, a professora passou para a explicação dos exercícios para a sua realização.

Até à hora do recreio os alunos estiveram a realizar a ficha de trabalho de Português.

Quando o recreio terminou e todos os alunos se encontravam na sala de aula, a professora distribuiu pelos alunos outra ficha desta vez de matemática e com resolução de problemas.

Às 13h arrumaram o material e foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

Na área da Matemática, o conteúdo que as crianças mais dificuldade demonstram ter é na resolução de problemas. De acordo com o ME (2001) (citado por Boavida, Paiva, Cebola, Vale e Pimentel (2008, p. 15) “os problemas são situações

não rotineiras que constituem desafios para os alunos e em que, frequentemente, podem ser utilizadas várias estratégias e métodos de resolução”.

Desta forma é dado um problema e o aluno terá de o resolver usando a sua estratégia e o método para concluir o mesmo, Boavida *et al.* (2008, p.14) afirmam que “quem resolve um problema é desafiado a pensar para além do ponto de partida, a pensar de modo diferente, a ampliar o seu pensamento e, por estas vias, a racionar matematicamente.”

Os mesmos autores referem que a resolução de problemas desenvolve nos alunos o recurso de diferentes representações e incentiva a comunicação, fomenta o raciocínio e a justificação, estabelece ligação entre vários temas matemáticos e outras áreas curriculares e, por fim, mostra que a Matemática é útil na vida quotidiana.

6 de março de 2012 – terça-feira

Hoje o dia iniciou-se com a área de Matemática. Estiveram a trabalhar operações de adição com 2 e 3 parcelas, a divisão e as provas para cada operação, trabalharam também a descoberta de lacunas e os sinais de maior, menor e igual.

Depois do recreio, a professora esteve a rever com os alunos a temática: família de palavras. Deu exemplos de palavras, tais como, livro, fruta e pedra e a partir destas palavras, os alunos tinham de dizer outras palavras que pertencessem à da palavra em questão.

Antes do almoço, a professora deu aos alunos o início de uma história e o que eles tinham de fazer era continuar e terminar a história, escrevendo o seu próprio texto. Como uma das personagens da história era uma tartaruga, para ilustrar a composição a professora distribuiu pelos alunos uma cápsula de café que representaria a carapaça da tartaruga, o restante corpo eles teriam de desenhar.

Inferências e fundamentação teórica

Existe várias estratégias para a realização de uma composição, mas a professora optou por introduzir a história e sugerir aos alunos que encontrassem um fim para esta. Condemarín e Chadwick (1987, p.209) dizem “a composição refere-se ao processo de estruturar palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito.”

Algumas crianças mostram dificuldades na realização de uma composição, não sabem o que escrever, o que dizer, e a essas crianças a professora tenta ajudá-las realizando perguntas de forma a estruturar o seu pensamento.

A professora, para ilustrar a composição, reutilizou uma cápsula de café; segundo Almeida (2010, in prefácio Zani 2010) “se reutilizamos é porque descobrimos que há um uso para além do que é mais evidente ou imediato, é porque damos às coisas uma oportunidade de ganhar uma nova vida. (...) Reutilizar implica vontade e engenho.”

O resultado final foi muito engraçado pois, para além da utilização da cápsula, as crianças tiveram de desenhar o corpo da tartaruga.

9 de março de 2012 – sexta-feira

A manhã foi iniciada com a leitura de um texto do livro de Língua Portuguesa, o título era “Todos diferentes”. Após a leitura do texto, a professora realizou no quadro várias perguntas de interpretação e de gramática, que os alunos passaram para uma folha pautada, para a realizarem.

Estiveram a fazer este trabalho até a hora do recreio; quando voltaram para a sala, a professora passou no quadro vários exercícios de matemática e os alunos passaram para uma folha quadriculada, ao mesmo tempo que iam resolvendo.

À hora habitual arrumaram as secretárias e foram almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A professora para consolidar a matéria dada, usa como suporte de atividade as fichas com exercícios.

Serrazina (2002) diz que Thorndyke

expôs a sua teoria sobre a aprendizagem da matemática, onde um importante aspecto era o dos exercícios. Esta parte da teoria foi continuada pelo behaviourismo. Ambas as teorias tiveram tanto sucesso que os exercícios passaram a fazer parte de qualquer aula. (p.23)

A teoria de Thorndyke, de acordo com Tavares, Pereira, Gomes, Monteiro e Gomes (2007), baseava-se no método de tentativa-erro, no qual realizou várias experiências com gatos, onde pode observar que estes, com o decorrer do tempo, poderiam sair da caixa mais rapidamente pela repetição de comportamentos que lhes

permitiam a saída da mesma e pela não repetição dos comportamentos que não eram eficazes.

Foi através destas experiências que este professor de psicologia chegou às “três leis da aprendizagem”, sendo elas: a lei do efeito, a lei do exercício ou frequência e a lei da maturidade específica.

Os mesmos autores explicam estas três leis, referindo que na lei do efeito

se um comportamento é seguido de uma mudança satisfatória no meio ambiente (recompensa), a probabilidade de que esse comportamento venha a ser repetido em situações semelhantes aumenta. No entanto, se o comportamento é seguido de uma mudança insatisfatória no meio ambiente (punição), as hipóteses de que esse comportamento venha a ser repetido diminuem. (p.112)

Na lei do exercício ou frequência

quanto mais uma conexão estímulo-resposta for utilizada, mais forte se tornará; quanto menos for utilizada, mais fraca se tornará. (...) Para que ocorra aprendizagem, é necessário que esta repetição do comportamento seja acompanhada de resultados positivos, o que remete para a lei do efeito como principal abordagem da aprendizagem. (p.112)

Na lei da maturidade específica “para que ocorra aprendizagem, é necessário que um organismo esteja preparado para estabelecer a conexão entre o estímulo e a resposta; caso contrário, o resultado não será agradável e a aprendizagem não acontecerá”(p.112).

Os alunos realizam, as professoras corrigem e, quando encontrados exercícios incorretos, estes terão de os corrigir, tendo presente esta teoria de tentativa-erro. Quando existem exercícios errados, a professora ajuda o aluno a perceber porque é que está errado; se houver dificuldade na sua correção, então este será ajudado e é aqui que comprovamos a lei do exercício. A repetição do exercício é acompanhada de um resultado positivo.

12 de março de 2012 – segunda-feira

Esta semana começou com revisões para a prova de Língua Portuguesa. Os alunos estudaram no fim de semana e expuseram as suas dúvidas neste dia.

A professora distribuiu trabalho pelos alunos, exercícios de gramática, e depois foi, mesa a mesa, ouvi-los a ler para realizar a avaliação referente à leitura.

Depois do recreio foi distribuído, por cada secretária, uma caixa do material Calculadores Multibásicos. Através de uma situação problemática, realizou várias

operações e terminou com uma subtração; no fim pediu para realizar a prova dos nove.

Antes do almoço, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha com várias operações para os alunos realizarem, tendo também que apresentar a prova dos nove para cada operação.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Matemática, a professora trabalhou com os alunos a subtração com empréstimo, estes ainda demonstram algumas dificuldades na resolução desta operação. De acordo com Damas *et al* (2010,p.56) “quando, no algoritmo da subtração, o número de unidades de uma ordem do subtrativo é maior do que o seu correspondente aditivo é necessário encontrar um processo que permita a acção de retirar.”

Caldeira (2009b, p.217) afirma que “ é importante trabalhar com as crianças os três conceitos da subtração. A forma como a pergunta é feita induz ao raciocínio para achar o resto, o excesso ou a diferença entre dois valores diferentes.”

Ao trabalharmos este conteúdo com este material existem algumas regras que os alunos deverão de saber tais como, a base em que estamos a jogar, e sempre que não for possível retirar peças ao aditivo, teremos que ir ao furo seguinte retirar uma peça e colocar o número de peças correspondentes à base, no aditivo anteriormente referido.

13 de março de 2012 – terça-feira

Hoje, no primeiro momento da manhã até à hora do recreio, os alunos estiveram a realizar a prova escrita de Língua Portuguesa.

No segundo momento da manhã, como havia fichas de Matemática em atraso para realizar nas capas, até à hora de almoço, os alunos estiveram a terminá-las.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo do ano as turmas realizam várias provas, estas são realizadas por períodos. De acordo com Estanqueiro (2010, p. 93) as provas, a que o autor intitula como testes “são geralmente considerados como o instrumento mais objectivo, mais simples e mais rápido de recolher informações sobre a aprendizagem de cada aluno.”;

acrescenta ainda que as provas bem construídas medem, “com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno, numa determinada área de conhecimentos e num determinado momento. Permite, assim, detectar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe.”

Normalmente são realizadas duas provas por cada área, num período. Os alunos são avisados das mesmas com antecedência. A matéria das provas corresponde a tudo o que já aprenderam até à sua data.

16 de março de 2012 – sexta-feira

Após as rotinas habituais de manhã, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de trabalho de Português para trabalhar vários conteúdos gramaticais. Ao mesmo tempo que os alunos realizavam a ficha a minha colega e eu, íamos mesa a mesa ouvir os alunos a ler. Os alunos estiveram ocupados até ao recreio.

Quando regressaram do recreio, a professora de expressão plástica foi à sala de aula para terminar o presente do Dia do Pai, este era uma caneca pintada por eles e um saco que a ia transportar, que representava uma camisa estando enfeitada com um colarinho e uma gravata.

Ainda antes do almoço, os alunos terminaram as fichas de Matemática que não tinham terminado quando o trabalho lhes foi proposto.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos aspetos importantes a trabalhar ao longo do 1.º Ciclo são os aspetos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua.

A sua aprendizagem é gradual e de acordo com as Metas Curriculares instituídas pelo Ministério da Educação.

De acordo com o Programa de Português do Ensino Básico (M.E. 2009)

Após a interiorização das principais relações entre os sistemas fonológico e ortográfico, inicia-se um segundo momento. Nele, apresentam-se como fundamentais: a aprendizagem de novas convenções sobre o modo como o texto escrito se organiza, o uso correcto da pontuação, o alargamento do repertório lexical e o domínio de uma sintaxe mais elaborada. (p.22)

A professora trabalha com os alunos, nas suas propostas de trabalho, conteúdos já adquiridos anteriormente, assim como os que ela introduziu para a turma neste ano.

20 de março de 2012 – terça-feira

Este dia foi diferente, pois todo o 1.º Ciclo da escola foi a uma visita de estudo. Fomos ao teatro Politeama ver a peça de teatro “Pinóquio”.

Inferências e fundamentação teórica

É habitual as visitas de estudo nos J.E., e mais uma vez fui o teatro com os alunos.

Bastos (1999, p.235) afirma que “a ida ao teatro está intimamente relacionada com a vida escolar” e acrescenta ainda que é fundamental que

os alunos estejam de alguma forma preparados para o espectáculo a que vão assistir, quer pelo estudo prévio do texto que serviu de suporte ao espectáculo, quer pela leitura do programa do espectáculo, ou por qualquer actividade que o predisponha para o que vai ver. (p.236)

Sempre que fui a uma visita de estudo com o J.E. as docentes de sala de aula abordaram, com os alunos, onde íamos e o que íamos ver, não de uma forma exaustiva. Após a visita de estudo realizavam sempre uma atividade do que tinham visto.

Gostei muito da história a que assistimos, o Pinóquio, pois aborda vários valores e conceitos que prezo muito, tais como não se deve mentir, o amor entre o pai e o filho, a dedicação, a maldade e o mau comportamento seguido da lealdade e das ações corretas, entre outras. Aborda também e, por isso mesmo, acho que todas as crianças deveriam ler e ter conhecimento desta história, a entrada no meio escolar. Fior (1999, p.48) refere que o autor da história Collodi escreveu esta história porque “defendia que todas as crianças tinham direito à educação. Isto reflecte-se em *Pinóquio*, onde se encoraja sempre o boneco a ir à escola.”

A meu ver a história terá sempre de ser trabalhada, de forma a que as crianças entendam a moral/mensagem que esta passa, para além de que não se deve mentir.

23 de março de 2012 – sexta-feira

Hoje foi o último dia de aulas do 2º período.

Quando os alunos foram para a sala, a professora distribuiu, por cada um, uma folha com um coelhinho, os alunos estiveram a pintá-lo, este irá servir para colocar no dossier como separador para representar o fim do 2º período.

Conforme os alunos iam terminando, a professora distribuía por cada aluno tiras de papel, para realizarem um tapete.

Depois do recreio, havia alguns alunos, que tinham fichas em atraso na capa, estiveram a termina-las, os restantes iam fazendo o seu tapete começado antes do recreio, ao mesmo tempo que a minha colega e eu íamos, de mesa a mesa, para ouvi-los ler um texto do manual.

Inferências e fundamentação teórica

Um recurso utilizado pelos professores são os manuais escolares, a professora utiliza muito o de Língua Portuguesa, para a leitura dos textos.

De acordo com Sanches (2001)

o manual é um bom recurso, mas não o único a ser utilizado, não será de seguir à risca o que é proposto. É preciso saber recriar o manual. (...) não é decerto o melhor para os meus alunos, com características muito próprias e interesses e expectativas muito peculiares. O melhor é apostar em vários e deles ir tirando ideias e sugestões que vão sendo utilizados, oportunamente, ao mesmo tempo que vamos introduzindo outros materiais. (p. 26)

As professoras do J. E. não se baseiam só nos manuais, é um dos recursos que utilizam, mas tal como foi referido na citação, os alunos tem características muito próprias e os textos são adaptados consoante o tema que querem explorar com a turma.

10 de abril de 2012 – terça-feira

Inicia-se o 3º período e para começar a manhã, a minha colega e eu estivemos a ouvir os alunos a ler e no fim da leitura fazíamos perguntas de interpretação do texto. Ao mesmo tempo, os restantes alunos realizavam vários exercícios de gramática que a professora passou no quadro. Estas tarefas prolongaram-se até ao recreio.

Até a hora de almoço, os alunos estiveram a resolver situações problemáticas de várias operações e, no fim, a professora deu uma folha com exercícios de simetria, dando metade de uma figura para os alunos reproduzirem de igual forma, mas do lado oposto.

Inferências e fundamentação teórica

Após a leitura de um texto, devemos certificar-nos que os alunos o compreenderam, para isso realizamos perguntas relacionadas com texto; esta é uma forma de verificar se os alunos o compreenderam, outra estratégia é pedir a um aluno para contar por palavras dele a história que acabou de ouvir, entre outras.

De acordo com Sim-Sim (2007, p. 9) “ ler é compreender, obter informação, aceder ao significado do texto” e acrescenta ainda que

por compreensão da leitura entende-se a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto. Tal como na compreensão do oral, o importante na leitura é a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto.(p.9)

A compreensão dos textos é benéfica para os alunos que assim poderão ter acesso a qualquer tipo de texto que irão compreender e decifrar ou perceber o significado do mesmo.

13 de abril de 2012 – sexta-feira

Esta manhã foi iniciada com a área de Matemática; o desafio era a realização de situações problemáticas. Antes do recreio a professora distribuiu por cada aluno um conjunto do material Pentaminó e uma folha com duas imagens de uma foca e um pinguim. Com este material os alunos construíram uma figura à sua escolha, copiaram a figura na folha quadriculada e pintaram.

Até a hora de almoço, eu e a minha colega fomos a cada mesa ouvir os alunos a ler, ao mesmo tempo eles realizavam uma ficha com exercícios de gramática e, quando terminavam, faziam uma composição.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo de todo o meu percurso escolar, esta foi a primeira vez que tive contacto com o material Pentaminós. Este material pertence à família dos poliomínos, e de acordo com Damas *et al.* (2010, p.119) estes são “figuras geométricas formadas por um determinado número de quadrados com, pelo menos, um lado adjacente”, existe assim o Monominó, o Dominó, o Triminó, o Tetraminó e por fim o Pentaminó.

O último é com cinco quadrados (monominós) e apenas se pode construir 12 elementos (imagem X). Damas *et al.* (2010, p.120) afirmam que os pentaminós

permitem “compreender os conceitos de área e perímetro fazendo distinção entre eles, através da composição e decomposição de figuras geométricas”.

A professora não realizou nenhum exercício de áreas neste dia de estágio, pois referiu que o ia fazer na parte da tarde.

16 de abril de 2012 – segunda-feira

Esta manhã foi destinada para a minha colega dar as suas aulas. Iniciou a sua manhã com a área de Matemática, dando o conceito de círculo e circunferência. De seguida explicou o raio, distribuiu por cada aluno uma circunferência em cartolina e havia 3 tamanhos diferentes. A seguir à distribuição, pediu aos alunos para marcarem o raio na circunferência que tinham à sua frente, no fim verificaram se tinham raios diferentes.

Passou depois para a área de Português e o conteúdo abordado foi o discurso direto e indireto. Explicou o tema recorrendo a uma ficha informativa, de seguida realizou exemplos com os alunos, no qual tinha frases em discurso direto e teriam de passar para discurso indireto.

Para terminar a aula, utilizou uma ficha formativa que tinha um texto em discurso indireto, propôs aos alunos a passagem desse texto para o discurso direto.

A seguir ao recreio, levou os alunos para o coreto sentou-os em roda e mostrou-lhes um coelho, e foi este o tema de Estudo do Meio. Através do animal e de imagens, abordou com os alunos a classe, o habitat, a alimentação, a reprodução e algumas curiosidades.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de Estudo do Meio a colega recorreu ao trabalho prático. Martins *et al.* (2007a, p. 36) refere que o “trabalho prático (...) (TP) aplica-se a todas as situações em que o aluno está ativamente envolvido na realização de uma tarefa, que pode ser ou não de tipo laboratorial.”; na atividade realizada, que não foi laboratorial, os alunos é que tiravam as suas conclusões de acordo com os conhecimentos já adquiridos, a minha colega corrigia sempre que um aluno dizia alguma coisa incorreta e deu a conhecer novas curiosidades.

O uso do trabalho prático, como estratégia/método para expor um tema, desenvolve os domínios cognitivos, afetivos e processuais. De acordo com Martins *et al.* (2007a, p. 39) no domínio cognitivo os objetivos do TP são “i. ilustrar a relação

entre variáveis, importante na interpretação do fenómeno; ii. ajudar a compreensão de conceitos; iii. realizar experiências para testar conceitos; iv. promover o raciocínio lógico.”, comparando com a aula da minha penso que os pontos que estão de acordo com a sua aula são o ii e o iv. No domínio afetivo os objetivos são “i. motivar os alunos; ii. estabelecer relações/comunicação com outros; iii. desenvolver atitudes críticas no trabalho de equipa.”, neste domínio todos os pontos se enquadram com o que observei. Por fim no domínio processual os objetivos são “i. proporcionar o contacto directo com os fenómenos; ii. manipular instrumentos de medida; iii. conhecer técnicas laboratoriais e de campo; iv. contactar com metodologia científica; v. fomentar a observação e descrição; vi. resolver problemas práticos.”, os pontos que estão de acordo com a aula da minha colega são os i, iv e v.

Dentro dos quatro tipos de atividades práticas enunciadas por Martins *et al.* (2007a, p. 40) “i. experiências sensoriais (...); ii. experiências de verificação/ilustração (...); iii. exercícios práticos orientados (...); iv. investigações ou actividades investigativas.”, a que está de acordo com a aula observada é atividade prática de experiências sensoriais, tal como define o mesmo autor estas são “baseadas na visão, no olfacto, no tacto, na audição” (p. 40) pois nesta os alunos puderam observar, tatear, cheirar e ouvir os sons produzidos pelo coelho.

17 de abril de 2012 – terça-feira

O dia de aulas de hoje não foi na escola. As duas turmas do 2.º ano foram a uma visita de estudo ao Museu Calouste Gulbenkian. A visita de estudo consistia na árvore das ideias, os alunos eram orientados pelo guia e tinham de observar as obras. O guia dividiu a turma por grupos e distribuiu por cada grupo uma imagem, os alunos tinham de encontrar no museu uma obra que estivesse relacionada, fosse pela cor, pelo tipo de imagem, textura entre outros aspetos, com a imagem que lhes tinha sido entregue.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso desta visita de estudo, pois a turma foi dividida em grupos e eu fiquei responsável por um dos grupos, o que foi uma experiência muito boa para mim. Os alunos comportaram-se muito bem, pedindo-me ajuda para encontrar o que o guia tinha pedido.

Foi a primeira vez que fui a uma visita de estudo ao museu como estagiária. Guedes e Moreno (2002) afirmam que a visita de estudo a um museu

é uma experiência extremamente enriquecedora para os alunos, aumentando o nível de aprofundamento da matéria escolar e da cultura geral, pelo conhecimento e experiência directa com temas e objectivos relacionados com a matéria escolar e participação em diversas actividades práticas incluídas no programa.(p.11)

A visita de estudo foi muito gira, mas a sua organização na minha opinião não foi a mais correta, pois os guias estavam atrasados e o segundo grupo entrou 45 minutos depois do primeiro, não aproveitou tanto a visita de estudo, pois ficaram com o tempo reduzido.

20 de abril de 2012 – sexta-feira

A manhã iniciou-se com as rotinas habituais dos alunos; quando todos já se encontravam dentro da sala, a professora pediu para retirarem das capas as fichas em atraso de Matemática e para as realizarem.

A meio da manhã, uma das professoras Supervisão Pedagógica pediu-me para dar uma aula surpresa. O tema pedido foi na área de Matemática, sendo o tema subtração com empréstimo com o material Calculadores Multibásicos, o qual eu disse que não sabia. Dei então à mesma o material e, com uma situação problemática, realizei duas operações, sendo elas a subtração na mesma mas sem empréstimo e a prova dos nove.

Após a aula que dei, os alunos continuaram as suas tarefas. A minha colega e eu ouvimo-los ler, um a um.

Perto das 12h fomos para a reunião com a Equipa de Supervisão Pedagógica, as professoras titulares e as estagiárias.

Inferências e fundamentação teórica

A minha aula surpresa poderia ter decorrido melhor se não tivesse ficado enervada, para além de ter realizado cálculos facilísimos para os alunos, pois tive receio de arriscar, sabia dar o conteúdo que a professora me tinha pedido, mas bloqueei na altura. Outra crítica que quero realçar é que, uma vez que a aula não foi desafiante para os alunos tornou-se monótona.

A subtração, de acordo com Palhares (citado por Caldeira, 2009b, p.216) “é uma operação binária porque a cada par de números inteiros **a** e **b** (sendo $a \geq b$), faz corresponder um terceiro número inteiro $a - b$, que se designa por diferença”.

Após a subtração realizei a prova dos nove. Ruas e Grosso (2002, p.121) referem que “para confirmar o resultado de um cálculo, é costume efectuar-se um outro cálculo, chamado prova, (...) e com base nas propriedades das operações, fazer a confirmação que se pretendia.”

Na prova dos nove da subtração, usando o material Calculadores Multibásicos, os alunos têm de juntar a placa do diminuidor com a placa do resto e afastar a placa do diminuendo, de seguida terão de retirar grupos de nove peças das duas primeiras placas, que estão juntas, e de seguida, da placa do diminuendo. Se as peças que restarem forem iguais, ou se não restar nenhuma peça, a operação estava correta, se as placas tiverem peças diferentes, significa que a operação estava errada. A base do jogo é que dita qual o número do jogo dos fora (prova), terão de jogar. Como as operações são na base 10, retiramos um número à base e obtemos o número do jogo, neste caso, foi dos nove fora.

24 de abril de 2012 – terça-feira

Esta manhã de aula, foi destinada para eu apresentar as minhas aulas à turma.

Em continuação com a aula da minha colega, revi os conceitos círculo, circunferência, raio, introduzindo um novo conceito o diâmetro. Após ter explicado o que era o diâmetro, distribui por cada aluno uma ficha informativa e outra com várias circunferências marcadas.

Estas eram de objetos. Nessa folha além das circunferências, havia uma linha por baixo para ser assinalado a que objeto pertencia. Expus todos os objetos e os alunos foram dizendo ordenadamente a que objeto pertencia cada circunferência, podiam ou não acertar, verificávamos os objetos até corresponder; depois de descoberto tinham que identificar o nome do objeto com a circunferência e marcar o diâmetro.

A seguir para Português, iniciei a aula com o jogo da força, a palavra-chave era campo lexical. Os alunos não conheciam a palavra e eu expliquei o que significava, distribui por cada aluno uma ficha informativa e formativa, solicitei a um aluno para a ler. Nesta estava a palavra casa e um conjunto de palavras que pertenciam ao seu campo lexical. Dei outra palavra diferente da que estava na ficha formativa, que foi escola, e pedi aos alunos para me dizerem outras palavras que pertencessem ao

campo lexical de escola. Por fim realizámos o exercício da ficha, que consistia em encontrar a palavra intrusa, ou seja, a que não pertencia ao campo lexical em questão.

Num dos exercícios surgiu uma dúvida a um aluno, sendo esta o que era um distrito; para esclarecer a dúvida do aluno usei um planisfério e um mapa de Portugal para mostrar aos alunos, de forma clara, a dúvida (o que é um distrito?). Comecei por identificar o que são os continentes, os países, os distritos, mostrando também as cidades.

Depois do recreio, os alunos voltaram a sentar-se nos seus lugares e, em *Powerpoint*, fiz uma apresentação sobre os patos, que era o meu tema de Estudo do Meio, abordando a classe, o habitat, a alimentação, as características do corpo, a reprodução e curiosidades. Quando terminou a apresentação, ordenadamente, levei os alunos para o coreto que está no recreio, sentei-os em roda e soltei dois patos para eles poderem observar do que tinha falado na apresentação.

Ainda antes do almoço distribui pelos alunos uma folha, que era o bilhete de identidade do pato e, em conjunto, preenchamos a ficha, que abordava todos os temas apresentados em *Powerpoint*.

Inferências e fundamentação teórica

Um professor, ao estar em frente a uma turma, tem de ter a capacidade de improvisação. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa (2011, p.884) improvisar é “agir sem qualquer preparação ou plano”.

Jacinto (2003, p. 59) afirma que “a pessoa não se torna professor de repente, tornar-se professor é um processo que continua ao longo da carreira profissional” e “associado à capacidade intuitiva, criativa, de improvisação e expressividade do professor, está a metáfora do professor como artista.”

Para explicar aos alunos a dúvida que surgiu, recorri a dois mapas, um deles o planisfério e outro o mapa de Portugal; estes mapas têm o nome de mapa topográfico, segundo Antão (1997, p. 53) este mapas “servem para representar zonas territoriais, podendo oferecer uma mistura de aspectos naturais (como a geologia, cursos de água, elevações de terreno...) e artificiais (tais como localização de cidades ou aldeias, fronteiras entre países ou regiões).”

A utilização dos mapas ajudou-me na explicação da questão e na perceção dos alunos, pois visualizaram conforme ia explicando, não ficando assim no abstrato.

26 de junho de 2012 – terça-feira

Como faltei no tempo de estágio compensei neste dia.

Hoje todo o J.E. foi para o jardim-zoológico para a visita final de ano, vimos o espetáculo dos golfinhos e o das aves, com a professora, na parte da manhã. Depois do almoço foi-nos apresentado, pelo guia, o Jardim Zoológico através atividades que consistiam na descoberta dos animais.

O dia terminou perto das 17h.

Inferências e fundamentação teórica

A visita de final de ano é pensada para que todas as crianças entendam, se divirtam, aprendam, de forma a contextualizar as aprendizagens durante o ano letivo. Assim sendo, o Jardim Zoológico é um local onde todos os pontos acima referidos se possam concretizar.

O Jardim Zoológico tem a vantagem de possuir uma das melhores salas de aulas do país, cuja coleção animal, espaço e atividades proporcionam uma aprendizagem atraente e eficaz.

Nabhan e Trimble (1994), (citado por Almeida, 2006,) referem algumas vantagens do contato dos alunos com este tipo de ambiente

i. potência o conhecimento de espécies de uma dada região e a compreensão de relações de natureza ecológica; ii. permite a aprendizagem gradual de formas de conduta e relacionamento com determinados animais e plantas; iii. proporciona a percepção da vitalidade e dignidade das outras espécies, e a continuidade que existe entre elas e a espécie humana. (p. 103)

O Ministério da Educação reconheceu este espaço como Utilidade Educativa, por desempenhar um papel importante no âmbito da Educação Ambiental na Educação Pré-Escolar e nos Ensinos Básicos e Secundário. Evidencia paralelismo pedagógico entre os conteúdos do Jardim Zoológico e os curriculares, neste caso, no Pré-Escolar, na área de Conhecimento do Mundo e no 1.º Ciclo, na área de Estudo do Meio.

30 de junho de 2012 – sexta-feira

Neste dia de estágio, a minha colega e eu viemos compensar por termos faltado.

A professora distribuiu pelos alunos uma ficha de gramática e os alunos tiveram de a realizar; a minha colega e eu, estivemos a ajudar nas dúvidas que iam surgindo.

A seguir ao recreio a professora passou no quadro vários exercícios de Matemática, o ultimo exercício era uma situação problemática que falava de um moinho. Com um quadrado de papel de lustro, a professora lembrou aos alunos a dobragem do moinho, estes colaram e desenharam a parte da casa junto do exercício.

Ao longo da manhã, a minha colega e eu estivemos a ajudar a professora na preparação de um jogo, este era para apresentar aos pais, na festa final.

Inferências e fundamentação teórica

Apenas com um quadrado de papel, conseguimos reproduzir várias figuras, após o termos dobrado. A esta técnica damos o nome de dobragem ou origami; tal como refere Robison (2006, p.6) “o origami – ou a arte da dobragem de papel – permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão. Para produzirmos pequenas obras de arte feitas de papel precisamos apenas de usar as mãos e a mente”.

Para as crianças nem sempre é fácil reproduzir o que é pedido pela professora, nem sempre as dobragens são fáceis, pois exigem alguma destreza manual, o que dificulta os alunos.

6.ª Secção – Turma do 1.º ano

A 6.ª Secção corresponde à sala dos 6 anos, conhecida como bibe castanho nas instituições pertencentes à Associação João de Deus. Estagiei nesta sala do dia 30 de abril a 15 de junho de 2012.

6.1. Caracterização da turma

Esta turma é composta por 28 crianças, 16 raparigas e 11 rapazes. Todas as crianças perfazem os 8 anos de idade nesta turma. Existe, nesta turma, uma criança com dislexia que é acompanhada por um profissional de saúde.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do jardim-escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas atividades.

Esta informação foi fornecida pela professora titular de turma, para que fosse possível fazer uma melhor caracterização da mesma.

6.2. Caracterização do espaço

Esta sala é bastante semelhante à sala do bibe azul onde estagiei. Tem duas portas, uma de acesso ao salão e a outra ao recreio. Tem 2 quadros de ardósia e entre este um quadro interativo. As mesas dos alunos estão em grupos de 4, exceto a fila que está encostada à parede que tem apenas 2 mesas juntas.

Junto ao quadro de ardósia, do lado direito, está a mesa do computador e a secretária da professora, junto a esta estão os armários para os dossiers e materiais. Junto ao quadro de ardósia do lado esquerdo está um móvel com livros, este é o cantinho da leitura, pois tem uns sofás pequeninos para os alunos se sentarem.

A sala é bastante iluminada devido às janelas que dão acesso ao recreio, conforme se pode ver na figura 12.



Figura 12 - Sala do 1.º ano

6.3. Horário de turma

Quadro 7 – Horário 1.º ano

Horas	2.ª feira	3.ª feira	4.ª feira	5.ª feira	6.ª feira
9h-10h	Português	Matemática	Português	Expressão Plástica	Português
10h-11h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
11h-11h30	Recreio				
11h30 - 12h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h - 12h50	Matemática	Português	Matemática	Português	Educação Física
13h - 14h30	Almoço/ Recreio				
14h30 - 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Música	Estudo do Meio
15h20 - 16h10	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio
16h10 - 17h	Estudo do Meio	Formação cívica	Jogos de Matemática	Expressão Plástica	Assembleia de Turma

6.4. Rotinas

Acolhimento

Até às 9 horas o acolhimento dos alunos do 1.º ano é feito no ginásio, a essa hora a professora vai buscar a turma e leva-a para a sala. A partir desta hora os pais passam a entregar os seus filhos na respetiva sala pela porta do recreio. Isto pode ser feito até às 9h 30m.

Higiene

Os alunos vão à casa de banho antes de entrarem na sala de aula de manhã, antes e após o recreio, e antes do almoço.

Recreio

O recreio do bibe castanho é no pátio do 1.º ciclo, juntamente com as restantes turmas do mesmo, este é às 11h e tem a duração de 20 minutos, neste os alunos

comem o lanche da manhã dado pela escola e brincam até a professora os chamar de novo para irem para a sala de aula.

Almoço

O almoço é às 13h no refeitório, juntamente, com os outros alunos do 1.º Ciclo.

6.5. Relatos Diários

7 de maio de 2012 – segunda-feira

Às 9h os alunos que se encontram no ginásio com todos os alunos do 1.º ciclo, são levados à casa de banho e depois vão para a sala de aula e sentam-se nos seus lugares.

Foi distribuído pelos alunos uma folha, onde eles escreveram o cabeçalho e escreveram o título ditado do ditongo “ão”. A professora ditou 3 frases e, quando terminou o ditado, realizou perguntas de interpretação e de gramática no quadro. Os alunos passaram e responderam às perguntas na folha.

Depois do recreio foi distribuído por cada mesa uma caixa do material Cuisenaire; com este material a professora trabalhou a multiplicação, a divisão, a fração, o cálculo mental e decomposição de números. Quando terminou a aula arrumámos o material e verificámos se estava completo.

Até à hora de almoço a professora distribuiu pelos alunos uma ficha que consolidava com a aula de material, nesta os alunos tinham de representar um terço com as peças de Cuisenaire e para tal a professora deu em papel autocolante, as tiras necessárias com as respetivas cores para os alunos representarem. Outro exercício era “um menino tinha 12 rebuçados distribuiu por 4 amigos, com quantos rebuçados ficou cada um?”, nesta situação problemática os alunos também utilizaram as tiras do papel autocolante para representar.

Nos últimos exercícios os alunos tinham de identificar os ângulos e realizar a simetria de uma figura.

Inferências e fundamentação teórica

As professoras realizam ditados várias vezes com os alunos. Condemarín e Chadwick (1986) referem que o ditado para os educadores franceses

dá prática aos alunos no manejo da oração; dirige a sua atenção para as construções gramaticais; ajuda-os a aprender a ortografia, a colocar a pontuação e as maiúsculas adequadamente, e a aumentar o seu vocabulário; exercita-os no uso das palavras conhecidas e enriquece-lhes a mente com bons padrões de linguagem”. p.184

Existem vários tipos de ditados: os musicais, que são realizados através de uma música; o mudo, no qual a professora escreve uma palavra, a criança observa a palavra e a professora apaga ao fim de um minuto e os alunos escrevem no caderno; o ditado de palavras, a professora diz várias palavras e os alunos têm de escrever; o ditado de frases, a professora diz uma frase e os alunos têm de escrever; entre outras.

Na ficha realizada a professora focou-se mais nas frações. Segundo Aharoni (2008, p.167) “as frações são uma ferramenta para executar a operação da divisão. Por isso, o seu ensino deve acompanhar o ensino da divisão.” Nesta fase os exercícios de frações são simples e claros, pois alguns alunos têm alguma dificuldade em entender este conceito, o uso do material é importante porque os ajuda, com a visualização e a disposição das peças quando estão a representar uma fração, na compreensão das frações.

8 de maio de 2012 – terça-feira

Hoje os alunos estiveram a terminar fichas que tinham na capa; às 9h 30m a professora distribuiu por cada aluno uma caixa do material 5º Dom de Fröebel, pediu aos alunos para abrirem a caixa e realizarem a construção da igreja, a partir dessa construção trabalhou as frações, abordou as características do cubo (vértices, faces e arestas), realizou cálculo mental. Para terminar colocou no quadro os dados de uma situação problemática e desafiou os alunos a realizarem a questão do problema; no fim do exercício arrumaram as peças na caixa.

Ainda antes do recreio, distribuiu pelos alunos uma ficha e vários retângulos, que tinham representado a igreja, com o material 5º Dom de Fröebel. Nessa ficha os alunos tinham de realizar um pictograma, havia uma legenda que indicava o número de igrejas em Lisboa, no Porto, em Braga e Coimbra.

Cada imagem representava 10 igrejas, os alunos tinham de colar o número de imagens correspondentes à legenda. Por fim, havia perguntas para interpretação do pictograma. Quando terminaram a ficha foram para o recreio.

Perto das 11h 30m voltámos para dentro da sala, neste momento da manhã os alunos trabalharam a área de Português. A professora deu-lhes um texto que tinham

de copiar; esta cópia era para avaliação. Passou no quadro exercícios de gramática usando como apoio o texto usado para a cópia. Aos alunos que terminaram este trabalho antes da hora do almoço, a professora deu uma folha com imagens para os alunos criarem frases acerca das mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, durante a aula de Matemática, a professora pela primeira vez deu os dados de um problema e pediu aos alunos para formularem a questão, Boavida *et al.* (2008) afirma que

solicitar aos alunos que *criem* os seus próprios problemas, é uma atividade também rica e interessante, mas (...) a actividade de invenção, (...) pode levar os alunos a fantasiar, simplesmente, criando problemas sem nenhuma ligação à Matemática ou então propondo problemas tão complicados que nem os conseguem resolver. Deste modo, o professor deverá impor algumas regras e objectivos, recorrendo à utilização da estratégia que se designa por *aceitar dados*. (p.29)

Os alunos inicialmente tiveram alguma dificuldade, mas a professora orientou-os para a estruturação e formulação da questão. Gostaria de destacar a reação da professora, pois sabia que era um exercício difícil e complexo, mas quis experimentar e, ao ver os seus alunos a conseguirem depois de uma ajuda, a expressão da professora era de orgulho.

A professora recorreu ao uso de um gráfico, que tem o nome de pictograma, para a realização da proposta de trabalho. Segundo Antão (1997, p. 59) “os gráficos são imagens fixas que representam a realidade no seu aspecto quantitativo e constituem, por assim dizer, diagramas de dados numéricos, os quais fornecem ao leitor uma informação clara e quase instantânea”. O gráfico trabalhado na sala de aula é representado, de acordo com o autor atrás referido “através de símbolos (como pessoas, animais, casas, etc.)” (p. 61). Por isso a professora optou por usar imagens da construção trabalhada ao longo da aula, dificultando, dando a essas imagens um valor, sendo este 5, ou seja, cada imagem, correspondia a 10 igrejas.

11 de maio de 2012 – sexta-feira

No primeiro momento da manhã, a minha colega e eu demos uma aula em conjunto sobre as horas. Levámos um relógio grande, e demos a conhecer o conceito de horas e minutos, fazendo vários exercícios pedindo a colaboração dos alunos; para

estes marcarem as horas nos relógios que levámos, realizámos uma apresentação em *Powerpoint* e neste mostrámos vários relógios e curiosidades como por exemplo, antigamente as velas eram consideradas um objeto para medir o tempo, através de marcas. Para consolidar com a matéria dada, realizámos uma ficha de trabalho.

A seguir ao recreio, os alunos tiveram a terminar as fichas que tinham na capa por acabar.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos conteúdos inseridos no programa são as horas, para se dar as horas os alunos já têm de ter conhecimento dos conceitos, ano e dia. De acordo com Grosso (2004, p. 85) “para se definirem submúltiplos do dia, este foi dividido em 24 partes iguais, designando-se por cada uma dessas partes *hora*.”, acrescenta ainda que “a hora foi por sua vez dividida em 60 partes iguais, originando o *minuto* e, através de divisão semelhante, diz-se que a sexagésima parte do minuto é o *segundo*.”

Foi com base nestes conceitos que a colega e eu abordámos o tema.

14 de maio de 2012 – segunda-feira

Até às 9h 30m, os alunos estiveram a realizar fichas que tinham na capa. Após essa hora, a colega, deu uma aula sobre os sólidos geométricos, para tal usou uma apresentação em *Powerpoint* e os sólidos em madeira, abordou as suas características (faces, vértices, arestas). Depois da apresentação deu aos alunos uma proposta de trabalho, no qual eles tinham de marcar o número de arestas, vértices e faces que o sólido geométrico das figuras tinha.

Depois do recreio a professora distribuiu pelos alunos um texto, fez leitura modelo, passou várias perguntas no quadro de interpretação e de gramática para os alunos realizarem na folha pautada, no fim fizeram a cópia do texto.

Inferências e fundamentação teórica

As cópias são realizadas ao longo dos anos escolares, principalmente quando o aluno aprende a escrever. De acordo com Condemarín e Chadwick (1986) existem várias razões que são importantes para esta atividade no currículo escolar, tais como: uma melhor perceção no uso dos sinais de expressão; de pontuação; diagramação; formulação espaço-direcional da esquerda para a direita; a diferença entre a

linguagem e a escrita; a percepção da palavra; a sequência de letras dentro de uma palavra; a prática da destreza caligráfica (letra, as ligações entre letras, o tamanho, alinhamento e inclinação); estruturação das palavras nas frases e a memorização.

A aula da colega foi bastante interessante, pois usou sólidos geométricos em madeira e comparou com objetos usados no quotidiano. De acordo com Grosso (2004, p.141) “os objectos sólidos com que todos os dias nos relacionamos, por observação ou manipulação, ocupam um determinado espaço, possuem uma determinada forma.”

Foi através deste conceito que ela se baseou para transmitir e dar a conhecer aos alunos os vários sólidos geométricos.

15 de maio de 2012 – terça-feira

Logo pela manhã a professora distribuiu pelos alunos uma ficha, nesta estava presente uma imagem e os alunos, através dessa imagem, tinham de escrever 4 frases. Quando terminaram este exercício a professora escreveu no quadro vários exercícios gramaticais.

De seguida a minha colega e eu realizámos um ditado mudo. Foi-nos dadas duas frases a cada uma, tínhamos de a escrever no quadro por fases, ou seja, uma, duas ou mais palavras de cada vez, dávamos um minuto para os alunos as lerem. Passado esse minuto apagávamos as palavras depois os alunos escreviam-nas na sua folha.

Antes da hora do recreio, os alunos foram levados para o ginásio para assistirem a uma apresentação da empresa Açores; esta apresentação tinha como objetivo os alunos conhecerem o arquipélago dos Açores e as suas ilhas e para tal mostraram imagens e vídeos do arquipélago.

Para terminar a manhã, a professora passou aos alunos várias operações de multiplicação, divisão e subtração, situações problemáticas, numeração romana e quando terminassem faziam a tabuada do 5.

À hora habitual arrumaram o material para irem almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura de uma imagem é uma atividade importante para estimular a escrita dos alunos. Antão (1997, p. 52) afirma que “o processo mais primário de *ler uma imagem é descrevê-la*, ordenando e organizando os elementos que a compõem. Faz-se, assim, um acto de verbalização, o qual deve partir sempre de dados conhecidos.”

A professora realiza várias estratégias para trabalhar este tema, dá a imagem e os alunos descrevem-na, coloca duas imagens com diferenças e a tarefa é escrever quais os erros ou as diferenças nas imagens, entre outras.

Gostei muito de ter participado no ditado mudo, pois aqueles minutos senti-me responsável pela turma.

18 de maio de 2012 – sexta-feira

A professora iniciou a manhã dando várias frases na forma negativa, para os alunos colocarem na forma positiva.

Após a realização dos exercícios, dei uma aula em que o tema foi o euro. Levei para cada aluno uma nota e uma moeda de cada, para dar a conhecer esta unidade. Fiz vários exercícios, em que eles assumiam um papel de comerciante e cliente onde pagariam o que era pedido com a nota pedida e o comerciante teria de fazer o troco; os papéis eram trocados de exercício para exercício para que todos realizassem o mesmo tipo de exercícios.

A seguir ao recreio os alunos realizaram a ficha de consolidação da matéria dada.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia abordei o sistema monetário integrado no nosso país, o euro.

De acordo com Grosso (2004)

o euro subdivide-se em cêntimos, ou seja, cada cêntimo corresponde à centésima parte de um euro (1euro = 100 cêntimos), (...) as moedas têm o valor facial de 1 cêntimo, 2 cêntimos, 5 cêntimos, 10 cêntimos, 20 cêntimos, 50 cêntimos, 1 euro e 2 euros. As notas são de 5 euros, 10 euros, 20 euros, 50 euros, 100 euros, 200 euros e 500 euros. (p. 94)

Nesta aula, observei que a maioria dos alunos já tinham tido contacto com a maior parte do dinheiro, excluindo as notas mais altas, onde notei uma maior dificuldade foi na realização do troco pedido.

21 de maio de 2012 – segunda-feira

Esta manhã a aula começou com a realização de uma ficha em atraso, nesta ficha havia uma imagem com anomalias. Os alunos tinham de procurar na imagem o que estava errado e escrever uma frase descrevendo a situação, como por exemplo, uma cadeira só com 3 pernas.

De seguida distribuiu por cada dois alunos uma caixa do material Calculadores Multibásicos, iniciou a aula com o jogo da base 6 e posteriormente fez o da base 7 e 10. Ao dar esta aula, a professora trabalhou as operações com transporte e a leitura de números por classes e ordem.

Após o recreio distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho em que tinha representado numa imagem uma subtração com os Calculadores Multibásicos, os alunos com os lápis de cor tinham de representar a diferença da operação.

Depois tinham escrever a leitura da diferença por classes, por ordens e tinham de identificar o algarismo maior e menor valor absoluto e relativo, ler o número até às centenas de milhar; no fim da ficha os alunos tiveram de resolver várias operações.

Inferências e fundamentação teórica

Quando estamos perante um número, para o dizermos temos de o ler, para isso, as professoras têm de ensinar aos seus alunos a leitura de números, sendo esta por classes, por ordens, por inteiro, entre outros.

Caldeira (2009b, p.204) “a compreensão do número desenvolve-se entre o pré-escolar e 2.º ano, à medida que os alunos contam e aprendem a reconhecer “quantos existem” num dado conjunto de objectos.”, acrescenta ainda que “o sistema decimal representa um sistema de numeração com as seguintes características: i. é de base dez; ii. usa somente os dez numerais indo-arábicos (algarismos); iii. obedece ao Princípio de Posição Decimal.”

A professora abordou também os valores que os algarismos têm, sendo estes, o valor absoluto e o valor relativo. Caldeira (2009b, p. 204) explica estes dois valores referindo que o “valor absoluto é o valor isolado do algarismo independente da posição ou ordem que ele ocupa no número. Valor relativo é o valor (relativo) que o algarismo assume, dependendo da ordem que ele ocupa no numeral escrito.”

Os Calculadores Multibásicos, tal como refere Caldeira (2009b, p. 208) “permitem aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas”.

A professora realiza sempre uma ficha de consolidação com o material dado, nesta consegue verificar quais as maiores dificuldades dos alunos.

22 de maio de 2012 – terça-feira

Hoje a professora, logo pela manhã distribuiu pelos alunos um texto. Fez a leitura modelo e de seguida escolheu vários alunos para realizarem a leitura do mesmo. Realizou no quadro perguntas de interpretação e gramaticais em relação ao texto lido, e quando terminavam de responder a todas as questões, faziam a cópia.

Antes do recreio, fiz um ditado musical com os meninos, a folha que entreguei aos alunos tinha o formato de uma nuvem, pois era o tema da música, depois da realização do ditado os alunos enfeitaram a nuvem com algodão e colocaram botões para representar os olhos e com a caneta de filtro fizeram a boca. Conforme iam terminando de enfeitar a nuvem, vinham ao pé de mim para eu ver se o ditado tinha erros para eles corrigirem.

A seguir ao recreio, a professora distribuiu aos alunos uma proposta de trabalho de Matemática, esta tinha exercícios de decomposição de números, representação e classificação de ângulos, situações problemáticas, representação das horas e minutos e por fim operações de multiplicação e divisão.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta sala, existe um quadro interativo, com já foi referido, quando a professora passa exercícios, por norma utiliza este quadro. Gerard *et al.* (1999) citado por Meireles, 2006, p.12), referem que “o uso do quadro interativo aumenta a alegria e motivação nas aulas para professores e alunos, ao permitir um uso mais variado e dinâmico dos recursos.”

A utilização do quadro não é só para a professora passar ou resolver exercícios, sempre que esta ou alguma estagiária realiza uma apresentação em *Powerpoint*, é no quadro que este é projetado. O professor que domine bem o sistema destes quadros pode dinamizar as suas de uma forma divertida, e também manter-se atualizado pois as crianças aprendem num instante.

25 de maio de 2012 – sexta-feira

Nesta sexta-feira fui para a outra sala do bibe castanho assistir à aula da colega, que foi supervisionada pela Equipa de Supervisão.

A colega iniciou a aula com a leitura de um texto “a gotinha Cristalina” e após a leitura modelo do mesmo, colocou perguntas de interpretação e gramaticais.

De seguida com o apoio de uma maquete, explicou o ciclo da água. Os alunos tinham de colocar os representantes do ciclo da água no sítio certo assim como os conceitos.

Por fim deu uma aula com o material Cuisenaire. Nesta aula trabalhou a subtração, a multiplicação e a fração.

Quando todas as aulas tinham terminado, as estagiárias reuniram-se com as professoras titulares e orientadoras para a apreciação das aulas.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da prestação da colega, pois foi dinâmica, expressiva e clara ao longo das suas aulas.

O tema que deu na área de Estudo do Meio, o ciclo da água, segundo Catita (2007, p.140) “constitui o elemento da Natureza que mais facilmente permite visualizar as diferentes mudanças de estado”, sendo este elemento água.

Nesta aula a colega recorreu, com já referido, apenas a uma maquete, e nesta tinha as imagens onde poderíamos identificar facilmente os estados da água.

28 de maio de 2012 – segunda-feira

A manhã iniciou com uma ficha de Matemática, nesta os alunos tiveram de resolver várias operações e trabalharam a quarta parte de 16, 20, 40 e 4.

Após a conclusão da ficha a professora distribuiu pelos alunos as Calculadores Papi e com este material a professora trabalhou as classes e as ordens, fez representações de números, colocou peças na placa e pediu para identificarem o número assim como também deu o número e pediu para representar na placa, por fim depois de vários exercícios a professora pediu para representarem o dobro do número representado na placa, explicando que, como não podemos ter 2 peças no mesmo quadrado, alteramos as peças para o quadrado a seguir. Para consolidar com a aula,

a professora distribuiu pelos alunos uma ficha com as Calculadoras Papi, representadas para os alunos trabalharem os conceitos abordados na aula.

A seguir ao recreio, a professora distribuiu aos alunos um texto, foi feita a leitura do mesmo, depois da leitura, a professora pediu aos alunos para realizarem a cópia do texto, enquanto isso a professora escreveu no quadro várias perguntas de interpretação e gramaticais, que eles realizaram até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Para a professora poder trabalhar com os seus alunos as Calculadoras Papi estes terão de saber, tal como indica Caldeira (2009b, p.345), que o material está dividido em placas ou painéis e “cada uma dessas partes tem uma cor diferente (...) e representa um valor numérico. Nestas placas, seguem-se as regras de numeração binária (em cada placa) e decimal (entre placas).”

Para realizar a representação de um número inteiro no sistema decimal e proceder à sua leitura, de acordo com a mesma autora as “unidades colocam-se na primeira placa da direita, as dezenas na seguinte, as centenas na terceira e assim sucessivamente. Colocando as placas uma ao lado da outra, expandimos o sistema como quisermos, colocando a indicação por cima, se assim o decidirmos.”(p.346).

Para representar um número nas placas a professora pode utilizar massas, pedrinhas, botões, entre outros materiais.

29 de maio de 2012 – terça-feira

No decorrer deste dia a professora, trabalhou com os alunos a banda desenhada, distribuindo um pequeno texto, após a leitura do mesmo, foi feita a interpretação e análise gramatical do mesmo, através de perguntas que a professora fez no quadro.

Depois da conclusão deste trabalho, a professora propôs-nos dar uma aula, introduzir o “EGA”, que significa esdrúxula, grave e aguda. Com a ajuda de um *Powerpoint* contamos uma história, com as palavras do texto, já escolhidas, dei a regra da sílaba forte e divisão silábica; as palavras que escolhemos foram palavras que podemos transpor para o “EGA”. A minha colega, pegando nas palavras e na explicação que eu já tinha dado, explicou o que era o “EGA” e como classificamos as palavras. Por fim pediu aos alunos para retirarem do texto palavras que fossem esdrúxulas, graves ou agudas.

Para consolidar a aula a professora distribuiu pelos alunos uma ficha que tinha um comboio com 3 carruagens, cada carruagem representava cada uma da acentuação de palavras, a finalidade era escreverem palavras na carruagem correta, que fossem acentuadas como estava indicado.

A seguir ao recreio foi dada aos alunos uma ficha de Matemática, nesta foi trabalhado o triplo, a 16.^a parte, a metade, leitura de números, representação de horas e minutos e situações problemáticas abordando todas as operações.

Inferências e fundamentação teórica

A banda desenhada é um dos tipos de texto que mais gosto, porque é uma leitura divertida devido às suas imagens. De acordo com Antão (1997), a Banda Desenhada

constitui um género próprio, comprovado pela sua linguagem específica e pela sua indiscutível sedução. Esta arte, apesar da sua pesquisa do movimento, não é cinema; apesar do seu *domínio do texto*, não é, (...) literatura; apesar da sua exploração do grafismo e da cor, não é pintura. Trata-se de uma actividade criativa e um poderoso meio de comunicação. (p.41)

A professora, ao dar este texto, não teve com finalidade dar as partes e características da banda desenhada, tinha sim a finalidade de dar a conhecer aos alunos este tipo de texto.

A aula dada em conjunto com a colega, foi bem concretizada, conseguimos atingir os objetivos pedidos pela professora, o que foi gratificante, uma vez que introduzimos matéria nova, e pudemos verificar na proposta de trabalho que os alunos tinham compreendido o conceito explicado.

1 de junho de 2012 – sexta-feira

Hoje foi um dia diferente, um dia muito especial, pois comemorámos o dia da criança. E como é o dia delas, não há aulas mas sim muita brincadeira. O jardim-escola organizou vários divertimentos e vários jogos.

Havia insufláveis, um deles, era o futebol humano, e jogos tradicionais tais como o jogo do saco, saltar à corda e jogar à bola, puderam ainda ver um filme pois hoje era o seu dia e podiam decidir a que brincadeira e entretenimento queriam fazer.

Inferências e fundamentação teórica

A existência do Dia da Criança surgiu após a 2.^a Guerra Mundial, pois muitos países entraram em crise. Os pais obrigaram os seus filhos a irem trabalhar, muitas vezes estes trabalhos eram duros e eram obrigados deixar a escola. Mais tarde a Organização das Nações Unidas (ONU) tentou resolver o problema. Foi criada a Unicef e criado assim o dia da criança, dedicado a todas as crianças do mundo. Neste dia celebra-se o reconhecimento das crianças, independentemente da etnia, cor, sexo, religião e origem nacional ou social, assim como o direito ao afeto, amor, compreensão, alimentação adequada, cuidados médicos, educação gratuita, proteção contra todas as formas de exploração e crescer num clima de Paz e Fraternidade universais.

Desta forma houve a necessidade de defender os direitos da criança, como afirma Fonseca e Perdigão (1999, p. 20) “tendo presente que a necessidade de garantir uma protecção especial à criança foi enunciada (...) a Declaração dos Direitos da Criança.”. Esta Declaração defende, segundo o mesmo autor, que “a criança, por motivo da sua falta de maturidade física e intelectual, tem necessidade de uma protecção jurídica adequada, tanto antes como depois do nascimento.”.

Na realização da declaração, de acordo com Fonseca e Perdigão (1999, p. 21), houve o cuidado da importância “das tradições e valores culturais de cada povo para a protecção e o desenvolvimento harmonioso da criança.”.

Se cumprissem os 10 princípios estabelecidos pela declaração, as crianças tinham uma vida digna e feliz. Ao fim de 30 anos, este documento deixou de ter efeito e foi realizada a “Convenção dos Direitos das Crianças”, em que existem 54 artigos, que são tão importantes, que passaram a fazer parte da lei.

A maior parte das escolas celebra este dia, as crianças brincam e fazem atividades diferentes. Acho que as professoras poderiam explicar aos alunos o porque da existência deste dia e, não deixando de o comemorar, poderiam realizar atividades de recolha de brinquedos, roupas, alimentos, para as crianças que ainda não estão sob o abrigo deste documento, e para as crianças com carências. Gostaria de salientar que a escola realiza estas recolhas em outros momentos do ano, como no Natal.

4 de junho de 2012 – segunda-feira

Depois da rotina habitual, os alunos estiveram até as 9h 30m a terminar fichas que tinham na capa.

Quando chegou a essa hora, a professora distribuiu pelos alunos a prova de Língua Portuguesa, que foi realizada até à hora do recreio.

No último momento da manhã, a professora realizou no quadro várias operações, para os alunos concretizarem nas suas folhas; no fim desta proposta de trabalho realizavam a tabuada do 3 e a tabuada do 5.

Inferências e fundamentação teórica

Um dos conceitos matemáticos que os alunos têm de saber muito bem, para lhes facilitar a realização das operações, é a tabuada. Aharoni (2008, p. 147) refere que a multiplicação “é baseada em dois princípios: saber a tabuada (todos os produtos possíveis de dois números inteiros inferiores a 10) e agrupar dezenas.”

Aqui irei focar-me apenas na tabuada, pois foi o que a professora pediu aos alunos para realizarem após a sua proposta de trabalho.

O ensino da tabuada é realizado a partir da soma, por exemplo, $3+3$ é a mesma coisa que duas vezes o número três (2×3), partindo da soma é mais fácil os alunos entenderem a lógica da tabuada. Também podemos recorrer ao material Cuisenaire como metodologia.

5 de junho de 2012 – terça-feira

Neste dia de estágio, dei a minha aula programada. Iniciei a manhã com Português, fiz a leitura modelo do texto, que falava do trajeto da gota de água, gramaticalmente dei os determinantes artigos definidos e indefinidos, recorrendo a uma frase do texto. Distribuí, por cada aluno, um envelope com uma frase para ordenar, a frase já trabalhada e depois pedi para os alunos pintarem de uma cor os determinantes artigos definidos e, de outra cor, os determinantes artigos indefinidos.

A seguir ao recreio, com o 5º Dom de Fröebel, dando pistas do número de peças que íamos colocar de cada vez, realizei a construção do peixe; nestas pistas abordei o cálculo mental, a leitura de números, a fração e situações problemáticas (figura 13).

Para finalizar lecionei a área de Estudo do Meio. O tema era o ciclo da água e com a ajuda de uma maquete e imagens, expliquei o percurso que a água faz no seu ciclo, dando o nome dos conceitos; cada aluno tinha também esta maquete e colocaram as imagens e a sua legenda no local indicado. Por fim, distribuí um protocolo com uma experiência. A sua finalidade era mostrar os estados que a água atinge ao longo do seu ciclo e no fim do protocolo, havia um exercício em que os alunos tinham de identificar qual o processo do ciclo da água representado na imagem.

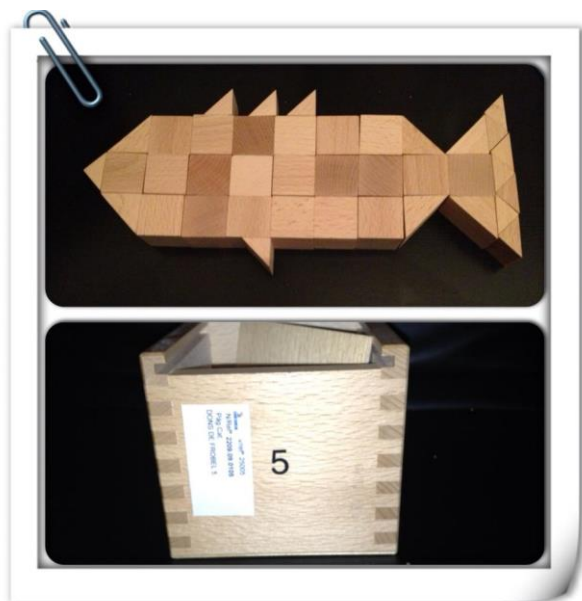


Figura 13 - Peixe (5.º Dom de Fröebel)

Inferências e fundamentação teórica

Para que as crianças pudessem perceber realizei uma experiência, de acordo com Martins *et al.* (2007a)

a orientação a dar às actividades práticas depende dos objectivos que se pretendem alcançar através da sua realização. Aquilo que distingue as actividades práticas não é, pois, o fenómeno (actividades diferentes podem centrar-se sobre o mesmo fenómeno), mas o procedimento seguido, o que estará relacionado com a finalidade das mesmas. (p.39)

Existem segundo estes autores (p.40) quatro tipos de actividades práticas, a que se adequava à minha aula são os exercícios práticos orientados, baseados na aprendizagem “comunicacional (planificação de uma experiência, apresentação dos resultados, elaboração de um relatório escrito” e na “ilustração e verificação experimental de uma dada teoria”.

Catita (2007, p. 140) afirma que “ao abordar estes temas (...), deverá servir-se de experiências de contacto directo com diferentes materiais, em redor destas temáticas”, acrescenta ainda que “é mais importante para a criança o contacto com o método experimental do que propriamente as conclusões, racionalizações e generalizações dos resultados experimentais.”

Pude concluir que as crianças ficaram a compreender melhor o ciclo da água após a realização da experiência, porque puderam comparar com as imagens da maquete e observar os estados da água, mais tarde.

8 de junho de 2012 – sexta-feira

Esta manhã foi iniciada com a realização de fichas em atraso.

A meio da manhã a professora Lena foi a sala de aula para encaminhar os alunos na pintura dos vasos onde iriam colocar o manjerico. Neste trabalho só participaram os alunos que os pais autorizaram, estes tinham de pintar o vaso a seu gosto, para depois oferecerem aos pais o manjerico.

Antes do recreio, lecionei uma aula com o material Cuisenaire; nesta aula, com o auxílio de uma história, trabalhei o valor das peças, o dobro, os termos meia dezena, dezena, meia dúzia e dúzia, a adição e a subtração.

Até à hora de almoço, os alunos estiveram na aula de Educação Física.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de expressão plástica costuma de ser de tarde, mas como este trabalho estava atrasado e não participavam todos os alunos, a professora não se importou que os alunos que tinham o trabalho em atraso o realizassem. De acordo com a Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básicos (M.E. 2004)

o professor deverá ir observando, sem interferir nos aspectos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura: como pegam no pincel, preenchem superfícies, como usam a cor e também aperceber-se do ambiente gerado e do tipo de solicitações que lhe fazem. (p. 93)

Acrescenta ainda que os suportes a utilizar na pintura deverão ser de cor neutra e a sua dimensão não deve ser inferior a A3, pode ir variando no tamanho, a espessura, a textura e a cor do suporte base, com o tempo e a iniciativa dos alunos “o professor pode, então, sugerir outras experiências que permitirão aprofundar a capacidade dos alunos se exprimirem.”

Os mesmos autores defendem também que “a organização, conservação e partilha do material de pintura contribuem, ainda, para as aprendizagens básicas da vida de grupo” (p. 94)

Uma vez que a professora de expressão plástica já trabalhou com os alunos várias técnicas com diversos materiais ao longo do ano, a realização deste trabalho, ficou bastante engraçada, o vaso não é um objeto fácil de pintar pela sua forma e tem de se ter algum cuidado por se partir, o que dificulta a pintura dos alunos.

11 de junho de 2012 – segunda-feira

Hoje, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de gramática, para estes realizarem; esta era uma ficha de revisão, pois já tinha sido cumprido o programa.

Quando esta estava realizada e corrigida, foram realizados no quadro exercícios também para revisão da matéria abordada ao longo do ano; os alunos passaram os exercícios para uma folha e realizavam-nos.

A seguir ao recreio, a colega de estágio deu uma aula avaliada pela diretora do jardim-escola. Esta iniciou a aula com o tema de Estudo do Meio: os movimentos de rotação e translação. Usou o *Powerpoint* com várias imagens e vídeos, para expor o tema, assim como, umas bolas de ar que representavam o Sol e a Terra. Com este material didático, as crianças puderam observar a diferenças de tamanho entre a Terra e o Sol, assim como com, a ajuda de dois alunos, mostrou cada um dos movimentos e, de seguida, os dois em simultâneo.

De seguida passou para a área de Português utilizando um poema, de que fez uma leitura modelo e interpretação do mesmo. Partiu para o tema da sua aula através do texto utilizado e abordou os determinantes artigos definidos e indefinidos, fez um exercício de ordenação de uma frase, realizando também a sua análise.

Ficou o conteúdo de Matemática por lecionar.

Inferências e fundamentação teórica

A gestão do tempo é muito importante e nesta aula, a minha colega não o fez corretamente e não conseguiu concluir as suas planificações, ficando uma área por dar.

De acordo com Arends (1995, p.83) “ o tempo ocupado varia de sala para sala (...) alguma desta variação relaciona-se com as competências do professor para a gestão da sala e com os tipos de alunos encontrados nas diferentes salas e aula”.

Quando pensamos nas estratégias para as aulas, temos de ter em consideração os alunos a quem iremos expor a matéria.

Morgado (2004) refere que

um outro aspecto relativo à gestão de tempo prende-se com os sobejamente conhecidos «tempos mortos» na sala de aula, designadamente na transição das actividades. Esta situação, que consensualmente se considera ser de evitar, pode facilitar a emergência de situações menos positivas como comportamentos de indisciplina, desmotivação, etc. (p. 94)

Pegando nas palavras do autor, acho que está descrito o que realmente foi o erro da minha colega, foi na área de Português, quando passou para o exercício que o ritmo da aula quebrou, e os alunos começaram a conversar, o que demorou imenso tempo; por sua vez, não usou nenhuma estratégia para voltar a chamar a concentração dos alunos. Na primeira área, também excedeu o tempo, por isso não conseguiu dar a sua última aula.

Este também é um dos meus aspetos a melhorar, pois tenho muita dificuldade na gestão de tempo, pois perco muito tempo a esclarecer as dúvidas dos alunos e a explicar os conceitos, não conseguindo deixar de os ouvir e esclarecer. Tenho que aprender a gerir estes aspetos.

12 de junho de 2012 – terça-feira

Às 9h da manhã, quando os alunos foram para a sala de aula, a professora pediu para verificarem se tinham fichas em atraso. Como havia fichas nas capas, até as 9h 30m os alunos estiveram a terminá-las.

A partir dessa hora foi distribuído um novo trabalho, a professora fez a leitura modelo de um texto e, no quadro, passou várias perguntas de interpretação e gramaticais, que os alunos passaram para as suas folhas e concretizaram.

Quando tinham terminado a proposta de trabalho, a minha colega de estágio deu a aula de 5.º Dom de Fröebel, que não conseguira dar no dia anterior. Nesta aula, ela fez a construção do castelo e trabalhou as frações com duas situações problemáticas.

No decorrer da aula da minha colega, houve um simulacro. Realizámos os procedimentos devidos para a prevenção de acordo com as regras e, quando tivemos autorização, regressámos à sala e a minha colega terminou a sua aula.

Após o recreio, a professora passou no quadro várias operações com vários graus de dificuldade para os alunos treinarem.

Inferências e fundamentação teórica

Todas as escolas têm de ter um plano de prevenção em caso de acidentes ou catástrofes, para os alunos e o corpo docente e não docente de uma escola saberem como agir, para isso são realizados simulacros, para que possamos saber que passos realizar e como agir.

De acordo com Lencastre e Pimentel (2005, p.19) “salienta-se, assim a importância da realização semestral (1.º e 2.º períodos) de um exercício de evacuação das instalações. De 3 em 3 anos devem ainda ser realizados simulacros com a elaboração dos Bombeiros e da Protecção Civil que, em conjunto com a Direcção das escolas, definem o cenário mais adequado.”

Antes da realização de um simulacro, as professoras conversam com os alunos para explicar como agir assim que ouvirem o sinal de alerta (campainha), dizem aos alunos que têm de formar um comboio em ordem, o mais rápido possível, assim como não gritar e correr. Este será formado em frente à porta que esta indicou (uma vez que a saída de emergência é diferente de sala para sala. E no local onde todos se reúnem (no recreio da escola) terão de continuar em comboio. A professora trata dos restantes procedimentos, verificar se a sala ficou vazia, é a última a sair e, de seguida, conduzir os seus alunos para o local de reunião. Explicam também em que situações é que o sinal de alarme pode tocar.

15 de junho de 2012 – sexta-feira

Neste dia de estágio a minha colega, deu a sua manhã de aulas, que iniciou com a área de Português. Nesta área deu o “EGA”, introduziu o tema com a leitura do livro “Advinha o quanto eu gosto de ti”, em suporte de *Powerpoint*, e no fim da leitura deste colocou perguntas de interpretação.

Para explorar o tema utilizou algumas palavras do texto e, oralmente, com os alunos verificaram o tipo de acentuação da palavra; para consolidar a matéria realizaram uma ficha que tinha três barcos, cada um correspondia a uma regra de acentuação. A tarefa dos alunos era distribuir as palavras pelos barcos certos, estas tinham de ser, quanto a sua acentuação, esdrúxulas, graves ou agudas.

De seguida deu área de Matemática, com o apoio do material manipulativo estruturado Calculadores Multibásicos, realizou com os alunos diversas situações problemáticas de cálculo mental.

Por fim, e depois do recreio, deu a área que lhe faltava-a de Estudo do Meio, e nesta realizou com os alunos uma experiência.

A finalidade desta experiência era ensinar aos alunos os conceitos “flutua e não flutua”, usando vários materiais e os conhecimentos dos alunos, verificaram quais eram os materiais que flutuam e os que não flutuam.

Antes de iniciar a experiência, os alunos preencheram um quadro, assinalando quais os materiais que achavam que flutuavam e não flutuavam; no decorrer da experiência preencheram outro quadro igual com os resultados da observação, no fim compararam os quadros.

Quando terminou a sua aula, os alunos foram para a aula de Educação Física até a hora do almoço.

Inferências e fundamentação teórica

A minha colega, ao explorar o tema “flutua ou não flutua” trabalhou as concepções alternativas das crianças. De acordo com Cachapuz (1995, citado por Martins *et al.*, 2007a, p. 28) designam-se por concepções alternativas as “ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização”. Estas de acordo com Martins *et al.* (2007a)

têm uma natureza estrutural, sistemática, através da qual o aluno procura interpretar o mundo, dando sentido às relações entre os objectos e às relações sociais e culturais que se estabelecem com esses objectos. Aprender Ciências requer a superação das representações que o senso comum e a cultura quotidiana oferecem e que, na maioria dos casos, são extremamente superficiais, isto é, aquilo que se designa por “Ciência intuitiva” dos alunos.(p. 30)

Ou seja, as crianças têm uma ideia em relação a um tema, neste caso se os objetos flutuavam ou não em água, como é o caso da maçã e da batata, a maior parte das crianças achavam que ambas não flutuavam, devido ao peso, e a colega, ao colocar ambos os alimentos na água, fê-los verificar que a batata não flutua e que a maçã flutua.

De acordo com Martins *et al* (2007b, p. 9) a finalidade destas atividades é “compreender o comportamento dos objectos distintos em líquidos (flutuação/não flutuação) e quais os factores condicionantes de tal comportamento”.

Partindo desta finalidade, a minha colega explicou que os fatores que influenciam estes conceitos é a densidade; todos os objetos que flutuam têm uma

densidade inferior ou igual ao líquido, neste caso, a água, todos os que não flutuam tem uma densidade superior ao líquido e por isso afundam.

18 de junho de 2012 – segunda-feira

Após as rotinas habituais, a professora deu um texto aos alunos, fez a leitura modelo, e pediu aos alunos para fazerem uma cópia do mesmo. Enquanto os alunos faziam esta tarefa, a professora, no quadro, passou perguntas de interpretação e gramaticais sobre o mesmo. Os alunos, depois da cópia, passaram as perguntas para a folha e ao mesmo tempo iam realizando o trabalho.

A seguir ao recreio a professora de artes plásticas foi à sala e esteve com os alunos a terminar o último trabalho que faltava, neste os alunos tinham de colar na tela, animais de plástico, sendo estes colados com cola branca. Cada tela estava pintada e enfeitada consoante o gosto de cada criança, construindo assim a sua obra de arte.

Inferências e fundamentação teórica

Este trabalho despertou-me algum fascínio, pois com um brinquedo a professora realizou um trabalho fantástico com os alunos, cada tela ficou à maneira de cada criança, mas o resultado final foi muito engraçado, pois era uma obra de arte em 3D.

De acordo com a Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básico (2004)

as crianças necessitam explorar, sensorialmente, diferentes materiais e objectos, procurando, livremente, maneiras de os agrupar, ligar sobrepor... Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objetos (p. 90)

Sem dúvida que este é um trabalho que irei reproduzir com os meus futuros alunos, com o mesmo material ou com outros.

19 de junho de 2012 – terça-feira

Às 9h 30m, quando já encontravam todos os alunos na sala de aula, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha com situações problemáticas, abordando todas as operações, os alunos estiveram até ao recreio a realizar esta ficha, os alunos que terminavam a proposta de trabalho, se tivessem fichas na capa, faziam-nas, se não tivessem, iam ler um livro.

Após o recreio, o pai de um aluno foi à sala dar uma aula. O tema que ele abordou com os alunos foi o windsurf e bodyboard; nesta aula, expôs que era um desporto, que era feito no mar, que manobras se utilizam, que roupa usar, que técnicas se usam, como se faz e quais são as posições para estar na prancha. Para expor estes conceitos, utilizou o *Powerpoint* para os alunos visualizarem vídeos e imagens, levou os fatos e as prancha que são utilizadas, deixando os alunos tocarem nos fatos e colocarem-se em cima da prancha.

Inferências e fundamentação teórica

Irei realçar, deste relato, a participação do pai do aluno na sala de aula, em que abordou um tema que os alunos adoraram, principalmente quando se colocaram em cima da prancha. Estanqueiro (2010, p. 112 e 113) afirma que “quem quer educar, tem de estar presente. Não basta entregar os filhos à escola e fazer exigências aos professores. Devem acompanhar em casa e comparecer na escola.”

Reis (2008,p.252) refere que “ a participação dos pais na escola baseia-se na obrigação natural que sentem enquanto pais, na contribuição que possam dar aos filhos de forma a promover um aumento do aproveitamento escolar”.

Foi notória a satisfação e o orgulho da criança ao ver o pai no seu ambiente escolar, em frente à sua turma e amigos, a explicar um tema que ambos adoram. A professora teve um papel muito importante nesta participação pois pediu várias vezes ao pai para expor uma aula, até que este disponibilizou um tempo para o fazer. Nem sempre é fácil, porque têm de conciliar com o horário de trabalho. Sei que houve mais pais desta turma a proporcionar outras experiências diferentes aos seus filhos e colegas.

22 de junho de 2012 – sexta-feira

Neste dia a professora distribuiu pelos alunos uma folha branca e estes tinham de copiar o excerto de texto que lhes tinha sido atribuído. Estes trabalhos eram para a área de projeto e com o conjunto dos excertos passados pelos alunos, fizemos vários livros, o tema era a árvore e tudo que pertence a esta.

A seguir ao recreio a professora passou várias operações e uma situação problemática no quadro para os alunos passarem para uma folha e realizarem.

Quando terminaram o desafio pedido, foram à aula de Educação Física, que durou até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

No plano curricular do 1.º Ciclo do Ensino Básico para além das unidades curriculares de frequência obrigatória, existe também a área curricular não disciplinar: a Área de Projeto.

A professora trabalhou com os alunos neste dia, o tema era as árvores, que era o tema da área curricular não disciplinar acima referida. De acordo com a Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básicos (2004, p. 18) a área de projeto visa “a concepção, realização e avaliação de projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos.”

A área de projeto foi trabalhada em paralelo com o projeto educativo da escola.

25 de junho de 2012 – segunda-feira

Hoje vim compensar um dia que tinha faltado. As aulas já tinham terminado, por isso os alunos passaram a maior parte do tempo a brincar, ou no cantinho da leitura ou com jogos, como por exemplo, legos, puzzles, entre outros. Enquanto isso, a minha colega de estágio e eu estivemos a fazer uma árvore em esferovite, que serviria para colocar os livros de área de projeto, realizados ao longo da semana anterior.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo deste momento de estágio, a professora várias vezes dizia aos alunos que acabavam o trabalho mais depressa, havendo um grupo de 4 alunos,

aproximadamente, para irem para o cantinho da leitura, ou para irem buscar um livro ao cantinho da leitura.

Na escola existe uma biblioteca de acesso às duas vertentes, do ensino do Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, mas nas salas de aulas existe também o cantinho da leitura.

Sobrinho (2000) chama ao cantinho da leitura, a biblioteca da turma e refere que os livros que ali se encontram muitas vezes são levados pelos próprios alunos ou são adquiridos coletivamente pela turma; na utilização destes livros, não existem a requisição, está ao dispor dos alunos. O mesmo autor afirma que

o número mínimo de livros terá de corresponder ao número de alunos, e a estes deverá ser atribuída uma grande responsabilidade na organização, conservação e sistema de empréstimo. (...) A biblioteca de turma oferece grandes possibilidades relativamente ao objectivo, sempre difícil, de conquistar leitores. Os seus livros circulam num círculo reduzido, o que permite o comentário e o conselho entre companheiros e entre estes e o professor. (p. 65 e 66)

O papel da professora é fazer a escolha dos livros, para que esta seja adequada para a sala em questão, e assim disponibilizar algum tempo para os alunos usufruírem daquele espaço da sala, o que, neste caso, acontece inúmeras vezes.

2 de julho de 2012 – segunda-feira

Este foi o meu último dia nesta sala, e também foi um dia de compensação e coincidiu também a véspera da festa de fim de ano. Como tal, a manhã foi dedicada às respetivas preparações sendo que, os alunos ficaram no recreio a brincar.

As preparações consistiam em deixar a sala o mais vazia possível, para tal tivemos que encostar as mesas à parede, colocar ordenadamente o jogo em cima de uma mesa, arrumar o material das secretárias nas mochilas de cada um; para os que não tinham mochilas, o material foi colocado em sacos e deixados à mesma por debaixo da mesa.

Inferências e fundamentação teórica

A preparação da última festa do ano é tão stressante como a do Natal, mas desta vez os pais não ficaram só assistir, foram com os seus filhos para a sala de aula correspondente, onde se encontram as titulares de turma, com um jogo que organizaram, para realizar com os alunos e os seus encarregados de educação, todos os pertences do aluno saíram hoje da aula e regressaram a casa.

Reis (2008, p.254) refere que os pais “sempre que podem vão às festas que a escola organiza e ajudam na preparação das roupas ou dos adereços pedidos (desde que estes não impliquem um encargo financeiro demasiado elevado)”. Nesta festa, a preparação dos adereços é apenas realizada pela professora; na festa de Natal é que é pedida a ajuda dos pais para os figurinos.

Este dia, por norma, é muito emotivo, pois é o fechar de um ano letivo e a professora terá de se despedir dos seus alunos e preparar o novo ano letivo.

7.ª Secção – Turma do 3.º ano

A 7.ª Secção corresponde à sala dos 8 anos, conhecida como bibe azul claro nas instituições pertencentes à Associação João de Deus. Estagiei nesta sala do dia 25 de setembro a 16 de novembro de 2012.

7.1. Caracterização da turma

Esta turma é composta por 29 alunos, doze raparigas e dezassete rapazes. É uma turma que revela um bom ritmo de aprendizagem.

7.2. Caracterização do espaço

Esta sala não é muito espaçosa quando comparada com as restantes, porém dispõe de grande luminosidade também devido às janelas de acesso ao exterior (figura14). Esta tem 2 quadros, um deles é interativo e o outro de ardósia. Ao fundo da sala estão os cabides dos alunos e, entre estes, os armários onde a professora guarda o material. A sua secretária encontra-se entre os 2 quadros. A disposição das carteiras dos alunos varia, sempre que a professora considera pertinente.



Figura 14 - Sala 3.º ano

7.3. Horário de turma

No quadro 8 apresento o horário das crianças desta turma.

Quadro 8 – Horário do 3.º ano

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h - 10h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
10h - 11h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
	Recreio				
11h30 - 12h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
12h - 12h50	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
13h - 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 - 15h20	Estudo do meio	Inglês	Expressão plástica	História	Música
15h20 - 16h10	História	Estudo do meio	Expressão plástica	Ed. Física	Estudo do Meio
16h10-17h	Ed.Física	Música	Música	Estudo do Meio	Estudo do Meio
17h	Saída				

7.4. Rotinas

Acolhimento

O acolhimento do 3.º ano é também no ginásio, a professora, às 9h, vai buscar a sua turma e leva-a para a sala de aula, os alunos arrumam as suas coisas nos cabides, sentam-se até às 9h 30m, que a hora até que os alunos podem entrar.

Casa de banho

Os alunos vão à casa de banho antes de entrarem para a sala, antes e depois do recreio e antes do almoço.

Recreio

O recreio é às 11h juntamente com os alunos do 1.º Ciclo e dura 20 minutos; os alunos, neste tempo, comem o lanche da manhã e brincam até à hora de voltarem para a sala de aula.

Almoço

O almoço é às 13h no refeitório, em conjunto com os restantes alunos do 1.º Ciclo.

7.5. Relatos Diários

25 de setembro de 2012 – terça-feira

Às 9h os alunos, assim que chegam à sala, colocam as suas coisas no cabide e depois vão à casa de banho; quando regressam à sala, sentam-se nos seus lugares e a professora distribuiu uma folha a cada um e pediu para cada aluno escrever uma palavra, através dessa palavra realizaram um acróstico, sendo este o título ou tema para a realização do mesmo. Para cada letra da palavra tinham de encontrar palavras, mas estas tinham que fazer sentido, ou seja, tinham de formar um texto.

Após esta proposta de trabalho realizou revisões das classes dos nomes.

A seguir ao recreio a professora esteve a trabalhar com os alunos a leitura de números, abordando os seguintes aspetos: leitura por classes, por ordem e valores absoluto e relativo e, por fim, ler o número até a uma determinada ordem.

Antes do almoço ainda houve uma revisão de subtrações e provas.

Inferências e fundamentação teórica

A realização do acróstico foi diferente. Através de uma palavra os alunos criaram um texto. De acordo com Leão e Filipe (2005, p. 46) um acróstico é “escrever verticalmente um nome, um título... Construir um texto a propósito desse nome ou título, utilizando como iniciais as letras previamente escritas.” É uma forma diferente de estimular os alunos à escrita; segundo Condemarín e Chadwick (1986, p. 159) este é um tipo de escrita criativa, as autoras defendem que “a escrita criativa é um dos melhores meios para estimular os processos de pensamento, imaginação e divergência”. Referem ainda que nesta atividade pretende-se “que a criança tome consciência das diferenças e semelhanças entre a linguagem oral e escrita, e que domine progressivamente as características específicas da escrita, como a ortografia e as estruturas gramaticais.”

O resultado final foi muito interessante, uma vez que as palavras escolhidas foram diferentes, e assim, os textos tinham conteúdos diferentes.

1 de outubro de 2012 – segunda-feira

Hoje a manhã de aulas iniciou-se com a correção dos trabalhos de casa de Matemática, neste havia exercícios de leitura de números, situações problemáticas e adições.

Ainda antes do recreio, a professora distribuiu por cada mesa uma caixa do material Cuisenaire e com este material trabalhou as adições, o jogo das estações, realizando o exercício em que os alunos tinham de encontrar 2 peças que, juntas, não pudessem ser maiores ou menores que a peça verde escura. Os alunos encontraram a peça encarnada que cabe três vezes na peça azul escura, e a peça verde clara que cabe duas vezes na peça verde escura. A partir deste exercício passou para a multiplicação, referindo que 2 vezes a peça verde clara, que vale três unidades, é igual a 6, ou seja $2 \times 3 = 6$, assim como $3 \times 2 = 6$. Realizou mais exercícios, dando o resultado dez, de seguida cem e mil e nesta fase explicou aos alunos que teriam de cruzar as peças para conseguir chegar ao resultado. Referindo ainda que para representar uma

multiplicação com este material, temos sempre que cruzar as peças. Por fim, a professora entregou uma proposta de trabalho aos alunos, para consolidar com a aula realizada com o material Cuisenaire.

Até à hora do almoço os alunos estiveram a realizar a proposta de trabalho, nesta havia também situações problemáticas para resolver.

Inferências e fundamentação teórica

As professoras costumam mandar trabalhos de casa, ou melhor, os desafios escolares, como chamam no 3.º ano. Geralmente, estes são apenas ao fim de semana; durante a semana, se os alunos tiverem trabalhos de casa para realizar, será apenas à base de tarefas, ou de um exercício.

De acordo com Meirieu (1998)

os trabalhos de casa são sempre necessários; poderão ser, sem dúvida, menos numerosos, mais objectivos, mais acessíveis, mas é necessário que haja alguns para desenvolver nos alunos a autonomia e a responsabilidade, bem como o sentido de organização, o interesse em aprofundar os seus conhecimentos e o gosto pelo trabalho pessoal. (p. 14)

Estou totalmente de acordo com a citação acima referida, os alunos deverão ter trabalhos de casa pelos motivos referidos, mas o professor terá de ter a capacidade de ponderar os trabalhos de casa que pede. Não concordo que, durante a semana, os alunos tenham trabalhos, já estão imensas horas na escola e é aqui que devem de ser trabalhados os conceitos e as matérias. Penso que o sistema adotado por esta professora é o mais correto. Pode-se pedir trabalhos que permitam ao aluno ser autónomo e responsável, por exemplo, realizar uma cópia de um ou dois parágrafos de um texto.

2 de outubro de 2012 – terça-feira

Neste dia os alunos não estiveram na escola, fomos acompanhá-los a uma visita de estudo ao Castelo de São Jorge; o guia do local encarnou a personagem de D. Afonso Henriques e, durante a visita, contou uma breve parte da História de Portugal.

Inferências e fundamentação teórica

Esta visita de estudo foi bastante interessante, pois a forma como o guia abordou o tema levou-nos aos tempos antigos, imaginando como seria viver nessa época. Tive esta percepção pelas perguntas muito pertinentes das crianças, curiosas para desvendar mais segredos e histórias sobre o Castelo e sobre os reis.

De acordo com Félix (1998, p. 53) “os modelos didáticos baseados na descoberta e na busca de uma história viva, reforçam a utilização do Meio como recurso de ensino da História.”, acrescenta ainda que o Meio “como instrumento para a aquisição do conhecimento histórico, tem uma dupla função: ilustração de conhecimentos / pequenas investigações e a interacção com o património cultural que possibilitará o desenvolvimento de atitudes de empatia e respeito pelo passado.”

Ao longo da visita os alunos aprenderam coisas novas, pois o guia abordou assuntos que ainda não tinha sido falado na escola, e puderam ver locais onde se passaram vários acontecimentos que a professora já tinha abordado.

9 de outubro de 2012 – terça-feira

A manhã de aula foi iniciada com revisões do Sistema Digestivo e após as revisões, as professoras do 3.º ano juntaram-se no ginásio e realizaram uma experiência. Nesta experiência, mostraram aos seus alunos o que acontece aos alimentos ao longo do sistema digestivo.

Quando esta terminou, os alunos foram para a sala e estiveram até à hora do recreio a arrumar as fichas nos seus dossiers; como não arrumaram tudo, depois do recreio continuaram a mesma tarefa.

Antes do almoço a professora distribuiu por cada aluno a “missão da divisão”; esta consistia numa folha com duas operações da divisão, como era a primeira, o divisor tinha apenas um algarismo.

Inferências e fundamentação teórica

Todos os alunos, têm o seu dossier, com todos os trabalhos que são realizados ao longo do ano, este está dividido por áreas e a sua organização depende de professora para professora. Há professoras que organizam os trabalhos, do mais antigo para o mais recente, e outras que organizam de forma contrária.

De acordo com Leite e Fernandes (2002) as vantagens do uso do dossier são

i. estimular o pensamento reflexivo; ii. contribuir para a reflexão dos alunos acerca do seu próprio trabalho e avaliação; iii. estimular a participação activa dos alunos no processo de avaliação; iv. privilegiar o carácter positivo da avaliação, uma vez que os alunos têm mais possibilidades de mostrar os seus conhecimentos e evidenciar o desenvolvimento da sua autonomia; v. contribuir para melhorar a auto-estima dos alunos; vi. conduzir a uma aproximação entre o que se ensina, o que se aprende e o que se avalia; vii. favorecer a identificação dos progressos e das dificuldades dos alunos; viii. contribuir para que os alunos tomem consciência do conhecimento que possuem. (p.62)

Os apontamentos são dados em duplicado, uma cópia é colocada no dossier e a outra no caderno diário, que servirá de instrumento de estudo.

Os alunos têm acesso aos seus dossiers sempre que precisam de consultar alguma coisa que não esteja no caderno diário, as professoras no final de cada período, deixam os alunos verem os seus trabalhos.

Os dossiers são mantidos na escola, durante todo o ano letivo, mas quando este termina, cada aluno leva o seu dossier para casa. Os pais têm acesso a este instrumento de trabalho nas reuniões de pais, em eventuais festas ou celebrações de dias festivos.

15 de outubro de 2012 – segunda -feira

Depois das rotinas habituais, e já na sala de aula, a professora escolheu 6 alunos, distribuiu-lhes uma folha branca e pediu para cada um escrever um algarismo, um dos alunos era a vírgula, ou seja, era um número decimal. Depois colocaram-se lado a lado e viraram as folhas para os colegas. Com o número que estava representado, a professora foi fazendo perguntas dirigidas aos alunos, pedindo a leitura do número por ordens e classes, lendo o número como se fosse inteiro referindo a última ordem, pediu os algarismos de maior e menor valor relativo e valor absoluto.

Após este exercício escreveu no quadro um número e pediu aos alunos que pintassem, com lápis de cor, cada classe de uma cor estabelecida pela mesma; o número tinha desde da classe dos milhões até as décimas e com este número, realizou novamente a leitura do mesmo, referindo a última ordem.

De seguida, definiu dois ângulos, um de 130° e outro de 70° ; o desafio lançado aos alunos, era marcar estes dois ângulos, usando o transferidor, nos cadernos, referindo os respetivos nomes, obtuso e agudo.

A seguir ao recreio, realizou um exercício ortográfico (ditado) e com o texto deste, trabalhou com os alunos os constituintes da frase (grupo nominal, grupo verbal e grupo adjetival) e a análise sintática (predicado, sujeito, complementos direto e indireto) de uma frase.

Ainda antes do almoço, realizou a chamada da tabuada para avaliação.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, o mais interessante foi o uso do transferidor para marcar os ângulos. O Programa de Matemática do Ensino Básico (M.E., 2009) refere que os alunos têm de compreender a noção de ângulo, saber comparar e classificar os ângulos (reto, agudo, obtuso e raso) e identificar ângulos em figuras geométricas; acrescenta ainda que os “materiais permitem estabelecer relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos. (...) Na abordagem da Geometria e Medida devem ser utilizados instrumentos como, por exemplo: réguas, esquadros, metros articulados, fitas métricas, balanças (...)”. Para a realização da aula a professora usou o transferidor, os alunos tiveram alguma dificuldade, mas facilmente compreenderam.

16 de outubro de 2012 – terça-feira

Para iniciar a manhã de aulas, a professora fez a revisão da análise sintática de várias frases. Numa das frases, a professora desafiou-me a realizar em conjunto com os alunos. Ainda antes do recreio, na área do Português, introduziu os tipos de sujeito (simples, composto e subentendido), realizou vários exercícios para que os alunos pudessem entender melhor os conceitos aprendidos.

De seguida, a professora distribuiu pelos alunos uma caixa do material 5.º Dom de Fröebel, trabalhou as características do cubo (arestas, faces, vértices) e depois passou para as frações de um meio e um quarto usando os cubos do material, que estão divididos em meios e em quartos; após a abordagem das frações, os alunos arrumaram o material.

Até à hora de almoço, a professora deu aos alunos a “missão da divisão” para realizar.

Inferências e fundamentação teórica

A professora usou o material estruturado manipulativo 5.º Dom de Fröebel para explorar com os alunos. Como já foi referido, as características do cubo e as frações, de acordo com Normas (1991, citado por Caldeira 2009b, p. 303) aponta que “o conhecimento do tamanho relativo das fracções sustenta o sentido do número e aconselha-se o uso de “materiais manipuláveis para explorar fracções equivalentes e comparar fracções”; assim as crianças com o 5.º Dom de Fröebel, desenvolvem o sentido do número e facilmente constataam que $\frac{1}{2}$ representa a mesma porção que $\frac{2}{4}$ (têm o mesmo valor), podendo perceber que são fracções equivalentes.

A professora optou por usar este material para abordar este tema; uma vez que os cubos estão divididos, os alunos facilmente percebem as frações porque, através da manipulação do material no concreto, conseguem apreender conceitos abstratos que, sem esse apoio, são mais difíceis de alcançar.

19 de outubro de 2012 – sexta -feira

Após as rotinas habituais e até às 9h 30m a professora corrigiu com os alunos os trabalhos de casa/desafios escolares.

Às 9h 30m a professora pediu aos alunos para vestirem o casaco e formarem um comboio no recreio, para irem para a camioneta. Neste dia fomos ao teatro Tivoli ver uma peça de teatro cujo seu tema era Corpo Humano, especificamente numa criança que ficou doente. Ao longo do teatro vimos a defesa do sistema imunitário no corpo da criança, à procura da bactéria pelo corpo todo.

Inferências e fundamentação teórica

Este teatro estava relacionado com a área de Estudo do Meio, uma vez que o tema abordado foi o corpo humano.

De acordo com a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo (2004), este tema faz parte do Programa do Ensino Básico que é dado no 3.º ano e os alunos terão de aprender a

- i. identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais: - digestão (sensação de fome, enfartamento...); circulação (pulsção, hemorragias...); respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...) ii. conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual); iii. conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais): localizar esses órgãos em representações do corpo humano.

Os J.E. João de Deus têm um programa próprio, cumprem o programa estabelecido pelo Ministério de Educação, mas existem alguns temas/matérias que são dados antes do que é pedido no programa, como é o caso do corpo humano. Os alunos, quando chegam ao terceiro ano, já têm conhecimento de alguns sistemas e os seus respetivos órgãos. Uma vez que são mais novos, a matéria é introduzida de uma maneira mais simples, que será aprofundada no decorrer dos anos.

É muito importante este tipo de visitas de estudo educativas, pois os alunos saem do contexto rotineiro e podem compreender conceitos mais abstratos, que são aqui colocados no concreto.

22 de outubro de 2012 – segunda -feira

Ao longo da manhã e até à hora do recreio, os alunos estiveram a realizar a prova de Estudo do Meio e de História de Portugal.

A seguir ao recreio, a professora deu os verbos no modo infinitivo, usando uma ficha como material de apoio. Quando já tinham esta realizada, a professora dirigiu as perguntas aos alunos, para que eles indicassem verbos da 1.^a, 2.^a e 3.^a conjugação no modo infinitivo.

Até à hora do almoço, todos os alunos do 1.º Ciclo estiveram reunidos no ginásio, pois houve a visita de um contador de histórias, que contou a história do Chapelinho Vermelho, recorrendo a um livro, a Carochinha, dramatizando, num cenário, e Os Três Porquinhos, usando o *Datashow*, projetou as imagens e contou a história.

Inferências e fundamentação teórica

Como pudemos observar, existem diversas formas de contar histórias; o contador de histórias, apresentou 3 estratégias diferentes.

Litwinoff (1998, p. 11) afirma que “os contadores de histórias são divulgadores de saberes, regras e conceitos num intercâmbio constante com o seu público.”, acrescenta ainda que “numa relação responsável entre escola e comunidade, o conto pode representar um meio de aproximação interessante, tanto a nível da sua recolha e divulgação, como na criação de situações de valorização cultural expressiva de toda a comunidade escolar.”

Magalhães (2008, p.331) afirma que as “estratégias de oralidade (...) procuram captar a atenção de leitores pequenos.”

Usando várias estratégias conseguimos que os alunos fiquem mais atentos e se interessem pela história, sendo esta dinamizada, seja através da leitura, seja da dramatização, entre outras.

23 de outubro de 2012 – terça -feira

Hoje foi o dia destinado para dar as minhas aulas, ao longo da manhã. Iniciei a manhã com a distribuição de um texto, que era uma receita. O tema que tinha de dar era os quantificadores numerais, por isso parti das quantidades estipuladas na receita para a preparação do bolo e introduzi o tema.

Realizei interdisciplinaridade num exercício lacunar, onde os alunos tinham de indicar o dobro das quantidades dos ingredientes da receita, para poder realizar 2 bolos em vez de um.

De seguida passei para a área de Matemática, com o bolo da receita, que já levei feito e pedi aos alunos para me indicarem que forma tinha a base do bolo, eles disseram que era um círculo. A partir desta informação, dei os seguintes conceitos: círculo, circunferência, raio e diâmetro. Os alunos tiveram de realizar, com o apoio do compasso, um círculo e três circunferências. Numa das circunferências marcaram o raio e na outra o diâmetro, desta forma, ficarem representados na folha os 4 conceitos abordados.

A meio da aula de Matemática os alunos foram ao recreio e terminei a aula depois do recreio.

Até à hora de almoço, realizei um jogo do sistema digestivo e respiratório, pois os alunos já tinham trabalhado esta matéria com a professora e o jogo serviu de consolidação. Dividi a turma em 5 grupos, e cada grupo tinha um chefe de equipa, os alunos tinham de responder às perguntas colocadas ou aos desafios, se acertassem, tinham um ponto e uma peça de puzzle, se errassem a pergunta ia para o grupo com menos pontuação, em caso de empate, passava para o grupo a seguir. Ganhou o grupo que conseguiu as 5 peças do puzzle, que tinha a imagem do sistema digestivo ou do sistema respiratório. O jogo foi apresentado em *Powerpoint*.

Inferências e fundamentação teórica

Ao dar a aula de Português, utilizei a área de Matemática para descobrir o dobro das quantidades utilizadas, recorri assim à interdisciplinaridade. Piaget (1972) citado por Pombo, Guimarães e Levy (1994, p.10) refere que “a interdisciplinaridade

aparece como (...) «intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias disciplinas (...tendo) como resultado um enriquecimento recíproco». Os mesmos autores acrescentam ainda que “por interdisciplinaridade, deverá então entender-se qualquer forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto a partir da confluência de pontos de vista diferentes.”.

Maingain e Dufour (2008, p. 52) defendem que “o paradigma da interdisciplinaridade baseia-se no pressuposto de que certas situações não podem ser dominadas no quadro de um paradigma disciplinar particular e exigem a articulação de diferentes contribuições disciplinares.”

Como podemos confirmar, com as definições dos autores realizei interligação entre as duas disciplinas. Ao longo do estágio foram várias as situações em que assisti à interdisciplinaridade, tanto no Ensino do Pré-Escolar como no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

26 de outubro de 2012 – sexta -feira

Neste dia de estágio, os alunos estiveram a realizar a prova de Português desde das 9h 30m até à hora do recreio.

Depois do recreio e até à hora do almoço, a professora esteve a fazer revisões de Matemática, entregou uma ficha aos alunos para estes realizarem, com vários exercícios. A minha colega foi desafiada a realizar os primeiros exercícios com os alunos, que eram de leitura de números.

Inferências e fundamentação teórica

A professora promove muitas revisões do que já foi aprendido para que os alunos possam relembrar e, caso não tenham percebido, possam compreender um determinado conceito. Não realiza revisões apenas em momentos próximos de uma avaliação, mas sim quase todos os dias.

De acordo com Meirieu (1998, p.82) “rever é reconstruir e não simplesmente uma tentativa para recordar conhecimentos anteriormente adquiridos.”, acrescenta ainda que rever/relembrar “é inventariar, reclassificar, comparar, pesquisar a origem, reelaborar alguma coisa que, se bem que se fundamente em conhecimentos adquiridos, os deve intergrar num projecto novo.”; a professora, ao realizar revisões reestrutura o conhecimento dos alunos, utilizando estratégias diferentes das previamente utilizadas na introdução da matéria.

29 de outubro de 2012 – segunda -feira

Hoje, uma professora da Supervisão Pedagógica foi à sala de aula e pediu uma aula surpresa à colega. Esta teve de trabalhar as áreas com o material manipulativo Geoplano.

Iniciou a sua aula com a explicação do conceito área, definindo a medida de área. Realizou várias figuras com os alunos, em que eles tinham de identificar a área e figura e depois realizou o exercício ao contrário, pedindo aos alunos para realizarem, com os elásticos, uma figura com 12 unidades de área.

Para terminar a aula, realizou uma casa e uma árvore; o desafio lançado aos alunos era identificar a área de cada uma das figuras.

Quando terminou a sua aula, o material foi arrumado e a professora pediu à turma para arrumar a secretária, pois ia distribuir a prova de Matemática. Esta foi realizada até a recreio. Como não tinham tido muito tempo para a realizar, continuaram depois do recreio.

Ainda antes do almoço, a professora realizou com os alunos um exercício ortográfico ou um ditado musical da canção “Foste Tu” de João Portugal; à semelhança do outro ditado musical, este também era lacunar; os alunos, ao ouvirem a música, tinham de escrever as palavras que faltavam.

Inferências e fundamentação teórica

Um aspeto fundamental para que as aulas decorram bem, é saber manter a disciplina quando estamos à frente dos alunos. De acordo com Moreira (2004, p. 56) a disciplina é “o conjunto de regras que regulamentam os comportamentos (...) assim como as sanções (...) associadas à quebra das regras”; acrescenta ainda que a disciplina tem como objetivos “i. mostrar que o comportamento que a criança teve não é adequado; ii. ensinar um novo comportamento mais ajustado.”

Brazelton e Sparrow (2004, p.45) referem que “o tipo de disciplina a que uma criança responde e o número de vezes que precisa dela, variam, em parte, com a sua personalidade.”.

Desta forma apesar das regras serem para turma no geral, temos que ter estratégias a adaptar a cada criança, os mesmos autores acrescentam ainda “podemos apontar três grupos de características que variam de criança para criança e afectam a maneira como cada uma lida com o mundo.”, estes aspetos a que os autores se referem são

i.a forma como a criança encara as tarefas – a sua atenção e persistência, a tendência para se distrair e o nível de atenção; ii. a flexibilidade com que encara as pessoas – orgulhosa, envergonhada, adaptável ou rígida; iii. a forma como reage às imagens, sons, acontecimentos, etc. – a qualidade dos seus estados de espírito e a intensidade das suas reacções. (p.45)

Sempre que uma criança está a perturbar o funcionamento de uma aula, tornando-se inoportuno, terá de ser chamado a atenção para que a aula possa continuar a decorrer, como foi referido pelos autores recorrendo às regras da sala de aula e as estratégias para aplicar a cada aluno.

30 de outubro de 2012 – terça –feira

Neste dia de estágio, a professora iniciou a suas aulas com a avaliação da leitura; após a leitura do texto, e com perguntas dirigidas, fez perguntas de interpretação e ainda com o mesmo texto, distribuiu pelos alunos uma ficha de gramática para realizar. Quando terminaram, realizaram a cópia do texto trabalhado durante a primeira parte da manhã.

A seguir ao recreio a professora distribuiu pelos alunos o material estruturado manipulativo Geoplano e trabalhou com os alunos o mesmo conceito que a minha colega trabalhou na sua aula surpresa, a área.

Estipulou que um quadrado com 4 pregos é considerado unidade de medida. Pediu aos alunos para medirem, com uma régua, a distância de um prego ao outro. De seguida explicou o conceito área, dizendo que é o espaço planificado que uma figura ocupa e de seguida, como se calcula. Neste caso, como estamos perante um quadrado, a área será $A = c \times l$.

Após a revisão dos conceitos, a professora realizou vários exercícios, num deles deu uma figura e os alunos tiveram de calcular a sua área, depois deu a área 36 cm^2 ; ao realizar este ultimo desafio, uma grande parte da turma representou uma figura com 36 quadrados. A professora explicou que não têm a mesma área, pois de um prego para o outro temos 2 cm, e os alunos tinham de se basear nessa medida. A figura com os 36 quadrados tinha de área 144 cm^2 . De seguida, abordou as áreas equivalentes e para os alunos entenderem o conceito, pediu-lhes para realizarem uma figura regular com 8 quadrados de unidade de medida. Cada criança, representou a figura que quis e desta forma, houve figuras diferentes. A professora pediu ordenadamente aos alunos que realizaram imagens diferentes para irem ao quadro mostrar a sua figura e mostrou à turma que, apesar de ser uma figura diferente, todas elas têm a mesma área, por isso, dizemos que são áreas equivalentes.

Por fim pediu para arrumarem o material para irem almoçar.

Inferências e fundamentação teórica

A professora utilizou o material manipulativo estruturado Geoplano e abordou o tema áreas; de acordo com Caldeira (2009b) um dos interesses pedagógicos é calcular áreas.

Palhares (2004, p. 388) afirma que “ao medirmos a porção de plano que uma dada figura plana ocupa, estamos a calcular a área.”

Para trabalhar a área com este material os alunos terão de saber, de acordo com Caldeira (2009b, p. 418) “a área de uma determinada figura representada num geoplano calcula-se tomando com Unidade de Área a distância mínima entre quatro pregos.”

A autora acrescenta ainda que “ para medir a superfície, usamos como unidade um quadrado com 1 cm de lado. Esse quadrado tem 1 cm^2 de área”(p. 421); a professora não usou como unidade de medida 1 cm, mas sim 2 cm, logo cada quadrado tem 2 cm^2 , é outra forma de trabalhar as áreas com as crianças, usando diferentes unidades de medida.

2 de novembro de 2012 – sexta -feira

Hoje é dia de *roullement*, devido ao feriado do dia anterior. Depois de irem à casa de banho, a professora deixou os alunos ligarem os computadores para jogarem; como tinha um trabalho para os alunos realizarem, pediu para desligarem os computadores. Distribuiu uma folha branca A4 pelos alunos e estes tinham de desenhar uma folha de outono e colori-la; este trabalho iria servir para enfeitar um trabalho que as duas turmas estavam a realizar em conjunto.

O professor do Clube de Ciências pediu para dar, na parte de manhã, a sua aula, uma vez que as duas turmas estavam juntas. O tema da aula foram os sismos, o professor mostrou um *Powerpoint* com várias imagens de sismos, alguns vídeos e como atuar em caso de sismo; quando terminou a sua aula os alunos foram para o recreio.

Até à hora de almoço, os alunos estiveram com o professor de Música a treinar as músicas que irão ser gravadas num CD e que foram convidados para as interpretar.

Inferências e fundamentação teórica

As aulas do Clube de Ciências e de Expressão Plástica são dadas na parte da tarde, por isso, ao longo do estágio foram poucos os momentos em que tive a oportunidade de assistir.

O Clube de Ciências consiste em aulas dadas por dois professores doutorados nas áreas de Ciências, e nestas são realizadas experiências, são abordados temas que as professoras não dão em Estudo do Meio ou, por vezes, é feita uma interligação entre ambas as disciplinas. De acordo com Costa (2012, p.11), estes dois professores têm “o papel incondicional de dinamizadores e facilitadores da aprendizagem, abordando as seguintes áreas do conhecimento: zoologia, botânica, geologia, ecologia, paleontologia, física, química, astronomia, neurociências, mas também aulas de educação ambiental que têm como propósito, o desenvolvimento da cidadania.”, acrescenta ainda que “o objetivo principal destas atividades é, por si só, o despertar da curiosidade na transversalidade do saber, tendo a expectativa de que os intervenientes acabarão por construir e reconstruir o seu próprio conhecimento, encontrando por fim os seus interesses específicos.”.

Nas aulas de Expressão Musical, a professora trabalha com os alunos todos os pontos do programa. Neste dia assisti apenas ao treino das canções que iriam ser gravadas, por isso, durante a aula, os alunos estiveram apenas a cantar; de acordo com a Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básico (M. E., 2004)

A prática de canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.ºCiclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando. (...) A participação de projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas. (p. 67)

Apesar de só ter assistido aos ensaios, acredito que a gravação deste CD foi uma experiência única para cada criança.

5 de novembro de 2012 – segunda -feira

Após as rotinas habituais, a professora distribuiu por cada 2 alunos uma caixa do material estruturado manipulativo Cuisenaire, e pediu-me para dar aula; esta foi surpresa, tinha que abordar os conceitos perímetro e áreas. Iniciei com o perímetro, disse a definição e lembrei como se calcula o perímetro no material, dei uma figura e pedi aos alunos para me indicarem qual o perímetro desta; depois dei o perímetro e os

alunos escolheram as peças de forma a obterem o que foi pedido, realizei os cálculos no quadro para os alunos visualizarem a realização do mesmo. Realizei a mesma estratégia para a área. Por fim, a professora explicou, de uma forma mais simples, como se calcula a área.

Depois do recreio foi distribuído pelos alunos uma ficha de matemática, em que os alunos tinham de calcular várias áreas e perímetros, através de situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta aula lecionei a noção de perímetro e de área, a de área já foi referida, neste dia irei centrar-me no perímetro.

Caldeira (2009b, p. 160) define por conceito de perímetro a “medida do comprimento da linha fronteira de um polígono.”

Após ter relembrado a definição do conceito, expliquei às crianças que, tal como refere a mesma autora, cada peça vale 1 cm de lado, desta forma podemos calcular o perímetro de diferentes formas geométricas e em caso de dúvida, os alunos podem recorrer a ajuda da peça padrão (branca), pois esta tem 1 cm de aresta.

6 de novembro de 2012 – terça -feira

O dia de hoje foi destinado à minha colega para dar a sua manhã de aulas. Iniciou a sua aula com a área de Português, utilizou um texto de Alice Vieira, que se intitula “O meu irmão é um grande artista.”.

Partiu dos graus dos adjetivos, que os alunos já conheciam, para introduzir os graus dos adjetivos superlativo absoluto sintético e analítico; após a apresentação do tema em *Flipchart*, retirou as dúvidas dos alunos através de uma ficha de consolidação e, após a leitura da mesma, passou para a sua resolução.

A área que deu a seguir foi Matemática, o seu tema era a introdução da centésima. Com uma cartolina dividida em 10 partes, reviu a décima, na outra face da cartolina estava representada 1 centésima, ou seja, esta estava dividida em 100 partes. Distribuiu uma ficha informativa, que foi lida e nesta foram retiradas as dúvidas dos alunos, passou de seguida para a ficha de consolidação, em que abordou a leitura e escrita de números decimais e operações com números decimais.

Terminou a sua manhã com a área de Estudo do Meio, em que abordou o tema do sistema circulatório, expôs o tema num *Powerpoint* com vídeos e imagens e por fim usou uma ficha de trabalho.

Inferências e fundamentação teórica

Uma das áreas que não assistimos com tanta regularidade é a área de Estudo do Meio, o momento em que mais contacto temos é nas aulas dadas pelas estagiárias.

De acordo com a Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básico (M.E., 2004)

o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.(p. 101)

Nesta aula a minha colega não interligou as áreas, não é obrigatório, mas sempre que seja possível devemos interligar as áreas entre si.

O mesmo autor refere que “o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor de aprendizagem nessas áreas”, (p. 101)

Quando preparo uma aula, parto sempre do tema de Estudo do Meio, para a preparação dos conteúdos das restantes áreas e tento ir ao encontro das vivências e experiências das crianças.

9 de novembro de 2012 – sexta –feira

Neste dia de estágio, fomos com as turmas do 3.º e 4.º anos a uma visita de estudo às grutas de Santo António (figura 15), que durou o dia todo. Nas grutas, houve um guia que nos encaminhou e mostrou o percurso e contou a história da gruta, assim como os anos das estalactites e estalagmites, mostrando algumas figuras que estas formaram como a cara de um elefante, uma caveira, entre outras; vimos o ponto mais alto da gruta, vimos vários



Figura 15 - Grutas de Stº António

pequenos cursos de água e lagos, entre outras curiosidades.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta visita de estudo os alunos aprenderam o que é uma gruta e como se formou.

De acordo com Mayes (1989):

uma gruta é uma espécie de sala subterrânea. É aberta pela chuva, que vai desgastando a rocha. Muitas delas são calcárias. O calcário desgasta-se muito facilmente(...) A água escava o seu caminho, através dos orifícios das rochas, tornando-os maiores. Uma gruta é um buraco alargado pela acção da água.” (p.16)

Os alunos também aprenderam o que é uma estalactite e uma estalagmite, assim como os animais que habitam nesta e a história neste caso da Gruta de Stº António.

Reitero a minha opinião de que estes momentos são também muito bons para trabalhar a socialização e a relação pedagógica, quer entre adultos, quer entre crianças, quer entre ambos.

12 de novembro de 2012 – segunda -feira

Ao longo estágio a professora teve várias estratégias de comportamento, sendo uma delas a troca de lugares e hoje a manhã iniciou-se dessa forma, a professora mudou a disposição da sala e os lugares.

Quando todos os alunos estavam instalados, a professora realizou a correção do desafio escolar, ou seja, os trabalhos de casa.

Após a correção deste, a professora pediu-me para distribuir pelos alunos o material manipulativo 5.º Dom de Fröebel; quando terminei a distribuição pelos alunos, a professora disse-me para dar aula e trabalhar as frações e realizar uma construção.

A seguir ao recreio foi distribuída pelos alunos uma proposta de trabalho, em que o desafio proposto era pintar 1 centésima, 4 centésimas, 10 centésimas, 4 décimas, 20 décimas e, por fim, 6 décimas; ainda nesta ficha os alunos realizaram 2 operações (adição e subtração) com casa decimais e por fim leitura de números.

Até à hora do almoço, a turma ainda leu um texto, a professora oralmente realizou perguntas dirigidas, de interpretação e gramaticais e, por fim, a análise morfológica e sintática de uma frase.

Inferências e fundamentação teórica

Uma vez que a disposição dos lugares escolhidos não era a melhor, pois os alunos conversavam, não trabalhavam tanto, não estavam tão atentos, a professora decidiu realizar troca de lugares, neste momento de estágio assisti mais vezes a trocas de lugares. Outra estratégia de comportamento que a professora adotou foi usar 4 cores distintas, sendo o azul o bom comportamento, a seguir vinha o verde, posteriormente o amarelo e, no fim, o encarnado, que significava mau comportamento; a professora, conforme o comportamento dos alunos, passava as fotografias de cada um para a cor que se adequasse, a punição era menos tempo de intervalo, que variava de cartolina para cartolina, sendo a encarnada o maior tempo sem recreio e estes dados eram colocados numa tabela preenchida diariamente, para mais tarde se realizar o balanço do comportamento.

De acordo com Veríssimo (2000, p. 67, 68), é importante os professores realizarem registos, referindo que a grelha/tabela deverá ser de preenchimento semanal, desta forma é facultado “não só o registo de comportamentos e desempenhos, como também a frequência com que ocorrem (...) uma observação mais atenta dos resultados tornará, ainda, possível constatar se o aluno prima por uma certa regularidade, se evoluiu ou se regrediu.”

Na minha opinião as regras da sala de aula e estratégias para controlar o comportamento dos alunos são muito importantes para manter a ordem na sala de aula, pois sem esta os alunos não tiram proveito das aulas e não aprendem a estar em sociedade, respeitando os outros, assim como ganhar responsabilidade, entre muitas outras coisas. De acordo com Urra (2012, p.91) deve-se “impor disciplina, que significa ensinar, porque não esqueçamos que os adolescentes (e o resto dos humanos) precisam de normas para se sentirem seguros, contudo não se deve estar constantemente a castigar.”; no J.E. os alunos não são castigados, pois os alunos devem ser ensinados e, ao terem um mau comportamento, o diálogo é sempre o primeiro instrumento a que as professoras recorrem, geralmente os alunos compreendem e reconhecem o seu erro.

13 de novembro de 2012 – terça -feira

A manhã iniciou-se com as estagiárias do 2.º ano da Licenciatura a dar uma aula em conjunto; através de um *Powerpoint*, explicaram o sistema urinário, como atividade de consolidação fizeram palavras cruzadas, em que a pista e a palavra

correspondia ao que fora exposto por elas. Para terminar realizaram algumas perguntas e retiraram dúvidas que poderiam ter.

Para consolidar a aula dada, a professora distribui pelos alunos uma ficha com perguntas de matéria antiga, que serviu de revisão, e da nova matéria para retirar dúvidas aos alunos.

Quando os alunos terminavam, iam finalizar a ficha de Matemática iniciada no dia anterior. Estas tarefas duraram até ao recreio.

Até à hora do almoço a professora introduziu matéria nova, as medidas de comprimento; começou pela unidade principal, o metro e, depois, passou para os submúltiplos, onde usou um régua para mostrar os milímetros e centímetros, por fim deu a conhecer os múltiplos. Explicou como se realizam as reduções e, de seguida, deu uma ficha aos alunos, com várias reduções das medidas de comprimento.

Inferências e fundamentação teórica

As unidades de medida são muito importantes para o quotidiano de uma pessoa; de acordo com Grosso (2004, p.58) “durante muitos séculos, os seres humanos efectuaram medições de comprimentos com base em unidades de medida que tinham por referência algumas dimensões do corpo humano.”, mas houve a necessidade de definir um sistema de medidas estável, uniforme e simples, que se adequasse a qualquer povo.

Desta forma, depois de várias pesquisas e estudos, definiram como medida de comprimento o metro. Tal como define Grosso (2004, p. 62) é “a décima milionésima parte do meridiano terrestre”, partiram do globo porque é comum a todos os povos.

O mesmo autor refere ainda que o metro

é pouco adequado para efectuar medições de comprimentos muito pequenos ou muito grandes. Não medimos o comprimento de um lápis em metros, embora isso seja possível e também será pouco apropriado expressar a distância entre duas capitais europeias em metros. Consequentemente, são estabelecidos em sistema decimal, submúltiplos e múltiplos do metro na relação de 1 para 10. (p. 63)

Desta forma a professora, ao introduzir este conteúdo, iniciou com a principal unidade, partindo depois para os submúltiplos e múltiplos, explicando tal como refere o autor, a relação de 1 para 10 de uma medida para a outra.

16 de novembro de 2012 – sexta -feira

A professora iniciou a manhã de aula com uma ficha de Matemática, que tinha exercícios, principalmente do perímetro.

A meio da ficha, uma das professoras da Supervisão Pedagógica foi à sala de aula e pediu-me para dar uma aula surpresa de Português. O tema pedido foi os graus dos adjetivos nos graus superlativos absoluto analítico e absoluto sintético e o grau superlativo relativo de superioridade e inferioridade; escolheu ainda um texto para eu trabalhar este conteúdo.

Fiz a leitura modelo do texto, pedi a 3 alunos para lerem, coloquei perguntas de interpretação e, a partir de frases do texto, pedi aos alunos para colocarem os adjetivos da frase escolhida no grau que eu pretendia.

A seguir à aula fui para a reunião com as restantes estagiárias que também tiveram e assistiram às aulas, juntamente com as professoras titulares e as professoras da equipa de Supervisão.

Quando a reunião terminou, fui novamente para a sala e a professora estava a realizar com os alunos a correção da ficha de Matemática, que durou até à hora de almoço.

Inferências e fundamentação teórica

Após a reflexão sobre a aula que dei, critico-me no aspeto de não ter usado o quadro para realizar um mapa conceitual da matéria.

Ontória *et al.* (1994, p.27) refere que “ o «mapa conceptual» é uma técnica criada por Joseph Novak, que o apresenta como «estratégia», «método» e «recurso esquemático».” Define estratégia como a organização dos materiais que serão objeto de estudo, método que ajuda a captar o significado dos materiais que se vão aprender e, por fim, o recurso que se refere à representação de um conjunto de significados conceptuais incluídos numa estrutura de proposições.

Para a minha aula recorreria mais à definição de recurso esquemático realizando a seguinte ordem que Ontória *et al.* (1994, p. 28) afirmam: “o conhecimento está organizado e representado em todos os níveis de abstracção, situando os mais gerais (...) na parte superior e os mais específicos (...) na parte inferior.” Mentalmente teria sido mais fácil para mim ajudar os alunos, não baralhando, nem dificultando a revisão da matéria.

8.^a Secção – Turma do 4.^o ano

A 8.^a Secção corresponde à sala dos 9 anos, conhecida como bibe azul-escuro nas instituições pertencentes à Associação João de Deus. Estagiei nesta sala do dia 19 de novembro de 2012 a 25 de janeiro de 2013.

8.1. Caracterização da turma

A turma é composta por 28 alunos: 11 rapazes e 17 raparigas, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Os pais são presentes, preocupados e demonstram grande interesse pelo desenvolvimento global do seu filho.

É importante referir que um aluno, doente oncológico desde os 5 anos, apresenta uma patologia rara que o obriga a estar ausente, pelo menos neste 2.^o período.

A turma apresenta uma dinâmica interpessoal, revelando dificuldade na resolução de conflitos.

Ao nível da aprendizagem, a turma apresenta níveis e ritmos diferenciados. Contudo, são patentes as dificuldades generalizadas no que diz respeito à consolidação de conceitos e conteúdos básicos.

Em relação às dificuldades de aprendizagem, destacam-se 3 alunos que usufruem de apoio individualizado.

8.2. Caracterização do espaço

A sala do 4.^o ano é espaçosa e retangular, existem 2 quadros, um de ardósia e outro interativo. A secretária da professora está junto ao quadro interativo e na parede junto desta encontra-se um quadro de cortiça, onde são expostos alguns trabalhos dos alunos. A disposição das secretárias dos alunos varia consoante o seu comportamento, estas estão viradas para o quadro interativo. Ao fundo da sala encontra-se um móvel com livros e jogos, designado pelo cantinho da leitura e no lado direito deste mas na ponta da parede, um outro móvel onde são colocados os dossiers e o material da professora; nesta parede também se encontram os cabides dos alunos. A sala tem bastante luminosidade, devido às janelas que dão acesso ao exterior (figura 16).



Figura 16 - Sala do bibe azul-escuro – 9 anos

8.3. Horário de Turma

No quadro que se segue (quadro 9) podemos encontrar o horário do 4.º ano.

Quadro 9 – Horário do bibe azul-escuro – 4.º ano

Horas	Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
9h-10h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
10h-11h	Português	Matemática	Português	Matemática	Português
Recreio					
11h30-12h	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
12h-12h50	Matemática	Português	Matemática	Português	Matemática
13h-14h30	Almoço e recreio				
14h30-15h20	História	História	Inglês	Estudo do meio	História
15h20-16h10	Ed.Física	Estudo do meio	Expressão Plástica	Música	Experiências
16h10-17h	Estudo do meio	Música	Expressão Plástica	Ed. Física	Inglês
17h	Saída				

8.4. Rotinas

Acolhimento

O acolhimento é feito, tal como as restantes turmas do 1.º Ciclo, no ginásio, às 9h a professora vai buscar os seus alunos e leva-os para a sala de aula.

Até as 9h 30m os alunos terminam os trabalhos em atraso ou fazem pequenos desafios lançados pela professora.

As aulas só começam após essa hora, pois o horário de entrada dos alunos apesar de ser as 9h, tem essa tolerância de 30 minutos.

Casa de banho

Os alunos vão à casa de banho antes de entrar na sala, antes e depois do recreio e antes da hora de almoço.

Recreio

O recreio é às 11h, tal como nas restantes turmas do 1.º Ciclo; neste, os alunos comem a bolacha ou maçã, que é dada pela professora, e brincam até a professora chamar os alunos de novo para a sala de aula. Este tem a duração de 20 minutos.

Almoço

O almoço do 4.º ano é às 13h, a professora leva os alunos para o refeitório, onde estão os restantes alunos do 1.º Ciclo.

8.5. Relatos Diários

19 de novembro de 2012 – segunda –feira

O dia de hoje foi iniciado com a correção dos trabalhos de casa de Matemática e de Português.

Até à hora do recreio a professora esteve a explicar aos alunos que iam realizar um livro. Esta ideia foi inspirada no livro “Escreve o teu livro”; os alunos iriam ter ao longo do ano vários desafios, o de hoje era escrever dois postais, mas cada

postal transmitia duas mensagens diferentes, uma de satisfação e outra de insatisfação. A professora introduzia a história, que se passava numa cidade, e um grupo de crianças foi a uma visita de estudo com a sua escola e duas personagens escreveram os postais aos respetivos pais. Os alunos tinham de se colocar no lugar daqueles alunos e escreverem como se fosse deles o postal, perante as condições dadas.

Após o recreio, a professora realizou com os alunos uma proposta de trabalho, através de uma imagem, que representava uma loja de fotocópias, os alunos tinham de saber ler o letreiro, onde estava indicado o horário de funcionamento e a tabela de preços. Através da tabela dos preços teriam de identificar o preço que teriam pagar para um determinado número de fotocópias, o tempo que iria levar a tirar, por exemplo, 35 fotocópias, entre outros.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo do ano as professoras têm de trabalhar com os alunos vários tipos de texto, de acordo com o Programa de Português (2009, p. 26) os alunos têm que “ler diferentes tipos de textos e em suportes variados para obter informação e organizar conhecimento.”

Neste dia a professora pediu aos alunos para escreverem um postal, este é uma simplificação de uma carta. No Programa de Português (2009, p.45) um dos conteúdos a abordar é a carta, os alunos terão de aprender “fórmulas de saudação e despedida; assunto; data; remetente; destinatário.”

Todos os aspetos acima referidos são necessários para preencher um postal, o assunto foi escolhido pelos alunos, a professora colocou apenas as condições para cada postal e como já foi referido, este era dirigido aos pais. Os alunos teriam de interpretar duas personagens diferentes, a história referia-se a uma turma que tinha ido fazer uma visita de estudo, uma das personagens estava a adorar, a outra a detestar e foi através destas condições que o texto foi escrito. O resultado final foi bastante positivo, pois os alunos conseguiram interpretar na perfeição com as personagens.

20 de novembro de 2012 – terça-feira

Nesta manhã de aulas a professora distribuiu, inicialmente, pelos alunos um desafio de Matemática. Quando são lançados estes desafios, o que os alunos terão de

fazer é descobrir alguma coisa, pedida no desafio através de pistas dadas, neste caso tinha de descobrir um número. De seguida passou para a correção da ficha de Matemática, da aula do dia anterior.

Ainda antes do recreio, distribuiu pelos alunos uma folha com um texto; este era uma receita, que iriam fazer mais tarde, tinham também perguntas de interpretação e gramaticais relacionadas com a receita.

Após o recreio, a professora distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho com situações problemáticas, estes eram essencialmente de lógica, para a sua resolução tinham de usar alguns conceitos já aprendidos, como a divisão, a fração, a sequência; quando estava terminada, procedeu-se a correção da mesma, assim como a correção do desafio lançado de manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia a professora trabalhou a receita, este tipo de texto é chamado de texto instrucional.

De acordo com Sim-Sim (2007) nos textos instrucionais as informações

encontram-se formatada em esquemas, diagramas, gráficos e tabelas, acompanhados de pequenos textos ou simplesmente de frases ou palavras com funções explicativas. A compreensão da leitura deste tipo de documentos mobiliza um conjunto de processos cognitivos em que a atenção selectiva joga um papel determinante na escolha de categorias em presença. Procurar selectivamente, isolar, destacar, agrupar e categorizar são capacidades mobilizadas para a compreensão deste tipo de textos que poderíamos designar por “material da vida diária.”(p. 67)

Outros tipos de textos instrucionais são, por exemplo, ler as regras de um jogo, leitura de protocolos, preencher um impresso, saber ler as instruções, entre outros. Todos estes exemplos dados fazem parte do nosso quotidiano, daí a importância destes textos.

23 de novembro de 2012 – sexta -feira

Hoje a professora destinou uma parte da manhã para realizar avaliações com os seus alunos; para isso, distribuiu por cada um, uma ficha com a tabuada, leitura de números, operações e situações problemáticas para resolverem. Enquanto estavam a realizar a ficha, os alunos mantinham-se em silêncio e concentrados.

Após o recreio, os alunos, que já tinham terminado, estiveram a concluir uma ficha de Matemática com o conteúdo de simetria, pois havia algumas imagens mal reproduzidas.

Por fim e, para terminar a manhã, o fotógrafo foi à sala para realizar as fotos individuais e de grupo com os alunos.

Inferências e fundamentação teórica

A professora disse-nos que realiza muitas vezes problemas de lógica com os alunos, uma vez que estes têm grande dificuldade na resolução de situações problemáticas e ao realizarem este tipo de exercícios, estimulam o raciocínio, o que lhes facilita uma maior compreensão.

De acordo com Palhares (2004, p.121) “uma das características do raciocínio matemático é a sua fundamentação na lógica. (...) A lógica é uma ferramenta usada para codificar as descobertas matemáticas.”

De acordo com Caldeira (2009b, p. 121) “um dos principais objectivos da resolução de problemas é possibilitar o desenvolvimento de estratégias” recorrendo ao “uso da tentativa e erro, a organização de uma lista ou de uma tabela, o desenho de um diagrama, a identificação de uma regularidade, a dramatização de um problema.”

São estes objetivos que estimulam o raciocínio dos alunos, pois levam-nos a pensar e colocar várias hipóteses até chegarem ao resultado correto.

26 de novembro de 2012 – segunda -feira

Durante a manhã e até à hora do recreio, a professora esteve a realizar revisões gramaticais com os alunos para a prova que iam ter, fez a correção dos trabalhos de casa, e distribuiu à turma uma ficha para completar os espaços ou escrever palavras com «ansia» ou «ância».

Até à hora do almoço a professora esteve a realizar com os alunos uma ficha de Matemática; nesta foram trabalhados os gráficos de barras, as grandezas e medidas, algumas delas através de situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

A leitura de um gráfico é clara e quase instantânea, como já foi referido num relato anterior, e existem vários tipos de gráficos; neste dia foi trabalhado o gráfico de barras ou de colunas, Antão (1997) afirma que

é utilizado nomeadamente para fazer diversas comparações e distinções de modo rápido entre dois ou mais fenómenos. Essas comparações e distinções são apoiadas na visualização dos dados, assumindo, assim, um carácter muito mais concreto do que os simples quadros de indicações numéricas. (p. 59)

Outro conteúdo abordado na ficha foi as grandezas e medidas; de acordo com Grosso (2004, p. 9) uma grandeza é “algo susceptível de aumento ou diminuição, algo que nos conceda a possibilidade de utilizarmos, com propriedade, as relações de «maior que» ou «menor que»”, define o ato de medir, ou seja, a medição como a “comparação entre comprimentos.” e acrescenta ainda que “medir o comprimento de um segmento de recta é compará-lo com um outro segmento de recta cujo o comprimento se toma para unidade de medida” (p. 56)

Refere ainda que, na medição da área, do volume e de outras grandezas, a medição é definida de forma idêntica, fazendo corresponder a unidade escolhida ao número real 1, para que a adição da medição e a adição dos números reais seja compatível.

27 de novembro de 2012 a 5 de dezembro de 2012

Realização dos cenários para a festa de Natal.

Inferências e fundamentação teórica

A colaboração de professores no J.E. é muito grande, trabalham sempre em conjunto, principalmente os professores que lecionam o mesmo ano, para trocar trabalhos, combinar as aulas e tarefas a dar aos alunos, e com os restantes professores e educadores em todos os projetos em que a escola participa. De acordo Villa & Thousand citado por Morgado (2004)

a necessidade de promover de forma cada vez mais consistente e alargada o trabalho cooperado entre professores decorre da assunção de que nenhum profissional, de forma isolada, será capaz de lidar eficazmente com a multiplicidade e a diversidade das necessidades educativas, sociais e psicológicas de um grupo heterogéneo de alunos. (p.44)

Bauwens & Hourcade (1995) citados por Morgado (2004, p. 44) referem que “o trabalho cooperado entre professores de ensino regular, professores de apoio e outros técnicos envolvidos nos processos educativos, deve basear-se no respeito mútuo pelas competências, perspectivas e conhecimentos de cada interveniente”; o autor Walther-Thomas (1997), citado pelo mesmo autor, acrescenta que a cooperação deve “assentar numa relação de paridade e exigindo como requisitos a definição de dispositivos de apoio e a disponibilidade para partilhar informação, conhecimentos e competências entre todos os elementos envolvidos.”

Na preparação da festa de Natal a cooperação entre os docentes e não docentes, assim como das estagiárias, é muito importante para a realização e concretização da mesma, uma vez que é um trabalho demorado e minucioso. Confesso que gosto muito de colaborar e participar nestes eventos.

7 de dezembro de 2012 – sexta -feira

Hoje estive todo o dia com a turma, fomos a uma visita de estudo à FIL no parque das nações, durante a manhã. A turma foi dividida por grupos, eu fiquei com um grupo. Estivemos a percorrer os stands para os alunos realizarem os jogos que lhes era proposto. No stand da nossa escola, os alunos puderam observar vários tipos de células no microscópio. Após o almoço, os alunos tiveram de mudar de pavilhão porque foram atuar, junto ao stand que representava a João de Deus, cantando várias canções, tais como o hino da escola, canções que da festa de Natal, entre outras.

No fim da atuação regressámos à escola.

Inferências e fundamentação teórica

Nesta visita de estudo, os alunos foram divididos por grupos, e em todos os stands trabalharam em equipa; de acordo com Morgado (2004, p.69) “quando devidamente organizado, o trabalho em grupo disponibiliza recursos para utilização partilhada e estimula, (...), o desenvolvimento social dos alunos.”

Outro aspeto importante nesta visita de estudo foi a observação através do material de laboratorial, microscópio.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico das Competências Essenciais das Ciências Físicas e Naturais (s/d)

Se no 1.º ciclo se privilegia essencialmente a diversidade, é de realçar neste ciclo também a unidade do mundo vivo, mediante uma primeira abordagem ao estudo da célula. Esta deve ser acompanhada de manuseamento do microscópio, permitindo aos alunos comparar células diferentes. A análise de relatos do trabalho de cientistas (que, por exemplo, contribuíram para o aperfeiçoamento do microscópio ou para o conhecimento da célula) constitui uma oportunidade para os alunos reflectirem sobre a evolução do conhecimento científico e as respectivas consequências sociais. (p.139)

O contacto com este material não é frequente, pois requer muitos cuidados, uma vez que é frágil e bastante caro. Através destes os alunos podem observar, o que não é permitido observar diariamente, devido às células, vírus, etc, terem tamanhos muito pequeninos.

10 de dezembro de 2012 – segunda -feira

Na figura 17 podemos observar alguns momentos da Festa de Natal.



Figura 17 - Peça de teatro dos alunos do 4.º ano

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia, entre muitas coisas, os valores, são na minha opinião a palavra-chave das festas. As peças de teatro tem uma mural a transmitir, esta gira em torno de valores.

É difícil ter um só conceito de valor, pois é bastante complexo; tal como refere Sousa (2001, p. 19), obedece “a uma combinação pessoal, única de cada ser humano e a um conjunto variado de factores intrínsecos e extrínsecos.”

A palavra valor de acordo com o Dicionário Enciclopédico Lello Universal (1979), citado por Sousa (2001, p. 17) vem “do latim “valore”” e o seu significado é “aquilo que vale alguma coisa”.

Morente (1955) citado por Sousa (2001, p. 17) refere que “é preferível a generosidade à mesquinhez, a solidez à fragilidade, a eficácia à inutilidade, a valentia à cobardia, (...), a verdade à mentira. Ser bom é, portanto, ser preferível.”

Sousa (2001) afirma ainda que

A vivência de valores numa comunidade escolar passa exactamente por proporcionar vivências de valores, integrando nestas as aprendizagens de saberes. Não uma dedicação exclusiva ao ensino, olvidando os valores, mas uma vivência de valores em que a metodologia poderá ser através das artes, das letras, das ciências e das técnicas. (p. 143)

De acordo com esta citação posso afirmar que as peças de teatro têm sempre valores a transmitir, sejam eles, de acordo com o mesmo autor “a alegria, a felicidade, o bem, o bem-estar, a empatia, a simpatia, o respeito, (...) a verdade, a honestidade, a justiça, a organização, a paz, a responsabilidade, a bondade, a pontualidade, a coragem, a auto-confiança e outros valores” (p. 132).

Ao longo do estágio pude ainda observar o que foi referido na citação anterior, as professoras não se dedicam exclusivamente uma parte do seu tempo para falar dos valores, integram-nos em outras áreas, caso seja necessário, seja porque querem transmitir alguns valores à turma por qualquer motivo, tiram um pouco do dia para abordar o assunto, normalmente este está implícito diariamente, tanto nas áreas como nas ações dos alunos.

14 de novembro de 2012 – sexta -feira

Hoje era o último dia de aulas do primeiro período, por isso a professora trabalhou pouco com os alunos.

Realizou a correção das provas de aferição, que tinha dado como trabalho para casa; estas servem para os preparar para as provas finais.

Após a correção, os alunos foram para o recreio e quando regressaram para a sala, a professora colocou um filme para estes verem.

4 de janeiro de 2013 – sexta -feira

Neste dia de estágio os alunos, após as rotinas habituais, foram para a sala de aula e a professora indicou que continuassem a pintar os separadores para colocar no dossier.

Às 9h 30m da manhã, pediu aos alunos para arrumarem e para retirarem a ficha de Matemática que tinham iniciado no dia anterior.

Quando terminaram de realizar esta ficha, a professora distribuiu à turma uma proposta de trabalho com exercícios gramaticais, os alunos tinham de a realizar sozinhos, pois a sua finalidade era a professora ver como os alunos estavam em relação a conhecimentos depois das férias de Natal.

Depois do recreio, a professora esteve a trabalhar as percentagens e tabela de dupla entrada, com o auxílio de uma ficha.

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Matemática a professora trabalhou com os alunos, como já referi, as percentagens, de acordo com Normas (2007)

os alunos deverão entender o significado de uma percentagem como parte de um todo (...) ao estudarem as fracções decimais e percentagens em simultâneo, os alunos podem aprender a alternar entre formas equivalentes, escolhendo e usando uma forma adequada e conveniente para resolver problemas e expressar quantidades. (p.175)

A seguir, ainda fez exercícios usando uma tabela de dupla entrada; é importante que os alunos consigam preencher e interpretar uma tabela, tal como refere Normas (2007, p. 205) “os projectos mais elaborados podem envolver os alunos num ciclo de análises de dados – formulando questões, recolhendo e representando os dados e avaliando se estes lhes transmitem a informação de que necessitam para responderem às suas questões.” O autor acrescenta ainda que “os alunos deverão familiarizar-se com uma grande variedade de representações, como tabelas, diagramas de pontos, e gráficos de barras e de linhas.” (p. 206)

Nesta aula, especificamente, os alunos fizeram interpretação dos dados de uma tabela e não propriamente a formulação de uma tabela, mas ao saberem interpretar um gráfico será mais fácil a realização do mesmo.

11 de janeiro de 2013 – terça -feira

A manhã iniciou-se com a avaliação das operações, que foram distribuídas pela professora numa ficha.

A restante manhã estive na outra sala do 4.º ano a assistir a aula surpresa de uma colega, na área do Português, assistida por uma professora da Supervisão Pedagógica. Foi-lhe dado um texto e pedido que trabalhassem perguntas de interpretação e gramaticais.

A estratégia utilizada pela colega começou por fazer a leitura modelo do texto e solicitar a leitura de alguns alunos, retirou as dúvidas que os alunos tinham das palavras difíceis, usando o dicionário como material de apoio. A pesquisa foi realizada pelos alunos, de seguida realizou perguntas de interpretação, abordando um pouco de todo o texto.

Passou para as questões gramaticais, em que explorou as classes e subclasses dos nomes, dos advérbios, dos determinantes artigos definidos.

Realizou também a análise sintática de duas frases.

Para terminar a sua aula, colocou a seguinte pergunta inferencial “gostavas de morar perto do mar ou no campo?”. Ouviu a opinião de alguns alunos mas como estava na hora do recreio, deu por terminada a sua aula.

Até à hora do almoço, estive, juntamente com as restantes estagiárias, professoras titulares e professoras da Equipa de Supervisão, na reunião.

Inferências e fundamentação teórica

O uso do dicionário é um instrumento muito utilizado nas salas de aulas pelos alunos, para os ajudar a entender palavras que para eles são difíceis. De acordo com Barbosa (1997, p. 9) compete ao professor criar “situações que familiarizem o aluno com esse instrumento, de uma forma sistemática, até se tornar um utilizador autónomo e espontâneo, isto é, fazendo com que o acto de consultar o dicionário seja um hábito adquirido, interiorizado.”

O mesmo autor refere ainda que, para que os alunos consigam utilizar o dicionário, têm de possuir algumas habilidades básicas sendo elas “i. dominar a ordem alfabética; ii. saber descodificar as abreviaturas e siglas; iii. distinguir as funções dos diferentes tipos de letras; iv. conhecer o papel desempenhado pelos sinais de pontuação usados nos verbetes; v. localizar palavras pela palavra-chave; vi. conhecer a forma de entradas das palavras no dicionário.” (p. 27). Depois de ter pedido para

usar o dicionário, a colega não usou só a definição que o aluno leu, explicou por palavras dela o significado da palavra.

Gostaria de realçar que a colega terminou a aula de uma forma que para mim foi muito engraçada, recorrendo a uma pergunta inferencial, esta não se baseou apenas a realizar perguntas diretas em relação ao texto mas, partindo do conteúdo do texto e recorrendo às vivências e experiências, opiniões e gostos dos alunos, perguntou se eles gostariam de morar perto do mar.

14 de janeiro de 2013 – segunda -feira

Este dia de estágio foi destinado para a apresentação das minhas aulas programadas, durante toda a manhã.

Iniciei com a área de Português, distribuindo pelos alunos um texto, fiz a leitura do texto que estava em suporte *Flipchart* e, de seguida, pedi a alguns alunos para realizarem a leitura. Dei a conhecer as regras do texto descritivo, pois era este tema que me tinha sido proposto a dar; depois de todo o conceito explicado com vários exemplos, pedindo a participação dos alunos, dei uma imagem aos alunos e o desafio que pedi para realizarem foi a descrição da mesma.

De seguida passei para a área de Estudo do Meio, fiz revisão do fim da 3.ª Dinastia, aproveitando todos os conhecimentos dos alunos, e introduzi a 4.ª Dinastia, falando da proclamação do D. João IV a rei de Portugal e da Restauração da Independência, a 1 de dezembro de 1640.

Perante a imagem que representava a Restauração da Independência, a surpresa dos alunos foi a mesma que eles descreveram na área de Português.

Depois do recreio distribui pelos alunos a ficha de consolidação do que foi apresentado na aula de História de Portugal.

Das 12h 25m até às 13h, explorei a área de Matemática, em que falei e expliquei através de um histograma, em que os dados representavam o número de nobres reunidos para a Restauração da Independência, os cálculos correspondentes para achar a média, a moda e a mediana. Realizei a interpretação do gráfico através de várias perguntas e ensinei como se calcula a média e a mediana.

Ainda dei a proposta de trabalho para consolidar, mas os alunos não conseguiram terminar tudo.

Inferências e fundamentação teórica

Esta aula que lecionei, foi muito importante e desafiante para mim, pois uma das áreas com que menos me identifico é a de História de Portugal, mas ao dar aula tive o cuidado de não o transmitir aos alunos.

Esta área está contida na área de Estudo do Meio é tão importante como qualquer outra área. De acordo com Félix e Roldão (1996)

A História é ensinada na escola como elemento essencial à formação de sentimentos de solidariedade face aos grupos de pertença (comunidade, nação), procurando oferecer um modelo universal de humanidade. (...) os objectivos cognitivos ou saberes procuram transmitir uma cultura histórica destinada a dar referências ao aluno, a enraizá-lo, através de uma consciência do passado da sociedade em vive. (p.36)

A matéria de História de Portugal desperta muita curiosidade nos alunos, para saber como aconteceu, quais os motivos que levaram a certas atitudes, ou seja, como viviam as pessoas do nosso país e do mundo, antigamente.

15 de janeiro de 2013 –terça -feira

Após as rotinas habituais, os alunos foram para a sala de aula, e a professora deixou-me terminar a ficha de Matemática, que não tinham por terminar.

Depois de terminarem a ficha, a professora distribuiu pelos alunos uma ficha de Português, nesta estava um texto que se intitulava “Corre, corre, cabecinha”; após a leitura modelo, realizada pela educadora, e da leitura em que todos os alunos participaram, havia várias perguntas de interpretação e gramaticais relacionadas com o texto para realizarem.

Posteriormente ao recreio continuaram com o trabalho de Português, que ainda não tinha sido concluído.

Aos alunos que terminavam, a professora dava-lhes outra ficha para completarem os espaços e escrevem corretamente as palavras usando as letras «z» ou «s»; ainda antes do almoço a professora corrigiu as duas propostas de trabalho oralmente e no quadro.

Inferências e fundamentação teórica

Os alunos, por vezes, têm dificuldade em distinguir o som de algumas letras e acabam por escrever uma palavra errada; devido a essa confusão, por haver esta

dificuldade, a professora deu aos alunos uma ficha para indicar qual era a letra que se adequava corretamente a uma determinada palavra.

De acordo com Freitas, Alves e Costa (2007) a

diversidade fonética conduz à produção de erros de ortografia que se justificam pela transposição de propriedades do oral para a escrita (...). Oralidade e escrita têm princípios de funcionamento distintos e a criança deve aprender a encaixar a diversidade do oral na uniformidade própria da escrita. (p. 24)

Quando os alunos têm dificuldade em distinguir qual a letra correta a usar numa determinada palavra, devemos de recorrer às mnemónicas e regras da Cartilha Maternal, ajudando-os a ultrapassar a dificuldade.

A professora realiza várias fichas com hipóteses diferentes; acho que são muito importantes, assim os alunos podem praticar, perceber os seus erros e ter a oportunidade de aprender a forma correta de escrever uma determinada palavra.

18 de janeiro de 2013 – sexta -feira

Hoje foi a manhã de aulas programadas da colega. Começou com a área de Português, o tema que abordou foi o texto expositivo. Entregou uma ficha informativa com as características do mesmo e esclareceu as dúvidas que os alunos tinham. De seguida usou o manual escolar de Estudo do Meio e, na parte de História de Portugal, pediu a um aluno para ler uma biografia de Inês de Castro, de seguida passou para um texto de Estudo do Meio, que abordava o espaço físico de Portugal.

O exercício de consolidação era a elaboração de um texto expositivo sobre o dicionário, tendo por base os seus prévios conhecimentos, por fim consultaram o dicionário para confrontarem os seus conhecimentos com a definição que se encontra no mesmo.

Ainda antes do recreio deu a aula de Matemática, onde abordou a teoria de conjuntos, iniciou a aula com a biografia de John Venn, distribuiu uma ficha informativa com as regras, características e exemplos do Diagram de Venn. Ao longo da aula e, conforme ia explicando, realizou vários exercícios de consolidação.

Por fim, através de um *Powerpoint* com imagens bem elucidativas, apresentou a aula de Estudo do Meio, que abordava os tipos de relevo, em que falou dos seguintes conceitos: montanha, serra, cordilheira, planalto, planície e altitude, referindo também como se efetua o seu cálculo. Terminou a sua aula com a realização de uma ficha de trabalho sobre os conceitos abordados.

Inferências e fundamentação teórica

Neste dia a minha colega realizou o ensino por transmissão. De acordo com Cachapuz, Praia e Jorge (2002)

na perspectiva do Ensino Por Transmissão (EPT) pressupõe-se que o professor pode transmitir ideias pensadas por si próprio ou por outros (conteúdos) ao aluno i,...que as armazena sequencialmente no seu cérebro (...). Ou seja, o professor “dá a lição”, imprime-a em arquivos de conhecimentos e pede, em troca, que os alunos usem a sua actividade mental para acumular, armazenar e reproduzir informações. (p. 141)

Neste tipo de aulas o papel do aluno de acordo com os autores atrás mencionados “ é de uma grande passividade cognitiva, considerando mesmo “tábua rasa”.” (p. 144).

Ela limitou-se a transmitir conhecimentos, a ensinar aos alunos os conteúdos pedidos, no fim realizou uma ficha de consolidação, utilizou o mesmo ensino para as restantes áreas.

21 de janeiro de 2013 – segunda -feira

Às 9h, quando os alunos entraram na sala, a professora distribuiu um ficha para realizarem com situações problemáticas.

Passado meia hora distribuiu por cada dois alunos uma caixa de Cuisenaire e com este material realizou exercícios de potências, áreas, volumes e perímetros.

Inferências e fundamentação teórica

O que mais me entusiasmou nesta aula foi a introdução à potenciação, através do apoio do material estruturado Cuisenaire, Caldeira (2009b) refere que a

potenciação é a operação que ao par ordenado de números inteiros quaisquer a e b , faz corresponder um só número inteiro a^b em que $a^b = \underbrace{a \times a \times \dots \times a}_b$; a e b não podem ser simultaneamente zero. (p.151)

Com o apoio do material, os alunos conseguiram compreender bem o conceito, pois, através do valor da peça e da quantidade de peças cruzadas, os alunos chegam à potência pretendida.

Outro tema que também abordou foi os volumes. Palhares (2004, p. 397) refere em relação a este conceito que “de um modo intuitivo podemos dizer que o volume de

uma figura tridimensional é a quantidade de espaço que ele ocupa”; para trabalhar este tema com o mesmo material a professora definiu como unidade de volume. Tal como afirma Caldeira (2009b, p.167) “utiliza-se como unidade de volume um cubo cuja aresta mede uma unidade de comprimento, o qual se designa por cubo unitário.”

As crianças realizaram vários exercícios diferentes para cada tema abordado. Achei esta aula bastante produtiva e interessante, com pequenos e diversos exercícios a professora conseguiu realizar revisões de muitos dos temas já aprendidos, ensinou ainda um novo conteúdo.

22 de janeiro de 2013 – terça -feira

Quando entraram na sala, e estavam todos nos seus lugares, a professora mostrou o livro “A Onda”, descrevendo o que aparecia nas imagens, uma vez que se trata de um álbum. Distribuiu por cada aluno uma imagem retirada do livro e, através desta, os alunos teriam de realizar uma composição, conforme iam terminando a professora corrigia e os alunos tinham de corrigir os erros 5 vezes.

Após esta proposta de trabalho, introduziu um novo verbo, o verbo imperativo. Começou por perguntar aos alunos o que é que lhes fazia lembrar a palavra “imperativo” e, a partir daí, explicou como é que se conjuga este verbo. Fez com os alunos algumas conjugações orais e depois escritas.

Ainda antes do recreio distribuiu por cada aluno uma folha e realizou um ditado gráfico, neste estava representada uma corrida de carros e os alunos, através das pistas da professora, tinham de pintar os carros, colocar os números e identificar a ordem de chegada; foi também pedido neste exercício a colocação de diálogo nos balões dos condutores dos carros.

Até à hora de almoço a turma esteve a realizar avaliação das operações, leitura de números e problemas de lógica.

Inferências e fundamentação teórica

Sempre que a professora realiza um exercício ortográfico ou de expressão escrita, todas as palavras que os alunos escrevem incorretamente são consideradas como erros e todas as vezes que não é colocada pontuação é considerada uma falta.

De acordo com Estanqueiro (2010, p. 96) muitos alunos “esquecem que a linguagem e o pensamento andam de mãos dadas. Só é possível transmitir ideias com clareza quando são respeitadas as regras da escrita: sintaxe, ortografia e pontuação.”

O autor concorda com os comentários realizados na correção dos trabalhos e afirma que “é um bom hábito, caso se trate de comentários orientadores e motivadores. Todos os alunos apreciam palavras de encorajamento e de esperança.”

A correção dos erros é muito importante, para os alunos perceberem onde erraram a escrever e aprender como se escreve a palavra; cada erro é repetido 5 vezes e integrado numa frase.

25 de janeiro de 2013 – sexta -feira

Depois das habituais rotinas e dos alunos estarem nos seus lugares, foi distribuída uma proposta de trabalho só com situações problemáticas, para avaliação.

Quando terminaram esta proposta de trabalho, a professora distribuiu pelos alunos duas fichas, também de Matemática, leu uma de cada vez, esperando que os alunos terminassem uma para ler a outra. Estas eram de duas colegas, que pediram à professora para os alunos a realizarem, para o capítulo dos dispositivos de avaliação.

Os exercícios de uma das fichas eram calcular e realizar a área pretendida com o auxílio do material Cuisenaire. Na outra ficha os alunos tinham de descobrir o número de cubos que a figura representada tinha, havia a imagem das linhas do metro e a sua legenda, os alunos tinham de interpretar a imagem, respondendo às situações problemáticas colocadas, por fim tinha uma tabela para preencher de acordo com as imagens da legenda.

A seguir ao recreio e depois de terminarem a ficha que faltava, foi lançado o desafio, através de uma proposta de trabalho, de distinguir onomatopeias de palavras onomatopeicas, realizavam ainda uma ficha onde teriam de excluir a palavra “descontextualizada” da frase, os alunos tiveram alguma dificuldade num dos exercícios pois confundiram Roma. Uns diziam que este era um país e não uma cidade. A professora mandou, como trabalho para casa para os alunos, algumas capitais e países mais conhecidos, os alunos teriam de pesquisar e obter a informação desejada.

Inferências e fundamentação teórica

No fim da aula a professora pediu aos alunos para, em casa e através da pesquisa, descobrirem se os nomes dados correspondiam a capitais ou a países. A este tipo de tarefa é chamada perspectiva de ensino por pesquisa. De acordo com Cachapuz, *et al.* (2002, p. 172) “a informação que se procura nasce mais na discussão

dos alunos com a ajuda do professor e menos de um processo curricular muito estruturado e exaustivo. “

Os autores afirmam ainda “do que se trata é de envolver e respeitar a pessoa do aluno nas suas características e interesses cognitivo-afectivos, tendo em conta as suas dificuldades, motivações, desempenhos e pontos de vista.” (p.180)

Por fim, referem que “torna-se necessário que o aluno passe a desempenhar papéis que fomentem atitudes de responsabilidade partilhada e cooperativa, quer com o professor, quer com os seus pares, valorizando as suas capacidades de intervenção e de assumir vários papéis ao longo do trabalho prático.” (p. 181).

Este trabalho surgiu da dúvida de um aluno, se Roma seria um país ou uma capital; a professora, explicou e, através de um mapa, mostrou alguns países e capitais. Penso que com a pesquisa e a observação no mapa os alunos conseguiam ultrapassar a dificuldade, mais tarde soube que a professora não só localizou no mapa, como mostrou monumentos desses países.

28 de janeiro de 2013 – segunda -feira

Hoje vim compensar por ter faltado. Até ao recreio, a professora esteve a fazer a correção dos trabalhos de casa. Estes eram de Matemática e eram provas finais antigas.

Como as provas finais das estagiárias estavam perto, pedi a professora para me deixar dar uma aula de treino, e combinámos para o dia de hoje.

Iniciei-a, com um dinossauro de plástico dentro de uma mala, passei pelos alunos para apalparem e darem os seus palpites do que poderia estar dentro da mala, houve várias ideias, como um osso, um dente, um fóssil, entre outros relacionados com dinossauros, mas nenhum dos alunos conseguiu adivinhar o que estava dentro do saco e a reação foi muito divertida.

Desta forma introduzi o tema que ia abordar: os dinossauros. Apresentei o tema em *Powerpoint*, falando de quando existiram, quais as classes e as subclasses e a sua extinção.

De seguida passei para Português, distribui pelos alunos uma folha com uma Banda Desenhada (B.D.), mas os balões estavam vazios, o desafio proposto foi através das imagens, realizassem os diálogos entre os dinossauros da B.D. Quando terminaram, li a B.D. original para compararem com o que tinham feito.

Por fim terminei com Matemática, usei como material de apoio os Calculadores Multibásicos e realizei leitura de números. Pedi para representar o número que

correspondia aos anos em que existiram dinossauros, e depois pedi para me indicarem o algarismo de maior e menor valor relativo e absoluto, ler por ordens e por classes, e ler o número até a ordem que eu pedia.

Inferências e fundamentação teórica

Ao longo do ano, até a esta altura, a professora tem realizado com os alunos várias fichas de preparação para as provas de Matemática e Português. Para Estanqueiro (1990, p. 107) uma boa preparação para as provas será a realização de provas/testes antigos “o estudante pode treinar-se, também, respondendo, oralmente ou por escrito, a testes já elaborados com base na mesma matéria.” A professora seleciona as fichas, que são muitas delas provas de aferição antigas, e dá aos alunos para estes realizarem, a correção é feita em conjunto oralmente.

É importante os professores e estagiários saberem algumas estratégias para puderem captar a atenção dos alunos durante uma aula. Brazelton e Sparrow (2004) indicam as seguintes estratégias “i. use um elemento surpresa; ii. tente de repente baixar a voz até ao sussurro, ou diga algumas palavras muito alto; iii. bata palmas ou assobie de forma estridente” entre outras. Para poder captar a atenção das crianças no início da minha aula, optei por utilizar um elemento surpresa, como foi referido no relato, que funcionou muito bem, pois os alunos estiveram o resto da aula bastantes interessados e participativos sobre o tema explorado. Gostei de dar esta aula de preparação para a prova final.

29 de janeiro de 2013 – terça -feira

De manhã, quando entraram, os alunos estiveram a realizar uma ficha no qual tinham de interpretar um gráfico caule-e-folhas. Vim estagiar neste dia para compensar os dias que falei.

Enquanto realizavam a ficha, tiveram a surpresa de um colega, que por motivos de saúde não contagiosos, está ausente da escola, desde a festa de Natal. A mãe levou-o à escola só durante 1 hora, pois teria de voltar para casa. Por isso, a professora parou o que estavam a fazer e deixou os alunos brincarem e conviverem com o colega.

Depois do recreio terminaram a ficha que estavam a fazer e a professora distribuiu pelos alunos exercícios de raciocínio lógico.

Trabalhou ainda na área de Português, com um poema de Matilde Rosa Araújo “Segredos e Brinquedos”. Fez a análise do poema, estrofe a estrofe, para eventuais dúvidas que compreensão do mesmo, de seguida fez perguntas de interpretação do mesmo.

Realizou ainda com os alunos uma ficha para os alunos distinguirem nas palavras as letras «ss/c/ç».

Inferências e fundamentação teórica

A Poesia é um tipo de texto que os professores têm de lecionar; tal como indica o Programa de Português (2006) no título Ler para Aprender (aprender a ler, obter informação e organizar o conhecimento) um dos conteúdos a desenvolver é a Poesia e a noção de verso, estrofe, rima e refrão. Refere ainda que “o contacto com a poesia (...) propicia sobretudo a apreciação da dimensão literária do texto, na sua condição estética e na forma como transmite aspectos significativos da experiência humana.” (p. 144).

De acordo com Guedes (1990, p. 34), os objetivos gerais do ensino da poesia são “i. favorecer o poder criador da criança; ii. desenvolver a imaginação e sensibilidade, iii. iniciar a criança à arte em geral, iv. formar o sentido estético da criança.”

A professora desenvolveu com os alunos uma grande parte dos conceitos referidos, apesar deste desenvolvimento, ser feito ao longo do ano.

Fiquei bastante comovida com a atitude dos alunos ao verem o colega, receberam-no com muito carinho e queriam enchê-lo de abraços e beijinhos.

Foi a primeira vez que vi uma criança radiante de alegria por estar na sua secretária junto dos seus colegas, a rever o seu material e trabalhos.

Acho que a atitude da professora foi fantástica, quando deixou os alunos, brincar e conviver durante aquela hora em que este lá esteve.

1 de fevereiro de 2013 – sexta -feira

Hoje a colega deu uma aula avaliada e programada. Esta foi realizada a pedido da minha colega, pois a que tinha dado não tinha corrido bem e tinha ficado com negativa. Foi avaliada pela professora titular e por uma professora da Equipa de Supervisão.

Aproveitou esta aula para treinar também para a prova final, iniciou a aula com a área de Português, lecionando o texto informativo. Entregou a cada aluno uma folha com uma notícia, leu-a e de seguida passou para a interpretação da mesma. Deu a conhecer as partes constituintes da notícia e pediu aos alunos para as identificarem, escrevendo no texto.

De seguida passou para a área de Estudo do Meio, onde falou do dinossauro *Brachiosaurus*, dando a conhecer todas as curiosidades do mesmo, desde a alimentação ao tamanho, ao tipo de reprodução, aos ovos, entre outros. Fez esta apresentação em suporte *Powerpoint* e mostrou vídeos, onde era perceptível o tamanho do animal.

Depois do recreio passou para a área de Matemática onde, com o material Cuisenaire realizou um gráfico de barras, em que registou o nascimento de dinossauros num ano. Distribuiu pistas pelos alunos para descobrirem qual a peça que ia utilizar no respetivo mês, cada peça branca correspondia a 10 dinossauros. Quando o gráfico estava completo, realizou a interpretação do mesmo.

Por fim, levou os alunos para o ginásio, onde tinham um jogo montado para realizarem. O objetivo era os alunos levarem um ovo de dinossauro (bola de ping-pong) ao seu ninho. Para realizar o jogo, teve de dividir a turma por grupos, e cada elemento no grupo tinha um papel a desempenhar, ou levavam o ovo, até ao colega a seguir, numa colher e este levava também numa colher até ao ninho, ou faziam o ninho com papel de jornal amachucado. Vencia o grupo que conseguisse colocar todos os ovos, em primeiro lugar, no ninho.

Como ainda faltava algum tempo para a hora de almoço, a professora deixou-me realizar o jogo que não tinha feito na aula que dei.

Este consistia no jogo da glória em grande, em que os peões eram os alunos rotativamente. Conforme lançavam o dado, era-lhes colocada uma questão; se a resposta estivesse certa, ganhavam um ponto, se não estivesse, não recebiam nenhum ponto. Cada equipa tinha um dinossauro de plástico, que servia de marca no tabuleiro.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito da prestação da minha colega nesta aula, exceto na aula de Matemática, uma vez que se estendeu e perdeu o ritmo, ao demorar muito tempo a construir o gráfico, ficando assim com pouco tempo para o explorar com os alunos.

Na aula de Português usou um texto informativo como já foi referido. Sim-Sim (2007, p. 26) afirma que “por textos informativos entendemos aqui textos não ficcionais

que descrevem, explicam e transmitem informação factual ou opiniões sobre um determinado assunto.”. A colega partiu desta definição para abordar o tema escolhido para a área de Português e, como já foi referido, usou uma notícia para a exploração deste tipo de textos.

Achei a aula de Estudo do Meio muito bem organizada, pois mostrou vídeos muito interessantes, explicou várias curiosidades sobre os dinossauros, esclareceu todas as dúvidas surgidas pelos alunos sobre o tema, aprofundou o tema de uma forma concisa.

E assim termino o capítulo dos relatos. Vou ter saudades das crianças, das educadoras e professoras.

Capítulo 2 – Planificações

Neste capítulo serão apresentados 4 planos de aulas, dos quais 2 deles são do Pré-Escolar e os outros 2 do 1.º Ciclo, sendo estes, no pré-escolar Domínio de Matemática e Conhecimento do Mundo e, no 1.º ciclo, na área curricular de Português e Matemática.

Será realizada a fundamentação teórica deste capítulo onde irei explicar o que é o currículo e para que este serve; o que é a planificação; como e para que é que se planifica; e, por fim, o desenho das planificações do Modelo T de Aprendizagem.

Os planos de aula apresentados são baseados no modelo T de Aprendizagem, uma vez que foi o modelo adotado e utilizado nos Jardins-Escola João de Deus onde estagiei.

Depois da apresentação de cada plano de aula, estarão as inferências e as respetivas fundamentações, referentes a cada procedimento que justificam a opção da estratégia utilizada.

2.1. Fundamentação teórica

2.1.1. O que é o currículo?

Para planificar adequadamente, o docente tem de seguir o currículo escolar. Ribeiro e Ribeiro (1990) define-o como:

o conjunto de aprendizagens e experiências formativas delineadas para os membros da comunidade em que o sistema educativo se insere; ele é o meio de transmissão da cultura e experiência humana – acumuladas ao longo de gerações – ao mesmo tempo que é o mecanismo de indução de crianças e jovens na cultura do grupo social a que pertence. (p.44)

Os autores defendem ainda que o currículo é “um plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover.” (p.51).

Com o currículo é mais fácil para os docentes organizar as suas aulas, assim têm um plano a seguir, em vez de terem de pensar quais os temas ou conteúdos ensinar.

2.1.2. Para que serve o currículo?

A utilidade e finalidade do currículo, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990) é determinar os:

resultados de formação e aprendizagem a atingir mas não prescreve os meios ou métodos mediante os quais se podem vir a alcançar aqueles objetivos. Deste ponto de vista, interessa sobretudo o que se pretende que os alunos aprendam, o que são capazes de fazer, em resultado do processo de ensino em que se envolvem; os conteúdos, métodos e experiências com que lidam na situação concreta de ensino estão, apenas, ao serviço dos objectivos ou resultados de aprendizagem que se visam e que os planos e programas curriculares prescrevem. (p.51)

Através deste e, uma vez que têm já definidos os conteúdos a abordar, os docentes podem centrar-se nas estratégias como vão abordar um determinado tema; apesar de haver um currículo a seguir, isso não significa que os professores/educadores não possam abordar temas que não estejam inseridos neste.

2.1.3. O que é a planificação?

Em todas as escolas, existe um plano curricular, que os docentes têm que seguir e, é a partir deste, que planificam as suas aulas ao longo do ano letivo. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 44) “a educação escolar concretiza-se em planos e programas de formação visando adquirir e desenvolver saberes, competências, atitudes e valores que se aceitam como importantes para educar as gerações mais novas”.

O educador de infância, tal como o professor, para facilitarem o seu trabalho deve organizar as suas aulas, e uma forma de o fazer é planificando-as. O Dicionário da Língua Portuguesa (2011, p. 1248) define planificar como “desenhar ou traçar num plano, representar em plano, organizar de acordo com um plano, preparar e estabelecer um plano de atividades”, desta forma, podemos concluir que o ato de planificar suscita um pré-planeamento, que nos orienta para uma atividade educativa.

A principal função da planificação na escola, segundo Clark e Peterson (citado por Zabalza, 2000, p.54) é a de “transformar e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino”.

A planificação orienta o professor na organização e estruturação das suas aulas, tal como na gestão do tempo.

2.1.4. Como e para que se planifica?

A planificação realizada pelos professores e educadores, de acordo com Zabalza (2000, p.54), tem a função de “transformar” e modificar o currículo para o adequar às características particulares de cada situação de ensino”.

Outros autores como Pérez e López (1999) defendem que a planificação integra

os elementos básicos do currículo (capacidades e valores como objetivos e conteúdos e métodos – procedimentos como meios), em uma só folha para que seja percebido de uma maneira global e a partir dela o professor possa construir uma imagem mental útil para a sua atuação profissional num ano escolar. (p.72)

Clark e Yinger (citados por Zabalza 2000) referem que existem três tipos de categorias do porquê que os professores planificam sendo elas as seguintes:

(i) os que planificam para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais: reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.; (ii) os que chamavam planificação à determinação dos objectivos a alcançar no termo do processo de instrução: que conteúdos deveriam ser aprendidos para se saber que materiais deveriam ser preparados e que actividades teriam que ser organizadas, que distribuição do tempo, etc.; (iii) os que chamavam planificação às estratégias de actuação durante o processo de instrução: qual a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para a avaliação, etc. (p.48)

Ao planificarmos as aulas, estamos a realizar um plano de estudos; segundo Ribeiro e Ribeiro (1990, p.48), “traduz-se num «esqueleto» organizado de disciplinas (...), expressa-se numa apresentação esquematizada de conteúdos programáticos, desejavelmente acompanhada de orientações pedagógico-didácticas.”; acrescentam ainda que:

o plano de organização e sequência do processo de ensino-aprendizagem explicita tipos de estratégias, actividades, experiências de aprendizagem a prosseguir, salientando o papel ou actuação do professor e as acções dos alunos nas situações e meios de ensino-aprendizagem que se seleccionam e sequenciam da forma mais eficaz que for possível. (p.65).

Existem 2 tipos de planificações. Segundo Pérez, as de programação larga e as de programação curta. O primeiro, segundo Pérez e López (1994, p.55), “consiste nestes grandes elementos: avaliação inicial, modelo T e avaliação formativa”, a segunda, ou seja, as planificações a curto prazo, segundo os mesmos autores:

surgem a partir dos conteúdos que estão inseridos no Modelo T, a unidade de ensino ou o centro de interesse e tenta desenvolver numa forma mais detalhada, cada um dos seus elementos. Existem tantas programações curtas como modelos

de conteúdos, elaborados. Estes Modelos T, são na verdade, programações curtas resumidas e globais. (p.60)

A planificação que mostramos a seguir é uma adaptação das planificações a curto prazo, ou seja, para um só conteúdo, elaborámos uma planificação que tem como duração 20 minutos.

2.1.5. Desenho das planificações do Modelo T de Aprendizagem

O Modelo T é baseado em três teorias, sendo estas a teoria de Gestalt, a teoria de processamento de informação e a teoria do interacionismo social. Pérez e López (1994, p. 57) dizem que a teoria de Gestalt “nos aponta para uma visão global, se possível, deve ser apresentado numa folha os elementos básicos da educação integral (capacidades, valores, conteúdos conceptuais e procedimentos) ”.

Em relação à teoria de processamento de informação, os mesmos afirmam que esta envolve “a organização e processamento dessas oito palavras, que formam o substrato básico de todos para o desenvolvimento integral e harmonioso da personalidade: capacidades + destrezas + valores + atitudes + conteúdos conceptuais + métodos (técnicas metodológicas) + procedimentos + estratégias”. (p.58)

Por fim a teoria de interacionismo social que segundo os autores, é defendida por Feuerstein, que diz que nesta teoria “compreendemos que a inteligência pode ser melhorada através do desenvolvimento do potencial de aprendizagem e isso é alcançado se, de facto, a escola desenvolve habilidades.(p.58)

O modelo de planificações, utilizado pela Escola Superior João de Deus, é baseado no modelo T. Chamamos a esta planificação modelo T, porque, tal como Pérez e López (1994, p. 56) afirmam, este tem “ um T duplo: na parte superior estão os conteúdos conceptuais e os procedimentos ou estratégias, na parte inferior estão as capacidades e destrezas, os valores e atitudes”.

Os planos usados são de curto prazo e são da autoria de Martiminiano Pérez, como se pode observar no quadro 10.

Quadro 10 – *Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem*

Plano de atividade		
Conteúdos conceptuais		Procedimentos/Métodos
Capacidades/destrezas	Objetivos	Valores/attitudes
Materiais:		

Para a realização destes planos baseamo-nos nos seguintes quadros (11 e 12):

Quadro 11 – *Capacidades e destrezas*

Educação Primária
<p>Capacidades:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Orientação espacial • Raciocínio Lógico • Compreender • Raciocínio dedutivo • Raciocínio indutivo • Classificar • Expressão simbólica •
<p>Destrezas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Situar • Comparar • Medir • Contar • Relacionar • Deduzir • Induzir • Representar • Expressar graficamente • Simbolizar (utilizar símbolos) • Formular • Interpretar • Produzir informações • Resolver • Aplicar • Identificar • Inferir • Analisar • Codificar • Comprovar • Compor-descompor • ...

(retirado de Pérez e López (1999, p. 322)

Quadro 12 – *Valores e atitudes*

Valores	Atitudes
Responsabilidade	Pontualidade
Solidariedade	Hábito de estudo
Sentido Cívico	Atenção
Amor pela natureza	Participação
Criatividade	Curiosidade
	Originalidade
	Iniciativa
	Respeito
	Tolerância
	Colaboração
	Disponibilidade
	Altruísmo
	Urbanidade
	Proteção
	Desfrutar
	Utilização adequada
	Rejeição das desigualdades sociais e da marginalização
	Rigor e objetividade
	Gosto estético e artístico
	Busca da paz
	Crítica antes da informação
	Defesa da pluralidade

(retirado de Pérez e López (1999, p. 322)

2.2. Planificações

2.2.1. Planificação na área do Conhecimento do Mundo, na sala dos 3 anos.

Apresento de seguida no quadro 15 a aula que lecionei no grupo dos 3 anos, no dia 5 de dezembro de 2011, com a duração de 20 minutos.

Quadro 13 – *Planificação da Área de Conhecimento do Mundo*

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Sentido: tato (Texturas) 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças nos lugares; Mostrar uma caixa opaca com 1 objeto de cada textura; Pedir a uma criança para retirar 1 objeto; Identificar o tipo de textura; Proceder assim até terminar os objetos da caixa; Distribuir por cada criança as marcas para o jogo; Jogar o jogo do loto das texturas; Vence quem terminar primeiro o jogo.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão Oral <ul style="list-style-type: none"> ➢ Interpretação ➢ Vocabulário Participação Escutar/dialogar Relacionar <ul style="list-style-type: none"> ➢ Comparar ➢ Conhecer – identificar 	<ul style="list-style-type: none"> Criatividade <ul style="list-style-type: none"> ➢ Curiosidade Desfrute <ul style="list-style-type: none"> ➢ Observar ➢ Manipular Solidariedade <ul style="list-style-type: none"> ➢ Colaborar ➢ Ajudar
Material: madeira, penas, cartolina, esponja eva, esfregão verde, caixa, feltro, papel.	
Adaptado do modelo T de unidade de aprendizagem.	
Esta planificação está sujeita a alterações.	

Inferências e Fundamentação Teórica

Antes de planificar esta aula, tive sempre o cuidado de falar com a educadora sobre qual o tema a abordar, adequado a esta faixa etária e foi a partir deste tema que interliguei os restantes domínios (Matemática e Linguagem Oral e Abordagem à Escrita). Planifiquei a aula com antecedência, de forma a poder mostrar à educadora da sala o que ia fazer, quais os materiais que iria usar e como estava organizada, para poder a ter a sua opinião e melhorar consoante o que poderia correr mal.

Não alterei a forma como os alunos estavam organizados na sala, ficaram nos seus lugares e nas mesas. **“Sentar as crianças nos seus lugares”**; de acordo com Arends (1995, p.194) “o facto de os alunos terem de prestar a atenção ao orientador da actividade, a disposição por filas e/ou colunas é a mais indicada”.

Em relação aos procedimentos em que fiz: **“Mostrar uma caixa opaca com 1 objeto de cada textura”**, **“Pedir a uma criança para retirar 1 objeto”** e **“Identificar o tipo de textura”** e **“Proceder assim até terminar os objetos da caixa”**, utilizei vários objetos com texturas diferentes, para explorar o tema, utilizei esta estratégia, devido ao fator surpresa, as crianças ficaram expectantes para ver o saía da caixa. Trabalhei as seguintes texturas: duro e mole, áspero e macio, liso e rugoso. Papalia, Olds e Feldman (2001, p.168) referem que o tacto é “o primeiro sentido a ser desenvolvido” acrescenta ainda que “o sentido do tacto é o que torna possível ao indivíduo sentir dor.”

Nos seguintes procedimentos realizei: **“Distribuir por cada criança as marcas para o jogo”**, **“Jogar o jogo do loto das texturas”** e **“Vence quem terminar primeiro o jogo”**; neste jogo havia 6 texturas, iguais às das texturas que as crianças tinham aprendido e conhecido nos procedimentos anteriores, jogaram por mesas, ou seja, cada mesa era uma equipa, e tinham umas marcas para colocar em cima da textura que saía do saco mágico. Haigh (2010, p.163) defende que uma “das principais razões para o trabalho em grupo é que dá ao professor a oportunidade para um ensino muito mais individualizado. Permite o diálogo e explicações entre professor-aluno com muito mais qualidade, o que é essencial para ensinar novos conceitos”. É importante que o educador saiba organizar os espaços e os materiais e proporcione atividades que promovam a descoberta e a curiosidade.

Prado (2003, citado por Caldeira, 2009b, p. 44) afirma que “o professor deve programar a aprendizagem com o jogo, mediante o processo evolutivo das crianças, de forma a abarcar diversos aspectos, como emocionais, físicos, estéticos, sociais, morais, de maneira a existir uma aprendizagem total.”

Como no jogo haverá sempre um vencedor e um vencido, para este jogo a regra que estabeleci foi o que o primeiro grupo que terminasse o jogo, ou seja, quando todas as texturas estivessem com uma marca, esse grupo vencia.

2.2.2. Planificação no Domínio da Matemática, na sala dos 4 anos.

No quadro 14 apresento o plano da aula que lecionei no grupo dos 4 anos, no dia 3 de fevereiro de 2012, com a duração de 15 minutos. Nesta aula estiveram presentes todas as crianças.

Quadro 14 – Planificação do Domínio da Matemática

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none"> Itinerário 	<ul style="list-style-type: none"> Distribuir o material; Sentar os alunos nos seus lugares; Identificar o nome do material; Pedir para colocar a tartaruga do lado esquerdo no quadrado do canto superior, onde está a estrela; Colocar no quadrado do canto inferior esquerdo junto da estrela, o aquário; Realizar o percurso com as peças do Cuisenaire e com o seguimento de uma história, realizando exercícios de cálculo mental, trabalhando a noção de par e meia dezena.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Orientação espacial <ul style="list-style-type: none"> Situar Interpretar Relacionar Raciocínio Lógico <ul style="list-style-type: none"> Classificar Diferenciar Distinguir 	<ul style="list-style-type: none"> Criatividade <ul style="list-style-type: none"> Explorar Representar Rigor <ul style="list-style-type: none"> Precisão Interesse Curiosidade
Material: Cuisenaire, folhas, tartarugas (cartolina, casca de nós), papel plastificado, feltro, saquinhos, k-line.	
Adaptado do modelo T de unidade de aprendizagem.	
Esta planificação está sujeita a alterações.	

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao planificar esta aula, tive o cuidado de a interligar com os restantes domínios lecionados na manhã de aulas. Planifiquei a aula com antecedência, de forma a poder mostrar à educadora da sala o que ia fazer, quais os materiais que iria usar e como estava organizada, para poder a ter a sua opinião e melhorar as estratégias adaptando-as ao grupo.

O primeiro procedimento que realizei foi **“Distribuir o material”**; quando os alunos se sentaram, já tinha, em cima do tampo da mesa, o material necessário e organizado, o que fez com que não tenha perdido tempo na distribuição do mesmo.

Não alterei a forma como os alunos estavam organizados na sala, ficaram nos seus lugares e nas mesas, **“Sentar as crianças nos seus lugares”**, este procedimento já foi fundamentado na primeira planificação, pois para trabalhar com o material estruturado manipulativo Cuisenaire fazê-lo desta forma.

No seguimento procedimento **“Identificar o nome do material”**, antes de iniciar a aula perguntei às crianças qual era o nome do material que tinham em cima do tampo da mesa, para que estes soubessem com que material iam trabalhar e para apelar à memória.

No quarto e quinto procedimento, recorri à orientação espacial, **“Pedir para colocar a tartaruga do lado esquerdo no quadrado do canto superior, onde está a estrela”** e **“Colocar no quadrado do canto inferior esquerdo junto da estrela, o aquário”**, Caldeira (2009b, p.173) refere que “o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objectivos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo.”

Por fim, no último procedimento, **“Realizar o percurso com as peças do Cuisenaire e com o seguimento de uma história, realizar exercícios de cálculo mental, trabalhando a noção de par e meia dezena”**, recorri à orientação espacial, desenvolvi nesta aula o sentido do número em relação à noção de par e meia dezena, de acordo com a OCEPE (citado por Caldeira, 2009b, p.331) “as oportunidades variadas de classificação e seriação são fundamentais para que a criança vá construindo a noção de número.”, para tal usei o cálculo mental, sempre que necessário recorri ao cálculo no concreto para poder ajudar os alunos.

Gostei muito do resultado final desta aula, as crianças, conseguiram acompanhar-me, chegando assim ao final do itinerário. Ao refletir sobre esta aula concluo que as estratégias que utilizei para chegar às peças fizeram com que as crianças ficassem atentas e curiosas, o que influenciou para que a aula corresse bem.

2.2.3. Planificação na área de Português, do 1.º ano.

No quadro 15 apresento a aula que lecionei na sala do 1.º ano, nesta estiveram presentes a maioria dos alunos, pois 3 deles estavam a faltar. Teve a duração de 20 minutos e foi dada no dia 5 de junho de 2012.

Quadro 15 - Planificação da área de Português

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none">Determinantes artigos definido e indefinido.	<ul style="list-style-type: none">Realizar a leitura do texto, em conjunto, com o apoio do <i>Powerpoint</i>;Interpretar o texto lido;Explicar o que são determinantes artigos;Identificar as diferenças entre determinante artigo definido e indefinido;Organizar as palavras móveis, já distribuídas, formando uma frase;Identificar os determinantes;Ao longo do exercício, realizar um quadro dividido em determinantes artigos definidos e indefinidos.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none">Expressão Escrita<ul style="list-style-type: none">Elaboração de frasesVocabulárioClassificação<ul style="list-style-type: none">IdentificarCaracterizar	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">AprenderAceitarSolidariedade<ul style="list-style-type: none">ColaborarPartilhar
Material: cartolina, <i>datashow</i> , computador.	
Adaptado do modelo T de unidade de aprendizagem. Esta planificação está sujeita a alterações.	

Inferências e Fundamentação Teórica

Ao planificar esta aula, tive sempre o cuidado de interligar com as outras áreas curriculares. Planifiquei a aula com antecedência, de forma a poder mostrar à professora e assim ter a sua opinião para a melhorar consoante o que poderia correr mal. Não alterei a forma como os alunos estavam organizados na sala, ficaram nos seus lugares e nas mesas.

Em relação ao primeiro procedimento que realizei **“Realizar a leitura do texto, em conjunto, com o apoio do *Powerpoint*”**, entreguei aos alunos um texto que abordava o ciclo da água, pois este era o tema principal da aula, e projetei-o em *Powerpoint*, pedi a colaboração dos alunos para realizar a leitura deste em voz alta; de acordo com Jean (2000, p.21), “a leitura em voz alta bem conduzida pode ser determinante para criar desejos nos leitores e levá-los a penetrar em textos considerados difíceis”.

Depois da leitura deste, realizei o seguinte procedimento **“Interpretar o texto lido”**, no qual coloquei perguntas aos alunos, em relação ao que tínhamos lido no procedimento anterior. Teberosky e Colomer (2003, p.118) referem que “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido”.

Em relação ao terceiro e quatro procedimentos sendo estes **“explicar o que são determinantes artigos”** e **“identificar as diferenças entre determinante artigo definido e indefinido”**, dei a definição de determinante artigo, e de seguida a definição dos determinantes artigos definidos e dos determinantes artigos indefinidos, um conteúdo que está inserido no Programa de Português do Ensino Básico do Ministério da Educação (2009, p. 57).

No procedimento seguinte, os alunos tiveram de **“organizar as palavras móveis, já distribuídas, formando uma frase”**; a frase que os alunos tinham de formar era retirada do texto e, através dela, realizei o procedimento **“identificar os determinantes”**. A frase tinha vários determinantes e a partir das definições que já tinha dado anteriormente, os alunos tinham de descobri-los, conforme iam encontrando os determinantes realizámos o último procedimento **“ao longo do exercício, realizar um quadro dividido em determinantes artigos definidos e indefinidos”**.

A aula decorreu como previsto, este tema já fora abordado várias vezes e, os alunos não mostraram muitas dificuldades. Aos alunos que mostraram ter dúvidas esclareci-as e com a realização do exercício, pude concluir que ajudei alguns alunos a ultrapassar essas dificuldades, o que me deixou bastante motivada e feliz.

2.2.4. Planificação da área de Matemática, no 1.º ano.

No quadro 16 apresento a aula que lecionei no mesmo dia da planificação anterior, que corresponde ao dia 5 de junho de 2012, esta foi dada posteriormente a aula na área de Português. Teve a duração de 20 minutos e encontravam-se também apenas 25 crianças.

Quadro 16 – Planificação da área de Matemática

Conteúdos Conceptuais	Procedimentos/Métodos
<ul style="list-style-type: none">• Cálculo mental• Leitura de números• Frações• Situações problemáticas	<ul style="list-style-type: none">• Distribuir o material pelos alunos;• Reconhecer o nome do material;• Realizar a construção do peixe;• Execução de exercícios de cálculo mental, leitura de números, frações e situações problemáticas.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none">• Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">➢ Fluidez mental➢ Analisar• Orientação espaço-temporal<ul style="list-style-type: none">➢ Reconhecer➢ Localizar➢ Identificar	<ul style="list-style-type: none">• Criatividade<ul style="list-style-type: none">➢ Ser curioso➢ Ser imaginativo• Responsabilidade<ul style="list-style-type: none">➢ Ser ordenado➢ Ser constante➢ Esforçar-se
Material: 5.º Dom de Fröebel, papel.	
Adaptado do modelo T de unidade de aprendizagem. Esta planificação está sujeita a alterações.	

Inferências e Fundamentação Teórica

Este plano de aula está interligado com o plano de aula anterior; no texto lido, a gotinha de água tinha muitos amigos, entre eles um peixe muito especial, mas este estava perdido e o bibe castanho ajudou-o a encontrar.

Não alterei os alunos de espaço de uma aula para a outra, pois estes precisavam das mesas para a realização da construção.

Para a realização desta aula, comecei por **“distribuir o material pelos alunos”**, sendo este, o 5.º Dom de Fröebel. É importante a utilização de materiais manipulativos para o desenvolvimento matemático das crianças; tal como refere Caldeira (2009b, p.15) “o material manipulativo, através de diferentes actividades, constitui um instrumento para o desenvolvimento da matemática, que permite à criança realizar a aprendizagem. (...) O princípio básico referente ao uso de materiais, consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos”.

Alsina (2004, p.6) defende que a utilização deste tipo de materiais está interligada com o jogo, se for utilizado “de forma programada e sistemática poderá ajudar os alunos em interiorizar conhecimentos matemáticos que, com uma metodologia expositiva e magistral, passariam com mais dificuldade”.

Quando os alunos já tinham o material nas carteiras, efetuei o seguinte procedimento **“reconhecer o nome do material e suas peças”**. Segundo Caldeira (2009b, p.249) “deve-se criar na criança curiosidade em saber o que está dentro da caixa de madeira”; a partir desta introdução, lembrei as regras de utilização do material. Caldeira (2009b, p. 248), indica algumas delas “costas direitas, uso das duas mãos em simultâneo, utilização dos dedos indicador e polegar em forma de pinça (treino para a utilização correcta da caneta/lápis), fazer as construções da esquerda para a direita (propedêntica da leitura e da escrita), não destruir”.

Em simultâneo, realizei os 2 últimos procedimentos, que são **“realizar a construção do peixe”** e **“execução de exercícios de cálculo mental, leitura de números, frações e situações problemáticas”**; ao longo da construção do peixe eu ia realizando os vários exercícios mencionados no último procedimento.

Ao utilizar este material e ao realizar a construção do peixe, desenvolvemos algumas capacidades e destrezas e interesse pedagógico que segundo Caldeira (2009b, p.302), são “equilíbrio, saber contar, ser criativo, construir e representação simbólica”, sendo estes pontos em relação às capacidades e destrezas; para o interesse pedagógico, a autora enumera os seguintes pontos “equilíbrio, lateralidade, noção espacial, contagem, raciocínio lógico, cálculo mental, números racionais, situações problemáticas, construções e criatividade”(p.302).

Os exercícios que realizei ao longo da aula, foi de cálculo mental. Caldeira (2009b, p. 260) afirma que “estas construções requerem da criança, maior destreza manual, mais equilíbrio, assim como uma maior “ginástica” mental”; diz ainda que “ as situações que desenvolvem o raciocínio lógico-matemático são exploradas a partir das construções que terão a sequência que quisermos (...) e com elas levar a criança a executar mentalmente situações problemáticas” (p.260), fiz leitura de números, Normas (1991, p. 48, citado por Caldeira, 2009b, p.203) diz que “para perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam de compreender os números... Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo”; com as peças, partidas em meios e quartos, trabalhei as frações. Normas (1991, p. 69, citado por Caldeira, 2009b, p.303) declara que as frações “possuem um conhecimento sólido acerca dos conceitos de fração e de decimal, podem usar esse conhecimento para descrever fenômenos do mundo real e para o aplicar a problemas envolvendo medidas, probabilidades e estatísticas”; no decorrer da aula também realizei situações problemáticas. Caldeira (2009b) diz que:

a resolução de problemas atravessa todas as áreas e domínios, surgindo sempre que a criança é colocada perante uma questão, para a qual não tem uma resposta imediata. Esta situação pode levá-la a procurar uma solução, a reflectir sobre como fazer e porquê. (p.103)

Ao utilizar materiais manipulativos os alunos ficam mais motivados e atentos apreendendo com mais facilidade os conteúdos abordados. Segundo Azcue (2012, p.26) “o bom professor tem de conseguir motivar os seus estudantes e manter a sua participação ativa no seu processo de aprendizagem.”

Foi a primeira vez que os alunos concretizaram esta construção e facilmente a realizaram, sem grandes dúvidas. A principal dificuldade que surgiu foi na percepção de que esta era sobre o tampo da mesa na vertical e não na horizontal. Quando vi que os alunos não estavam a realizar a construção corretamente, parei a aula e expliquei que esta construção era diferente das que costumam fazer, as peças ficavam todas em cima do tampo da mesa, exemplificando numa mesa para poderem ver. Fiquei muito satisfeita ao ver que os alunos entenderam o que estava errado e corrigiram logo as suas peças.

Capitulo 3 – Dispositivos de avaliação

Neste capítulo será apresentada uma breve reflexão sobre o que é avaliar; para que serve a avaliação; quais são os tipos de avaliação, quais as funções e finalidade de avaliação; apresento a escala de avaliação utilizada; os 4 dispositivos de avaliação: avaliação da atividade do Domínio da Matemática (5 anos), avaliação da atividade da área da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (5 anos), avaliação da atividade na área da Matemática (6 anos), avaliação da atividade da área de História de Portugal (9 anos); bem como as grelhas com os parâmetros, critérios e cotações referentes à avaliação de cada um.

Após a descrição das grelhas é sempre apresentado um gráfico circular, com os resultados da avaliação percentual do grupo ou turma, e a correspondente descrição.

3.1. Fundamentação teórica

3.1.1. O que é avaliar?

A avaliação é uma das ferramentas utilizadas pelos docentes, para se certificarem que os alunos apreenderam os conceitos e conteúdos explorados durante o ano letivo.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 338) a avaliação é “uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos que se seguem.”

Segundo o Despacho Normativo 338/93 (citado por Pais e Monteiro, 1996, p. 43) “a avaliação dos alunos é um elemento integrante da prática educativa que permite a recolha sistemática de informação e a formulação de juízos para a tomada de decisões adequadas às necessidades dos alunos e do sistema educativo.”

A avaliação é um instrumento importante para os educadores/professores, para que estes possam planificar, estruturar e organizar as aulas de acordo com o programa e com os conhecimentos que os alunos conseguem adquirir.

3.1.2. Para que serve a avaliação?

A definição de avaliação e a sua utilidade estão interligados, pois quando dizemos que a avaliação é um elemento de recolha de informação já estamos a referir a sua utilidade. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990) a avaliação serve para definir:

um plano de apreciação dos objectivos de aprendizagem que se visam, determinando processos e instrumentos que permitam evidenciar os resultados reais obtidos, tanto os que concordam com os objectivos pretendidos como os que deles afastam, nos sentido de melhorar o processo de ensino e o próprio plano inicialmente construído. (p. 65)

Leite, Pacheco, Moreira, Terrasêca, Carvalho e Jordão (1995, p. 10) referem que “a avaliação é entendida como o processo de determinar até que ponto os objetivos do programa foram atingidos, após a aplicação da acção”.

Avaliando os conhecimentos dos alunos, é mais fácil para os educadores/professores moldarem as suas estratégias e métodos do ensino, para que os alunos possam apreender melhor os conhecimentos.

3.1.3. Quais são os tipos de avaliação?

Existem 3 tipos de avaliação, sendo eles os seguintes: avaliação diagnóstica, avaliação formativa, avaliação sumativa (que se divide em interna e externa) e a autoavaliação.

A primeira, de acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p.342), “tem como objectivo fundamental proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que os alunos devem possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.”; este tipo de avaliação é normalmente usado no início do ano letivo e, por vezes, no início de cada período, os professores utilizam-na, como já foi referido, para verificar quais os conhecimentos que os alunos adquiriram previamente.

A avaliação formativa, segundo os mesmos autores, “acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam.”(p.348); a avaliação formativa é utilizada no decorrer do ano letivo, para que os docentes possam verificar as dificuldades dos discentes e ajudando-os a ultrapassá-las.

De seguida temos a avaliação sumativa; tal como afirmam os autores acima referidos, esta “procede a um balanço de resultados no final de segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.”.

Este tipo de avaliação está dividido em duas partes: a avaliação sumativa interna e externa.

O Despacho Normativo n.º 1/2005 refere que a primeira ocorre no final de cada período ano letivo e também no fim de cada ciclo; esta é “da responsabilidade do professor titular da turma em articulação” (Artigo 26.º, p.73) com restantes docentes da valência, tem como finalidade “i. informar o aluno e o seu encarregado de educação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada (...) área disciplinar; ii. tomar decisões sobre o percurso escolar do aluno.” (Artigo 29.º, p.73)

A segunda, a avaliação sumativa externa, de acordo com o despacho acima referido “é da responsabilidade dos serviços centrais do Ministério da Educação”(Artigo 41.º, p.74), este tipo de avaliação neste documento é compreendida apenas para os exames nacionais do 9.º, mas, no 1.º Ciclo, são também da responsabilidade do Ministério da Educação as provas intermédias do 2.º ano, assim como as provas aferição realizadas no 4.ºano.

Por fim, a autoavaliação. Pais e Monteiro (1996, p. 28) referem que esta “consiste na regulação do processo de aprendizagem pelo próprio aluno.”. Na autoavaliação, os alunos referem todas as suas dificuldades e facilidades, o que permite ao professor uma maior abrangência de informação do aluno e comparar com as restantes avaliações, caso haja alguma dificuldade que o aluno tenha e o professor, pelos outros tipos de avaliação não tenha percebido, perceberá neste tipo de avaliação e, mais uma vez, poderá ajudar o discente a ultrapassar essa dificuldade.

Na Educação Pré-Escolar de acordo com as OCEPE (2009, p. 27) “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução.”.

De acordo com a mesma fonte:

a avaliação realizada com as crianças é uma actividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte de planeamento.p.27

Na Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011 verificamos que:

a avaliação na Educação Pré-Escolar assume uma dimensão marcadamente formativa, desenvolvendo-se num processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.p.1

Apesar da avaliação nesta valência ser essencialmente formativa, os educadores avaliam também as crianças recorrendo a avaliação diagnóstica; de acordo com a mesma circular acima referida esta avaliação:

tem em vista a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões de acção educativa, no âmbito projecto curricular de grupo.p.4

A avaliação diagnóstica, segundo a circular já referida, “permite a adopção de estratégias de diferenciação pedagógica, contribuindo também para a elaboração, adequação e reformulação do projecto curricular de grupo e ainda para facilitar a integração da criança no contexto educativo” (p.4)

A avaliação é da responsabilidade do educador titular do grupo, tal como é afirmado na Circular atrás referida, e este tem a competência de definir e adotar uma metodologia de avaliação capaz de integrar os conteúdos do currículo, assim como os procedimentos e as estratégias de avaliação, na sua gestão curricular.

3.1.4. Quais as funções e finalidades da avaliação?

Ao avaliarmos, temos um objetivo, uma finalidade, uma função. De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990, p.337) “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.”

Segundo a Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011:

a avaliação, enquanto elemento regulador da prática educativa, permite uma recolha sistemática de informação que, uma vez analisada e interpretada, sustenta a tomada de decisões adequadas e promove a qualidade das aprendizagens. A reflexão, a partir dos efeitos que se vão observando, possibilita estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança, individualmente e em grupo, tendo em conta a sua evolução. (p. 2 e 3)

A avaliação tem também a finalidade compreender e verificar as dificuldades das crianças e ajudar o professor a conhecer melhor os seus alunos, refletir sobre a sua prática, a inovar e a melhorar a mesma.

3.1.5. Escalas de avaliação.

Para avaliar os alunos de uma forma coerente, justa e correta temos de seguir o mesmo plano de avaliação e correção para todo grupo/turma. Quando damos uma classificação, essa tem que ter os mesmos parâmetros a mesma escala.

De acordo com Tendbrink (2002, p. 257) “as escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes” , ou seja, na perspectiva do mesmo autor os professores realizavam avaliações com frequência, para poderem verificar se o progresso dos alunos é satisfatório, conseguindo assim confirmar as tarefas e estratégias usadas em sala de aula são adequadas.(p.17)

O autor supracitado refere ainda que “uma escala de avaliação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar e algum tipo de hierarquia.”(p.259)

Por fim, o mesmo autor defende que “uma escala numérica em vez de gráfica proporciona-nos resultados, com mais fácil compreensão, registo e manipulação. Uma escala gráfica por outro lado, tem a vantagem de caligrafar registos de uma forma mais específica e com resultados observáveis.” (p.267)

Para a elaboração dos meus dispositivos de avaliação, ao longo do período de estágio, baseei-me na escala de *Likert*. Esta escala vai de 1 a 5, como se pode ver no quadro 17.

Quadro 17 – Escala de Likert.

1	Fraco	de 0 a 2,9 valores
2	Insuficiente	de 3 a 4,9 valores
3	Suficiente	de 5 a 6,9 valores
4	Bom	de 7 a 8,9 valores
5	Muito Bom	de 9 a 10 valores

3.2. Avaliação da atividade do Domínio da Matemática

3.2.1. Contextualização

Este dispositivo de avaliação, foi realizado na sala dos 5 anos, e é referente ao domínio da Matemática (v. anexo 1), foi realizado após o meu momento de estágio nesta sala, no dia 25 de junho de 2012. Esta atividade foi realizada por 26 crianças.

3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios

No quadro 18 apresento os parâmetros e critérios que utilizei para avaliar as propostas de trabalho das crianças, no domínio da Matemática.

Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos para a atividade de Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Realizou o algoritmo das adições	– Calculou a 2.1.	0,825	3,3
	– Não calculou a 2.1.	0	
	– Calculou a 2.2.	0,825	
	– Não calculou a 2.2.	0	
	– Calculou a 2.3.	0,825	
	– Não calculou a 2.3.	0	
	– Calculou a 2.4.	0,825	
	– Não calculou a 2.4.	0	
1.1. Identificou os sinais <, > ou =.	– Aplicou, corretamente, o sinal na 2.1.	0,425	1,7
	– Não aplicou, corretamente, o sinal na 2.1.	0	
	– Aplicou, corretamente, o sinal na 2.2.	0,425	
	– Não aplicou, corretamente, o sinal na 2.2.	0	
	– Aplicou, corretamente, o sinal na 2.3.	0,425	
	– Não aplicou, corretamente, o sinal na 2.3.	0	
	– Aplicou, corretamente, o sinal na 2.4.	0,425	
	– Não aplicou, corretamente, o sinal na 2.4.	0	
2. Calcular mentalmente as operações adição e subtração, ao resultado ou diferença é atribuído uma cor de acordo com o código estabelecido.	– Realizou mentalmente as operações.	0,45	5
	- Não realizou nenhuma operação.	0	

3.2.3. Grelha de avaliação

De seguida apresenta-se, no quadro 19, a grelha de avaliação da proposta de trabalho no Domínio da Matemática do grupo do bibe azul (5 anos).

Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática

	Questões	1	1.1.	2	Total
	Cotações	3,3	1,7	5	10
N.º	Alunos				
1	A	3,3	0,85	4,5	8,65
2	B	2,475	0,85	4,5	7,825
3	C	3,3	1,7	4,5	9,5
4	D	3,3	1,7	5	10
5	E	3,3	0,85	5	9,15
6	F	2,475	0,425	4,05	6,95
7	G	1,65	1,275	4,5	7,425
8	H	2,475	1,275	4,5	8,25
9	I	1,65	1,275	3,15	6,075
10	J	2,475	1,7	5	9,175
11	K	2,475	1,7	5	9,175
12	L	3,3	1,7	4,5	9,5
13	M	0	0	3,6	3,6
14	O	1,65	0,85	4,5	7
15	P	0	0	3,6	3,6
16	Q	2,475	1,275	4,05	7,8
17	R	1,65	0,425	3,15	5,225
18	S	0	0	4,5	4,5
19	T	3,3	1,7	5	10
20	U	3,3	1,7	5	10
21	V	2,475	1,275	4,5	8,25
22	W	3,3	1,7	4,5	9,5
23	X	3,3	1,7	4,05	9,05
24	Y	3,3	1,7	5	10
25	Z	3,3	1,7	4,5	9,5
26	a	3,3	1,7	5	10
Média aritmética					8,45

3.2.4. Descrição da grelha

Este dispositivo de avaliação foi realizado com crianças com 5 e 6 anos de idade. A proposta de trabalho foi realizada por 26 crianças e a média do grupo foi aproximadamente de 8,45.

No primeiro parâmetro observei que 12 crianças conseguiram realizar todos os cálculos, obtendo assim a cotação máxima. Observei também que 7 crianças só realizaram corretamente 3 cálculos e que 4 erraram duas alíneas. As restantes 3 crianças não conseguiram realizar nenhum cálculo.

No segundo parâmetro comprovo que 12 crianças obtiveram a cotação máxima, 5 realizaram corretamente a indicação de 3 sinais, outras 4 crianças só conseguiram realizar a indicação de 2 sinais, outras 2 crianças só indicaram 1 sinal e, por fim, 3 crianças não indicaram nenhum sinal.

A seguir, no último parâmetro, observei que 8 das crianças conseguiram realizar todos os cálculos, 11 calcularam corretamente 10 operações, 3 crianças acertaram em 9 operações, 2 realizaram 8 operações e as restantes 2 calcularam apenas 7 operações.

Analisando o gráfico pude verificar que a criança 15 obteve a nota mais baixa é 3,6, Insuficiente.

3.2.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na figura 18 apresento o gráfico circular referente à avaliação do Domínio da Matemática.



Figura 18 – Gráfico alusivo aos resultados da atividade de Matemática.

Através da observação do gráfico podemos concluir que 50% dos alunos tiveram Muito Bom, ou seja, tiveram as notas entre 9 e 10. Nenhuma criança obteve a classificação de fraco. 11% do grupo teve Insuficiente. 12% obtiveram a classificação de Suficiente e para Bom observo o valor de 27% do grupo.

3.3. Avaliação de atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.3.1. Contextualização

Este dispositivo de avaliação foi realizado, à posteriori, no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, na sala dos 5 anos (v. anexo 2), no dia 25 de junho de 2012.

3.3.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

No quadro 20 apresento os parâmetros e critérios que utilizei para avaliar as propostas de trabalho das crianças.

Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos para a atividade Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Ler as palavras e escrever a frase ordenada.	– Ordenou, corretamente, todas as frases.	4	4
	– Ordenou, corretamente, 3 frases.	3	
	– Ordenou corretamente, 2 frases.	2	
	– Ordenou, corretamente, 1 frase.	1	
	– Não ordenou nenhuma frase.	0	
2. Identificação das palavras corretas de cada imagem do crucigrama.	– Completou, corretamente, as 6 palavras.	5	5
	– Completou, corretamente, as 5 palavras.	4	
	– Completou, corretamente, as 4 palavras.	3	
	– Completou, corretamente, as 3 palavras.	2	
	– Completou, corretamente, as 2 palavras.	1	
	– Completou, corretamente, as 1 palavras.	0,5	
	– Não completou nenhuma palavra.	0	
3. Caligrafia.	– Legível e cuidada.	1	1
	– Irregular.	0,5	
	– Não legível nem cuidada.	0	

3.3.3. Grelha de avaliação

No quadro 21 apresento, a grelha de avaliação, correspondente à proposta de trabalho no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, do grupo dos 5 anos.

Quadro 21 – *Grelha de avaliação referente ao domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.*

	Questões	1	2	3	Total
	Cotações	4	5	1	10
N.º	Alunos				
1	A	1	3	1	5
2	B	4	5	1	10
3	C	4	5	1	10
4	D	2	4	1	7
5	E	1	0	0,5	1,5
6	F	2	5	1	8
7	G	2	3	1	6
8	H	4	5	1	10
9	I	4	3	1	8
10	J	4	5	1	10
11	K	3	5	1	9
12	L	1	3	1	5
13	M	3	4	1	8
14	O	4	5	1	10
15	P	3	3	1	7
16	Q	1	0	1	2
17	R	4	3	1	8
18	S	4	5	1	10
19	T	4	5	1	10
20	U	4	5	1	10
21	V	4	5	1	10
22	W	4	2	0,5	6,5
23	X	4	5	1	10
24	Y	1	5	1	8
25	Z	3	3	1	7
Média aritmética					7,84

3.3.4. Descrição da grelha

Este dispositivo de avaliação foi realizado com crianças com 5 e 6 anos de idade. A proposta de trabalho foi realizada por 25 crianças e a média do grupo foi aproximadamente de 7,84.

No primeiro parâmetro observo que 13 crianças conseguiram ordenar as frases corretamente, obtendo assim a cotação máxima, houve 4 que só conseguiram ordenar 4 frases, 3 que só ordenaram corretamente 2 frases e, por fim, as restantes 5 ordenaram apenas 1 frase.

No segundo parâmetro comprovo que 13 crianças obtiveram a cotação máxima, conseguindo realizar todo o crucigrama, 2 completaram corretamente com 5 palavras, outras 7 crianças completaram corretamente com 4 palavras e apenas 1 criança, colocou apenas 3 palavras. Verifico também que só duas crianças não conseguiram completar o crucigrama com todas as palavras.

A seguir, no terceiro parâmetro, observo que a maioria (23) das crianças têm uma caligrafia legível e cuidada, as restantes 2 comprovo que a sua caligrafia é irregular.

Ao analisar este quadro pude observar que as crianças 5 e 16 foram as que tiveram pior classificação.

3.3.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na figura 19 apresento o gráfico circular referente à avaliação do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

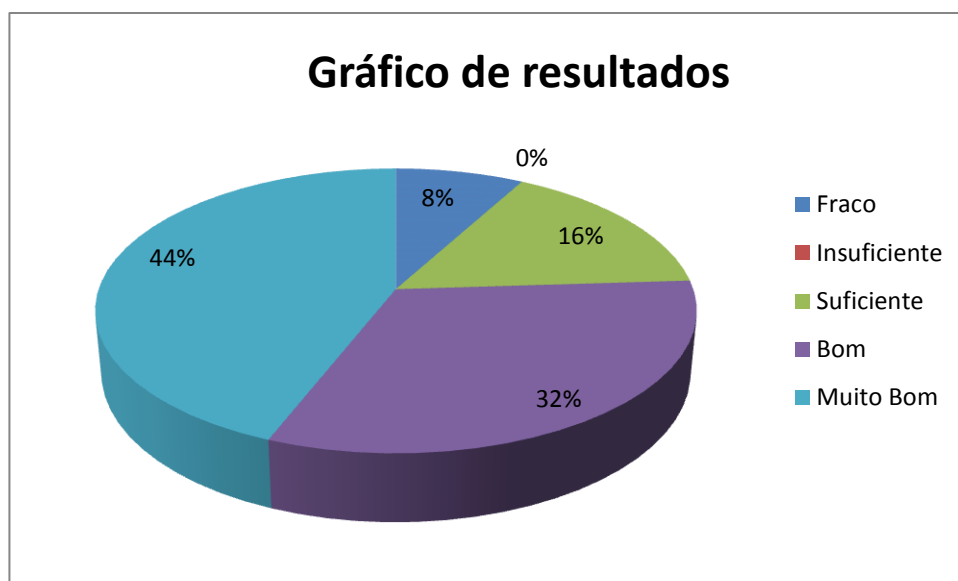


Figura 19 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade do domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Através da observação do gráfico podemos concluir que 44% dos alunos tiveram Muito Bom, ou seja, tiveram as notas entre 9 e 10. 8 por cento do grupo teve fraco e 0% Insuficiente. 116% obtiveram a classificação de Suficiente e para Bom observamos o valor de 32%.

3.4. Avaliação da atividade na área da Matemática

3.4.1. Contextualização

Este dispositivo de avaliação, foi realizado na sala do 1.ºano, e é referente à área da Matemática (v. anexo 3), foi realizado no dia 18 de maio de 2012, quando introduzi o conteúdo do sistema monetário. Nesta aula tive a participação de 25 alunos e a aula teve a duração de 20 minutos.

3.4.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

No quadro 22 estão os parâmetros e critérios que utilizei para avaliar as fichas dos alunos, na área de Matemática.

Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática.

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação do valor através da aplicação do cálculo, utilizando moedas.	– Realizou, corretamente, todos os cálculos.	4	4
	– Realizou, corretamente, 3 cálculos.	3	
	– Realizou, corretamente, 2 cálculos.	2	
	– Realizou, corretamente, 1 cálculo.	1	
	– Não realizou nenhum cálculo.	0	
2. Resolução de situações problemáticas	– Interpretou o problema.	1,5	2,5
	– Não interpretou o problema.	0	
	– Indicou dados: indicação e operação.	0,5	
	– Não indicou dados: indicação e operação.	0	
	– Escreveu a resposta.	0,5	
	– Não escreveu a resposta.	0	
3. Resolução de situações problemáticas	– Interpretou o problema.	1,5	2,5
	– Não interpretou o problema.	0	
	– Indicou dados: indicação e operação.	0,5	
	– Não indicou dados: indicação e operação.	0	
	– Escreveu a resposta.	0,5	
	– Não escreveu a resposta.	0	
4. Organização e caligrafia	– Apresentação cuidada.	1	1
	– Apresentação pouco cuidada.	0,5	
	– Apresentação não cuidada	0	

3.4.3. Grelha de avaliação

O quadro 23 é referente à grelha de avaliação. Nesta está presente os resultados da avaliação da proposta de trabalho na área de Matemática realizada pelos alunos do 1.º ano.

Quadro 23 – Grelha de avaliação referente à área de Matemática

	Questões	1	2	3	4	Total
	Cotações	4	2,5	2,5	1	10
N.º	Alunos					
1	A	4	2,5	2	1	9,5
2	B	4	2	2,5	1	9,5
3	C	4	1,5	2	1	8,5
4	D	4	2	1	1	7,5
5	E	4	2	1,5	1	8,5
6	F	4	2,5	1,5	1	10
7	G	4	0,5	1	1	6
8	H	4	2	2,5	1	9,5
9	I	4	2,5	2,5	1	10
10	J	4	2,5	2	0,5	9
11	K	4	0,5	1,5	0,5	6,5
12	L	3	2	2	1	8
13	M	4	2	2,5	1	9,5
14	O	4	2	1	1	7,5
15	P	4	2,5	1,5	1	9
16	Q	4	2,5	1,5	1	9
17	R	4	2,5	2,5	1	10
18	S	4	2	2,5	1	9,5
19	T	4	2	2,5	1	9,5
20	U	4	2,5	2	1	9,5
21	V	4	2	1,5	1	8,5
22	W	3	0,5	1	1	5
23	X	4	0,5	2	1	7,5
24	Y	4	1,5	2	1	6,5
25	Z	4	1,5	2,5	1	9
Média aritmética						8,5

3.4.4. Descrição da grelha

Este dispositivo de avaliação foi realizado com crianças com 6 e 7 anos de idade. A proposta de trabalho foi realizada por 25 crianças e a média do grupo foi aproximadamente de 8,5.

No primeiro parâmetro observo que 23 alunos conseguiram identificar o valor pretendido através da aplicação do cálculo, obtendo assim a cotação máxima, e apenas 2 identificaram apenas realizar 3 cálculos.

No segundo parâmetro comprovo que 8 alunos obtiveram a cotação máxima, conseguindo resolver a situação problemática, 10 alunos tiveram a cotação de 2, por não terem realizado a indicação dos dados ou por não terem escrito a resposta, 3 alunos só realizaram a interpretação e os cálculos do problema e 4 alunos obtiveram a classificação de 0,5 por terem realizado a indicação dos dados.

A seguir, no terceiro parâmetro, observo que 8 alunos conseguiram aplicar todos os cálculos, concretizando a situação problemática, verifico ainda que 7 alunos não realizaram a indicação dos dados ou a resposta e que 6 alunos só realizaram os cálculos e a interpretação da situação problemática, e os restantes 4 realizaram a indicação dos dados e da resposta, mas os cálculos estavam errados.

Com a análise deste quadro pude observar que a turma não sentiu dificuldade na realização desta proposta de trabalho, uma vez que a matéria era nova, considero os resultados muito satisfatórios, uma vez que não houve negativas e a nota mais baixa é 5.

3.4.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na figura 20 apresento o gráfico circular referente à avaliação na área de Matemática.



Figura 20 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade da área de Matemática.

Através da observação do gráfico podemos concluir que 56% dos alunos tiveram Muito Bom. 16 por cento obtiveram Suficiente e que os restantes 28% tiveram de classificação Bom. Não houve classificações de Fraco e Insuficiente.

Concluo que esta ficha poderia ter um maior grau de dificuldade.

3.5. Avaliação de atividade na área de História de Portugal

3.5.1. Contextualização

Este dispositivo de avaliação, foi realizado na sala dos 9 anos, bibe azul-escuro. Este é referente ao domínio da História de Portugal (v. anexo 4), foi realizado durante o meu estágio, no dia 14 de janeiro de 2013, nesta foram utilizados os conteúdos introduzidos nesse dia, sobre a Instauração da Independência. Nesta estavam presentes 26 alunos e a aula teve a duração de 20 minutos.

3.5.2. Descrição dos parâmetros, critérios e cotações

No quadro 24 apresento a grelha com a indicação dos respetivos parâmetros, critérios e cotações que utilizei para avaliar as fichas dos alunos, na área de História de Portugal.

Quadro 24 – Cotações atribuídas aos parâmetros e critérios definidos na atividade de História de Portugal

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificação do nome e cognome do último rei da 3. ^a Dinastia.	– Indicou, corretamente, todas as respostas.	2	2
	– Indicou, corretamente, 1 resposta.	1	
	– Não identificou nenhuma resposta.	0	
2. Selecionar o 1. ^o Rei da 4. ^a Dinastia	– Assinalou, corretamente, o rei.	2,5	2,5
	– Não assinalou, corretamente o rei	0	
3. Compreensão do texto lacunar.	- Preencheu, corretamente, 15 a 16 palavras.	2,5	2,5
	- Preencheu, corretamente, 13 a 14 palavras.	2	
	- Preencheu, corretamente, 9 a 12 palavras.	1,5	
	- Preencheu, corretamente, 5 a 8 palavras.	1	
	- Preencheu, corretamente, 1 a 4 palavras.	0,5	
	- Não preencheu, corretamente, o texto.	0	
4. Domínio e revisão do conteúdo	- Completou, corretamente, 6 palavras.	3	3
	- Completou, corretamente, 5 palavras.	2,5	
	- Completou, corretamente, 4 palavras.	2	
	- Completou, corretamente, 3 palavras.	1,5	
	- Completou, corretamente, 2 palavras.	1	
	- Completou, corretamente, 1 palavras.	0,5	
	- Não completou, corretamente, nenhuma palavra.	0	

3.5.3. Grelha de avaliação

No quadro 25 apresento as cotações que os alunos obtiveram na proposta de trabalho de História de Portugal.

Quadro 25 – *Grelha de avaliação referente à área de História de Portugal*

	Questões	1	2	3	4	Total
	Cotações	2	2,5	2,5	3	10
N.º	Alunos					
1	A	2	2,5	2	1	7,5
2	B	1	2,5	1,5	0,5	5,5
3	C	2	2,5	1,5	0	6
4	D	0	2,5	1,5	0	4
5	E	1	2,5	2	1,5	7
6	F	2	2,5	2,5	1,5	8,5
7	G	2	2,5	2,5	2	9
8	H	1	2,5	2,5	0,5	6,5
9	I	2	2,5	1,5	2	8
10	J	1	2,5	2	3	8,5
11	K	2	2,5	1	1	6,5
12	L	1	2,5	1,5	0,5	5,5
13	M	2	2,5	2,5	1	8
14	O	1	2,5	2,5	1	7
15	P	2	2,5	2,5	2	9
16	Q	2	2,5	2,5	3	10
17	R	2	2,5	2,5	2	9
18	S	1	2,5	2,5	0,5	7,5
19	T	2	2,5	2,5	1,5	8,5
20	U	2	2,5	1	1,5	7
21	V	1	2,5	0,5	1	5
22	W	2	2,5	1	2	7,5
23	X	0	2,5	2	3	7,5
24	Y	1	2,5	1	0,5	5
25	Z	1	2,5	1,5	2	7
26	a	2	2,5	1	1,5	7
Média aritmética						7,21

3.5.4. Descrição da grelha

Este dispositivo de avaliação foi realizado com crianças com 9 e 10 anos de idade. A proposta de trabalho foi realizada por 26 crianças e a média do grupo foi aproximadamente de 7,21.

No primeiro parâmetro observei que 14 alunos conseguiram identificar o nome e cognome de D. Filipe III, obtendo assim a cotação máxima, 10 só identificaram uma das respostas e 2 alunos não responderam.

A seguir, no segundo parâmetro, observei que os 26 alunos obtiveram a cotação máxima.

No terceiro parâmetro pude observar que 10 alunos conseguiram compreender e preencher o texto lacunar, 4 alunos conseguiram preencher apenas entre 13 a 14 palavras, 6 alunos conseguiram preencher apenas entre 9 a 12 palavras, 5 alunos conseguiram preencher entre 5 a 8 palavras, e por fim 1 criança só conseguiu preencher entre 1 a 4 palavras.

No último parâmetro observei que 2 alunos conseguiram realizar as palavras cruzadas. 5 só completaram 4 palavras, outros 5 alunos só completaram 3 palavras, ainda outros 5 completaram com 2 palavras e, por fim, outros 5 completaram só com 1 palavra, as restantes (2) não realizaram o exercício.

Pude observar que o aluno 4 teve muitas vezes distraído durante a exposição do tema e realização da ficha, sendo assim necessário chamá-lo várias vezes à atenção.

3.5.5. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular

Na figura 21 apresento o gráfico circular referente à avaliação da área de História de Portugal.



Figura 21 – Gráfico alusivo aos resultados da avaliação da atividade da área de História de Portugal.

Através da observação do gráfico podemos concluir que 54% dos alunos tiveram Bom, ou seja, tiveram as notas entre 5 e os 6,9. 4% por cento da turma teve Insuficiente e 27% Suficiente. 15% obtiveram a classificação de Muito Bom, para Fraco comprove que a percentagem é de zero.

Reflexão Final

1. Considerações Finais

Ao longo do Estágio Profissional I II e III foram várias as salas por onde eu passei e onde eu pude observar várias estratégias e metodologias diferentes. Tive contacto com diversas crianças com características diferentes e com os quais aprendi a ensinar, a lidar e a relacionar.

Com as várias estratégias e metodologias usadas pelas educadoras e professoras adaptadas ao seu grupo/turma, pude enriquecer a minha prática profissional e selecionar as estratégias e metodologias que considero que, futuramente, poderei utilizar com a minha turma/grupo, promovendo assim um melhor ensino.

Neste estágio pude colocar em prática também toda a teoria e metodologia que os professores da Escola Superior de Educação me ensinaram durante a licenciatura e o mestrado, o que tornou a minha prática mais eficiente.

Em todas as aulas que lecionei, e que as minhas colegas deram, as programadas, as assistidas ou até as aulas-surpresa, houve um *feedback* por parte das educadoras/professoras e, quando presentes, da equipa de Supervisão Pedagógica; as estagiárias também tinham de dar a sua opinião, pois assim poderíamos refletir sobre a prática e detetar as boas e as más estratégias, construindo mais um ponto de formação para a nossa prática. Com este *feedback* aprendíamos o que tínhamos feito de errado e porquê, e recebíamos ideias de estratégias e metodologias mais adequadas a utilizar. Alarcão (1996) refere, o “supervisor/orientador de estágio será encarado como promotor de estratégias que irão desenvolver nos futuros professores o desejo de refletirem e, através da reflexão, a vontade de se desenvolverem em continuum” (p. 91); o autor refere ainda que

o supervisor reflexivo irá envolver os professores na sua própria formação para que, depois de atravessarem uma fase em que o tal professor mais experiente acompanha e monitoriza a formação, sejam capazes de alcançar competência profissional com base nos conhecimentos teóricos e científicos que foram experimentando e adaptando às suas práticas, concluindo este período de formação com o início de uma nova fase (...). (p.94).

Foi muito importante o trajeto realizado na realidade educativa, pois fiquei mais sensibilizada para trabalhar em cada faixa etária e nível de ensino.

No bibe azul (5 anos), tive a oportunidade de pôr em prática o ensino de leitura e da escrita, metodologia que aprendi durante a licenciatura e até a este momento académico não tinha vivido essa experiência.

No bibe amarelo (3 anos), percebi que as crianças, por serem muito pequenas e que a adaptação à escola muitas vezes é difícil devido à separação dos pais, temos

que ser mais afetivas, pois este precisam ainda de muito carinho e atenção; percebi também que nesta idade devemos de ensinar várias regras que são utilizadas para o resto da vida escolar e pessoal; o processo de ensino é mais difícil pois, como são pequeninas a sua concentração é menor.

No bibe encarnado (4 anos) o que mais me chamou a atenção foi o dinamismo da educadora nas suas aulas, principalmente na hora do conto, em que entramos todos no mundo mágico. Assim como o retorno à calma, que é muito importante nos momentos em que as crianças se encontram mais excitadas.

No 1.º Ciclo, 1.º ano assim como no 4.º ano quero salientar a relação destas professoras com os alunos. A relação entre estes é à base da confiança. Segundo McDermott (1997, citado por Amado, 2005, pp. 164-165) a confiança não é “uma qualidade inata de uma pessoa, mas antes um produto do trabalho que alunos e professores fazem no sentido de partilharem um mesmo interesse”.

No 2.º ano e no 3.º ano pude observar várias estratégias de comportamento, pois os alunos eram um pouco agitados e as professoras tiveram de encontrar estratégias para colmatar essas dificuldades. É de salvar que manter a disciplina e motivar os alunos contribui para o sucesso escolar.

Em todas as salas pude experimentar os materiais manipulativos estruturados, o que me permitiu usar o mesmo material, com conteúdos e estratégias diferentes adaptadas ao grupo/turma em questão.

O estágio profissional é muito importante para a nossa formação, de acordo com Jesus (s.d.):

é a fase inicial de prática profissional, sendo nesta etapa as experiências profissionais mais marcantes; é a fase em que os professores sentem maior necessidade de aprendizagem, profissional, estando mais sensibilizados e receptivos às sugestões de colegas; é o único período do percurso profissional em que está institucionalmente previsto acompanhamento e orientação; uma orientação adequada nesta fase pode contribuir para uma perspectiva de maior confiança e dedicação relativamente ao resto da carreira. (p.334)

Por fim, com a realização deste relatório pude compreender vários aspetos do ensino e aprendizagem, porque razão devemos de utilizar uma determinada estratégia ou metodologia, como devemos lecionar um determinado conteúdo, entre outros, para que os alunos possam aprender e os professores ensinar de uma forma eficaz. Tal como afirma Loughran (citado por Flores e Simão, 2009, p. 34), “os alunos futuros professores desenvolvem compreensões profundas acerca do ensino e da aprendizagem quando investigam a sua própria prática e quando são convidados a adoptar uma perspectiva de investigadores”. Estas compreensões estão presentes em todas as fundamentações ao longo do relatório de estágio.

As aulas programadas que lecionei ajudaram-me como planificar e tudo o que com isso está relacionado. Nem sempre foi fácil fazê-lo, pois por um lado, preocupava-me em adaptar os planos aos conhecimentos e vivências das crianças, e por outro lado a dar os conteúdos que me eram destinados, aplicando metodologias e materiais que pudessem ter rigor científico.

Em relação aos dispositivos de avaliação (capítulo III) posso referir que no início não me sentia preparada e com formação para os realizar mas depois gostei bastante de os desenvolver e perceber o quão importante estes instrumentos são para o meu futuro profissional. De acordo com Leite e Fernandes (2002, p.21) “avaliar é muito mais do que atribuir uma nota, uma quantificação, uma classificação”, o importante é que as crianças consigam ultrapassar as suas dificuldades.

Trabalhar com a minha colega de estágio foi também importante para perceber que o trabalho de equipa é cada vez mais fundamental. Hohmann e Weikart (1997, p. 132) defendem que “um trabalho de equipa eficaz utiliza os mesmos elementos de apoio postos em prática pelos adultos quando trabalham com crianças. Os elementos de equipa partilham o controlo em vez de seguir as directivas de uma só pessoa”. E ainda referem “a aprendizagem colectiva é um processo contínuo” (p.132).

Assim o trabalho de equipa ajudou-me a prevenir e a resolver situações de stress. Aprendi com a minha experiência pessoal, mas também aprendi com a minha colega.

Valorizei sempre as sugestões e críticas que foram apontadas, ao longo do estágio, sempre com uma atitude de empatia, humildade e cooperação.

2. Limitações

Ao longo da realização do relatório deparei-me com algumas limitações, uma delas foi a gestão do tempo, pois sou trabalhadora estudante e tive de estruturar muito bem o tempo para a realização do mesmo e, por este motivo, levei mais tempo a concluir.

Outra limitação que senti foi na vertente científica, tive alguma dificuldade em encontrar alguns livros para conseguir sustentar teoricamente alguns dos relatos. Ainda nesta vertente, senti a limitação da escassez dos livros, uma vez que em muitos deles só existe um exemplar e este está emprestado. Assim tive de esperar várias vezes para poder fundamentar o meu relatório, em virtude de não ter tempo livre para ir a outras bibliotecas.

O facto dos relatos serem muito idênticos também foi uma limitação para mim, pois tive dificuldade em encontrar fundamentações diversificadas para explorar um determinado tema.

Por fim, relacionado com os relatos diários, penso que o horário de estágio foi uma limitação, pois não nos permitiu assistir a outras áreas diferentes, áreas essas que são lecionadas na parte da tarde, observando assim essencialmente 2 das áreas /domínios principais (Linguagem Oral e Abordagem à Escrita/Português e Matemática).

3. Novas pesquisas

Como futura docente pretendo estar sempre informada dos conteúdos que transmitirei aos alunos para não os induzir em erro, para que isso seja possível irei manter-me sempre atualizada e em pesquisa permanente. Irei também estar em constante formação, pois o mundo está em constante evolução e as informações, conceitos, vão-se alterando e atualizando. Tenciono que os meus alunos tenham a melhor aprendizagem possível e que eu possa atingir o sucesso como docente.

Gostaria também de obter mais formação na área da Supervisão Pedagógica. Gostaria também de aprofundar os meus estudos em Necessidades Educativas Especiais; apesar de ter tido alguma formação penso que não foi a necessária para poder lecionar uma turma com deficiências, uma vez que é uma área que me fascina.

Mais tarde, gostaria também de me formar em Psicologia Educacional para aprofundar os meus conhecimentos e compreender melhor as crianças, os seus comportamentos, entre outros.

Irei estar atenta às várias formações que possam surgir de modo a enriquecer-me profissionalmente e pessoalmente.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P. (2001). *Pensar formação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrantes, P., Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Agüera, I. (2008). *Brincar e aprender na primeira infância. Actividades, rimas e brincadeiras para a educação de infância*. Lisboa: Papa-Letras.
- Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais*. Lisboa: Gradiva.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão Da Prática Pedagógica. Uma Perspectiva De Desenvolvimento e Aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alarcão, I. (1996). *Formação Reflexiva de Professores: Estratégias de Supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo. Concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Almeida, A. (2006). Factores de Pré-Disposição para o Ambiente: Importância do seu Conhecimento em Educação Ambiental. in: *Da Investigação às Práticas – Estudos de Natureza Educacional*. Vol. VII N.º1. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa. pp. 120.
- Alonso, L. & Roldão, M.C. (Ed.). (2005). *Ser professor do 1.º ciclo: construindo a profissão*. Coimbra: Edições Almedina.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de Competências Matemáticas com Recursos Lúdico-manipulativos*. Porto: Porto editora.
- Ajuriaguerra, J. (1988). *A escrita infantil. Evolução e dificuldades*. Brasil: Editora Artes Médicas Sul Lda.
- Andrade, M. (1995). *Educação para a saúde. Guia de professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Antão, J. (1997). *Elogio da Leitura. Tipos e Técnicas de Leitura*. Porto: Edições Asa.

- Amado, J. (2005). *Observação e análise da relação pedagógica. Relatório de disciplina*. Portugal: Faculdade de psicologia e de ciências de educação da universidade de Coimbra.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill
- Azcue, J. (2012). *A escola onde se aprende*. Lisboa: Principia editora.
- Barbosa, M. (1997). *O Dicionário na Aprendizagem da Língua Materna*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Bastos, G. (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Boavida, A., Paiva, A., Cebola, G., Vale, I., Pimentel, T. (2008). *A experiência Matemática no Ensino Básico. Programa de Formação Contínua em Matemática para Professores dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Botelho, A. T. (2009). *As Tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: Uma prática educativa na escola superior de Educação João de Deus*. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2004). *O método Brazelton: A criança e a disciplina*. Lisboa: Editorial Presença.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2008). *A criança dos 3 aos 6 anos o desenvolvimento emocional e do comportamento*. Lisboa: Editorial Presença.
- Cachapuz, A.; Praia, J. & Jorge, M. (2002). *Ciência, Educação em Ciência e Ensino das Ciências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. (2009a). *A Importância dos Materiais para uma Aprendizagem Significativa da Matemática*. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.

- Caldeira, M. (2009b). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carmo, H. & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação. Guia para Auto-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvajal, A., García, T. & Vallejo, A. (1997). *Enciclopédia de Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Expressão Corporal e Dramatização*. Portugal: Nova Presença.
- Catita, E. (2007). *Estratégias e metodológicas para o ensino do meio físico e social do pré-escolar ao 1.º ciclo*. Portugal: Areal Editores.
- Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011, de 4 de novembro.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1986). *A escrita criativa e formal*. Brasil: Editora Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. (5.ªed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Costa, P.F. (2012). *O clube de ciências*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Costa, I. & Baganha, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*. Porto: Edições Asa.
- Damas, E., Oliveira, V., Nunes, R., Silva, L. (2010). *Alicerces da Matemática. Guia prático para professores e educadores*. Porto: Areal Editores.
- Damas, M. & Ketele, J. (1985). *Observar para avaliar*. Coimbra: Almedina.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Piaget.
- Despacho Normativo n.º1/2005, de 5 de janeiro.

- Díez-Hochleitner, M., García, L. & Sanchidrián C. (1997). *Enciclopédia de Educação Infantil. Recursos para o desenvolvimento do currículo escolar. Expressão Plástica*. Portugal: Nova Presença.
- Dicionário da Língua Portuguesa* (2011) Porto: Porto Editora.
- Estanqueiro, A. (1990). *Aprender a estudar: Um guia para o sucesso na escola*. Lisboa: Texto Editora.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação. O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observações de Classes*. (4.ªed.) Porto: Porto Editora.
- Félix, N. & Roldão, M. (1996). *Dimensões Formativas de Disciplinas do Ensino Básico*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Félix, N. (1998). *A História na Educação Básica*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Figueiredo, M. (2004). *Projecto Curricular no Jardim de Infância*. Lisboa: Bola de Neve.
- Fior, J. (1999). *Pinóquio*. Porto: Civilização Editora.
- Flores, M. & Simão, A. (Ed.). (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas*. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Fonseca, A. & Perdigão, A. (1999). *Guia dos direitos da criança*. Lisboa: Instituto de Apoio à Criança.
- Freitas, M., Alves, D. & Costa, T. (2007). *O conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Godinho, J. & Brito, M. (2010). *As Artes no Jardim de Infância. Textos de Apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério de Educação.

- Gomes, J. (1996). *Da nascente à voz. Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho da Educação.
- Grosso, C. (2004). *Grandezas e Medidas. Área e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Guedes, T. (1990). *Ensinar a Poesia*. Lisboa: Edições Asa.
- Guedes, C. & Moreno, J. (2002). *Guião de professores "A Escola vai ao Museu"*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Guerra, M. (2006). *Arqueologia dos sentimentos. Estratégias para uma educação de afectos*. Porto: Edições Asa.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar*. Lisboa: Academia.
- Hall, P. & Hall, N. (2008). *Educar crianças com problemas de comportamento*. Porto: Porto Editora.
- Hohmann, M., Banet, B. & Weikart, D. (1979). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jacinto, M. (2003). *Formação inicial de professores – Concepções e práticas de concepções de orientação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Jeans, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Piaget.
- Jesus, S.N. (s.d.). *Motivação e formação de professores*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Leão, M. & Filipe, H. (2005). *70+7 Propostas de Escrita Lúdica*. Porto: Porto Editora.
- Leite, C. & Fernandes, P. (2002). *Avaliação das Aprendizagens dos Alunos: Novos contextos novas práticas*. Porto: Asa Edições.

- Leite, C., Pacheco, J., Moreira, E., Terrasêca, M., Carvalho, A. & Jordão, A. (1995). *Avaliar a avaliação*. Porto: Edições Asa.
- Lima, T. (1989). *Educação Física e Desporto*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Litwinoff, R. (coord.). (1998). *O Ensino da Língua Portuguesa como 2.ª Língua: Povos, Culturas e Pontes. Sugestões didáticas*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Magalhães, V. (2008). *Sobressalto e Espanto: Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Tese de doutoramento. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras.
- Magalhães, V. (2009). *Sobressalto e espanto. Narrativas Literárias sobre e para a Infância, no Neo-Realismo Português*. Lisboa: Campo da Comunicação
- Maingain, A. & Dufour, B. (2008). *Abordagens didáticas da interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins et al (2007a). *Educação em Ciências e Ensino Experimental. Formação de Professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins et al (2007b). *Flutuação em Líquidos. Guião Didático para Professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mayas, S. (1989). *Que há debaixo do chão?*. Queluz: Impala.
- Meirieu, P. (1998). *Os trabalhos de casa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mendes, M. & Delgado, C. (2008). *Geometria. Textos de apoio para Educadores de Infância*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Ministério de Educação (s/d). *Currículo Nacional do Ensino Básico das Competências Essenciais das Ciências Físicas e Naturais*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Ministério de Educação (2004). *Organização Curricular e Programa 1.º Ciclo do Ensino Básicos*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ministério de Educação (2009). *Organizações Curriculares do Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério de Educação (2009). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moller, M. (2009). O método de iniciação à leitura da escola «Ave-Maria». Cascais: Príncípa Editora.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas...I: comunicação, consciência corporal, disciplina, autocontrolo e auto-estima*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na Educação: Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- National Council of Teachers of Mathematic. (2007). Normas e Princípios para a matemática. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Ontória, A. et al (1994). *Mapas Conceptuais: Uma Técnica para Aprender*. Rio Tinto: Edições Asa.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação: Uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Papalia, D., Olds, S., Feldman, R. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pérez, M. & López, E. (1994). *Currículum y programación. Diseños curriculares de aula*. Madrid: Editorial EOS.
- Pérez, M. & López, E. (1999). *Aprendizaje y curriculum. Didáctica socio-cognitiva aplicada*. Madrid: Editorial EOS.

- Pombo, O., Guimarães, H. & Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade: Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Prina, F. & Padovan, M. (1995). *A Dança no Ensino Obrigatório*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1998). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Reis, C. (cor.) (2009). *Programa de português do ensino básico*. Lisboa: Ministério de Educação.
- Reis, M. P. C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Ribeiro, A. & Ribeiro, L. (1990). *Planificação e avaliação do ensino – aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Robinson, N. (2006). *Enciclopédia do Origami*. Lisboa: Dinalivro.
- Rodrigues, D. (2002). *A infância da Arte, a arte da infância*. Porto: Edições Asa.
- Ruas, B. & Grosso, C. (2002). *Números e Operações Aritméticas*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Ruivo, I. (2009). *Um Novo Olhar sobre o Método De Leitura João de Deus*. Tese de doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e Estratégias de Actuação na Sala de Aula*. Porto: Porto Editora.
- Saraiva, M. (2003). *Práticas Educativas nos Jardins-Escolas João de Deus: estudo exploratório 1940-1989*. Tese de mestrado. Universidade do Minho. Instituto de Educação e Psicologia.

- Serrano, J. (1990). *Educação do movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Serrazina, L. (2002). *A formação para o ensino da matemática na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico*. Porto: Porto Editora.
- Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da Leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Direção Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular.
- Sobrinho, J. (2000). *A criança e o livro: A aventura de ler*. Porto: Porto Editora.
- Sousa, A. (2001). *Educação em Valores: Na Pré-Escolaridade e no 1.ºCiclo do Ensino Básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Spitzer, M. (2007). *Aprendizagem: Neurociências e a Escola da Vida*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Tavares, J., Pereira, A., Gomes, A., Monteiro, S., Gomes, A. (2007). *Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem*. Porto: Porto Editora.
- .
- Teberosky, T. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed.
- Tendbrink, T.D. (2002). *Evaluacion. Guia practica para profesores*. Madrid: Narcea S. A..
- Urra, J. (2012). *O Pequeno Ditador: Da criança mimada ao adolescente agressivo*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Veríssimo, A. (2000). *Registos de observação: na avaliação do rendimento escolar dos alunos*. Porto: Areal Editores.
- Zabalza, M. A. (1998). *Didáctica da educação infantil*. Porto: Edições Asa.
- Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições Asa.

Zani, L. (2010). *A arte de reutilizar. Manual de Actividades de Plásticas (baseadas na Política dos 5 R's)*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.

Referências eletrônicas

Barreto, A. (s/d). *Guia de Actividades Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Recuperado em 2013, abril 29, de

https://portoncv.gov.cv/dhub/porton.por_global.open_file?p_doc_id=440

Lencastre, A. & Pimentel, I. (2005). *Plano de Prevenção e Emergência para Estabelecimentos de Ensino*. Recuperado em 2013, maio 24, de

http://www.tinoni.com/pais_educadores/PUBLICAcoES/PPEEE_Div.pdf

Meireles, A. (2006). *Uso de quadros interactivos em educação: uma experiência em Físico-Químicas com vantagens e “resistências”*. Recuperado em 2013, maio 24, de

<http://nautilus.fis.uc.pt/cec/teses/alcides/docs/tesecompleta.pdf>

Tremblay, R. (2012). *Relação entre pares*. Recuperado em 2012, fevereiro 13, de

<http://www.encyclopedia-crianca.com/pt-pt/relacoes-entre-pares-infancia/qual-e-sua-importancia.html>

Anexos

Nome: _____ Data: _____

Matemática

Anexo 1

1. Calcula e completa com $>$, $<$ ou $=$.

1.1. $12 + 3$ $11 + 4$

\square — \square

$15 + 4$ $10 + 3$

\square — \square

1.3. $17 + 3$ $10 + 10$

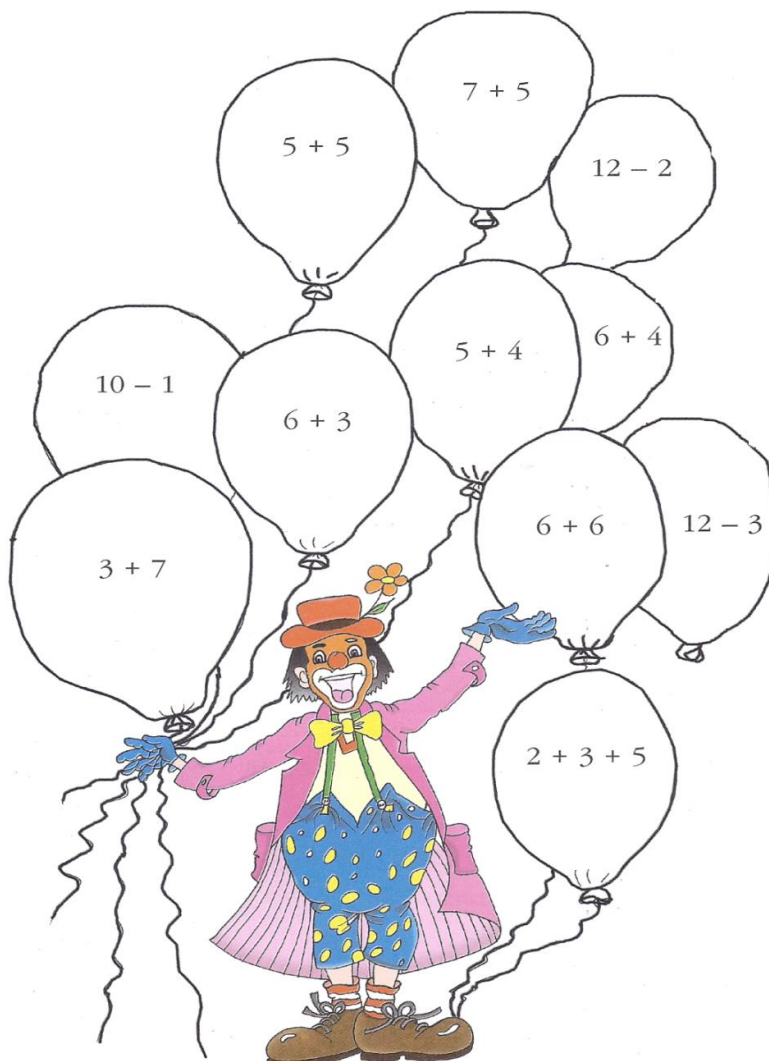
\square — \square

$11 + 6$ $13 + 5$

\square — \square

2. Pinta os balões:

- 9 – verde
- 10 – azul
- 12 – vermelho



Nome: _____ Data: _____

Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Anexo 2

1. Ordena as palavras e escreve-as de forma a tornar a frase correta.



cão O ladra.



foge rato O do gato.



carregado. O vai burro



do cão. medo tem O gato

2. Completa.





























javali	sapato
janela	tijolo
jaula	boneca

Nome: _____ Data: _____

Matemática

Anexo 3

1. Circunda as moedas necessárias para poderes comprar os objetos representados.

			
90 cêntimos	9 euros	7 euros	50 cêntimos
     	      	     	     

Situações problemáticas

1. A Inês comprou uma tela que custava 30 euros. Pagou a despesa com uma nota de 50 euros.

Quantos euros recebeu de troco?



R: _____

2. Observa, pensa e resolve.



15 €



18 €



12 €



725 €

A Rita comprou um computador e um conjunto de livros.
Quanto gastou?

R: _____

Nome: _____ Data: _____

Anexo 4

História de Portugal



1. Indica o nome e cognome do último rei da 3ª Dinastia.

2. Através de uma cruz no quadrado correspondente, assinala a resposta correta.

Qual destes reis iniciou a 4ª Dinastia?



D. João III

D. João I

D. João IV

D. João II

(o Piedoso)

(o de Boa Memória)

(o Restaurador)

(o Príncipe Perfeito)



3. Preenche o seguinte texto lacunar, usando a chave semântica.

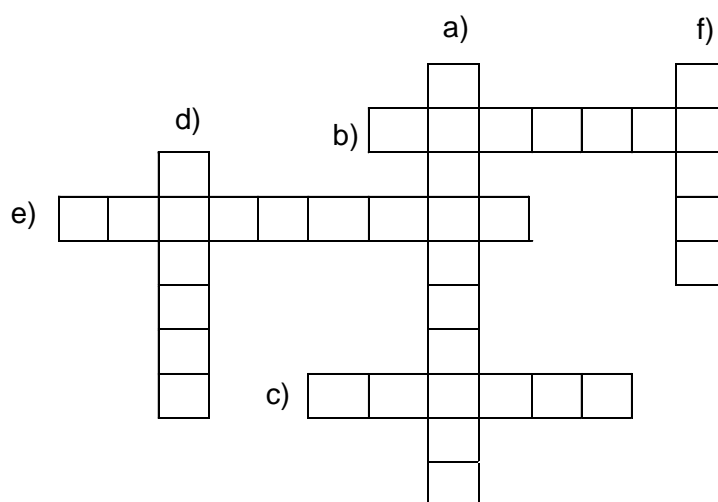
_____ foi o 1º rei da Quarta Dinastia – a de _____.
Reinou de 1640 a 1656. Descendente de _____ por via bastarda, era
duque de _____. Casou com a fidalga espanhola _____ em
1633. Deste casamento nasceram quatro filhos: Teodósio, _____ (futuro rei),
_____ (futuro rei) e Catarina. Fora do casamento teve ainda outra filha.

À medida que o descontentamento em Portugal aumentava, devido à ocupação
_____, muitos pensaram no duque para assumir o trono e
_____ a _____ portuguesa. Inicialmente este
hesitou, mas o agrava da situação fê-lo decidir-se. No dia ____ de _____ de
_____, deu-se a revolta em Lisboa. No dia 6, D. _____ chegou à
capital, sendo aclamado rei.

Portugal _____ a _____ e tinha um novo monarca.

dezembro; d. João IV ; Bragança; d. Luísa de Gusmão; Afonso; filipina; restaurar; independência; 1940; João IV; restaurou; independência; bragança; Pedro; 1; d. João I

1. Realiza as palavras cruzadas.



- a) Nome do povo que os portugueses expulsaram do Brasil no reinado de D. João IV.
- b) Nome batalha que marcou a derrota das tropas espanholas pelo no exercito português em 1644.
- c) O 1º rei da 4ª dinastia, apesar da intensa atividade governativa, tinha tempo para se dedicar as artes, especialmente a uma que era...
- d) Durante o reinado de D. João IV, deram-se as lutas no ultramar e foram conquistados vários territórios sendo eles: Tanger, São Tomé e Príncipe, Pernambuco, Beia, Maranhão e ...
- e) Nossa Senhora da _____ é feita padroeira de Portugal.
- f) Objeto deixado de usar pelos reis nesta dinastia.